



**A BIBLIOTECA
VERMELHA DE
RAIMUNDO JINKINGS:
UMA HISTÓRIA DE
LIVROS**



ANTONIO CARLOS PIMENTEL PINTO JÚNIOR.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UFPA/2011



**Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras**

Antonio Carlos Pimentel Pinto Júnior

**A BIBLIOTECA VERMELHA DE RAIMUNDO JINKINGS:
UMA HISTÓRIA DE LIVROS**

Belém/Pará
2011

**Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras**

Antonio Carlos Pimentel Pinto Júnior

**A BIBLIOTECA VERMELHA DE RAIMUNDO JINKINGS:
UMA HISTÓRIA DE LIVROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), área de concentração Estudos Literários, no âmbito da linha de pesquisa Leitura e Recepção da Literatura no Brasil.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Germana Sales.

Belém/Pará
2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Pinto Júnior, Antonio Carlos Pimentel, 1966-

A biblioteca vermelha de Raimundo Jinkings: uma história de livros/Antonio Carlos Pimentel
Pinto Júnior;
orientadora, Germana Salles. --- 2011.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará,

Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Belém, 2011.

1. Jinkings, Raimundo 1927- Análise e interpretação de acervo. I. Título.

CDD-20. ed. 807

Antonio Carlos Pimentel Pinto Júnior

**A BIBLIOTECA VERMELHA DE RAIMUNDO JINKINGS: UMA
HISTÓRIA DE LIVROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, como requisito para obtenção do grau de mestre na área de Letras, área de concentração Estudos Literários, no âmbito da linha de pesquisa História do Livro e da Leitura no Brasil.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Germana Maria Araújo Sales (Orientadora) – Universidade Federal do Pará

Prof^o Dr^o Aníbal Francisco Alves Bragança (Membro Externo) – Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Valéria Augusti (Membro) – Universidade Federal do Pará

Prof^a. Dr^a. Marlí Tereza Furtado (Suplente) – Universidade Federal do Pará

Apresentado em: 3/10/2011

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por tudo.

Ao meu pai, por despertar, no momento certo, minha paixão pelos livros e pela leitura.

Aos meus filhos, a razão de ser.

A Heloísa, esposa e companheira nas linhas e entrelinhas, pela dedicação que só o amor incondicional mantém intensa.

À Profa. Dra. Germana Sales, orientadora perfeita, pela oportunidade de mergulhar na biblioteca vermelha.

Às Profas. Dras. Márcia Abreu e Valéria Augusti, pelos comentários precisos e oportunos na qualificação.

Ao Prof. Dr. Aníbal Bragança, por alimentar as baterias da pesquisa com tanta experiência.

Aos professores do Mestrado. Especialmente, aos Profs. Drs. Silvio Holanda e José Guilherme Fernandes, por aulas imensamente enriquecedoras.

Ao Prof. Msc. Orlando Cassique e à Profa. Dra. Maria Eulália Sobral Toscano, pelo incentivo desde a Especialização.

À Profa. Msc. Izenete Nobre, pelo apoio fundamental nas tardes calorentas da pesquisa no acervo.

Aos colegas de turma, pelas horas de sufoco e alegria divididas entre tantos textos.

A Isa Jinkings.

Apocalipse

E eis que veio uma peste e acabou com todos os
[homens.

Mas em compensação ficaram as bibliotecas.

E nelas estava escrito o nome de todas as coisas.

Mas coisas podiam chamar-se agora como bem

[quisessem.

E então o Pão de Açúcar se declarou Mancenilha.

E o hipopótamo só atendia por tico-tico.

E houve por tudo um grande espreguiçamento de

[alívio.

E Nosso Senhor ficou para sempre livre da terrível

[campanha dos comunistas.

E das apologéticas de Tristão de Athayde.

Mário Quintana

Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve. Tampouco posso passar ao longo de suas fileiras para, na presença de ouvintes amigos, revistá-los. Nada disso vocês têm de temer. Ao contrário, devo pedir-lhes que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia após uma escuridão de dois anos justamente, a fim de, desde o início, compartilhar comigo um pouco da disposição de espírito – certamente não elegíaca, mas, antes, tensa – que estes livros despertam no autêntico colecionador. Pois quem lhes fala é um deles e, no fundo, está falando só de si.

Walter Benjamin

De todos los instrumentos del hombre, el más asombroso es, sin duda, el libro. Los demás son extensiones de su cuerpo. El microscopio, el telescopio, son extensiones de su vista; el teléfono es extensión de la voz; luego tenemos el arado y la espada, extensiones del brazo. Pero el libro es otra cosa: el libro es una extensión de la memoria y la imaginación.

Jorge Luís Borges

LISTA DE IMAGENS

Fig.	1: Fotos de Raimundo Jinkings	24
Fig.	2: Prédio onde funcionou a Livraria Jinkings	37
Fig.	3 e 4: Imagens da biblioteca particular de Raimundo Jinkings	48 e 49
Fig.	5: Capa do livro <i>Caminhos da Terra</i>	51
Fig.	6 e 7: Livros da biblioteca	55 e 56
Fig.	8 e 9: Livros com marcações de leitura	58 e 61
Fig.	10: Livros da biblioteca	70
Fig.	11 e 12: Livros de Dalcídio Jurandir	82
Fig.	13: Livro <i>Memórias do Cárcere</i> e coleção Romances do Povo	83
Fig.	14 a 16: Artigos publicados em jornais	95 a 97

RESUMO

A história do livro e de leitores no Brasil ocupa a atenção de inúmeras pesquisas em todo o território nacional, cujos interesses abrangem os registros desde o Brasil Colônia até os nossos dias. Com essa perspectiva, este trabalho propõe um mergulho na biblioteca particular de Raimundo Jinkings, jornalista, dirigente sindical, militante comunista e livreiro, personagem de destaque na história política do Pará ao longo de quatro décadas, a partir dos anos 50. A pesquisa pretende contribuir para os estudos sobre a história do livro no Pará, à luz de pressupostos teóricos. Também vai identificar os rastros das leituras de um homem na sua vida como ativista político, comparando textos e apontando elementos que tornam indissociáveis o leitor e seus livros.

Palavras-chaves: Biblioteca, leitura, literatura, história, comunismo.

ABSTRACT

The history of books and readers in Brazil has been object of several researches in brazilian universities, guided for interests in writing and reading practices from the colony times to contemporary era. This study is about a private library, the Raimundo Jinking's collection, and its meaning for a historical time, as well as for a man and his family, offering a remarkable view into a communist leader's intellectual formation through his extensive lectures. It also demonstrates the importance of books as a path for political activism and ideological construction by providing a journalistic production and, last but not least, preserving in vivid ways the ideas and memory of the collector.

Key words: Library, readings, literature, history, communism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
O HOMEM: UM SEMEADOR DE LIVROS	14
1.1 ERA DE CONFLITOS: A PAZ NA LINHA DE TIRO.....	17
1.2 O DIRIGENTE COMUNISTA	23
1.3. A TRAJETÓRIA DO LIVREIRO	36
CAPÍTULO 2	
A TERRA: A HORA DA COLHEITA.....	45
2.1 O ACERVO POLÍTICO.....	53
2.2 NOS CAMINHOS DE MOSCOU	63
2.3 O ACERVO LITERÁRIO	77
2.4 A UNIÃO COM ISA.....	82
CAPÍTULO 3	
A LUTA: O TEXTO COMO ARMA	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

Era um dia comum do ano de 1992. Clarinha caminhava pela praça Batista Campos, área nobre nos arredores do centro de Belém, quando foi assaltada e agredida. Ferida a faca no braço e tomada pelo pânico, a menina de 15 anos de idade procurou socorro em um prédio próximo e recebeu a acolhida de um senhor gentil, de cabelos brancos, que lhe atendeu, ofereceu água e chamou a polícia. Foi o primeiro e único contato entre a jovem que residia em Paris, e naquele limiar da década de noventa viajava a passeio, e Raimundo Jinkings, dono da livraria que levava seu nome, na rua dos Tamoios.

Jornalista, dirigente sindical e militante comunista, Raimundo Jinkings participou de atividades políticas por cerca de quatro décadas, até sua morte em 1995, três anos depois do incidente com Clarinha. Mas foi como livreiro que exerceu seu mais importante papel, numa trajetória marcada por lutas e prisões, sobretudo durante os governos militares iniciados em 1964, interferindo na instrução de várias gerações de intelectuais paraenses.

Em 2009, com o mundo conectado na internet, Clarinha descobriu, pelo sobrenome, Mayra, neta de Jinkings, num dos muitos sites de relacionamento da rede. Revelou o episódio e reconstituiu o caminho que a aproximou do livreiro mais importante da história recente do Pará. A jovem assaltada em Batista Campos, quando falou à família que descobrira quem fora e como vivera o homem que a ajudara, ouviu do pai o seguinte: “Uma família que tem por hábito plantar livros só poderá colher nessa vida boas histórias¹”.

No catálogo dessas histórias, este trabalho conta parte de uma delas, a de Raimundo Antônio da Costa Jinkings e sua vida como semeador de livros. Não ressaltaremos aqui a vida do comerciante, mas a do leitor voraz que mantinha, em casa, uma biblioteca rica em títulos. Como pesquisa acadêmica, propomos contribuir para os estudos sobre a história do livro no Pará, à luz da perspectiva teórica de investigação das bibliotecas privadas, com o fim de ampliar os conhecimentos sobre a base cultural da intelectualidade paraense e, não menos importante, para compreender o homem e suas ideias.

Muitos foram os escritores que publicaram obras e militaram na imprensa paraense durante as décadas de 50 e 60 do século XX. Houve expressiva produção literária numa época em que paixões à flor da pele moviam ideais políticos e estéticos ao sabor dos paladares modernistas e revolucionários que reescreviam o cardápio artístico nacional e internacional. Que autores visitavam o universo de Raimundo Jinkings? Qual o tipo de leitura a que o dirigente comunista se dedicava e qual a importância dos livros na formação moral de um homem com tão intensa atividade na história política do Estado e para quem tantos intelectuais, de correntes diversas e divergentes, sempre distribuíram reverências pelo papel de incentivador da leitura? Tais perguntas estão no roteiro de in-

¹ A narrativa está no blog de Leila Jinkings, filha de Raimundo Jinkings, no endereço eletrônico <http://raimundojinkings.blogspot.com>

investigação científica a que se lança este projeto para consumir a colheita da sementeira, aquela à qual se referiu o pai da menina Clarinha.

Para efeito narrativo, o trabalho percorre um caminho euclidiano, em três capítulos. O primeiro (O homem) discorre sobre a história pessoal e a personalidade do sementeiro de livros. O segundo (A terra) apresenta a biblioteca particular do livreiro como referência de vida, território de toda a possibilidade humana, na plenitude da colheita. O último (A luta) mostra a atuação do ativista político Raimundo Jinkings, jornalista panfletário, na defesa da causa revolucionária comunista.

CAPÍTULO 1

O HOMEM: UM SEMEADOR DE LIVROS

Pesquisadores da história do livro e da leitura procuram nas coleções de grandes autores as chaves para a compreensão da formação do leitor. Embora seja importante destacar as diferenças entre o colecionador bibliófilo (aquele que se prende ao objeto) e o colecionador leitor, o mergulho no interior de acervos, muito mais que um percurso historiográfico, abre caminho para a descoberta de perfis – tais que, muitas vezes, no caso de produtores de texto, acabam por concorrer para a construção de obras.

Pelos livros que guarda, observou Walter Benjamin (2009), torna-se possível descortinar a essência do colecionador, seus gostos, seus interesses, seus hábitos, revelando o conhecimento preservado de seu proprietário. Colecionar, antes de ser uma prática, é uma arte, defende Benjamin, que exige faro e sensibilidade apurados. A biblioteca de um colecionador contém, ao mesmo tempo, o inescrutável e o inconfundível. Datas, nomes de lugares, formatos, proprietários anteriores, encadernações e coisas semelhantes, observou Benjamin, devem informar algo – “não como fatos isolados áridos, mas como um todo harmonioso”. (BENJAMIN, 2009, p. 231).

O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação – a excitação da compra. Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. A época, a região, a arte, o dono anterior – para o verdadeiro colecionador todos esses detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto. (...) para o colecionador autêntico a aquisição de um livro velho representa o seu renascimento (...) a herança é a maneira mais pertinente de se formar uma biblioteca (...) o fenômeno do colecionador perde seu sentido à medida que perde seu agente. (...) Só quando extinto é que o colecionador será compreendido. (BENJAMIN, 2009, p. 228, 234 e 235).

Para Benjamin (2009), a coleção serve de testemunha permanente e confiável da história de vida de seu colecionador. Se os livros nele não se tornam vivos, ele vive nos livros. A aquisição transcende o simples ato de compra, as relações com a propriedade, porque vai para além do reconhecimento das coisas pela serventia, pelo que há nelas de

utilitário. A biblioteca respira. Pelo que guarda, traduz os códigos da memória para a leitura do presente.

A análise de uma biblioteca privada requer, também, um olhar acurado naquilo que nem sempre está à mostra, em exposição. Obras escondidas podem expressar interesses obscuros, intenções sub-reptícias. Ryback (2008), ao estudar o acervo pessoal de Adolf Hitler, ou o que restou dele, atualmente guardado na Divisão de Livros Raros da Biblioteca do Congresso, em Washington, nos Estados Unidos, encontrou dezenas de livros com marcações nas margens, evidenciando sinais para a compreensão de todo um universo intelectual do dono².

No Brasil, merece destaque a pesquisa sobre a biblioteca de Machado de Assis. Das análises dos livros que passaram pelos olhos do “bruxo” do Cosme Velho podem sair revelações sobre as escolhas temáticas e os elementos determinantes para o entendimento das abordagens sociológicas, linguísticas e psicológicas do estudo da estética machadiana, nas suas relações de texto e contexto no ambiente histórico-social de uma época.

O conhecimento do que restou do universo de obras da biblioteca de Machado de Assis nos permite saber, pelo menos parcialmente, quais os assuntos, quais os gêneros, quais os autores mais lidos por Machado, a partir dos quais/com os quais/contra os quais ele elaborou sua escrita. (JOBIM, 2001, p. 14).

Para um semeador de livros como Raimundo Jinkings, a biblioteca estabelece a “intervenção sobre o território”, referida por Schapochnik (2002, p.2), dividindo-se entre um espaço público para a decifração e o seu ambiente silente da reflexão individual. Os espaços de leitura, particulares ou coletivos, como os que Jinkings mantinha no ambiente doméstico e em sua livraria, espelham, de certo modo, o entendimento de Carrière (2010, p. 261): “Uma biblioteca é um pouco uma companhia, um grupo de amigos vivos, de indivíduos. O dia em que você se sentir um pouco isolado, um pouco deprimido, você pode se dirigir a eles”.

A análise de um acervo atenta para detalhes só perceptíveis aos olhos de quem se dispõe à tarefa de pesquisador. Neste trabalho, todas as pistas são seguidas. Em primeiro lugar, o levantamento do material escolhido para objeto de estudo e catalogação necessária à análise. Foram catalogados 1.070 livros (*ver anexos*). Outros

² RYBACK, W. Timothy. *A biblioteca esquecida de Hitler*. Os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Sobre o acervo, Ryback escreve: “Dezenas desses livros sobreviventes de Hitler têm marcações nas margens. Ali encontrei um homem, famoso por nunca ouvir ninguém, para quem as conversas não passavam de uma arenga contínua, um monólogo incessante, parando para se envolver com o texto, para sublinhar palavras e frases, para marcar parágrafos inteiros, para colocar um ponto de exclamação ao lado de uma passagem, um ponto de interrogação ao lado de outra, e com frequência uma série enfática de linhas paralelas na margem ao longo de determinada passagem. Como pegadas na areia, essas marcas permitem rastrear o rumo da jornada, mas não necessariamente o objetivo: onde sua atenção foi capturada e permaneceu, onde correu para a frente e onde terminou”. (RYBACK, 2008, p. 17 e 18).

1.381 exemplares, embora não catalogados, por questões alheias à vontade do pesquisador, mereceram análise³. Publicações editoriais e pessoais, recortes de jornais e impressos periódicos encontrados na biblioteca também passaram por avaliação.

Se a leitura deixa rastros, e sempre se faz “no presente de um corpo já tatuado pela cultura”, segundo Hansen⁴, o estudo também consistirá na identificação de notas, manuscritos, rabiscos, quaisquer observações, enfim, registradas nos livros ou documentos, que se mostrem relevantes para o fim proposto: estabelecer as relações do homem, no seu tempo e no seu mundo, com os livros.

A multiplicação da circulação de obras escritas, desde o Antigo Regime até os dias atuais, concorre decisivamente para a constituição de comunidades de leitores com interesses específicos e comuns e transforma as relações sociais por meio da produção de sentidos a partir do contato com o texto. A penetração do leitor no mundo textual, e as apropriações decorrentes desse processo, envolve uma série de fatores que dirigem a atenção de teóricos e pesquisadores da história do livro e da leitura. De que maneira a comunhão entre os “mundos” do texto e do leitor se interpenetram a ponto de construir conceitos, reelaborar visões e, sobretudo, orientar condutas sociais? A resposta para tal pergunta, segundo Chartier, requer um exercício intelectual no terreno da história cultural⁵.

O leitor responde a estímulos provocados pela leitura, nas formas e suportes materiais que lhes são ofertados. Reage aos impulsos textuais conforme suas predisposições idiossincráticas e apreensões sociais, movendo-se nos diferentes ambientes que se apresentam para a organização de ideias, formulação de princípios e orientação de métodos de ação. Nas comunidades de leitores, afirma Chartier (1998), estão os pressupostos para a configuração de grupos que se aproximam por afinidades subjetivas, de ordem espiritual, por exemplo, como no meio místico, e coletivas, por meio da partilha de convenções de leitura, com objetivos práticos comuns, como na política e no jogo do poder.

Nessa comunidade minoritária, marginal, dispersa que é o meio místico, a leitura, tal como a regulamentam normas e costumes, investe o livro de funções originais: substituir a instituição eclesiástica tida por enfraquecida, tornar possível uma palavra (aquela da oração, da comunicação com Deus, do conversar), indicar as práticas através das quais se constrói a experiência espiritual. (...) Observar, assim, as redes de práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais, etc.) é uma primeira tarefa para se chegar a uma história da

³ A biblioteca de Raimundo Jinkings possui mais títulos do que os 2.451 registrados nesta pesquisa. A herdeira do acervo, a viúva de Jinkings, Isa, mantinha caixas cheias de livros que não puderam ser objeto desse estudo porque estavam lacradas e guardadas em imóvel da família inacessível ao pesquisador. O material completo foi doado para a Universidade Federal do Pará (UFPA) em dezembro de 2010. Isa Jinkings deixou a cidade de Belém no final daquele ano. Foi morar com uma das filhas, em Florianópolis (SC). Em depoimento ao autor, ela disse estimar em 4 mil o número de exemplares do acervo.

⁴ HANSEN, João Adolfo. *Reorientações no campo da leitura*. In: *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Márcia Abreu e Nelson Schapochnik (orgs.). 2005, p.13.

⁵ CHARTIER, Roger. *A Ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2a. Ed. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Ed. UnB, 1998.

leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador. (CHARTIER, 1998, p. 14).

Se ler é sempre ler alguma coisa (CHARTIER, 1998, p. 14), a maior parte das obras que compõem a biblioteca particular do livreiro comunista Raimundo Antônio da Costa Jinkings, conforme pesquisa no acervo, demonstra como se estabelece um nexos entre as leituras e a militância política de Jinkings, por meio da relação que se impõe entre uma atividade e outra. Segundo Michel de Certeau, o leitor emerge da história do livro, na qual ele esteve por um longo tempo confundido, indistinto, e se destaca desses livros dos quais se julgava ser um reflexo harmonioso; ganha relevo, adquire uma independência (apud CHARTIER, 1998, p. 14). Tal independência, no entanto, embora reconhecida por suas qualidades fundadoras de uma renovação ou reconstrução ideológica, como se pretende mostrar neste estudo, limita-se pelos códigos e convenções que regem as práticas de uma comunidade e pelas formas discursivas e materiais dos textos lidos. Os hábitos e o suporte são determinantes para a conformação da leitura aos propósitos do leitor. Diz Chartier que a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. (CHARTIER, 1998, p. 16).

1.1 ERA DE CONFLITOS: A PAZ NA LINHA DE TIRO

O mundo dos anos 20/30 do século XX, ainda sob os efeitos da Primeira Guerra Mundial, assistia a um processo acelerado de transformações sociais. A Revolução Russa de 1917 reordenava concepções. Comandados por Vladimir Lênin, Leon Trostky e Josef Stalin, os comunistas bolcheviques, que pelas armas derrubaram a dinastia medieval czarista, implantaram na Rússia ainda feudal um regime controlado pelos trabalhadores, denominados proletários segundo a teoria de Marx e Engels, inspiradora dos revolucionários. Com a História virada de ponta-cabeça, impérios desmoronaram e a desordem institucional facilitou o avanço dos ideais internacionalistas que municiavam os agentes políticos exportadores do marxismo-leninismo, formados na recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

O projeto de expansão das linhas comunistas pretendia redesenhar o território europeu e provocou a reação das forças conservadoras, ajustadas ao fascismo ascendente. Em 1919, Benito Mussolini funda os *Fasci Italiani di Combattimento*, embrião do Partido Fascista. Baseado numa filosofia política teoricamente socializadora, os fascistas conquistaram militares italianos e alargaram seus quadros com apoio incondicional da Igreja e de uma parte da população que se via ameaçada pelo crescimento do comunismo ateu. Guindado a chefe do partido, *Il Duce* Mussolini organizou a Marcha sobre Roma com um golpe de propaganda nacionalista-sindical e anticomunista. Foi nomeado primeiro-ministro pelo rei Vítor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, conseqüentemente, assumindo poderes absolutos no governo do país. Nos anos seguintes à criação da ideologia

fascista, Mussolini conquistou a admiração de uma grande variedade de personagens de relevância na política mundial.

Na Alemanha, a decadente República de Weimar, criada ao final da Primeira Guerra depois da queda do Império Alemão e entregue aos liberais e democratas pelas Forças Armadas derrotadas, lutava para sobreviver em meio a uma crise econômica sem precedentes e ao bombardeio ideológico de grupos que aspiravam ao poder: esquerdistas alimentados pela Internacional Comunista (Comintern) e a direita conservadora abrigada nos princípios do totalitarismo nazista já com larga penetração em diversas camadas sociais. Com o mesmo discurso político do fascismo italiano, o *Führer* Adolf Hitler se impôs como chanceler em 1933 e deu início a um programa de governo voltado para a reconstrução da Alemanha humilhada. A base da plataforma era clara: o anticomunismo e a retomada, por meio de operações militares expansionistas, de áreas territoriais subtraídas aos alemães pelo Tratado de Versalhes. Constituíam-se, naquele momento, os blocos (comunistas e nazifascistas) que se enfrentariam na Segunda Guerra Mundial, depois de 1941, com a invasão da URSS pelas tropas alemãs (de 1939 a 1941 vigorou o Pacto de Não Agressão assinado entre soviéticos e nazistas, conhecido como Pacto Ribbentrop-Molotov). Em suas *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, Churchill diz que

o fascismo foi a sombra ou o filho torto do comunismo. Enquanto o cabo Hitler prestava serviços ao oficialato alemão em Munique, despertando nos soldados e trabalhadores um ódio feroz contra judeus e comunistas, a quem ele culpava pela derrota da Alemanha, outro aventureiro, Benito Mussolini, dava à Itália uma nova tese de governo que, conquanto alegasse estar salvando o povo italiano do comunismo, elevou-o a um poder ditatorial. Assim como o fascismo brotou do comunismo, o nazismo criou-se do fascismo. Puseram-se, pois, de pé os movimentos gêmeos que, dentro em pouco, estavam destinados a mergulhar o mundo num conflito ainda mais hediondo, que ninguém pode afirmar que tenha terminado com sua destruição. (CHURCHILL, 2005, p.12).

Para Churchill (2005), os acordos do período entreguerras expuseram as feridas dos alemães derrotados. Na Europa e na Ásia, os aliados vitoriosos acabaram criando as pré-condições para a renovação da guerra. Tais pressupostos seriam acentuados com a tibieza dos governantes das democracias ocidentais, especialmente do império britânico liderado pelo primeiro-ministro Neville Chamberlain, diante das exigências do *Reich* hitlerista nos anos anteriores ao início do confronto de 1939-45. Churchill (*idem*) admite que as bases econômicas do Tratado de Versalhes expressaram a raiva dos vencedores e a incapacidade de seus povos de reconhecerem que nenhuma nação pode pagar a conta em escala equiparável ao custo da guerra moderna. “Os crimes dos vencidos encontraram seus antecedentes e sua explicação – embora não seu perdão, é claro – na insânia dos vencedores. Sem essa insensatez, não teria havido tentação nem oportunidade para o crime.” (CHURCHILL, 2005, p 13).

Hobsbawn (1995) reforça a tese. Para ele, as restrições dos vencedores da Primeira

Guerra à reconstrução da Alemanha derrotada concorreram decisivamente para o crescimento da máquina bélica nazista.

Em 1935, a Alemanha comunicou sua ruptura com os tratados de paz e ressurgiu como grande potência militar e naval. (...) No mesmo ano Mussolini, com igual desprezo pela opinião pública, invadiu a Etiópia, que a Itália passou a ocupar como colônia em 1936-7. (...) Em 1936, a Alemanha recuperou a Renânia e, com ajuda e intervenção ostensivas de Itália e Alemanha, um golpe militar na Espanha iniciou um grande conflito, a Guerra Civil Espanhola. (...) As duas potências fascistas fizeram num alinhamento formal, o Eixo Berlim Roma, enquanto Alemanha e Japão concluíam um “Pacto Anti-Comintern”. (HOBSBAWM, 1995, p. 147-148).

As tensões na política internacional refletiam as diferentes correntes ideológicas que se contrapunham em acirrada disputa pelo poder. A distância entre as divergentes concepções teóricas e a intolerância encurtou. Na URSS, Stalin comandou, com mão de ferro, uma implacável perseguição a militares, nos expurgos decorrentes dos Processos de Moscou, intelectuais, escritores e artistas dissidentes ou contrários ao regime. Nos países fascistas, instalaram-se a caça aos comunistas, a repressão a manifestações culturais e os programas de segregação racial. Na Alemanha, o racismo nazista logo provocou o êxodo em massa de intelectuais judeus e esquerdistas, que se espalharam pelo que restava de um mundo tolerante (HOBSBAWM, 1995, p. 151). A liberdade sucumbiu à opressão.

A hostilidade nazista à liberdade intelectual quase imediatamente expurgou das universidades alemãs talvez um terço de seus professores. Os ataques à cultura “modernista”, a queima pública de livros “judeus” e outros indesejáveis, começaram quase com a entrada de Hitler no governo. (...) Os intelectuais ocidentais (embora nessa época só uma fração de estudantes, então em sua maioria um contingente de filhos e futuros membros das “respeitáveis” classes médias) foram portanto a primeira camada social mobilizada em massa contra o fascismo na década de 30. (HOBSBAWM, 1995, p. 151).

O Brasil dos anos 30/40 também atravessava período de forte turbulência. Nas artes e na cultura, a ruptura com a tradição estava definitivamente plantada na sociedade tupiniquim pelos modernistas da Semana de 22⁶. Na política, desde o final dos anos 20, com a derrocada da República Velha, a esquerda nacional que se organizara como partido em 1922, com a fundação do PCB (Partido Comunista do Brasil), colhia as sementes rebeldes do comunismo soviético e semeava no território brasileiro os focos da revolução. Era esse o entendimento da elite conservadora, que se refletia nas páginas da imprensa.

⁶ A Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, ocorreu em São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal. O objetivo dos organizadores era a destruição das velhas formas artísticas na literatura, música e artes plásticas. A Semana representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, abrindo as portas para o modernismo brasileiro. Participaram do evento artistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti, entre outros.

Até mesmo o jornalista David Nasser (1966), um anticomunista radical, registrou que o comunismo iniciava sua fase de existência real no Brasil, saindo do terreno doutrinário para o de ação preparatória do regime soviético: “Os comícios relâmpagos à porta das fábricas foram os primeiros sintomas dessas campanhas”. (NASSER, 1966, p. 11).

A reação tinha nome: Integralismo, movimento liderado pelo jornalista católico radical Plínio Salgado, de forte identificação com as doutrinas de extrema direita europeias. O confronto de ideários tão distintos como aqueles que moviam a política internacional estendia rastros no solo brasileiro.

No meio do conturbado e tenso quadro de paixões à flor da pele, um militar gaúcho decidiu interferir de maneira radical. Em 1930, Getúlio Vargas partiu do Rio Grande do Sul com um grupo de tenentes rebelados para tomar de assalto o Palácio do Catete, então sede do governo central, no Rio de Janeiro. Sete anos mais tarde, inspirado nos modelos nazifascistas europeus e vitorioso na disputa com os constitucionalistas paulistas de 1932 e com os comunistas da Intentona de 1935⁷, Vargas fechou o regime e implantou o Estado Novo. O Brasil ganhava seu ditador, miniatura de Adolf Hitler e Benito Mussolini.

O homem do povo ia perdendo, nesta terra, suas ilusões a respeito de Getúlio Vargas. Exemplos da Itália, da Alemanha e de Portugal pareciam agrandar ao detentor do poder. O Brasil estava às vésperas de uma ditadura. Aparecera, por estas bandas, vindo de São Paulo, um escritor sem talento, Plínio Salgado, apregoando como novas as já conhecidas fórmulas fascistas e usando a mesma dialética que levara o Duce e o Fuehrer ao poder. O partido integralista, entretanto, conseguiu desenvolver-se espantosamente e se tornava uma força de incontestável perigo.

(...) O movimento fascista brasileiro se estendeu de norte a sul, apoiado por grande número de capitalistas, fazendeiros, generais e uma parte considerável da Marinha de Guerra e Mercante. (...) O chefe Plínio Salgado falava grosso, anunciava vinganças e punições. Ensinava-se, para amenizar o caminho, aos integralistas, o exercício das funções policiais, a fim de que descobrissem entre os operários todos aqueles que fossem comunistas. (NASSER, 1966, p. 15 e 16).

As linhas gerais da ditadura Vargas eram próprias do nazifascismo: controle do Estado, censura à imprensa, incentivo a uma cultura nacionalista, repressão incondicional aos comunistas e socialistas. Os instrumentos para o exercício da repressão estavam nas mãos de Filinto Strubling Müller, chefe da polícia política, e Lourival Fontes, o todo-po-

⁷ Sobre a fracassada Intentona de 35, corolário da organização de comunistas e socialistas na Aliança Nacional Libertadora, David Nasser conta: “Um grupo de oficiais comunistas e não-comunistas deflagrou um movimento revolucionário a 27 de novembro de 1935, em unidades do Exército e da Aviação. Luís Carlos Prestes, que depois da longa marcha da Coluna Invicta pelos sertões do Brasil, embrenhara-se na Bolívia e abraçara o credo marxista, voltara ao Brasil, sob um nome suposto, em companhia de sua esposa, Olga Benário Prestes. Tinham chegado também o comunista Artur Ewert, uma das cerebrações da 3ª Internacional, e o norte-americano Leon Baron. Prestes buscou, desde o início, tomar o pulso da situação. Os acontecimentos, entretanto, se precipitaram vertiginosamente. Mesmo assim, seu nome serviu de bandeira ao manifesto aliancista e todos julgaram que a revolução de novembro de 35 obedecera à sua orientação. (...) O movimento fracassara. Principiava a longa série de martírios dos soldados vencidos. (NASSER, 1966, p. 17 e 18).

deroso diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela caça aos intelectuais de esquerda. Livros foram queimados em praça pública, reproduzindo as cenas bizarras patrocinadas por Hitler na Alemanha em 1933⁸. Tal atentado foi definido pela revista norte-americana *Newsweek*, na época, segundo Báez (2006), como um “holocausto de livros”⁹. A *Time* chamou o ato de “bibliocausto”. Era a sinalização do holocausto judeu patrocinado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

O holocausto foi o nome dado à aniquilação sistemática de milhões de judeus em mãos dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Mas esse acontecimento foi precedido pelo Bibliocausto, em que milhões de livros foram destruídos pelo mesmo regime. Entender como se engendrou esse horror nos permitirá compreender quanta razão tinha Heinrich Heine quando escreveu profeticamente em seu livro *Almansor* (1821): “(...) Onde queimam livros, acabam queimando homens (...)”. A destruição de livros em 1933 foi apenas o prólogo da matança que se seguiu. As fogueiras de livros inspiraram os fornos crematórios. (BÁEZ, 2006, p. 241).

No site do Projeto Memória, da Universidade de Campinas (Unicamp), o professor Eduardo de Assis Duarte analisa, em artigo, a repressão à produção intelectual brasileira na era Vargas, marcada pela suspensão das liberdades, garantias e direitos dos cidadãos e censura à imprensa¹⁰. Duarte reproduz o texto da ata de incineração de livros assinada por oficiais militares, em Salvador, Bahia, conforme nota publicada no jornal *Estado da Bahia*, em 17/12/1937:

⁸ Entre 10 de maio e 21 de junho de 1933, poucos meses depois da ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, membros de organizações estudantis nazistas e patrulhas das SA e SS, as tropas de assalto, comandaram a queima de livros em praça pública, em várias cidades alemãs, como demonstração do que pretendia ser o controle ideológico do novo regime. Foram destruídos cerca de 25.000 exemplares, a maioria dos quais pertencentes às bibliotecas públicas, de autores oficialmente tidos como “pouco alemães”. Na lista estavam, entre outros: Thomas Mann, Heinrich Mann, Walter Benjamin, Bertold Brecht, Lion Feuchtwanger, Leonhard Frank, Erich Kästner, Alfred Kerr, Robert Musil, Carl von Ossietzky, Erich Maria Remarque, Joseph Roth, Nelly Sachs, Ernst Toller, Kurt Tucholsky, Franz Werfel, Sigmund Freud, Albert Einstein, Karl Marx, Heinrich Heine. Autores americanos, como Ernest Hemingway e Helen Keller, também arderam nas chamas da intolerância.

⁹ “Holocausto” é uma palavra de origem grega que significa “sacrifício pelo fogo” (na Antiguidade, está associada a sacrifícios em rituais religiosos, em que plantas, animais e até mesmo seres humanos eram oferecidos às divindades, sendo completamente queimados). Trata-se da cremação dos corpos (não necessariamente animais). O significado moderno do Holocausto é o da perseguição e extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus. Os nazistas, que chegaram ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, acreditavam que os alemães eram “racialmente superiores” e que os judeus eram “inferiores”, sendo uma ameaça à autointitulada comunidade racial alemã. Durante o Holocausto as autoridades alemãs também destruíram grandes partes de outros grupos considerados “racialmente inferiores”: os ciganos, os deficientes físicos e mentais e eslavos (poloneses, russos e de outros países do leste europeu). Outros grupos eram perseguidos por sua orientação política, ideológica ou comportamental, tais como os comunistas, os socialistas, as Testemunhas de Jeová, as prostitutas e os homossexuais.

¹⁰ DUARTE, Eduardo de Assis. “Há pouco mais de 60 anos, surgia na literatura brasileira um livro marcado pelo estigma da incineração pública. Censurado e perseguido no momento de seu lançamento, *Capitães da areia*, de Jorge Amado, aparece às vésperas da decretação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937. Antes mesmo do golpe, o Brasil estava oficialmente em ‘Estado de Guerra’, com a suspensão das liberdades, garantias e direitos dos cidadãos, a imprensa censurada e os cárceres abarrotados de presos políticos. Enquanto na Espanha artistas e escritores se solidarizavam com a República e pegavam em armas contra o fascismo, aqui, o integralismo de Plínio Salgado e uma mal disfarçada simpatia pelo nazismo entre as forças armadas forneciam o paradigma ideológico para que militares colocassem no fogo livros tidos por eles como subversivos.” Fonte na internet: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/leitura%20e%20cidadania.htm>

ATA DE INCINERAÇÃO

Aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luís Liguori Teixeira, segundo-tenente intendente naval Hécio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Polícia do Estado, foram incinerados, por determinação verbal do sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de *Capitães da areia*, 223 exemplares de *Mar morto*, 89 exemplares de *Cacau*, 93 exemplares de *Suor*, 267 exemplares de *Jubiabá*, 214 exemplares de País do carnaval, 15 exemplares de *Doidinho*, 26 exemplares de *Pureza*, 13 exemplares de *Bangüê*, 4 exemplares de *Moleque Ricardo*, 14 exemplares de *Menino de Engenho*, 23 exemplares de *Educação para a democracia*, 6 exemplares de *Idolos tombados*, 2 exemplares de *Idéias, homens e fatos*, 25 exemplares de *Dr. Geraldo*, 4 exemplares de *Nacional socialismo germano*, 1 exemplar de *Miséria através da polícia*. Tendo a referida ordem verbal sido transmitida a esta Comissão pelo sr. Capitão de Corveta Garcia D'Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque e a incineração sido assistida pelo referido oficial, assim se declara para os devidos fins.

Os livros incinerados foram apreendidos nas livrarias Editora Baiana, Catilina e Souza e se achavam em perfeito estado.

Por nada mais haver, lavra-se o presente termo, que vai por todos os membros da Comissão assinado, e, por mim segundo tenente intendente naval Hécio Auler, que, servindo de escrivão, datilografei. (assinados)

Luís Liguori Teixeira, Cap. Presidente

Hécio Auler, Segundo-Tenente Int. N.

Carlos Leal de Souza Pereira

Escritores e jornalistas, sobretudo os esquerdistas, tiveram seus direitos políticos suspensos e passaram a ser perseguidos e presos. Orientado pelo DIP, Filinto Müller comandou as operações de controle da imprensa e da produção literária no País. Segundo o jornalista Fernando Jorge, “logo que começou a publicar suas denúncias contra as torturas da polícia de Filinto Müller, reunidas mais tarde em livro¹¹, o jornalista David Nasser foi intimado a ir a uma delegacia. E ali, sem qualquer preâmbulo, os tiras queriam obrigá-lo a engolir a folha onde colaborava”. (JORGE, 1987, p.92).

Lá onde tudo se acaba – Fernando de Noronha, a ilha esquecida no Atlântico – os operários, os intelectuais e os militares sentenciados eram condenados, sem o mínimo de conforto, a uma existência incompatível com a condição humana. Entregues a um bando de gaúchos da fronteira, desalmados, sofriam os mais cruéis castigos, dia após dia, incessantemente, durante longos e intermináveis anos. (NASSER, 1966, p. 45).

A partir de 1940, relata Jorge, o DIP impediu o registro de 346 revistas e 420 jornais. “Prova eloquente da ação de um departamento fascista, para o qual, como todos os

¹¹ NASSER, David. *Falta alguém em Nuremberg*. Torturas da polícia de Filinto Strubling Müller. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

departamentos dessa natureza, o direito da força era sempre superior à força do Direito”. (JORGE, 1987, p. 96).

Entre os intelectuais presos durante o Estado Novo, alguns de clara orientação comunista ou anarquista, outros apenas resistentes ao regime autoritário vigente, estavam os jornalistas e escritores Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Aparício Torelly, o auto-denominado Barão de Itararé, Jorge Amado e a paraense Eneida de Moraes. Todos estão presentes na biblioteca particular de Raimundo Jinkings.

1.2 O DIRIGENTE COMUNISTA

O perfil de ativista político do bancário Raimundo Jinkings se desenhou nas lutas sindicais ainda nos anos 50 e ganhou relevo, a partir de 1965, nos corredores e salas da casa do já livreiro R.A. Jinkings, no número 1567 da rua dos Mundurucus, bairro de Batista Campos, em Belém. Foi o primeiro endereço da Livraria Jinkings, que anos mais tarde se transferiu para um prédio próprio, na rua dos Tamoios. Ali funcionou até o início de 2010, quando a família vendeu o imóvel e promoveu liquidações para esvaziar as prateleiras. Fechava-se, então, um ciclo que deixou marcas indelévels na história intelectual do Pará.

Nascido em 5 de setembro de 1927, em Turimirim, pequeno distrito de Santa Helena, no Maranhão, Raimundo Antônio da Costa Jinkings perdeu a mãe aos oito anos, fato que o marcou para o resto da vida, informa o blog da filha Leila Jinkings. Começou a trabalhar cedo. Ajudava o pai trabalhador rural nas tarefas agrícolas e pecuárias. Aos 12 ou 13 anos, juntamente com o irmão mais velho, foi para Pinheiros, para a casa de duas tias professoras, que o adotaram como filho e acompanharam seus estudos.

Os primeiros contatos com a leitura, segundo relato da viúva Isa Jinkings¹², já incendiaram os pensamentos do ainda adolescente Raimundo. Muito jovem, revelou Isa, Jinkings descobriu e leu o livro *Dores do mundo*, obra em que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer reflete sobre assuntos essencialmente ligados à condição humana – amor, morte, arte, moral, religião e política. Tal leitura, segundo ainda Isa, despertou Jinkings para as contradições da existência que o levariam, mais tarde, a entender que a luta contra o sofrimento e a opressão são comuns a todos os povos. “Se um Deus fez este mundo, eu não gostaria de ser esse Deus: a miséria do mundo esfacelar-me-ia o coração.” (SCHOPENHAUER, s/d, p. 14). A filosofia do pensador teutão assevera:

Todo o homem que despertou dos primeiros sonhos da mocidade, que tem em consideração a sua própria experiência e a dos outros, que estudou a história do passado e a da sua época, se quaisquer preconceitos demasiado arraigados não lhe perturbam o espírito, acabará por chegar à conclusão de que este mundo dos homens é o reino do acaso e do erro, que o dominam e o governam a seu modo sem piedade alguma, auxiliados pela loucura e pela

¹² Informações prestadas em depoimento ao autor.

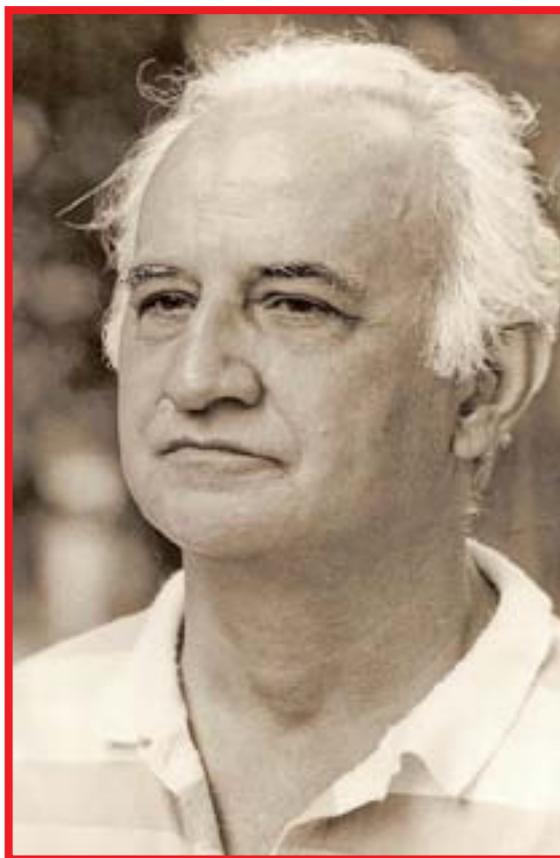
maldade, que não cessam de brandir o chicote. Por isso o que há de melhor entre os homens só aparece após grandes esforços; qualquer inspiração nobre e sensata dificilmente encontra ocasião de se mostrar, de proceder, de se fazer ouvir, ao passo que o absurdo e a falsidade no domínio das idéias, a banalidade e a vulgaridade nas regiões da arte, a malícia e a velhacaria na vida prática, reinam sem partilha, e quase sem interrupção; não há pensamento, obra excelente que não seja uma exceção, um caso imprevisto, singular, incrível, perfeitamente isolado, como um aerólito produzido por uma ordem de coisas diferente daquela que nos governa. (SCHOPENHAUER, s/d, p. 10).

Em 1945, com 18 anos e já em Belém, Jinkings alistou-se na Força Aérea Brasileira (FAB) para o Serviço Militar. Viu ruir o Estado Novo, de Getúlio Vargas, como soldado. O ano de 1949 tirou-o das Forças Armadas. Cabo enfermeiro, deu baixa e conseguiu emprego de auxiliar de enfermagem no Hospital da Aeronáutica.

Inteligente e estudioso, o caboclo de Santa Helena, sempre olhando pra frente e pra cima, candidatou-se ao curso de cabo. (...) Confessou que a caserna influiu de certa maneira no disciplinar de sua vida e na aquisição de certos hábitos higiênicos. Havia um porém. Ele não gostava de roubar a liberdade dos outros. Se em criança armara arapucas, fora caçar animais com que se alimentava, preás, pebas, jaçanãs, na vida militar ele chegou a comandar patrulhas. Não lhe agradava ter que prender companheiros. (BRASIL, 1995, p.50).



*Fig. 1: Jinkings, em foto dos anos 50
(Arquivo da família)*



*Fig. 2: Jinkings, em foto da década de 90
(Arquivo da família)*

Estudante do Colégio Paes de Carvalho, tradicional instituição de ensino paraense, onde concluiria o ginásio (hoje ensino médio), e representante de turma, Jinkings revelou-se habilidoso orador e foi eleito para a diretoria do Conselho de Representantes do Centro Cívico Honorato Filgueiras. Presidiu a comissão encarregada de elaborar o regimento interno do conselho e começou a construir o percurso de militante político. Logo estava próximo de lideranças políticas que se articulavam em torno do Partido Socialista Brasileiro (PSB), tendo como figura exponencial o advogado militante socialista Cléo Bernardo¹³. Em novembro de 1951, Jinkings foi eleito Secretário Geral do Diretório do Partido e Cléo, presidente, consolidando, portanto, o PSB no Pará. Oliveira (2010, p. 244) diz que, “atraído pela política de esquerda, em 1950, (Jinkings) tornou-se um dos integrantes da seção paraense do Partido Socialista Brasileiro. (...) Primeiramente, como integrante da Juventude Socialista. Depois, responsável pelo departamento sindical do partido”.

A travessia dos palanques estudantis para a militância sindical ocorreu como consequência da mudança de rumos na vida profissional de Jinkings. Aprovado em concurso para o Basa, hoje Banco da Amazônia, nos primórdios da década de 50, Jinkings tornou-se logo dirigente sindical bancário. Como sindicalista, liderou muitas campanhas contra a exploração capitalista e pela emancipação econômica e política dos trabalhadores. Defendeu o monopólio estatal do petróleo e foi um dos organizadores do 1º Congresso Regional Norte de Defesa do Petróleo, em 1952.

Em 1951, aprovado em concurso para o atual Banco da Amazônia (BASA), (Jinkings) pediu demissão do emprego de enfermeiro. No início do ano de 1952, começou a trabalhar no BASA. Nessa época, também passou a escrever artigos para os jornais de Belém. Assinava sempre: R. A. Jinkings. (OLIVEIRA, 2010, p. 244).

Naqueles anos, tanto as Forças Armadas brasileiras quanto os movimentos operários recebiam influência direta de comunistas alinhados ao bloco soviético, consequência da polarização ideológica imposta pela Guerra Fria. A internacionalização comunista avançava aceleradamente. Na Europa, os países do leste ocupados pelo Exército Vermelho, ou por acordos do pós-guerra, ou pelas invasões militares, começavam a constituir o que se tornaria o bloco oriental por trás da Cortina de Ferro. A Guerra da Coreia (junho de 1950 a julho de 1953) acentuou as diferenças entre Ocidente e Oriente (HOBSBAWM, 1995, p. 225 e 226).

No Brasil, os ventos do leste europeu embalavam sonhos de intelectuais esquer-

¹³ Cléo Bernardo de Macambira Braga (1918-1984), advogado e jornalista nascido em Santarém, oeste do Pará, em 18 de fevereiro de 1918, líder socialista paraense, foi deputado estadual por duas legislaturas, 1951 a 1955 e 1959 a 1963. Imortalizou-se por liderar, no Pará, a campanha “O Petróleo é Nosso”, em defesa do petróleo e da Petrobrás. Preso e cassado pelo regime militar de 64, voltou à advocacia e ao jornalismo e morreu na madrugada do dia 7 de setembro de 1984.

distas e das lideranças do sindicalismo que se reorganizavam depois da longa ditadura estadonovista. Nas hostes operárias, seguia-se à risca a cartilha leninista segundo a qual o sindicato deve ser uma escola do socialismo, polo aglutinador dos trabalhadores e formador de consciências revolucionárias. Para Lênin (1979, p.242), “a atuação sindical ergue a ponte para “a mais estreita aproximação possível entre os sindicatos e o partido”. Dessa orientação surgirá, segundo o leninismo, “o começo da luta da classe operária contra esta estrutura da sociedade” (idem, p. 42).

Jinkings não estava alheio a tais interferências, quase sempre difundidas por meio de panfletos ou publicações impressas periódicas distribuídas nos sindicatos. Ao mesmo tempo, energizado pela convivência com o intelectual e advogado socialista Cléo Bernardo e leitor cada vez mais voraz, conforme depoimento da viúva Isa, o sindicalista se confundia com o jornalista em ascensão. O militante logo assenhoreou-se da palavra como um instrumento a mais na luta por mudanças no quadro social brasileiro.

A carreira jornalística de Jinkings começou no jornal *Folha do Norte*, tradicional veículo fundado pelo jornalista Paulo Maranhão. Redator implacável, de intensa atividade na política paraense, Maranhão esteve à frente de um clã que controlou a imprensa no Estado por décadas, editando, além da *Folha do Norte*, o jornal *Folha Vespertina*¹⁴. Nas *Folhas*, Paulo Maranhão dedicou-se a uma oposição sistemática e virulenta ao seu desafeto de uma vida inteira: o então coronel Magalhães Barata. Interventor duas vezes durante o Estado Novo, de 1930 a 1935 e de 1943 a 1945, senador em 1946 e depois governador eleito, de 1956 a 1959, Barata foi alvo de bombardeios na imprensa e reagiu com perseguição intensa ao jornalista e por extensão, segundo Medina (2010), a toda sua família.

Fundada nos estertores do século XIX por Enéas Martins e Cipriano Santos para defender as idéias do Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré, então em seu primeiro mandato como governador do Estado (1891 a 1897), a *Folha do Norte* influenciou fortemente os destinos da política paraense. À época da fundação do diário, Paulo Maranhão era professor primário na localidade de Marapanim, interior do Estado, e foi chamado pelo amigo Enéas Martins para ocupar a função de revisor. Foi galgando posições até tornar-se o principal editoralista e mais tarde o senhor absoluto do diário. (MEDINA, 2010, p. 66).

Maranhão e Barata travaram uma batalha que se estendeu das hostes políticas a uma sucessão de atos cruentos e escatológicos que reduzem à insignificância a dignidade humana. Aos ataques das *Folhas*¹⁵, Barata respondia com repressão e censura, práticas

¹⁴ João Paulo de Albuquerque Maranhão (11 de abril de 1872 – 17 de abril de 1966) teve papel destacado no universo letrado paraense. Deixou a direção dos jornais que fundou para os filhos e neto, este último o escritor e jornalista Haroldo Maranhão. Sobre o patriarca do clã, na orelha do livro *Querido Ivan* (Maranhão, 1998), o jornalista Lúcio Flávio Pinto escreveu que era “(...) o terrível redator dos textos não assinados, ou postos sob pseudônimo, que saíam em brasa das oficinas da legendária *Folha do Norte*”.

¹⁵ O historiador Carlos Rocque, na biografia de Magalhães Barata, reproduz vários textos ofensivos à figura do interventor publicados na primeira página da *Folha Vespertina*, como as seguintes quadrinhas debochadas: Do jogo sai a desgraça/pra gáudio dos Baltazar;/sai do cachimbo a fumaça,/ só tu, Barata, não sais./Saem das torneiras soluço,/ em longos, doridos ais./Clama o povo sem soluços:/Só tu, Barata, não sais. Em porção bem diminuta,/sai o jogo dos

adotadas sem qualquer escrúpulo pelo regime urdido na esfera federal, sob tutela da polícia política de Getúlio Vargas, tendo à frente Filinto Müller e Lourival Fontes. A guerra entre o caudilho e o jornalista atravessou as divisas estaduais. O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, publicou, em 2 de março de 1945, telegrama em que Paulo Maranhão reclamava da perseguição que sofria¹⁶. Em sua tese sobre o escritor Haroldo Maranhão¹⁷, Medina (2010) afirma: “As intermináveis escaramuças de uma guerra sem tréguas que opunha, de um lado da trincheira Paulo Maranhão e a sua *Folha do Norte*, e de outro os baratistas, produziram farta crônica política e policial, cuja matéria mais tarde iria alimentar as narrativas de Haroldo Maranhão, sobretudo no romance *Rio de raivas*”¹⁸.

Em *Rio de raivas*, Haroldo Maranhão retrata, de forma romanceada, episódios marcantes do confronto entre Maranhão e Barata. Num estudo sobre a obra, Vieira (2009) diz:

O livro do romancista paraense conta a história do embate entre os fígados inimigos Cagarraios Palácios, governador do Estado, e Palma Cavalão, dono e editor do jornal *O Folharal*. Há consenso de que as duas figuras correspondem claramente ao ex-governador paraense Magalhães Barata, que por duas vezes comandou o Estado, como interventor e como governador, morrendo no cargo, e a Paulo Maranhão, avô do romancista e dono dos jornais *Folha do Norte* e *Folha Vespertina*, órgãos encarniçadamente opositores a Barata. (VIEIRA, 2009, p. 3).

O ponto de culminância da querela ultrapassou todos os limites da civilidade. Em 11 de abril de 1950, dia do seu aniversário, Paulo Maranhão foi atacado com um

currais./Clama o povo em voz arguta:/só tu, Barata, não sais./ Para o bolso do “bicheiro”,/em formidáveis caudais./ do povo sai o dinheiro./Só tu, Barata, não sais. (ROCQUE, 2000, p. 561). Rocque publica, também, as reações de Paulo Maranhão e dos detratores do baratismo ao tacho da censura que se seguia às provocações lançadas nas páginas impressas. Em carta ao matutino carioca *O Jornal*, sobre o período do primeiro governo de Barata, Agostinho Monteiro diz que “intranquilos e inseguros viviam os paraenses, sob a impressão das violências que celebrizaram o coronel Barata, raspando a cabeça de um deputado federal (alusão ao episódio que envolveu o deputado Genaro Ponte e Souza, em 1933); atacando à bala o grande órgão de imprensa paraense *Folha do Norte* (isso em setembro de 1934), ferindo os deputados que se dirigiam para a Assembléia Legislativa (episódio de 4 de abril de 1935)”. (ROCQUE, 2006, p. 552).

¹⁶ Texto do telegrama: “A *Folha do Norte*, jornal sob minha direção, submetido há meses à censura prévia, continua sob esse regime até hoje. Debalde apresentei ao DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda] testemunhos concretos de que era incabível esse ato por nada justificá-lo. Havia a preocupação de prestigiar o interventor do Estado, cujos atos sucessivos são de violência e arbítrio contra os meus jornais (...). A *Folha Vespertina*, também sob minha direção, esteve submetida à mesma censura, levantada há poucos dias apenas. Rogo ao prezado colega divulgar esses fatos, que dão bem a medida do que se pratica contra a imprensa independente da minha pobre terra – saudações. Paulo Maranhão”. (ROCQUE, 2000, p. 554).

¹⁷ Haroldo Maranhão (Belém, 7 de agosto de 1927 – Piabetá, RJ, 15 de julho de 2004). Jornalista, escritor e advogado, filho do jornalista João Maranhão e de Carmem Lima Maranhão. Aos 13 anos já atuava como repórter policial no jornal *Folha do Norte*, de propriedade do pai e do avô Paulo Maranhão, onde chegou a ser redator-chefe. Nos anos 40, fundou a Livraria Dom Quixote, ponto de encontro de intelectuais. Como advogado, tornou-se procurador da Caixa Econômica Federal no Rio de Janeiro (RJ), cidade onde viveu durante 20 anos. Teve trabalhos publicados em Portugal, na antiga Tchecoslováquia e nos Estados Unidos. Seu romance *Rio de raivas* narra, de forma ficcional, a trajetória do jornal *Folha do Norte*.

¹⁸ MEDINA, Maria Juliana da Silva. *Três faces de Haroldo Maranhão: o leitor; o jornalista, o escritor*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2010

banho de fezes quando chegava em casa. Ao desafeto Barata se atribuiu a autoria intelectual do atentado; e a execução, a um de seus aliados. No romance, Haroldo Maranhão descreve: “Naqueles tempos, merda não era insulto abstrato, mas artefacto ofensivo, feito o que lançaram na cara de Palma Cavalão, que aceitou a merda de ânimo inteiro, como de pé teria ficado se em vez de bosta lhe tivessem vazado à faca o baixo ventre ou lhe espatifado a cara a balas de aço”. (MARANHÃO, 1987, p.53).

Na biografia de Barata escrita por Carlos Rocque, o episódio está assim narrado:

No dia 11 de abril de 1950, data em que Paulo Maranhão completava 84 anos, seus inimigos deram-lhe, de presente, um banho de fezes. Um autêntico exemplo da violência da campanha política daquele ano. Ao terminar o seu expediente nas *Folhas*, o jornalista foi levado, em um jipe, para a sua residência, localizada no Largo de Nazaré (casa que não mais existe; em seu lugar, hoje, é a Clínica dos Acidentados). Quando desembarcou, foi agarrado por dois elementos. Um terceiro tirou-lhe o chapéu da cabeça e derramou-lhe um grande balde cheio de fezes. Depois, desapareceram correndo. E o que é pior: tinham cortado a água do bairro de Nazaré desde a tarde. E Paulo não pôde tomar banho para livrar-se das fezes. Familiares seus saíram percorrendo as farmácias, comprando muitas garrafas de álcool e pacotes de algodão, para que pudessem fazer-lhe a higienização. (ROCQUE, 2006, p. 691).

A resposta de Paulo Maranhão saiu no famoso editorial publicado pela *Folha Vespertina* três dias depois do ataque, em 14 de abril. Sob o título “Ato porco de um governo porco”, o jornalista disparava sua metralhadora contra os “sdomitas (sic) oficiais” e contra o secretário-geral do Estado, Armando Corrêa, apontado como autor intelectual do ataque. Em certo trecho, diz que “cada um dá o que tem, e o governo do Pará não tem senão merda para dar”.

Para o fim da humilhação pública, sob o pretexto de reparação, Armando Corrêa anunciou, em entrevista à Rádio Clube do Pará, a instauração de um inquérito para investigar a ofensa ao diretor das *Folhas* e punir os responsáveis. O expediente não passou em branco nos jornais de Maranhão. No dia 5 de maio, a *Folha do Norte* publicou anúncio na primeira página, como se fora matéria paga, em que Armando Corrêa divulga uma “Declaração Necessária”¹⁹, informando que, a partir daquela

¹⁹ Eis o texto integral da “Declaração Necessária”, conforme registrado pelo historiador Carlos Rocque:

“Armando Corrêa, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, comunica às pessoas de suas relações, aos seus correligionários e a quem interessar possa, que, de hoje em diante, ficará a chamar-se, e a assinar-se ‘Armando Corrêa Trampa’ não sendo válidos quaisquer documentos, ou mesmo ‘papel falado’, para repetir o qualificativo pitoresco do venerando senador Augusto Meira, que deixou de trazer o apelido indicado e mais a rubrica TRAMPA.

“As pessoas que estranhem essa resolução, toma a liberdade de esclarecer, sem ofensa à cultura alheia, que na antropônimo lusitana, fatos idênticos são comuns. Ao acaso das suas lembranças onomásticas, cita o súdito português Belchior Nunes, que, exercendo, nas eras de autanho as funções de verdugo, tão identificado ficou com o seu múnus sanguinário, que aduziu, orgulhosamente, ao cognome familiar, o do carrasco, passando a ser, para todos os efeitos, Belchior Nunes Carrasco.

“Escudado nas ‘apostilhas’, de Gonçalves Viana, seja-lhe permitido indicar outro exemplo não menos

data, passaria a se chamar Armando Corrêa Trampa (excremento humano). Até a morte de Paulo Maranhão, as *Folhas* só se referiam a Armando Corrêa como “Armando Trampa”.

Foi ainda sob o céu tempestuoso das pelepas entre baratistas e a família Maranhão que Raimundo Jinkings começou a publicar. Dirigindo o foco para a conjuntura internacional, o articulista denunciava “a ação imperialista dos Estados Unidos na região e a existência de mazelas resultantes das injustiças sociais”. (OLIVEIRA, 2010, p. 244). Também nessa época publicou artigos semanais para o *Flash*²⁰ e o *Estado do Pará*, sempre com larga repercussão, em estilo claro e direto. Era implacável no embate com os adversários políticos. Estava plantado o embrião de uma atividade intensa que ocuparia lugar de relevância na mídia impressa paraense.

Nos anos 60 a 90, Jinkings colaborou com os jornais *A Província do Pará*, *O LIBERAL* e *Diário do Pará*. Dirigiu publicações do Sindicato dos Bancários e escreveu para veículos de oposição à ditadura militar, como o jornal *Resistência* e o órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro (PCB), de circulação clandestina, *Voz da Unidade*. Segundo Brasil (1995), “R.A. brigava lá e cá. Na praça e na imprensa. Nos jornais, ele foi um sentinela alerta. Não respeitava cara. Seu vento era candente. Assumia, em letra de forma, sua posição política. Fez época como panfletário”.

Em 1953, casado com Isa e pai de dois filhos, Jinkings liderou pelo PSB, ao lado de Cléo Bernardo e Jocelyn Brasil²¹, a campanha Marcha da Fome²². A manifestação provo-

instrutivo: freqüentemente, os nomes de animais ou de coisas indicam pessoas que com eles ou elas se parecem. É, conseqüentemente, aceitável tomarem as criaturas as designações das matérias orgânicas com as quais, fisicamente ou moralmente, se assemelham.

“Nestas condições, chamar-se-á, doravante, Armando Corrêa Trampa, sando-se a esta palavra não a significação arcaica de trapaça ou alçapão, mas a de excremento humano simplesmente.”

²⁰ O primeiro número do *Flash* foi publicado em 9 de outubro de 1952. Era editado por Ivan Maranhão, neto de Paulo Maranhão e irmão de Haroldo Maranhão, em parceria com o jornalista e coronel da Aeronáutica Jocelyn Brasil, militar liberal e de ideias avançadas, comunista convicto. Começou como quinzenário, passando depois a semanal, segundo o *Jornal Pessoal* de 15.07.09. Além do *Flash*, Ivan Maranhão editaria ainda o jornal *Flan*.

²¹ Jocelyn Barreto Brasil de Lima (Sobral, CE, 3 de junho de 1908 – Fortaleza, 8 de junho de 1999). Militar nacionalista da Força Aérea Brasileira (FAB), tenente-coronel aviador, pilotou aviões na defesa do litoral brasileiro contra os ataques alemães a submarinos da Marinha, durante a Segunda Guerra Mundial. Reformado, aproximou-se de militantes socialistas do PSB, onde já atuavam Cléo Bernardo e Raimundo Jinkings. Em 1963, filiou-se ao PCB. Foi preso depois do golpe militar de 64 e expulso da Aeronáutica. Teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Para sobreviver, assumiu o emprego de repórter esportivo no *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, assinando como Pedro Zamora. Escritor, publicou doze livros.

²² Sobre essa manifestação, Jocelyn Brasil conta: “Fazia parte do programa do PSB lutar sem tréguas contra a alta do custo de vida. O PSB decidiu promover a Marcha da Fome, que constaria de uma caminhada do povo ordeiro até o Palácio do Governo para a entrega ao governador de um documento onde estariam apontadas uma série de medidas, ao alcance da competência daquela autoridade, visando baratear os preços de determinados artigos de consumo. Um ato genuinamente democrático e, no fundo, benéfico à demagogia governamental. R. A., Cléo e eu ocupamos as colunas da *Folha*, lançando a idéia”. (BRASIL, 1995, p. 38).

cou imediata reação das forças policiais do governo liberal de Zacharias de Assumpção²³. Acusado pelo Exército de articular uma manobra do Comintern²⁴ para “comunizar a Amazônia”, Jinkings foi preso e processado, mas acabou absolvido graças à defesa do amigo Cléo. O processo e a prisão, no entanto, em nada arrefeceram a disposição de Jinkings para os embates políticos da época.

Aperto a memória e encontro ao lado de R.A., no portão de uma empresa do Chamie, um bacana de então. Veio o R.A., trepado num caixote de madeira, soltando o verbo, conclamando os operários a cerrar fileiras com duzentos e oitenta mulheres que haviam sido dispensadas. O todo poderoso burguesão decidira exportar a castanha com casca e tudo. Aquelas mulheres trabalhavam, então, em descascar as castanhas. Por que o Chamie fez aquilo? Na certa por exigência dos importadores. Nós baixamos o cacete. Não só, ali, no portão, mas em nossas colunas nos jornais. Éramos assim, no Partido do Cléo. (...) R.A. tinha uma bússola particular que apontava para a justiça social, fixando-se em organizar a classe operária. Era o encarregado do Departamento Sindical. Daí, ele ter sido a figura de proa de todas as nossas campanhas. Não tinha papas na língua e sabia, como poucos, inflamar os auditórios. Agitador autêntico, grau cem. (BRASIL, 1995, p. 37).

O ingresso de Jinkings no Partido Comunista Brasileiro (PCB) do Pará se deu em janeiro de 1962. A fama de comunista do presidente do Sindicato dos Bancários e do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), mais os efeitos dos artigos publicados na imprensa, já estava nas ruas havia tempo. Desde 1953, na verdade, morando e trabalhando no Maranhão, transferido pela diretoria do Basa, Jinkings “desenvolveu contatos com representantes do PCB maranhense”, segundo Oliveira (2010), cujo nome de maior projeção era a médica Maria Aragão, secretária-geral do partido²⁵. “Conquistado pela linha política do PCB, que coloca a via democrática e a aliança das forças anti-imperialistas e antifeudais como centro de sua estratégia revolucionária, Jinkings vira então comunista ‘de partido’, pelo resto da vida.” (OLIVEIRA, 2010, p. 245).

²³ Marechal do Exército Alexandre Zacharias de Assumpção (Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1899 — 11 de agosto de 1981). Foi interventor federal no Pará, de 1945 a 1946. Governador Eleito do Pará, de 1951 a 1956. Senador da República pelo Pará de 1959 a 1967.

²⁴ Comintern (Komintern) - Internacional Comunista. Do russo (Kommunisticheskiy Internatsional). Abreviação de Internacional Comunista ou III Internacional, reunião internacional dos Partidos Comunistas de diversos países, que funcionou de 1919 até 1943. A Internacional Comunista foi sucessora e continuadora da Primeira Internacional e herdeira das melhores tradições da Segunda Internacional. A fundação da Internacional Comunista significou a criação de um Estado Maior político-ideológico do movimento revolucionário do proletariado. Lênin foi o organizador e inspirador da Internacional Comunista, que defendeu o marxismo revolucionário frente às deformações oportunistas e revisionistas de direita e de “esquerda”. A Internacional Comunista buscou a formação de quadros dirigentes dos Partidos Comunistas e a sua transformação em partidos revolucionários de massa, partidos de novo tipo. A Internacional Comunista degenerou após a ascensão de Stalin em 1922 e foi dissolvida em 1943 como um gesto de conciliação de Stalin para com a Forças Aliadas (Estados Unidos, Inglaterra). Fonte na internet: Dicionário Político, Marxists Internet Archive. Endereço eletrônico: <http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/comintern.htm>

A estreia no palanque vermelho foi explosiva. De volta a Belém, depois da passagem pelo posto do Basa de Bacabal, nas comemorações do 1º de Maio, em 1962, em comício na Praça da República diante de autoridades militares²⁶ e do arcebispo metropolitano Dom Alberto Gaudêncio Ramos²⁷, Jinkings elevou o tom dos discursos em favor da democracia. O País inteiro fervia com as manobras contra a posse do vice-presidente João Goulart, líder político afinado com as forças trabalhistas, depois da surpreendente renúncia de Jânio Quadros, em 1961. Segundo Brasil (1995), “mais ou menos textual”, Jinkings discursou:

Companheiros, nós estamos aqui, em praça pública, com absoluta liberdade, porque nós, trabalhadores, os democratas, em aliança com os setores progressistas das forças armadas, impedimos aquele golpe fascista que tentou impedir a posse de Jango” Aqui estamos na praça que é do povo, como acontece em tantas outras praças do mundo, exceto feita para a Espanha e Portugal. (BRASIL, 1995, p.76)²⁸.

Dom Alberto Ramos, “o santo representante de Deus”, afirma Brasil, não se conteve e reagiu: “Fala da Rússia!”. A provocação serviu como deixa para a resposta imediata de Jinkings: “Fique Vossa Eminência sabendo que, na Rússia, hoje deve estar acontecendo uma das maiores festas do mundo”. (BRASIL, 1995, p. 76). Foi a senha para a debandada geral das autoridades que acompanhavam a manifestação.

Em 1963, agora membro do Comitê Estadual do PCB e secretário sindical da Comissão Executiva do partido, Jinkings se lançou candidato a vereador de Belém, mas teve sua candidatura impugnada pelos comandos militares. Outras tentativas de eleição parlamentar se sucederam a partir de 1982, com a redemocratização, mas sem sucesso.

A madrugada de 1º de abril de 1964 desceu sobre o Brasil com o peso dos coturnos.

²⁵ Isa Jinkings, em depoimento ao autor, informou que o marido se filiou ao PCB maranhense em 1955. Jocelyn Brasil diz que Jinkings foi recrutado pelo Partidão em 1955, no Maranhão, “pelo Dr. Willian Moreira Lima, então Secretário do Diretório Maranhense do Partido” (BRASIL, 1995, p. 119).

²⁶ Estavam presentes no comício, entre outros, o general Taurino de Rezende Neto, comandante militar da Amazônia, e o major Jarbas Passarinho, chefe do Estado Maior da 8ª Região Militar. Depois de Jinkings, falou o sindicalista Zacarias Fernandes, outro comunista, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria. Os discursos irritaram o general Taurino, que resolveu se retirar, “arrastando consigo os demais militares, autoridades civis e o arcebispo”. (OLIVEIRA, 2010, p. 157).

²⁷ Dom Alberto Gaudêncio Ramos (Belém, 30 de março de 1915 — Belém, 26 de novembro de 1991) foi um bispo católico brasileiro, tendo sido o primeiro arcebispo de Manaus e o sétimo de Belém. A 9 de maio de 1957, Alberto Ramos foi nomeado Arcebispo de Belém do Pará. Homem erudito, grande orador sacro, integrou a Academia Paraense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará e o Conselho de Cultura do Pará. Era conservador e afinado às elites. Renunciou à Arquidiocese, conforme a norma canônica, aos 75 anos, no dia 4 de julho de 1990. Faleceu em 1991 e foi enterrado na Catedral Metropolitana de Belém. Sobre o papel de Dom Alberto no período da repressão militar pós-64, o jornalista Lúcio Flávio Pinto escreveu: “D. Alberto, um dos eixos dessa história, foi uma pessoa contraditória. (...) Era um verdadeiro intelectual. Mas queria a glória terrena. Contrariando alguns de seus princípios e das doutrinas que adotava, foi realmente um repressor do clero e um colaborador das autoridades”. (COIMBRA, 2003, p. 268 e 269).

²⁸ Jinkings registrava a existência das ditaduras de Francisco de Franco, na Espanha, e de Antônio Salazar, em Portugal, cujos regimes afinavam-se com o nazifacismo.

Articulado desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mas abortado em pelo menos duas ocasiões por contingências políticas várias, o golpe costurado nos quartéis consolidou a troica que assumiria o controle do Brasil por 20 anos – Forças Armadas, Igreja, plutocracia empresarial –, contra o avanço do comunismo internacional exportado pela União Soviética e suas nações satélites. Como resposta às Reformas de Base defendidas pelo governo constitucional, e em repúdio à ligação próxima do presidente João Goulart com as organizações esquerdistas (os sindicatos de trabalhadores, as lideranças de marinheiros rebelados, as ligas camponesas de Francisco Julião), e mesmo com o Partido Comunista Brasileiro), os segmentos mais conservadores da sociedade brasileira lançaram às ruas, já sob o céu da conspiração, a campanha em favor da “tradição, família e propriedade”. A participação da CIA, a agência de informações norte-americana, com suporte militar, amarrou a costura do golpe e selou o apoio dos Estados Unidos aos conspiradores brasileiros. Logo depois, despontaram os tanques.

Às 11h30 da manhã de 31 de março de 1964, quando Mourão [general Olímpio Mourão Filho, um dos comandantes do golpe militar de 64] mal tinha tirado seu roupão de seda vermelho, (...) estavam reunidos em Washington o secretário de Estado [dos EUA], Dean Rusk, o secretário de Defesa, Robrt McNamara, o chefe da junta de chefes do Estado-Maior, general Maxwell Taylor, e o diretor da CIA [a agência de informações americana], McCone. A agenda tinha seis itens. O quarto era um relatório sobre “a capacidade de apoio aéreo e naval americano” aos revoltosos. A Casa Branca acordara cedo. Uma hora e vinte minutos depois dessa reunião, enquanto Mourão dormia a sesta, o contra-almirante John Chew, vice-dietor de operações navais, ordenava ao comandante-em-chefe da Esquadra do Atlântico o deslocamento de um porta-aviões à frente de uma força-tarefa para a “área oceânica nas vizinhanças de Santos, Brasil”. Era o plano que o presidente Lyndon Johnson aprovara no dia 20. (GASPARI, 2002, p.99).

Segundo Gaspari, a esquadra foi composta pelo porta-aviões *Forrestal*, seis contratorpedeiros com 110 toneladas de munição, um porta-helicópteros, um posto de comando aerotransportado e quatro petroleiros com 553 mil barris de combustível. Chamado nos círculos militares norte-americanos de *Plano de Contingência 2-61*, o deslocamento ganhou o codinome de *Operação Brother Sam*. “O governo americano estava pronto para se meter abertamente na crise brasileira caso estalasse uma guerra civil.” (GASPARI, 2002, p.101).

Gaspari (2002) afirma que, apesar do poderio militar mobilizado pelo governo americano e do significado que ele teria caso viesse a ser conhecido, a deposição do presidente João Goulart deveu-se muito pouco – ou nada – às pressões dos EUA, embora esteja óbvio, a partir da divulgação dos documentos da *Operação Brother Sam* pelo jornalista Marcos Sá Corrêa, em 1976, com base em pesquisa na biblioteca Lyndon Johnson, no Texas, que “o governo americano apoiava a insurreição, e a embaixada nela se envolvera” (GASPARI, 2002, p. 102). No entanto, a associação de interesses comuns, ou mesmo complementares, entre militares e a elite brasileira com os americanos não era a única de interesses internacionais envolvidos no episódio. “Noutra, oposta, juntavam-se

à esquerda os governos soviético e cubano.” (IDEM, p. 102).

A resistência ruiu. Na verdade, mal chegou a ser construída. A não ser pelos esforços isolados da cadeia da legalidade lançada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, com apoio de Miguel Arraes, governador pernambucano, ou das entidades estudantis e da ala progressista católica. Deposto, Jango viajou para o Uruguai, num exílio que durou até sua morte.

Atrás das fileiras blindadas, a elite que oferecera joias para alimentar a fogueira anticomunista, nas marchas com Deus pela liberdade²⁹, estava saciada. Em editorial de primeira página, publicado no dia 2 de abril de 1964, sob o título *Ressurge a Democracia*, o jornal *O GLOBO*, do Rio de Janeiro, dizia: “Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem”. No mesmo texto, o jornal de Roberto Marinho, que anos mais tarde viria a se tornar o magnata da imprensa nacional, o todo-poderoso dono da Rede Globo, declarava-se abertamente favorável ao regime implantado à força.

Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições.

(...) Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares, que os protegeram de seus inimigos. Devemos felicitar-nos porque as Forças Armadas, fiéis ao dispositivo constitucional que as obriga a defender a Pátria e a garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem, não confundiram a sua relevante missão com a servil obediência ao Chefe de apenas um daqueles poderes, o Executivo. (Jornal *O GLOBO*, 2 de abril de 1964. Fonte na internet: <http://acertodecontas.blog.br/politica/editorial-do-jornal-o-globo-de-2-de-abril-de-1964-celebrando-o-golpe-militar/>).

Só um coro ecoava de norte a sul do território brasileiro: a voz da Imprensa golpista. O *Jornal do Brasil* decretou, em editorial de 1º de abril de 1964: “Desde ontem se instalou no País a verdadeira legalidade. (...) Legalidade que o caudilho não quis preservar, violando-a no que de mais fundamental ela tem: a disciplina e a hierarquia militares.

²⁹ Notícia publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, na sexta-feira, 20 de março de 1964 (neste texto foi mantida a grafia original): “A disposição de São Paulo e dos brasileiros de todos os recantos da patria para defender a Constituição e os principios democraticos, dentro do mesmo espirito que ditou a Revolução de 32, originou ontem o maior movimento civico já observado em nosso Estado: a ‘Marcha da Familia com Deus, pela Liberdade’.

“Com bandas de musica, bandeiras de todos os Estados, centenas de faixas e cartazes, numa cidade com ar festivo de feriado, a ‘Marcha’ começou na praça da Republica e terminou na praça da Sé, que viveu um dos seus maiores dias. Meio milhão de homens, mulheres e jovens - sem preconceitos de cor, credo religioso ou posição social - foram mobilizados pelo acontecimento. Com ‘vivas’ à democracia e à Constituição, mas vaiando os que consideram ‘traidores da patria’, concentraram-se defronte da catedral e nas ruas proximas. “Ali, oraram pelos destinos do país. E, através de diversas mensagens, dirigiram palavras de fé no Deus de todas as religiões e de confiança nos homens de boa-vontade. Mas, tambem de disposição para lutar, em todas as frentes, pelos principios que já exigiram o sangue dos paulistas para se firmarem”. Fonte na internet: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm

A legalidade está conosco e não com o caudilho aliado dos comunistas”.

Em Belo Horizonte, *O Estado de Minas* publicou, no dia 2 de abril. “O ponto culminante das comemorações que ontem fizeram em Belo Horizonte, pela vitória do movimento pela paz e pela democracia foi, sem dúvida, a concentração popular defronte ao Palácio da Liberdade. Toda área localizada em frente à sede do governo mineiro foi totalmente tomada por enorme multidão, que ali acorreu para festejar o êxito da campanha deflagrada em Minas (...), formando uma das maiores massas humanas já vistas na cidade”.

A Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, escreveu, no mesmo 2 de abril: “Escorraçado, amordaçado e acovardado, deixou o poder como imperativo de legítima vontade popular o Sr João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreiristas-negocistas-sindicalistas. Um dos maiores gatunos que a história brasileira já registrou, o Sr João Goulart passa outra vez à história, agora também como um dos grandes covardes que ela já conheceu”.

Em *O Povo*, de Fortaleza, publicou-se, em 3 de abril: “A vitória da causa democrática abre o País a perspectiva de trabalhar em paz e de vencer as graves dificuldades atuais. Não se pode, evidentemente, aceitar que essa perspectiva seja toldada, que os ânimos sejam postos a fogo. Assim o querem as Forças Armadas, assim o quer o povo brasileiro e assim deverá ser, pelo bem do Brasil”³⁰.

Na *Folha do Norte*, de Belém, jornal de Paulo Maranhão, um anúncio na página 10, da edição de 4 de abril, informava a posição oficial dos jornalistas paraenses em relação ao movimento militar:

Nota oficial. A Diretoria da Associação Paraense de Imprensa, Casa do Jornalista, tendo em vista a resolução unânime de sua Assembléia Geral Extraordinária, vem de público congratular-se com as Forças Armadas Brasileiras, pela sua atitude altamente patriótica que impediu nossa Pátria de submergir nas trevas da mais ignóbil escravidão estatal desejada por uma pequena minoria integrada na mentalidade anti-democrática e estimulada por quem tinha o dever de zelar pela integridade de nossas instituições democráticas. E nessa hora decisiva para os destinos da Nação, conclamamos a todos os jornalistas democratas do Pará e a população em geral, para, unidos às nossas Forças Armadas, guardiãs intemoradas da soberania nacional, defenderem os postulados da democracia e da legalidade, e, as tradições de liberdade do povo brasileiro. Pela Diretoria Lênio Diniz de Carvalho. Presidente. (COIMBRA, 2003, p. 119 e 120).

No Pará, também não houve qualquer tipo de resistência ao golpe. Exceção feita aos dirigentes comunistas e socialistas, ligados aos sindicatos, e aos estudantes. Coube à União Acadêmica Paraense (UAP) ocupar a trincheira democrática que se ampliara desde o tumulto que marcou o I Seminário Latino-Americano de Reforma e Democratização do Ensino Superior, realizado em 30 de março, na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), na praça Batista Campos, região central de Belém. Promovido pela UNE (União

³⁰ Para as notícias de jornal, aqui reproduzidas textualmente, fonte na internet: http://blogdabrhistoria.blog.uol.com.br/arch2007-07-08_2007-07-14.html

Nacional dos Estudantes) e UAP, o encontro acabou em pancadaria. O episódio teve como personagens, segundo Oliveira (2010, p. 365 e 611), “o bando de garotões, filhos de latifundiários e outros ricos da terra”, e o líder estudantil e militante comunista Sebastião Hoyos. Com um grupo de lutadores de boxe e artes marciais, segundo Oliveira, Hoyos expulsou, “no pau”, os provocadores “lenços brancos” que invadiram o auditório onde ocorria o evento.

Com o golpe consumado, Jinkings recebeu orientações para colocar em estado de alerta as lideranças sindicais. Havia a possibilidade da deflagração de uma greve nacional para conter os conspiradores. A ordem ficou na gaveta. Sem o apoio das hostes legalistas, as barricadas em defesa de Jango foram facilmente derrubadas.

Da parte do governo estadual, segundo Oliveira (2010), “não houve resistência ao movimento militar em Belém”. A inação generalizada, afirma, no lugar da defesa do estado de direito, foi a tônica:

O governador Aurélio do Carmo e o prefeito Moura Carvalho ficaram quietos na tentativa de salvar seus mandatos. Aurélio, um governador de posições progressistas, que visitara a União Soviética e a Tchecoslováquia, nada fez para reagir ao golpe e para evitar a onda de prisões arbitrárias, efetuadas por seu primo Evandro do Carmo, Secretário de Segurança. Moura Carvalho, um ex-tenente revolucionário de 30, aliado do PCB, por sua vez, também não se manifestou em favor da legalidade. O general Orlando Ramage, comandante da 8ª Região Militar, tido como favorável à ordem constitucional, de início permaneceu mudo e indeciso, mas, assim que compreendeu a tendência vitoriosa da deposição de Jango, trocou de lado. Trabalhadores e estudantes desarmados nada podiam fazer. O Partido [PCB] não conseguiu desencadear sequer uma reação ainda que pacífica. (OLIVEIRA, p. 612 e 613).

A Igreja Católica paraense acompanhou o toque das trombetas do arcebispo Dom Alberto Ramos. Em matéria publicada na página 12, da edição de sexta-feira, 3 de abril de 1964, segundo Coimbra (2003), o jornal *Folha do Norte* reproduziu declarações do arcebispo sobre a situação do País:

Se há países marcados por uma predestinação histórica para instrumentos da Providência Divina, o Brasil é um deles. (...) Sempre que forças poderosas o visam arrancar dessa trajetória, mesmo com o apoio de campanhas louváveis e necessárias, o gigante prodigiosamente encontra a solução para evoluir e adaptar-se às novas circunstâncias, sem quebrar a fidelidade aos seus traços de origem e sem desmentir seu passado. (...) Quiseram perturbar violentamente o seu natural e gradual desenvolvimento de país novo e pujante, agitando bandeiras simpáticas que reduziam depois a ilusórios fogos fátuos. Colhiam nas mãos justos anseios das classes trabalhadoras para os envenenarem pelo servilismo e imposições estranhas ou pela negação dos valores espirituais, ridicularizando preces e rosários. (...) Peçamos a Jesus, o Salvador que ilumine os vencedores da hora presente para restabelecerem a ordem sem violência nem vinganças mesquinhas, para impulsionar o Brasil a seus verdadeiros destinos. (COIMBRA, 2003, p. 169 e 170).

Publicamente a favor do golpe, o líder religioso abafou os ventos renovadores que sopravam do Concílio Vaticano II, o embrião da Teologia da Libertação, convocado pelo

papa João XXIII com a finalidade de despertar os missionários para os graves problemas econômicos e sociais que afligem a passagem do homem pela vida terrena. Raimundo Jinkings, já um convicto comunista, alinhou-se à oposição.

1.3. A TRAJETÓRIA DO LIVREIRO

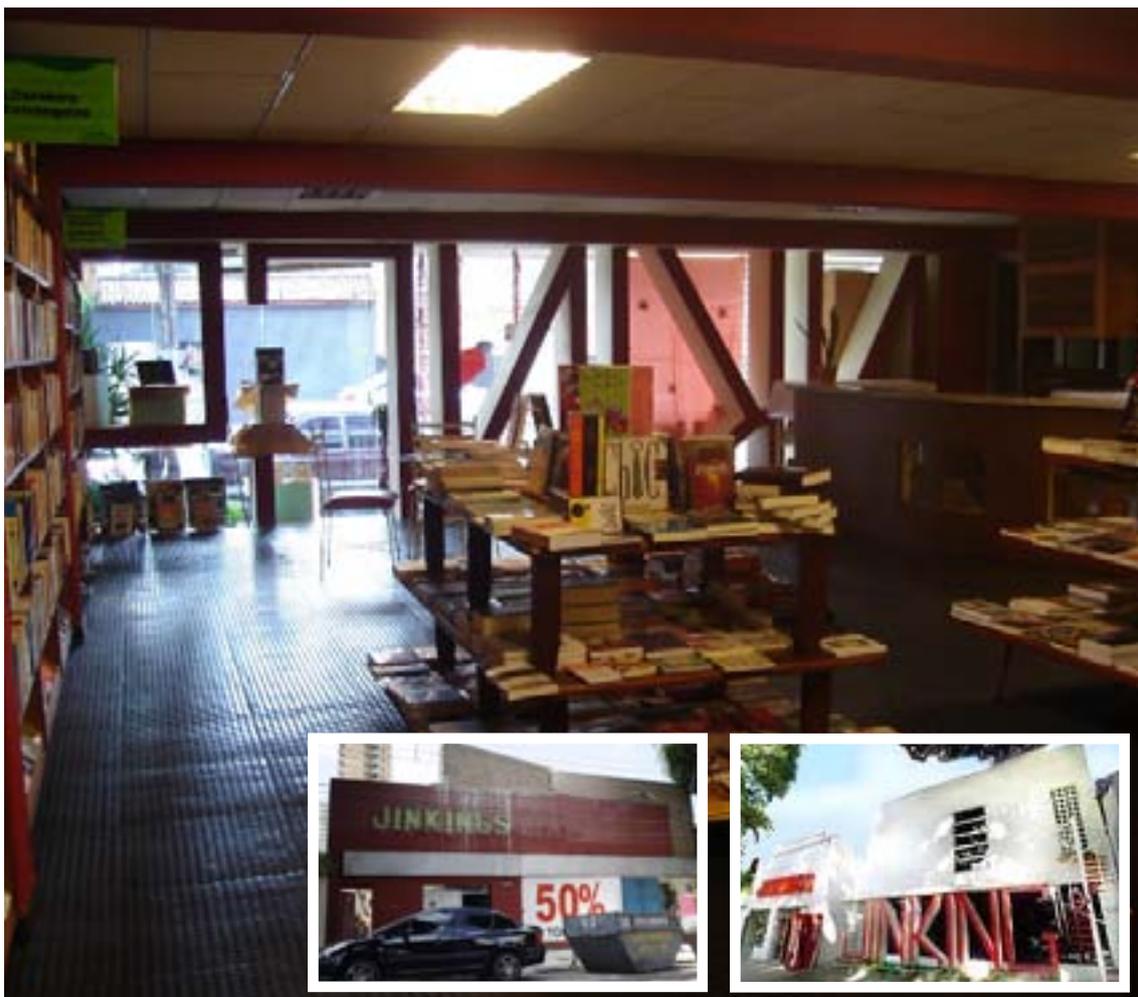
Em 1964, com os militares no poder e a perseguição aos opositores do regime nas ruas, Jinkings foi considerado o cabeça da subversão no Pará. “Nas rádios, a locução escandalosa decretava: ‘Continua foragido o agitador comunista Raimundo Jinkings, ex-presidente do famigerado CGT’. Ele era caçado como fera. Nossos filhos eram pequenos. Eram cinco. Mas eles estavam preparados. Eles achavam o pai um herói. Isso não atingiu as crianças”³¹.

Na tentativa de escapar ao cerco, Jinkings deixou a família e o emprego e procurou acolhida de parentes e militantes. O dirigente comunista se escondeu em pelo menos duas casas, mas foi localizado e preso. “Era uma indústria de dedo-durismo. Eles (os golpistas) usavam muito essas pessoas que queriam denunciar para se promover”, afirmou a viúva.

A prisão foi negociada. Segundo Oliveira (2010), Jinkings se entregou a um oficial da Polícia Militar chamado José de Azevedo Baía Filho (capitão Baía), no dia 28 de abril de 1964, na agência central do Basa, na avenida Presidente Vargas, centro de Belém. Fê-lo para evitar a demissão do banco por abandono de emprego, fato relatado a Carlos Rocque em matéria publicada pelo jornal *O LIBERAL* de 26 de setembro de 1982, e permaneceu prisioneiro na 5ª Companhia de Guardas do Exército, no Forte do Castelo (hoje Casa das Onze Janelas, no Forte do Presépio, bairro da Cidade Velha), por 79 dias. Outros 11 dias ficou recolhido a uma cela do quartel do 26º BC, até ser liberado por meio de um habeas corpus impetrado pelo advogado socialista José de Ribamar Darwich. Em setembro de 1966, por ocasião de uma visita do ministro Costa e Silva (futuro presidente da República) a Belém, Jinkings voltou para a cadeia, acusado de organizar uma guerrilha para combater a ditadura.

Com o endurecimento do regime, amiudaram-se as visitas dos comunistas ao DOPS (Divisão de Ordem Política e Social, a polícia política da ditadura), “para prestar esclarecimentos”. Jinkings teve seus direitos políticos cassados. Aposentado compulsoriamente do Basa, com vencimentos irrisórios, e com família para sustentar, esposa e cinco filhos pequenos (Nise, Leila, Antônio, Álvaro e Ivana), montou uma barraca na feira Batista Campos, área central de Belém, para a venda de comida. Logo, conseguiu se tornar representante de algumas livrarias que já o conheciam pelos pedidos de reembolso postal e passou a receber material de editoras nacionais para revenda. Assim nascia a Livraria Jinkings, especializada em literatura, livros didáticos, científicos e políticos, que passou a ser, também, ponto de encontro de intelectuais e estudantes de esquerda e palco de reuniões políticas por mais de 20 anos.

³¹ Depoimento de Isa Jinkings ao autor.



Salão da Livraria Jinkings. No detalhe, as fachadas depois e antes da venda do prédio. Abaixo, logomarcas da livraria. (Fotos capturadas no blog de Raimundo Jinkings).

JINKINGS
LIVRARIA E DISTRIBUIDORA

JINKINGS Livrariazinha 



Área interna e selo da Livraria Jinkings. (Fotos capturadas no blog de Raimundo Jinkings).

Para sobreviver, a primeira coisa que ele fez foi montar uma barraca na feira livre de Batista Campos. Junto com Sandoval Barbosa, que era da Petrobras e tinha sido preso. À noite um tinha que dormir dentro da barraca. Vendiam docinhos. Não existia supermercado nessa época. Pessoas que compravam no Café Santos, no Vesúvio, na Frutuoso (rua Frutuoso Guimarães, no Comércio), perto da Carrapotoso (tradicional sapataria localizada no centro comercial de Belém), deixavam de comprar nas mercearias para dar força a Jinkings. Ele escreveu para as editoras oferecendo representação em Belém. Ele era um nome conhecido por causa do reembolso postal e logo passou a ter retorno. A primeira editora que ele representou foi a Brasiliense, do Caio Prado Junior. A Ática, que é uma potência em livros didáticos, começou junto conosco. Chegaram livrinhos mimeografados da Ática. E ele começou a fazer um trabalho pioneiro, nunca ninguém tinha feito isso. (ISA JINKINGS, em depoimento ao autor).

Recebendo apoio da família e de amigos intelectuais, entre os quais o poeta, ex-deputado estadual comunista Ruy Barata³² e o filósofo, escritor e professor Benedito Nunes³³, assíduos frequentadores da banca na feira e depois da livraria, Jinkings investiu no negócio dos livros didáticos. Passou a fornecer títulos para escolas e professores.

Os professores iam lá (nas editoras) atrás de amostras dos livros e o Jinkings começou a sair nas casas dos professores e nas escolas oferecendo os livros. Iam chegando os livros e ele ia mostrar, eram livros muitos bons. Estava tendo uma reforma nos textos e os livros explodiram. E ele fez esse trabalho. Tanto que todos os professores de Belém conheciam o Jinkings. De repente nós começamos a crescer sem sentir. Chegou num ponto em que tinha tanto livro pelo meio da casa, nós não tínhamos sede, era a própria

³² Ruy Guilherme Paranatinga Barata (Santarém, 25 de junho de 1920 — São Paulo, 23 de abril de 1990), poeta, político, advogado, professor e compositor paraense. Aos 26 anos, em 1946, foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte do Pará, pelo Partido Social Progressista (PSP) e reeleito em 1950. Em 1951, publica os poemas de *A Linha Imaginária* (Edições Norte, Belém). A partir daí e depois, como deputado federal (1957 a 1959), se afirma como a voz progressista no Pará em defesa do monopólio estatal do petróleo, das grandes causas nacionais e da paz mundial. Em 1959, saúda a revolução cubana com o poema “Me trae una Cuba Libre/ Porque Cuba libre está”. Nesse mesmo ano, entra para a militância clandestina do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão. Em 1964, com o golpe militar, foi preso, demitido de seu cartório (então 4º Ofício do Cível e Comércio da Comarca de Belém) e aposentado compulsoriamente do cargo de professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA), com menos de 10% de seus proventos. Para sobreviver passa a exercer a advocacia no escritório de seu pai, Alarico Barata, e escreve artigos e reportagens com pseudônimos, como Valério Ventura, para os jornais *Folha do Norte* e *Flash*. Em 1967, Ruy Barata inicia parceria com o filho Paulo André (jovem músico e instrumentista), que lhes rendaram clássicas composições, como “Foi assim” e “Pauapixuna”, immortalizadas na voz de Fafá de Belém. Em 1979, reintegrado ao quadro de professores da UFPA, volta a lecionar Literatura Brasileira. Durante procedimento cirúrgico, morre de embolia pulmonar, em São Paulo, quando trabalhava na pesquisa de dados sobre a passagem de Mário de Andrade pela Amazônia.

³³ Benedito José Viana da Costa Nunes (Belém, 21 de novembro de 1929 - Belém, 27 de fevereiro de 2011), filósofo, professor, crítico de arte e escritor, foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, depois incorporada à Universidade Federal do Pará (UFPA). Ensinou literatura e filosofia na França e nos Estados Unidos. Escreveu artigos e ensaios para jornais e publicações locais, nacionais e internacionais. Aposentou-se como professor titular de Filosofia pela UFPA, tendo recebido o título de Professor Emérito em 1998. No mesmo ano, foi um dos ganhadores do Prêmio Multicultural Estadão. Membro fundador da Academia Brasileira de Filosofia (1989). Benedito Nunes recebeu duas vezes o Prêmio Jabuti de Literatura: em 1987, pelo estudo da obra de Martin Heidegger que culminou em *Passagem para o Poético*; e em 2010 pela crítica literária *A Clave do Poético*. Em 2010, foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra.

casa, que ele resolveu começar a vender também. A gente não tinha prática, eu tirava nota fiscal, os filhos ajudavam, eram pequenos. (ISA JINKINGS, em depoimento ao autor).

De certa forma, com a banca para a venda de livros na feira, reproduziu-se, na Belém dos anos 60, o cenário registrado por Bragança (2009) no estudo sobre a Livraria Ideal, de Silvestre Mônaco, e o trabalho de reconstrução do mercado livreiro do Rio de Janeiro, particularmente da cidade de Niterói, com livretos de cordel, no início do século XX: a venda de livros na informalidade, por força de iniciativa individual.

Um imigrante italiano que chegou ao Rio de Janeiro em 1900, Savério Fitipaldi, depois de trabalhar seis anos na venda avulsa de jornais, empregou-se como aprendiz na Livraria Quaresma. Em pouco tempo, talvez com as edições da casa, montou, por conta própria, uma rede de venda de livros populares através dos engraxates. Foi talvez o precursor na abertura desse canal de comercialização do livro no Brasil. (...) Através dos engraxates, os livros eram colocados em locais de passagem ou de frequência desse público, como às proximidades de bares, feiras (...) e nos centros comerciais e administrativos por onde todos eram obrigados a transitar. A mercadoria ficava exposta à venda, suspensa em barbantes que se esticavam e se prendiam em quadros de madeira, pendurados nas paredes ou nas laterais da própria cadeira do engraxate. (BRAGANÇA, 2009, p. 56 e 57.)

O que se iniciou com um modesto sistema de distribuição de mão em mão logo evoluiu. Com a ajuda de um Vemaguet, automóvel brasileiro tipo perua, produzido pela Vemag, sob licença da fábrica alemã DKW, entre 1958 e 1967, Jinkings consolidou sua atividade e instalou o ponto comercial na rua dos Mundurucus, 1567, a residência da família e primeiro endereço da livraria Jinkings, até a construção do prédio próprio, inaugurado em 1º de outubro de 1979, na rua dos Tamoios, paralela à Mundurucus, 1592, entre Padre Eutíquio e Apinagés, no bairro de Batista Campos, em Belém. Oliveira (2010) registra o surgimento da Livraria Jinkings como de fundamental importância para o amadurecimento da intelectualidade paraense nos anos de chumbo.

Para sustentar a família, (Jinkings) montou uma barraca na feira de Batista Campos, onde vendia gêneros alimentícios ajudado pela mulher. A seguir decidiu oferecer livros didáticos em colégios e até de porta em porta, descobrindo a sua habilidade para essa profissão. Tornou-se, com tempo e trabalho, um livreiro vitorioso, respeitado, proprietário da conceituada Livraria Jinkings, cuja primeira sede surgiu na própria sala de sua residência na travessa dos Mundurucus. Daí mudou-se para dois imóveis adquiridos nos fundos, na rua dos Tamoios. (...) A empresa incrementou a comercialização de livros didáticos, abriu a “Livrariazinha” para crianças, e, nos altos do prédio, adaptou um espaço destinado a reuniões de defensores dos direitos humanos, palestras, exposições, lançamentos de livros, etc. (...) A intelectualidade de Belém correu a frequentar a “Jinkings” e a consumir o seu variado estoque de livros. Virou, inclusive, alvo da vigilância permanente do Serviço Nacional de Informações (SNI) em ação desde 13/6/1964. Várias vezes teve obras apreendidas pela Polícia Federal, sempre consideradas “subversivas” pelos censores da ditadura. (OLIVEIRA, 2010, p. 246 e 247).

O registro da Livraria Jinkings data de 22 de outubro de 1965, no Cartório Condu-rú. Daquele momento em diante, a biografia do militante comunista, líder de palanques e portas de sindicato, se ressignifica na medida em que, segundo Vidal e Sales (2009, p. 64), “Jinkings estabelece uma relação particular que pode ser entendida, atualmente, como uma forma de realização do homem e de seus projetos, pois constituiu a leitura um instrumento de luta e extensão da imaginação de uma época reclusa por um regime político opressor”. Para Vidal e Sales, “os ideais que arregimentaram a vida do livreiro constituíram o conjunto de questões concernentes aos objetivos que tentava alcançar”.

Como operário e representante do povo, (Jinkings) trazia a seus pares a instrução e, num período de resistência, foi o revolucionário pronto a lutar pela identidade roubada e, portanto, mantinha a esperança de liberdade e ansiava pela constituição da verdade. Sua voz era o bardo daquele que ia à batalha para a construção do conhecimento estabelecido junto ao amor à pátria e aos livros. (...) As atividades de Jinkings se imbricavam. A visão social do político era presente na atividade de mercador de livros que viabilizou o acesso à leitura. (VIDAL e SALES, 2009, p. 68 e 69).

A inauguração da livraria na rua dos Tamoios refletiu uma nova expectativa para a cidade de Belém, do ponto de vista cultural. No prédio reformado para abrigar livros, onde antes funcionava uma boate, de nome Batuk, agora impunha-se o mote da resistência política e da satisfação intelectual. Em coluna no jornal *A Província do Pará*, publicada no dia 30 de setembro, o jornalista Jaime Bevilaqua destaca o nascimento da Livraria Jinkings com o seguinte título: “Fantástico. Fechou boate, abriu livraria”³⁴.

As práticas comerciais tiveram características peculiares entre os livreiros brasileiros, num período em que ainda estavam distantes dos negócios o talão de cheques e o cartão de crédito. Citando o depoimento de Vinício Araújo Gomes, amigo de Silvestre Mônaco, da Livraria Ideal, Bragança (2009) registra a existência do “caderno do pindura”, espécie de livro de crédito para as anotações das dívidas dos clientes:

O caderno do “pindura”, amarrotado pelo manuseio constante e amarelecido pelo tempo, mais que meros nomes, datas e valores, (...) proporcionou momentos de suprema felicidade a quem há muito que procurava um livro e, encontrando-o na Livraria Ideal, não deixou de levá-lo por não poder pagar! (GOMES apud BRAGANÇA, 2009, p. 116).

³⁴ No texto, reproduzido em Vidal e Sales (2009), Bevilaqua escreve: “Anteontem, aconteceu o leilão ‘de liquidação total e definitiva’ da Boite Batuk. Amanhã, será aberta a nova Livraria Jinkings. (...) O livreiro Raimundo Jinkings nada teve com a boite. Nem os dono da Batuk estão no negócio da livraria. Comercialmente, inexistente vínculo entre os dois – como diria – fenômenos. Impossível – com tudo – fecha-se boite – resistir – abre-se livraria – ao espanto e ironia – fecha-se boite – diante do insólito – abre-se livraria – numa cidade que transforma livrarias e cinemas em lanchonetes, armarinhos, supermercados, bancos e estacionamentos e onde a mais usual leitura de cabeceira é a do cardápio de motéis. (...) Então, mais hurras para o insólito Jinkings pela sua iniciativa de absurdo nacional...”. (VIDAL e SALES, 2009, p. 69).

Segundo Bragança, à moda das vendas antigas, na Livraria Ideal “era o próprio cliente que anotava o que estava comprando, e que abatia na conta o que pagava, sem pressões de prazo, num tempo em que o dinheiro não perdia tão rapidamente o valor nem os juros eram tão altos”.

Em Belém, Jinkings também adotou o modelo do caderno de fiado, como relata o jornalista e sociólogo Lúcio Flávio Pinto³⁵ na orelha do livro de Jocelyn Brasil (1995) sobre a vida de Jinkings: “Cliente com direito a uma conta-corrente especial, (...) nas fichas de cartolina eram lançadas minhas retiradas de livros, fartas e freqüentes, (...) e também minhas amortizações da dívida, nem tão religiosas assim”. Amarílis Tupiassú, professora de Literatura e escritora, corrobora:

No meio dos desastres (da ditadura), o Jinkings ainda impunha sua capacidade de doação e solidariedade, sua brandura acima de tudo. E o bonito, emocionante naquilo – vejo-o agora – era o desprendimento daquele homem que, em fase tão difícil, dava-se ao luxo de vender fiado. Havia um caderno de anotação dos devedores. Pagávamos como podíamos. Alguns levavam meses para saldar as dívidas sem que em nenhum momento lhe viesse o fiador com cobranças. E fiado não só aos amigos, porque a casa-livraria vivia cheia de estudantes, sobretudo universitários. Além do mais, podia-se contar com as orientações do Jinkings-leitor. Sua deriva para as margens do comércio com o Livro vem de seu apurado tino para a literatura. Nesses campos era fino farejador. Vivia caçando e desencavando boas leituras. E haja a passar dicas àqueles mais jovens buliçosos que bem invadiam sua ex-sala de visitas. Surge-me agora curiosidade por saber onde foi parar a biblioteca particular daquele leitor exigente, percuciente, pesquisador. (TUPIASSÚ, Amarílis. *Jinkings, um exemplo de coragem e solidariedade*. Artigo publicado em 7 de outubro de 1995, em O LIBERAL).

O professor universitário Orlando Cassique Sobrinho Alves, mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA), que militou no PCB ao lado de Jinkings, também falou, em entrevista ao autor, sobre o fiado:

O Jinkings vendia fiado e anotava numas fichas que só ele entendia, mas dava resultado. A gente recebia, ia lá, pagava tudo (ou uma parte, nos meses mais difíceis) e garantíamos a frequência ao point. Depois que a livraria cresceu, inclusive com a área de livros didáticos ao lado, tudo foi ficando mais impessoal, acho. Veio um período de novo marketing (loja no Iguatemi, etc). Era outro espírito. Com o Jinkings e seu marke-

³⁵ Lúcio Flávio Pinto, jornalista, sociólogo, nascido em Santarém (PA) em 23/09/49, atua na Imprensa profissional desde 1966. Começou em *A Província do Pará*, de Belém, trabalhando em seguida no já extinto *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. A partir de então percorreu as redações de algumas das principais publicações da imprensa brasileira. Desde 1988 dedica-se ao *Jornal Pessoal*, newsletter quinzenal que escreve sozinho. No jornalismo, recebeu quatro prêmios Esso e dois Fenaj, da Federação Nacional dos Jornalistas, que em 1988 considerou o *Jornal Pessoal* a melhor publicação do Norte e Nordeste do país. Por seu trabalho em defesa da verdade e contra as injustiças sociais, recebeu em Roma, em 1997, o prêmio Colombe d'oro per La Pace. Em 2005 recebeu o prêmio anual do CPJ (Committee for Journalists Protection), de Nova York, pelas denúncias que tem feito em seu jornal, na defesa da Amazônia e dos direitos humanos. Publicou 12 livros, todos sobre a Amazônia. Fonte na internet: http://www.lucioflaviopinto.com.br/?page_id=40

ting à frente lidávamos com um cara que também lia, que conversava à altura, que era reconhecido por todos, inclusive os adversários. E que nos dava crédito “no fio do bigode”. (ORLANDO CASSIQUE, em entrevista ao autor).

A viúva Isa Jinkings confirma a existência do caderno de fiado, além de uma lista de clientes do crediário, que o tempo se encarregou de fazer desaparecer do arquivo de documentos do livreiro.

Lúcio Flávio Pinto conta, ainda, como se estabeleciam as relações entre clientes e livreiro: “Não havia solicitações impossíveis. Com a prontidão de que se poderia dispor à época, Jinkings mandava buscar os livros desejados. Ele próprio fazia sugestões e decifrava dúvidas do leitor em apuros”. (BRASIL, 1995). Para Lúcio Flávio, Jinkings era o “verdadeiro livreiro que faz falta”, ainda hoje, nos pontos de vendas espalhados pelo país: “Os militares privaram a política de um de seus maiores animadores e agitadores na praça, mas deram aos amantes de livros o que eles mais precisavam: um intermediário com conhecimentos do – se me permitem a expressão – metiê” (idem, 1995).

Talvez pelo perfil doutrinário, talvez por pura intuição, talvez por sua formação intelectual já consolidada, pela convivência com a esposa Isa, professora de Letras graduada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), ou mesmo por interesses puramente comerciais, já que a livraria distribuía livros didáticos³⁶, fonte segura de capitalização, Jinkings decidiu ampliar os investimentos no público infantojuvenil. Criou, então, um espaço exclusivo para crianças dentro da Livraria Jinkings. A Livrariuzinha, curiosamente, passou a atrair gente de idades as mais variadas – e se tornou uma das áreas mais exploradas da Jinkings, segundo relato de Leila Jinkings³⁷. Autores paraenses e escritores de renome nacional e internacional, como Ziraldo, participaram de sessões de autógrafos entre leitores adolescentes, mirins e adultos que, encantados com palavras, gibis, ilustrações, se apertavam no cômodo de paredes coloridas, pintadas com arco-íris, e estrelas, e luas, e pássaros, localizado nos altos do prédio da rua dos Tamoios³⁸.

³⁶ Sobre o negócio com distribuidoras de livros didáticos, Orlando Cassique informou: “O Jinkings, eu percebia, tinha a representação da Ática em Belém. Em início de ano letivo, a livraria ficava muito movimentada. Quando ela passou a ter uma comunicação com a Mundurucus, passava-se entre montanhas de livros para percorrê-la desde a porta da Rua dos Tamoios. E o trânsito de propagandistas e de vendedores era intenso. O Jinkings não era de tratar disso com os companheiros de Partido... mas aquilo dava dinheiro, sim. Depois as vendas para a intelectualidade garantiam a vida do empreendimento. Vi aos sábados Otávio Mendonça, Ronaldo Passarinho, ainda deputado, Carlos Sampaio – só pra que vejas a diversidade ideológica dos frequentadores – passarem por ali. A turma toda da Universidade, enfim”.

³⁷ Ver blog na internet. Endereço: <http://raimundojinkings.blogspot.com>

³⁸ Vladimir Cunha, jornalista, filho do ex-deputado estadual petista Humberto Cunha e da historiadora Isa Cunha, fundadora da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos e do Movimento de Mulheres da Cidade e do Campo, ambos históricos militantes da esquerda paraense nos anos da ditadura militar, postou o seguinte texto no blog de Raimundo Jinkings, na internet, sob o título “O filho do rato”. “Alejandro Jodorowsky é o cara. Eu tinha uns nove anos quando meu pai me levou à livraria Jinkings e disse para eu escolher o que quisesse. Fui direto à sessão de quadrinhos.

Além dos descontos permanentes, que variavam de 10% a 50% no balcão, dependendo do volume da compra, e da inovadora venda de livro a quilo, anunciada em 10 de maio de 1990, como comprova a notícia divulgada pelo jornal *Diário do Pará* (VIDAL e SALES, 2009, p. 69), Jinkings lançou o evento “Livro na praça quase de graça”, com estandes em área livre da praça da República, zona central da capital paraense, para a venda de títulos a preço de custo. O sucesso do empreendimento ganhava, então, as ruas, literalmente, sempre com a marca do ativista político, que se ajustava, surpreendentemente bem, entre o ideário comunista e a emergência das lides com o mercado capitalista. O negócio da livraria permitiu a Jinkings constituir um patrimônio pessoal expressivo, se comparado ao da maioria dos trabalhadores brasileiros: o imóvel comercial da rua dos Tamoios, um apartamento próprio em prédio de classe média alta na rua dos Mundurucus, ambos localizados em Batista Campos, bairro nobre de Belém, e um sítio em Benevides, município dos arredores da capital.

Com a anistia, Jinkings havia retomado sua intensa militância comunista, no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1979, a livraria foi pichada e metralhada pelo CCC – Comando de Caça aos Comunistas. Durante muito tempo o livreiro enfrentou várias investidas de agentes da Polícia Federal em busca de “livros subversivos”.

Ele (Jinkings) continuou sendo perseguido, havia aquelas batidas e iam nos nossos livros, porque os outros eram didáticos, mas eles eram muito burros. Pegaram *O Vermelho e o Negro* do Stendhal, porque era vermelho, então levaram. *Reunião*, do Carlos Drummond de Andrade, que eram poemas, mas reunião era proibida. Eles eram sempre muito arrogantes, violentos. A gente criou um fundo falso num balcão na garagem. Quando tinha alguma ameaça, alguém se aproximava, a gente escondia os livros mais perigosos dentro do fundo falso. Livramos muitos livros assim. Tocaram fogo num carro do meu filho dentro da varanda do terrace da nossa casa. Em 79, quando inauguramos a livraria, saiu o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e metralhou a frente da livraria que era de vidro temperado. Fizeram muito terror. Teve prisões por causa de livros que estávamos vendendo, mas era de dois, três dias (ISA JINKINGS, em depoimento ao autor).

Na era Gorbachev, Jinkings lutou contra o desmoroamento do PCB e viu com desalento a substituição de símbolos e plataformas comunistas pelos reformistas, no con-

Em plena Ditadura, o velho Jinkings contrabandeava livros de esquerda em meio a caixas de insuspeitos quadrinhos europeus publicados em Portugal. O cara tinha as manhas. Enfiava traduções em espanhol e português de livros do Marx, Engels, Trotsky e Mao no meio de álbuns de gente como Moebius, Druillet, Phillippe Caza, Enki Bilal, Quino, Palomo, Plantu e outros grandes nomes das HQs do Velho Mundo. Meu pai comprava os Marx e companhia. Eu ficava com os quadrinhos. Coisa que, aliás, fez eu desenvolver um dialeto meio esquisito com o passar do tempo de tanto ler histórias naquele português estranho. Foi numa dessas idas à livraria do Jinkings que peguei para folhear um álbum de capa amarela: *O Incal Negro - Uma Aventura de John Difool*. Não fazia idéia do que era um Incal, mas o livro vinha com o nome de Moebius na capa, que eu curti das séries *Tenente Blueberry* e *A Garagem Hermética*. Foi o suficiente para levá-lo para a casa. E junto com Moebius acabei levando também *Alejandro Jodorowsky*. As coisas nunca mais foram as mesmas. Mesmo para uma criança habituada às maluquices da turma da *Metal Hurlant* Jodorowsky era um pouco demais para mim com sua visão cínica e absurda do mundo. Tudo o que fez com Moebius na série do Incal ficou na minha cabeça, da mesma forma que, anos mais tarde, ficariam Thomas Pynchon, Alan Moore, Frank Zappa e Phillip K. Dick. Revendo *El Topo* essa semana, deu para entender porque esse foi o filme que levou os irmãos Cohen a se meter com cinema e fez com que John Lennon e Yoko Ono inaugurassem uma sessão da meia-noite em Nova York só para exibi-lo”. Fonte na internet: <http://raimundojinkings.blogspot.com/2007/11/camuflagem.html>

gresso extraordinário de 1992³⁹. Conseguiu salvar, no entanto, a legenda⁴⁰ no Pará e manteve-se como secretário-geral do partido até sua morte. No dia 26 de outubro de 1995, Leila Jinkings assumiu o lugar do pai.

Raimundo Jinkings morreu em 5 de outubro de 1995, “em decorrência de uma maligna enfermidade”. (OLIVEIRA, 2010, p. 253)⁴¹. Dois anos antes, em 1993, fora eleito o Livreiro do Ano pela Associação Nacional de Livrarias e homenageado na Bienal do Livro, em São Paulo. Dois dias depois da morte do livreiro, Amarílis Tupiassú, professora de Literatura da UFPA e escritora, publicou artigo, no jornal *O LIBERAL*, em que diz:

O 5 de outubro amanheceu sob o impacto da morte do Jinkings. Faleceu de forma lenta, sofrida, delicadamente, espalhando tristeza e profunda saudade. Com certeza, daqui para frente, aquela livraria estará meio vazia. Não mais, por entre as estantes, a figura meio bonachona e o sorriso tímido. Agora talvez consigam avaliar o papel que ele desempenhou nesta Belém, neste Estado, sempre às voltas, ele, com a defesa das liberdades, da democracia, num tempo em que liberdade e democracia eram palavras proibidas, perigosas, significavam cadeia e morte. Hoje é muito fácil gritar estas palavras, afirmar milhares de convicções, bater no peito, impostar a voz, levantar bandeiras. Naqueles tempos obscuros, os embates eram muito diferentes. De um quase nada, de um passe podiam advir grandes sofrimentos. Mas, nessa paisagem aterrorizadora, jamais lhe dobravam a coragem, jamais lhe curvavam a cabeça. Ele nunca abria mãos de seus princípios, de suas crenças, dos seus sonhos que requisitavam outro Brasil, mais equânime, mais justo, mais humano. (TUPIASSÚ, Amarílis. *Jinkings, um exemplo de coragem e solidariedade*. Artigo publicado em 7 de outubro de 1995, em *O LIBERAL*).

Sobre o prêmio outorgado pela Câmara Brasileira do Livro, o jornalista Cláudio de La Roque Leal escreveu artigo intitulado *Arrojo e ideologia*, publicado em

³⁹ O congresso resultaria na fundação do PPS (Partido Popular Socialista), liderado pelo deputado pernambucano Roberto Freire. (OLIVEIRA, 2010, p. 474).

⁴⁰ A ruptura nas fileiras do Partidão teve duros reflexos entre os militantes paraenses, colocando em oposição o grupo de Jinkings e os reformistas liderados pelo dirigente Arnaldo Jordy (hoje deputado federal pelo PPS). O embate envolveu desde as questões ideológicas até a disputa pelo prédio onde funcionava a sede do PCB, na rua dos Apinagés, em Batista Campos. Sobre o fato, Orlando Cassique diz: “Não tenho detalhes. Mas não me lembro de briga feroz. É um ponto obscuro sobre o qual me indago. A família Jinkings (Jinkings e Isa), que se empenhou na compra, foi deixando aos poucos que o PPS ocupasse a sede, por quê? O Jinkings, que se empenhou a fundo na campanha de finanças e, ao fim e ao cabo, garantiu a compra da casa (não é pequena) da Apinagés não a registrou em seu nome? Campanha de finanças de Partido de esquerda resulta em nada. Ali tinha com certeza dinheiro do Jinkings, que, quando queria alguma coisa para o PCB, chegava até a ser voluntarista. Quando procurávamos uma casa, Ele, Isa, Roberto (Roberto Corrêa, professor, quadro do PCB na época), Eu, um dia, achamos uma à venda na Mundurucus. Tinha um frontispício bonito. O Jinkings, me lembro, colocou a mão no meu ombro e sonhou: – Aqui sim. Dá pra escrever bem grande PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. E sua mão acompanhou ao vento do fim de tarde sem chuva belenense o percurso que o escrevente teria de fazer para nomear o prédio. Achei que o Jinkings a compraria no outro dia. Depois veio a da Apinagés”.

⁴¹ Sobre a doença, Orlando Cassique Sobrinho Alves ofereceu o seguinte depoimento ao autor: “Liguei de Cameté, um dia, pra saber do Jinkings, que – soubera – estava internado em São Paulo (94 ou 95?). Me lembro da voz da Isa me explicando, com o seguinte começo: – Cassique, o Antônio tem um linfoma... - e continuou falando sobre a doença. Sentia horrores, eu percebi, enquanto me atendia do apartamento em que o Camarada Jinkings estava internado”.

O LIBERAL no dia 2 de março de 1994, em que define Jinkings como “um símbolo de resistência” e divulga declarações do livreiro a respeito da crise cultural que sobrevém à miséria: “Precisamos de novos empregos, maior poder aquisitivo, e nova política cultural. Para melhorar o mercado do livro, para dar condições de mais leitores, precisamos melhorar o nível de vida do brasileiro” (*ver anexos*). Segundo La Roque, com o prêmio que lhe foi outorgado pela Associação Nacional de Livrarias, Raimundo Jinkings crê que o reconhecimento faz alguma diferença. O jornalista destaca o mérito do ativista/livreiro que enfrentou a ditadura e as crises com coragem e persistência: “Persistência digna de um poema de Brecht. Aquele que fala dos imprescindíveis”. A Livraria Jinkings fechou as portas em dezembro de 2010.

CAPÍTULO 2

A TERRA: A HORA DA COLHEITA

Quando foi preso por um capitão do Exército, logo depois do golpe militar de 1964, Raimundo Jinkings deixava em casa a esposa, cinco filhos e um acervo de livros que começou a formar cerca de dez anos antes, nos tempos em que ainda vivia no interior do Maranhão. Na biblioteca em construção, pelos títulos aparentes, já se notavam os sinalizadores que haveriam de conduzir o jovem bancário à posição de presidente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e que, na voz de exaltados radialistas seguidores das orientações militares golpistas, esgrimindo suas armas à sombra de Conselheiro⁴², atuava como um “famigerado agitador” (BRASIL, 1985, p. 87).

Raimundo Jinkings adquiriu os primeiros exemplares de sua biblioteca particular ainda moço, na década de 50, depois da Segunda Guerra Mundial e sob os ventos democráticos que sopravam com a deposição do ditador Getúlio Vargas, em 1945. Eram, por outro lado, os tempestuosos anos da Guerra Fria, em que comunistas e capitalistas, agora geopoliticamente divididos, disputavam o controle ideológico das sociedades na Europa.

O acervo se organizou por etapas, conforme depoimento de Isa Jinkings, sem orientação prévia sobre o que comprar e o que ler. As opções políticas de Jinkings, no entanto, pareciam se materializar a cada livro colocado na estante. A sede por justiça social, referida no blog da filha Leila Jinkings como uma das marcas da personalidade do pai, cresce junto com a militância sindical e jornalística e se reforça em conteúdo. No último ambiente particular onde ficou instalada a biblioteca antes da doação para a

⁴² Sobre a morte de Antônio Conselheiro, em *Os sertões*, Euclides da Cunha escreveu: “Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam desprazido algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de tabua, o corpo do ‘famigerado e bárbaro’ agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefacto e esqualido, os olhos fundos cheios de terra – mal o reconheceram os que mais de perto o haviam tratado durante a vida”.

UFPA, no apartamento 301 do terceiro andar do condomínio Villa Del Fiori, na rua dos Mundurucus, Batista Campos, área central de Belém, as prateleiras de livros dispostas do chão até o teto, em três das quatro paredes do cômodo com cerca de 3 x 7 metros, exibem exemplares que consolidam o perfil de um ativista já encaminhado ao comunismo.

Dois séculos separam o início da era 2000 do momento em que os livros começaram a ser impressos no Brasil. A história das bibliotecas particulares remonta à Colônia⁴³, se estende por todo o Império e chega à República, acompanhando o desenvolvimento social e cultural que, aos poucos, era modificado no país. Segundo El Far (2006), o barateamento do papel, a prensa movida a vapor, o uso do linotipo e, sem dúvida alguma, o aumento nos índices de alfabetização possibilitaram, a partir do século XIX, ao menos na Europa e nos Estados Unidos, a produção de livros em larga escala e, por conseguinte, uma leitura em série, rápida e sempre em busca de novidades. Estreitava-se o vínculo entre a oralidade e a palavra impressa.

No Brasil, a chegada triunfal do romance e a popularização do livro não colocaram em oposição esses dois tipos de leitura. (...) Certamente, no período colonial, o texto lido para uma platéia de ouvintes era bem mais comum que a leitura reservada em algum gabinete ou sala de estudos, mas isso não impedia que uma mesma obra pudesse ser lida no ambiente recatado do lar e declamada em reuniões literárias para amigos e familiares. (EL FAR, 2006, p. 29 e 30).

A biblioteca tem particularidades e curiosidades referidas por estudiosos e literatos ao longo da história da humanidade. Trata-se muito mais do que simplesmente o refúgio, o ambiente de solidão para reflexão e leituras. Como a terra por semear, abre-se para toda a possibilidade humana.

Na voz do personagem Alinaro de Grotaferrata, em *O nome da rosa*, Umberto Eco diz: “A biblioteca é um grande labirinto, signo do labirinto do mundo. Entrar e não saber se sairá” (1986, p. 187). Em *Jonas, o copromanta*, romance de Patrícia Melo, analisando o significado da *Bíblia de Mogúncia*, obra rara da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a bibliotecária Darlene descreve como a relação entre homens e livros se impõe no ambiente das bibliotecas: “(...) existe uma corrente que une todos nós, une Gutenberg, que publicou a Bíblia, em 1462, à primeira pessoa que a comprou, e depois à segunda, e à terceira, e assim sucessivamente até dom João. Enfim, uma corrente que une todos os que a leram, compraram, venderam, numa longa cadeia centenária” (2008, p. 21). Ray Bradbury, no posfácio de *Fahrenheit 451*, recorda suas incursões pela biblioteca da Universidade da Califórnia, em Los Angeles:

⁴³ Sobre a história das bibliotecas privadas no Brasil colonial, ver os trabalhos de Luiz Carlos Villalta, tais como: *A história do livro e da leitura no Brasil Colonial*: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance. Convergência Lusitana, Rio de Janeiro/Real Gabinete, v. 21, p. 165-185, 2005, *Ler, Escrever, Bibliotecas e Estratificação Social*. In: Maria Efigênia Lage de Resende; Luiz Carlos Villalta. (Org.), e *História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 2, p. 289-311.

Ali eu vadiava, perdido de amor, andando pelos corredores e percorrendo as estantes, tocando os livros, tirando-os das prateleiras, virando as páginas, devolvendo-os aos seus lugares, afogando-me em todas as coisas boas que constituem a essência das bibliotecas. Que lugar, vocês não acham, para escrever um romance sobre a queima de livros no futuro! (BRADBURY, 2008, p. 204).

Desde a Antiguidade, a biblioteca sempre exerceu fascínio e despertou paixão e ódio. As queimas de livros patrocinadas pelos fascistas no século XX, sobretudo a partir da Guerra Civil Espanhola⁴⁴, reeditaram cenas grotescas de incêndios de obras e bibliotecas historicamente registrados, da Antiguidade à Idade Média. O fogo das guerras também foi responsável pela destruição de boa parte de acervos, como em Pérgamo e Alexandria⁴⁵, os principais centros de produção de conhecimento do período helênico. Em Alexandria, segundo Carrière, “durante o primeiro incêndio, no tempo de César, incêndio que afetara apenas uma ala, 40 mil rolos foram queimados” (ECO/CARRIÈRE, 2010, p. 167).

Ao longo da história, conjunturas político-ideológicas e conflitos religiosos sempre motivaram ataques indiscriminados a bibliotecas e livros, muito mais do que as catástrofes naturais, como enchentes, ou incêndios acidentais. O jogo do poder exige o controle de toda e qualquer produção intelectual documentada. A finalidade, segundo Báez (2006), é clara: apagar os vínculos do homem com a sua memória e reconstruir realidades. Para Báez, “esse vínculo poderoso entre livro e memória faz com que um texto deva ser visto como peça chave do patrimônio cultural de uma sociedade e, certamente, de toda a sociedade”. (Idem, p. 24).

Um livro é destruído com a intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de idéias de uma cultura inteira. Faz-se a destruição contra tudo o que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior. O livro não é destruído por ser odiado como objeto. A parte material só pode ser associada ao livro numa dimensão circunstancial: a princípio foi uma tableta entre os sumérios, um osso entre os chineses, uma

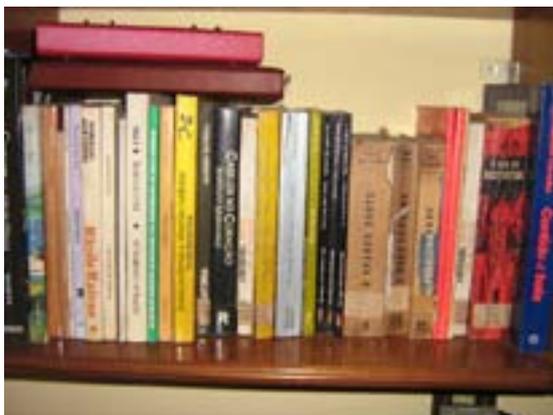
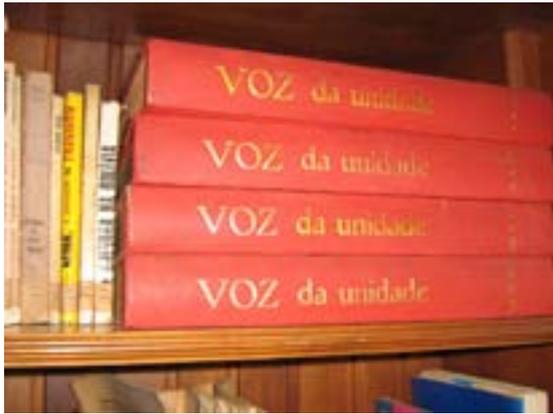
⁴⁴ Por ordem da Junta Técnica do Estado, o governo do Generalíssimo Francisco de Franco promoveu na Espanha uma política de “depuração de bibliotecas e centros culturais”. Um decreto de 4 de setembro de 1936, segundo Báez, determina: “A gestão do Ministério de Instrução Pública, e em especial da Diretoria Geral de Ensino Básico, nestes últimos anos, não pôde ser mais perturbadora para a infância. Disfarçando-a com um falso amor à cultura, apoiou a publicação de livros de caráter marxista ou comunista, com que organizou bibliotecas ambulantes e inundou as escolas, à custa do tesouro Público, constituindo um trabalho funesto para a educação da infância. É um caso de Saúde Pública fazer desaparecer todas essas publicações...”. (BÁEZ, 2006, p. 237 e 238.).

⁴⁵ A Biblioteca de Pérgamo, construída pelo rei Átalo I (-241/197) ou por seu sucessor, Eumenes II (reinou entre -197 e -159), chegou a ter quase 200.000 volumes. O declínio da biblioteca começou em -133, quando Pérgamo passou para o domínio romano. Compreendia uma grande sala de leitura, com cerca de 180 m², muito bem ventilada, com prateleiras em todos os lados e uma estátua de Atena no centro. A Real Biblioteca de Alexandria, a mais importante biblioteca da Grécia Antiga, foi fundada em -295, aproximadamente, por Ptolomeu I Sóter (-367/-282), antigo general de Alexandre. A biblioteca chegou a possuir cerca de 500.000 rolos, o que equivale aproximadamente a 100.000 livros modernos. Referência na internet: <http://grecian-tiga.org/arquivo.asp?num=0623>

Biblioteca de Raimundo Jinkings, no apartamento da família



Biblioteca de Raimundo Jinkings, no apartamento da família



pedra, um pedaço de couro, uma prancha de bronze ou ferro, um papiro, um códice, um papel e, agora, um CD ou um complicado dispositivo eletrônico. (BÁEZ, 2006, p. 25).

O fogo, acidental ou intencional, tem sido instrumento recorrente na destruição de livros, dos sumérios até os dias atuais⁴⁶. Báez admite várias explicações para esse fenômeno, mas destaca uma: o fogo foi o elemento essencial no desenvolvimento das civilizações e o primeiro elemento determinante na vida do homem, por motivos de alimentação e de segurança coletiva. Está ligado, real e simbolicamente, aos instintos de preservação e extinção, além de servir às religiões, como referência à dicotomia luz/trevas e para efeito da consagração de divindades. A razão do uso do fogo, afirma Báez, é reduzir o espírito de uma obra a matéria. “Ao destruir com fogo, o homem brinca de ser Deus, dono do fogo da vida e da morte. E dessa maneira se identifica com um culto solar de purificação e com o grande mito da destruição, que quase sempre ocorre por epirosis (consumação de todas as coisas pelo fogo)”. (BÁEZ, 2006, p.26).

A biblioteca de Jinkings, no contexto histórico do Brasil dos anos 50/60/70 do século XX, ardia. Não, porém, como alvo de ataques dos biblioclastas. Era incendiária, sim, mas pelos volumes ditos subversivos que a constituíam, e que ainda a constituem, com farta literatura marxista e revolucionária, bem afins aos ideais do seu dono.

A solidez da formação teórica sempre esteve na base da doutrinação política comunista, princípio exaltado por militantes e simpatizantes quando das narrativas a respeito do estímulo à preparação intelectual dos novos cidadãos gerados pelo sistema que se pretendia revisor de seculares distorções sociais. Eneida de Moraes⁴⁷, em *Caminhos da terra*, livro de viagem sobre os países do leste europeu no auge do comunismo que integra o acervo de Jinkings, narra:

Há em Moscou novecentas e quarenta e uma bibliotecas públicas, das quais a Biblioteca Lenine é a maior. Aliás, a maior do mundo. São cinco blocos, num novo edifício que ocupa todo um quarteirão, com uma superfície de 60.000 quilômetros quadrados [sic].

⁴⁶ Na obra *História universal da destruição dos livros*, o pesquisador venezuelano Fernando Báez relata a trajetória da aniquilação da memória e do pensamento humanos, por meio da queima de registros escritos desde o Mundo Antigo, quando as tabletas sumérias desapareceram nas labaredas provocadas pelas guerras mesopotâmicas, até a destruição decorrente dos ataques norte-americanos a Bagdá, capital do Iraque, na invasão patrocinada pelo governo do presidente George W. Bush, em 2003. “Nossa memória já não existe. O berço da civilização, da escrita e das leis foi queimado. Só restam cinzas”, ouviu o pesquisador de um professor de história medieval em Bagdá, depois da ocupação iraquiana pelas tropas americanas. (BÁEZ, 2006, p.17).

⁴⁷ Eneida de Moraes (Belém, 1904 – Rio de Janeiro, 1971). Jornalista e escritora paraense, foi uma das mais profundas conhecedoras do carnaval brasileiro. Formada em odontologia, deixou o consultório para se tornar colaboradora em jornais e revistas. A paixão pelas letras levou-a a organizar grupos de escritores para discutir literatura em vários cantos do Brasil. Estreou como autora em 1929, com o volume de versos *Terra Verde*. Três anos depois entrou na militância política e aderiu ao comunismo. Presa em 1935, por defender principalmente a inclusão social, foi mandada para a Casa de Correção do Rio. Sua passagem por lá despertou a curiosidade do escritor Graciliano Ramos. Preso, também, por causa de suas ideias políticas, ele indagava aos amigos: “Quem é aquela mulher de voz forte e poderosa?”. O interesse se transformou em admiração e rendeu a Eneida a imortalidade no livro *Memórias do Cárcere*. Eneida morreu em abril de 1971, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte na internet: http://www.releituras.com/eneida_menu.asp

Falei em novo edifício porque, até 1939, ele era localizado na vizinhança do atual prédio. Velho e novo estão ligados por subterrâneos e o primeiro é hoje o depósito de livros da Biblioteca. Fundada em 1862, a Biblioteca Lenine foi a primeira biblioteca pública de Moscou. Em 1925 passou a ser biblioteca do Estado com o nome de Lenine e desde aí só fez crescer, tornando-se o mais importante centro cultural do mundo.

Como tudo em Moscou é monumental, quando se entra na Biblioteca Lenine, colunas enormes de granito negro têm dezesseis metros de altura. O chão de toda ela é brilhante como um espelho; o rés-do-chão é destinado aos que estudam e buscam livros sobre ciências naturais; o primeiro andar é para os leitores das ciências humanas: filosofia, história, literatura e artes. No segundo andar os livros para os matemáticos e os técnicos em ciências econômicas. Em todos os andares e de acordo com suas divisões, enormes catálogos e fichários que reúnem em média sete milhões de fichas. Há vinte milhões de volumes, além de jornais, revistas, várias publicações. Em 15 salas luxuosas, grandes e confortáveis cadeiras; o leitor ali tem tudo: em sua mesa uma pequena estante para guardar o livro, abajur, caneta, papel, tinteiro. Cinco mil leitores em média freqüentam diariamente a Biblioteca, que funciona também aos domingos e feriados. (...) Numa semana ninguém a visitará toda. Além dos leitores daqueles volumes lidos nas salas destinadas a isso, ela também empresta livros para 3,500 bibliotecas da URSS e setenta bibliotecas estrangeiras, mantendo intercâmbio com 1.500 instituições em sessenta países da Europa, Ásia, África, América e Austrália. Abre às nove da manhã e fecha às 23 horas. empresta uma média de 30 mil livros por dia. (MORAIS, 1959, p. 15 a 17).

O tom apologético do texto de Eneida, intelectual comunista, no entanto, acabaria por merecer reparos da História. Báez (2006) afirma que “a expansão do comunismo conspirou contra a cultura de países inteiros”, especialmente durante a ocupação de territórios independentes do leste europeu. “Em novembro de 1940, as tropas soviéticas invadiram a Letônia, a Estônia e a Lituânia. Os soldados confiscavam os livros e, motivados pelos companheiros, queimavam-nos para amedrontar. Na Ucrânia, os alemães destruíram (...) 19.200 bibliotecas.” (BÁEZ, 2006, p.281). A destruição de livros caminhou lado a lado com os tanques nas invasões do Exército Vermelho.

De 1944 a 1945, dezenas de bibliotecas foram destruídas em Budapeste, capital da Hungria. Bibliotecas como a do Parlamento, a da Academia de Ciências e a do Instituto Politécnico foram incendiadas sem piedade. Na Romênia a situação se repetiu: trezentos mil livros desapareceram nos ataques de 1945. A biblioteca do Instituto Politécnico de Jassy foi destruída, juntamente com 150 mil livros e quatro mil revistas sobre temas matemáticos. A divisão da Alemanha permitiu aos soviéticos construir um muro para impedir os ocidentais de conhecer os expurgos culturais na Alemanha Oriental, onde em 1953 os comunistas confiscaram cinco milhões de livros e os destruíram. (BÁEZ, 2006, p. 282).

A fúria biblioclasta, demonstra o pesquisador, ignora as ideologias. Serve, sempre, à estupidez das tiranias.

No auge da repressão pós-64, por motivos que Isa, a viúva do livreiro, não consegue explicar, o acervo de livros que abarrotava a casa da família Jinkings se salvou, intocado. Em depoimento ao autor, Isa disse que a polícia e os militares davam batida nas casas de todas as pessoas que eram presas, ou que estavam na mira dos organismos de

ditadura, por suspeita de subversão: “Fizeram uma porção de canalhice. Na casa de Benedicto Monteiro⁴⁸, abriam as gavetas da esposa dele, pegavam as calcinhas, faziam graça. Mas eles nunca foram à minha casa, não sei o que eles respeitaram. Nunca entraram, nunca mexeram em nada”. A biblioteca vermelha sobreviveu à sanha do autoritarismo.

2.1 O ACERVO POLÍTICO

O trabalho de investigação de um acervo reserva ao pesquisador momentos de puro êxtase. A descoberta de obras raras, de autores pouco conhecidos, de exemplares rubricados, datados ou autografados, e o mergulho na vida do colecionador, pelas entranhas do texto, fascina e encanta. Personagem de Umberto Eco em *O nome da rosa*, Guilherme de Baskerville diz, sobre o contato com livros da biblioteca da abadia, que a cada título descoberto “prorrompia em exclamações de alegria, ou porque conhecia a obra, ou porque há tempo a procurava ou, finalmente, porque nunca ouvira mencioná-la e ficava sobremaneira excitado e curioso”. (ECO, 1986, p. 355).

Para Walter Benjamin, colecionar livros é uma arte que amadurece. A coleção se afirma na medida em que restaura a memória e reconstrói trajetórias de vida para se impor à fúria devastadora do tempo. Nesse sentido, a aquisição de um livro representa o renascimento. *Habent sua fata libelli*, destaca Benjamin. Para o teórico, talvez essas palavras tenham sido concebidas como uma declaração genérica sobre livros. “Assim, livros como *A divina comédia* ou *A ética*, de Spinoza, ou *A origem das espécies* têm seu destino. O colecionador, porém, interpreta esse aforismo latino de outro modo. Para ele não só livros, mas também seus exemplares têm seu destino. E, neste sentido, o destino mais importante de todo exemplar é o encontro com ele, o colecionador, com sua própria coleção.” (BENJAMIN, 2009, p. 228 e 229).

Um dos mais importantes colecionadores do mundo, o brasileiro José Mindlin sugere uma ligação inquebrantável, de comunhão, entre o colecionador e sua coleção: “A gente procura o livro e o livro procura a gente. Leitores contumazes e apaixonados acabam se deixando invadir por um sentimento compulsivo: adquirir sempre mais e mais livros”. (MINDLIN, 1997, p. 10).

O homem, segundo Antonio Cândido, mantém com os livros uma relação de caçador e presa, como se uma afinidade criasse a atração de um pelo outro. Os exemplares conquistados, quando reunidos, diz, parecem formar uma sociedade com vida própria. Para os bibliófilos, muito mais por seus aspectos físicos e históricos – “qualidade do exemplar, importância da edição, raridade, beleza”. (MINDLIN, 1997, p. 10).

Em geral, as bibliotecas crescem por si mesmas, sem planejamento. Mas aquelas há

⁴⁸ Benedicto Wilfredo Monteiro (Alenquer, 1 de março de 1924 — Belém, 15 de junho de 2008). Escritor, jornalista, advogado e político paraense. Eleger-se deputado estadual por duas legislaturas. Cassado pelo golpe militar de 1964, foi perseguido e preso. Em 1988, deputado federal eleito, trabalhou na Assembleia Nacional Constituinte. Ocupou vários cargos públicos no Pará. Membro da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Direito, deixou mais de 20 livros publicados.

que são montadas à maneira das grandes edificações: peça a peça, da estruturação do corpo central até os apêndices. O bibliófilo colecionador desenha os traços da construção. No afã de possuir, toma por fortuna a posse e a soma muito mais do que o prazer da leitura. Mas por que, afinal, temos mais livros do que somos capazes de ler? Mindlin responde:

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de se ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção. (...) Uma biblioteca exprime a personalidade de quem a formou. (MINDLIN, 1997, p. 15).

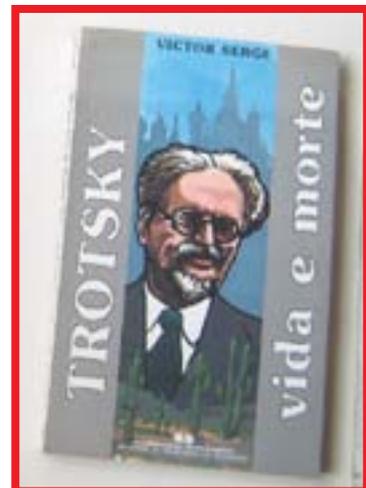
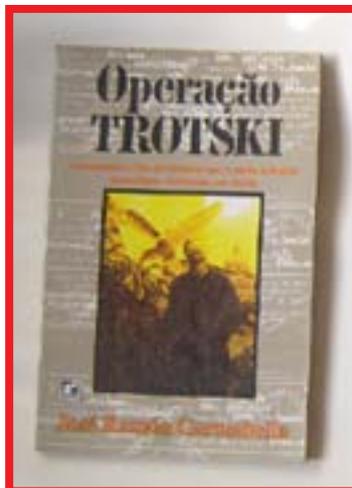
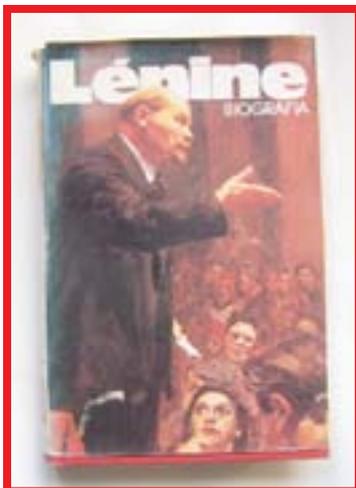
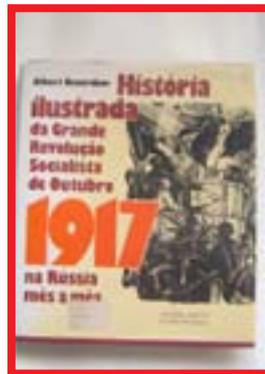
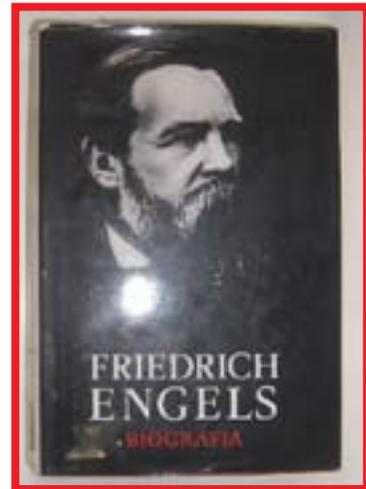
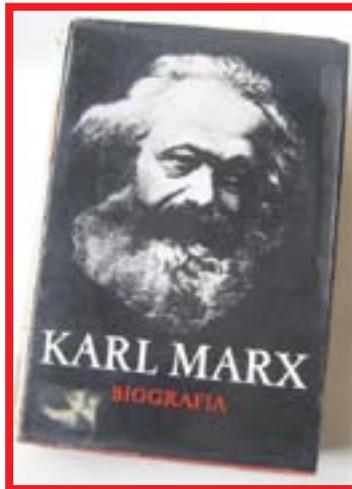
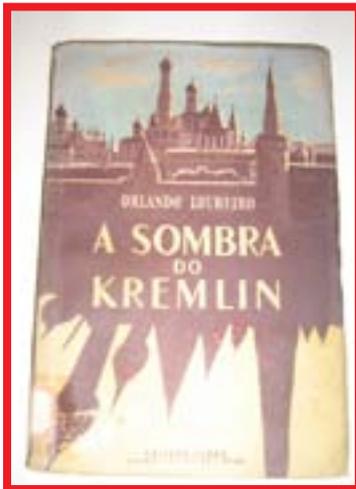
Para Mindlin (1997), a biblioteca não é simplesmente uma coleção de livros: “As coleções vão se formando dentro dela, mas o interesse básico é o da leitura. Uma vez lido um livro, se deu prazer, procuram-se outras obras do mesmo autor, depois as primeiras edições e assim, irresistivelmente, as coleções se vão formando”. O apreço ao livro cresce com as crianças, resultado do ambiente familiar propício à prática da leitura, como os bons pastos à mesa farta. Um livro deve ser saboreado.

Eu diria que essa curiosidade e um adequado senso de valores na vida foram a principal herança que eu e meus três irmãos recebemos de nossos pais, e procuramos transmitir aos nossos filhos. Creio que conseguimos. (MINDLIN, 1997, p. 45 e 46).

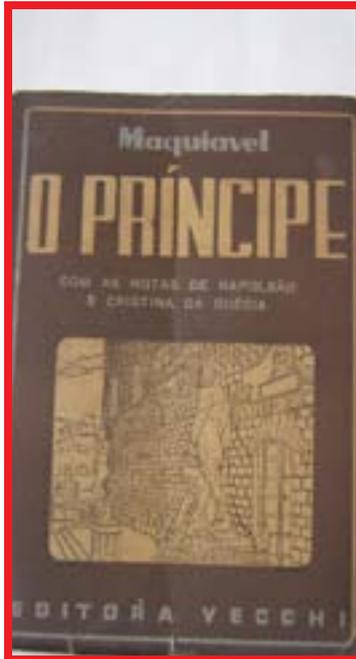
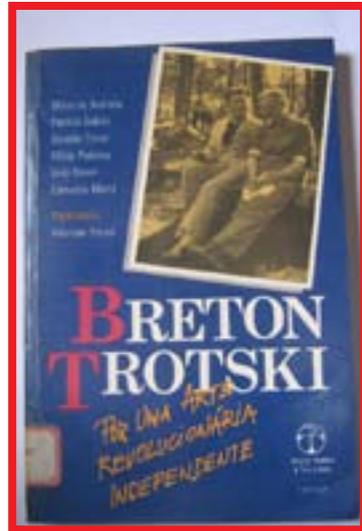
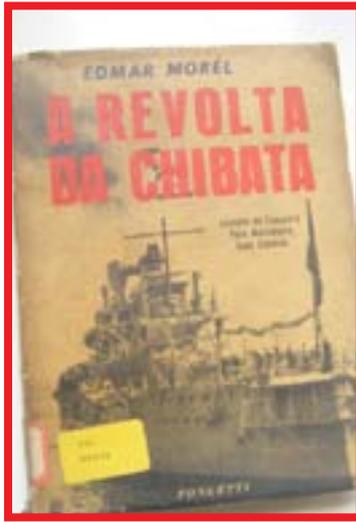
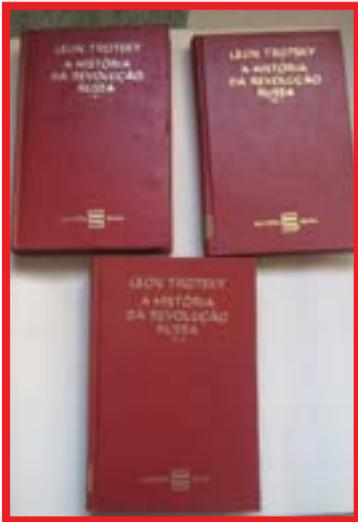
O estudo de um acervo envolve técnicas específicas e paciência infinita, sobretudo quando se pretende reconstruir o percurso de uma vida por meio do que respondem as leituras. Sobre a biblioteca de Machado de Assis, Jean-Michel Massa oferece as indicações para o sucesso desse trabalho: “Em primeiro lugar, olhar com cuidado os volumes, auscultá-los à procura de eventuais notas manuscritas (...), de impressões de leituras rabis-cadas às margens das obras (...)”. (apud JOBIM, 2001, p.25). Tais procedimentos abrem a cortina para uma invasão, digamos assim, no conjunto de obras que de alguma forma, pelo que representam na coleção, permita “estabelecer comprovações de hipóteses”, segundo Jobim (2001), sobre as preferências e a orientação intelectual do colecionador – “ver quais teriam sido lidos e quais não, por estarem uns mais desgastados e outros com as páginas ainda coladas; etc.” (JOBIM, 2001, p. 12).

Pelos registros de datas das aquisições de livros, anotados em grande parte dos exemplares analisados nesta pesquisa, pode-se inferir que a coleção de Raimundo Jinkings identifica o perfil do colecionador, ao longo dos anos, a partir das transformações que se processam na vida de um bancário militante sindicalista levado para o ativismo comunista. As opções emergem, como entende Rubens Borba de Moraes, pela maior ou menor afinidade do leitor com os temas e títulos que lhe são apresentados. Sobre a construção de uma biblioteca, Moraes afirma:

Livros do acervo político da biblioteca vermelha



Livros do acervo político da biblioteca vermelha



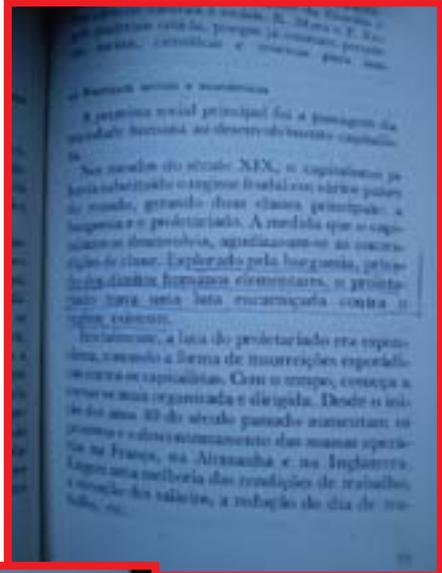
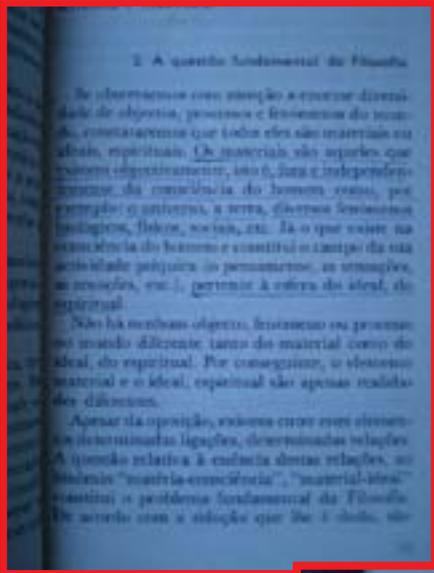
Há, digamos, para facilitar, dois rumos a seguir: ou escolher um assunto ou escolher as obras de um determinado autor como objetivo de uma coleção. Mas, que assunto, que autores? Não é possível aconselhar. É uma questão de gosto e de conhecimento. Deve-se escolher o assunto de que mais se gosta ou mais se entenda; o autor que mais agrada. (MORAES, 1998, p. 18 e 19).

Jinkings elegeu a literatura revolucionária marxista-leninista. O levantamento do acervo e o depoimento de Isa Jinkings mostram que, pela vida inteira, aos interesses políticos do dirigente comunista sempre correspondia a aquisição de livros e periódicos voltados para as questões relacionadas ao comunismo. Não obstante a impossibilidade de se assegurar que olhos atravessaram as páginas dos livros aqui referidos ao longo de décadas, com base nos textos marcados, muitos até comentados à margem, é possível pisar a terra que Jinkings percorreu nos interiores da biblioteca vermelha.

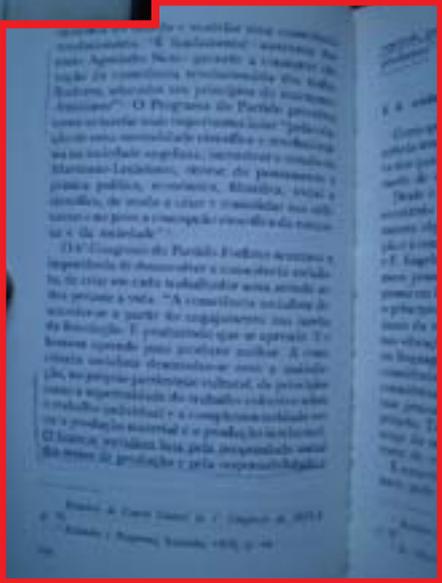
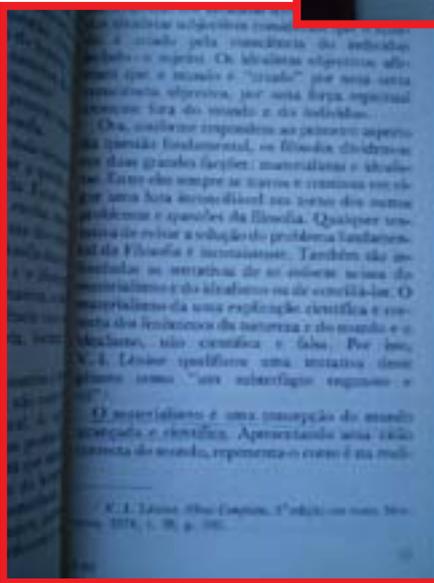
A catalogação que consta nos anexos deste trabalho, embora incompleta, note-se, por força da transferência do material da residência de Isa Jinkings, ambiente inicial da pesquisa, para o que será o futuro espaço Raimundo Jinkings na Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará (UFPA), conforme acordo celebrado entre a família Jinkings e a Reitoria da instituição de ensino superior, abrange parte significativa do acervo da biblioteca particular do livreiro. São títulos fundadores e clássicos das teorias marxistas, leninistas, do materialismo histórico e dialético, textos revolucionários de variados autores, brasileiros e estrangeiros, e tratados de história, filosofia, sociologia e política publicados no Brasil e em Portugal, alguns escritos em espanhol, a partir da tradução de originais editados nos países comunistas da Cortina de Ferro, e muitos de origem russa, fartamente divulgados pelas autoridades soviéticas, além de obras literárias, que serão analisadas no tópico seguinte deste capítulo. Pensadores das mais diversas correntes, marxistas, revisores do marxismo, ou críticos contumazes, também ocupam as prateleiras da biblioteca. Um passeio dos olhos pelas lombadas abre as portas para a compreensão de um profuso e dirigido universo de leituras.

Além do registro de obras catalogadas nos anexos, por si só reveladoras, vale ressaltar, neste tópico, alguns títulos do acervo de Jinkings que contêm marcações e anotações. A seleção, por questões de método, centrou foco em textos de literatura marxista. Merecem atenção os trechos citados abaixo (**as partes em negrito estão sublinhadas nas páginas dos livros**).

Em KRAPÍVINE, V. *O que é o materialismo dialético?* Moscovo: Edições Progresso, 1986, na página 5, terceiro parágrafo, registramos: “Actualmente, a transformação revolucionária do mundo adquire um carácter global. As grandes transformações revolucionárias na vida social, na ciência e na tecnologia incidem no desenvolvimento social de todos os povos. O último regime social assente na exploração, o capitalismo, avança para a sua bancarrota iminente. **O socialismo transformou-se de um sonho das gerações precedentes sobre uma sociedade de justiça social e igualdade, na realidade, numa**



Livros com marcas de leitura no acervo da biblioteca vermelha



força decisiva para o progresso mundial”.

Na página 15, segundo parágrafo, o texto diz: “Se observarmos com atenção a enorme diversidade de objectos, processos e fenómenos do mundo, constataremos que todos eles são materiais ou ideais, espirituais. **Os materiais são aqueles que existem objectivamente, isto é, fora e independentemente da consciência do homem como, por exemplo: o universo, a terra, diversos fenómenos biológicos, físicos, sociais, etc.** Já o que existe na consciência do homem e constitui o campo de sua actividade psíquica (o pensamento, as sensações, as emoções, etc.), **pertence à esfera do ideal, do espiritual”.**

Na página 17, último parágrafo, a marcação se destaca no primeiro período: “**O materialismo é uma concepção do mundo avançada e científica.** Apresentando uma visão correcta do mundo, representa-o como é na realidade”.

Na página 73, terceiro parágrafo, a última frase está destacada: “Nos meados do século XIX, o capitalismo já havia substituído o regime feudal em vários países do mundo, gerando duas classes principais: a burguesia e o proletariado. À medida que o capitalismo se desenvolvia, agudizavam-se as contradições de classe. **Explorado pela burguesia, privado dos direitos humanos elementares, o proletariado trava uma luta encarniçada contra o regime existente”.**

Na página 124, segundo parágrafo, aparece em destaque o período que define as lutas do homem socialista: “É fundamental – sustentou António Agostinho Neto⁴⁹ – garantir a constante elevação da consciência revolucionária dos trabalhadores, educados nos princípios do marxismo-leninismo. (...) A consciência socialista desenvolve-se com a assimilação, no próprio património cultural, de princípios como a superioridade do trabalho colectivo sobre o trabalho individual e a complementariedade entre a produção material e a produção intelectual. **O homem socialista luta pela propriedade social dos meios de produção e pela responsabilidade e controle, por parte dos trabalhadores, do processo produtivo”.**

Em BATÁLOV, E. *A teoria leninista da revolução*. Moscú: Edições Progresso, 1982, na página 5, segundo parágrafo, o trecho marcado ressalta o papel da teoria leninista como instrumento a serviço das revoluções: “**A teoria leninista da revolução é um guia seguro, posto nas mãos dos revolucionários proletários de todos os continentes e países.** No entanto, é preciso saber servir-se bem dele. Isso significa, em particular, que a teoria deve ser encarada em estreita ligação com os objectivos e tarefas concretas que cabem às forças revolucionárias do país em questão, no contexto das condições históricas concretas”.

⁴⁹ António Agostinho Neto (Ícolo e Bengo, 17 de setembro de 1922 — Moscú, 10 de setembro de 1979). Médico angolano, formado na Universidade de Lisboa, que liderou a luta pela independência de Angola, à frente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Em 1975 se tornou o primeiro presidente do país. Governou até 1979. Em 1975-1976 recebeu o “Prémio Lênin da Paz”.

Na página 14, segundo parágrafo, o destaque é para a apropriação da metodologia marxista para fins práticos: “Ao debruçarmo-nos sobre a teoria da revolução de Lénine, não podemos deixar de focar a questão da metodologia da análise do processo revolucionário por que se guiaram os fundadores do marxismo-leninismo. (...) **A metodologia marxista serve instrutivamente não só ao teórico como ao prático que tem de pensar que decisão há-de se tomar e como deve abordar o problema em questão**”.

Em KRASSINE, I. *Dialéctica do proceso revolucionário*. Venda Nova, Amadora: Novo Curso Editores, 1978, na página 64, o segundo parágrafo exalta o sacrifício dos comunistas pela causa antifascista: “Nos países capitalistas desenvolvidos, os partidos comunistas surgem como a principal força política que se opõe ao domínio dos monopólios. Nos duros anos do fascismo e da reacção os comunistas marchavam nas primeiras filas dos combatentes pela democracia. **A vida e o sangue de milhares de comunistas destes países foram oferecidos à causa da derrota do fascismo. Os sacrifícios não foram em vão. A vitória sobre o fascismo abriu novas possibilidades de luta pela democracia e o socialismo**”.

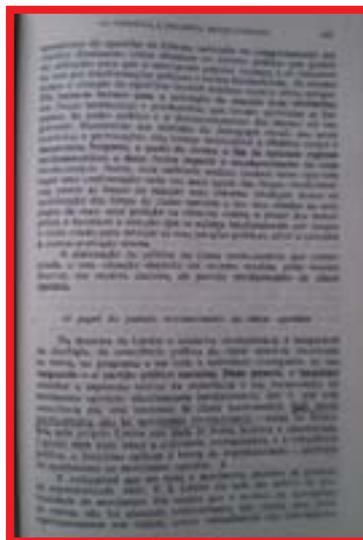
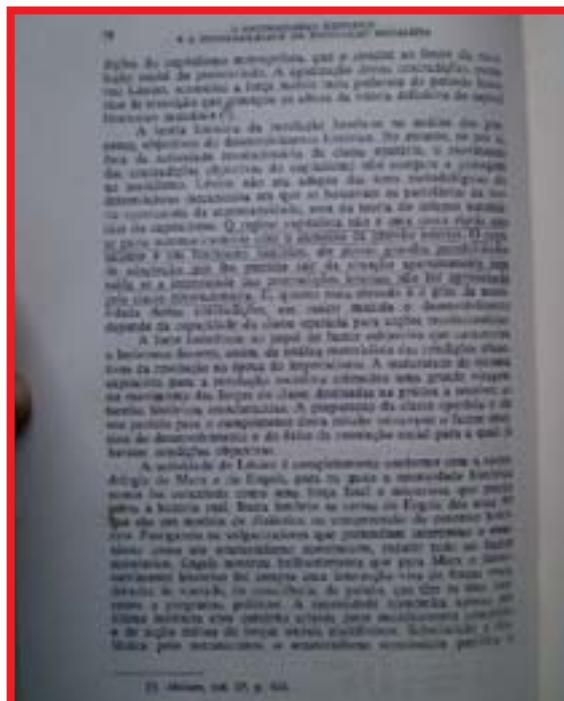
No mesmo livro, na página 65, primeiro parágrafo, aparece sublinhada parte do discurso de Leonid Brejnev, dirigente soviético de 1977 a 1982, durante a Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários, em 1969: “**Guiando-se pela teoria marxista-leninista, os partidos comunistas iluminam aos povos o caminho para o futuro comunista**. Eles levantam os povos para a luta, eles caminham inflexivelmente à cabeça dos movimentos de massas que lutam pelos grandes objectivos do progresso social. Os comunistas estão sempre na vanguarda dos lutadores pelos direitos essenciais dos trabalhadores e pela paz”.

Na página 67, segundo parágrafo, o destaque é para o papel histórico dos revolucionários comunistas: “**Os partidos comunistas que estão no poder realizam um trabalho de enorme importância histórica**. Claro que na obra difícil e complexa da construção do socialismo e do comunismo surge uma enormidade de problemas muito complexos. (...) Nesta obra existem inevitáveis imperfeições, inexactidões e por vezes até erros. Também não estão livres deles os partidos comunistas que dirigem a edificação da nova sociedade. Mas, a grandeza do seu feito reside de que através de todas as dificuldades e obstáculos, através do tormento da procura prática de soluções justas eles cumprem uma grandiosa tarefa de importância histórica mundial – abrir o caminho para a sociedade comunista. (...) Pode-se dizer com toda a razão: **o futuro da humanidade está hoje nas mãos dos comunistas**”.

Na página 78, segundo parágrafo, o período assinalado identifica peculiaridades do regime capitalista dentro do contexto histórico: “A teoria leninista da revolução baseia-se na análise dos processos objectivos do desenvolvimento histórico. No entanto, só por si, fora da actividade revolucionária da classe operária, o movimento das contradições objectivas do capitalismo não assegura a passagem ao socialismo. (...) **O regime capitalista não é uma casca rígida que se parte automaticamente com o aumento da pressão**



Páginas com marcações de leitura (Acervo Jinkings)



interior. O capitalismo é um fenômeno histórico, ele possui grandes possibilidades de adaptação que lhe permite sair da situação aparentemente sem saída se a intensidade das contradições internas não for aproveitada pela classe revolucionária”.

Na página 96, segundo parágrafo, destaca-se a apologia à liderança revolucionária e intelectual de Lênin: **“A genialidade de Lênine consiste em ter unido a teoria e a prática da transformação revolucionária do mundo em rigorosa conformidade com a tese de Marx: até agora os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo, mas a tarefa consiste em transformá-lo. (...) No leninismo, a dialéctica e a política estão unidas. A dialéctica é a base metodológica da política activa, firme e ao mesmo tempo maleável da classe revolucionária”.**

Os três autores referidos dão corpo aos instrumentos teóricos de um ativista comunista como Raimundo Jinkings. Ao mesmo tempo, referendam a ação revolucionária como dispositivo real para a tomada do poder e, por conseguinte, para a transformação do mundo, segundo o ideário marxista-leninista. Na página 105 do último livro citado, igualmente sublinhada, uma frase novamente impõe o propósito leninista: **“Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”.**

Nas estantes da biblioteca de Jinkings há farta e variada bibliografia teórica. Como também são encontrados livros de evidente orientação prática, ou seja, que pregam a luta armada. Um deles, localizado próximo do celebrado *A Guerra de Guerrilhas*, do revolucionário argentino Che Guevara, um dos comandantes da Revolução Cubana, chama a atenção pela quantidade de parágrafos assinalados. Trata-se de *O Vietnam segundo Giap*, do general vietnamita Vo Nguyen Giap⁵⁰.

Se em *Dialéctica do processo revolucionário*, à página 111, já estava sublinhada a frase **“O desfecho vitorioso da luta armada só é possível no caso de as necessidades técnico-militares locais do destacamento de guerrilheiros serem associados à compreensão da distribuição geral e da dinâmica das forças de classe no país”**, com toda sua carga insurreccional, nos textos de Giap há muito mais: como num relatório, o chefe militar vietnamita exalta as forças de seus combatentes, a despeito das condições desfavoráveis em que se viu obrigado a lutar. Estão marcados:

Na página 30: **“Do ponto de vista militar, a guerra de libertação do povo vietnamita provou que um exército popular, insuficientemente equipado, porém combatendo por uma causa justa, seguindo uma estratégia e uma tática adequadas, é plenamente capaz de vencer um exército moderno de agressores estrangeiros”.**

Na página 42: **“A guerrilha é a guerra das massas populares de um país eco-**

⁵⁰ GIAP, Nguyen Vo. *O Vietnam segundo Giap*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968. Vo Nguyen Giap (An Xá, Lê Thủy, província de Quang Binh, 25 de agosto de 1911), general vietnamita, fundou e comandou o Exército do Povo do Vietnã e tornou-se um dos mais importantes estrategistas militares do século XX. Chefiou as forças vietnamitas que derrotaram o exército francês em 1954, encerrando o domínio colonial europeu no país, criando os Vietnãs do Norte e do Sul, e venceu o Exército dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, que resultou novamente na unificação do Vietnã, sob regime comunista.

nomicamente atrasado. (...) Se o inimigo é mais forte, deve ser evitado; se ele é mais fraco, deve ser atacado”.

Na página 52: **“O combatente vietnamita foi, sempre, muito escrupuloso no cumprimento do item 9 do seu juramento: ‘Nos contatos com o povo, obedecer às três recomendações – respeitar o povo, ajudar o povo, defender o povo...a fim de ganhar sua confiança e sua afeição e a fim de realizar uma perfeita harmonia entre o povo e o exército”.**

Na página 67: **“Tratando da insurreição, Lenine ressaltava que ‘a insurreição deve apoiar-se sobre o impulso revolucionário das massas e não na conspiração”.**

Na página 98: **“Na luta pela libertação nacional, a derrubada do imperialismo e seus aliados, nosso povo, em primeiro lugar nossos camponeses e operários, sob a direção do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, levantou-se de armas nas mãos e criou suas fôrças armadas. Lenine dizia: ‘Uma classe oprimida que não se esforçasse para aprender a manejar armas, para possuir armas, não merecia, senão, ser tratada como escrava”.**

O zelo na apreensão do texto é tanto que nem uma gralha escapou à visão do leitor: na página 64, está riscada a caneta a palavra devia, impressa duas vezes.

Em quatro volumes, *Curso básico de comunismo científico – elementos fundamentais do comunismo científico*, Editorial Avante, Lisboa, 1976, sob a direção de V.G. Afanassiev, reforça a inclinação de Jinkings para os manuais de formação e doutrina comunista. Também chamam a atenção os títulos *Lénine para principiantes* (1983) e *Marx para principiantes* (1982), de Richard Appignanesi/Oscar Zarate e Rius, respectivamente, publicações Dom Quixote, Lisboa.

2.2 NOS CAMINHOS DE MOSCOU

Pelo que se vê na biblioteca, Jinkings tinha interesse particularmente especial pela URSS, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas fundada em 1917. E nem poderia ser diferente, tratando-se o colecionador de um fervoroso comunista.

Marco histórico incontestável, a Revolução Russa tem inspirado, ao longo dos últimos 80 anos, estudos nas mais diversificadas áreas do conhecimento humano. Em livros, desde janeiro de 1919, quando o jornalista norte-americano John Reed⁵¹ publicou, em Nova York, nos Estados Unidos, seu relato *Dez dias que abalaram o mundo*.

⁵¹ John “Jack” Silas Reed (Portland, 22 de outubro de 1876 — Moscou, 19 de outubro de 1920). Jornalista e ativista norte-americano, ficou famoso ao publicar o livro *Dez dias que abalaram o mundo*, relato em primeira mão dos acontecimentos que constituíram a Revolução de Outubro em que os bolcheviques tomaram o poder na Rússia. Reed atuou na cobertura das greves de trabalhadores nos EUA e da Revolução Mexicana. Enquanto cobria a Primeira Guerra Mundial, na Europa, interessou-se pela Revolução Bolchevique e partiu para a Rússia, onde conheceu Lênin. John Reed era uma figura importante no Partido Socialista nos EUA, sendo determinante para a fundação do Partido Comunista dos Trabalhadores. Morreu de tifo, em

No prefácio, a narrativa de Reed antecipa o que se tornaria um dos mais célebres registros do acontecimento⁵²:

Este livro é um pedaço da História, da História tal como eu a vi. Não pretende ser senão um relato detalhado da Revolução de Outubro, isto é, daqueles dias em que os bolcheviques, à frente dos operários e soldados da Rússia, apoderaram-se do poder e o puseram nas mãos dos soviets. (...) Longe de construir uma força destruidora, parece-me que os bolcheviques foram, na Rússia, o único partido a possuir um programa construtivo e os únicos que se tornaram capazes de impor esse programa ao país. (...) Hoje ainda é moda, após um ano de existência do novo regime, falar da Revolução Bolchevique como de uma “aventura”. Muito bem, se for uma aventura, trata-se de uma das mais maravilhosas em que já se empenhou a humanidade, aquela que abriu às massas laboriosas o campo da História... (...) Qualquer que seja a nossa opinião a respeito do bolchevismo, é inegável que a Revolução Russa foi um dos grandes acontecimentos da História da Humanidade e que a subida ao poder dos bolcheviques é um fato de importância mundial. Da mesma forma que os historiadores se ocupam em reconstituir, nos seus mínimos pormenores, a história da Comuna de Paris, assim também eles desejarão conhecer o que se passou em Petrogrado, em novembro de 1917, qual era o estado de espírito do povo, a fisionomia dos seus chefes, suas palavras, seus atos. Foi pensando neles que escrevi este livro. (REED, 2002, p. 10 e 16).

Dez dias que abalaram o mundo, publicado por Edições Zumbi, São Paulo, em 1958, integra o acervo da biblioteca vermelha. A edição faz parte da coleção Clássicos de hoje e de amanhã – 4, contém ilustrações, fotos e prefácios de Lênin, Krupskaja (mulher do líder bolchevique) e do próprio autor. O exemplar está datado e rubricado por Jinkings (Bacabal, 24/6/59).

Obras importantes sobre a primeira nação a abraçar o comunismo como regime de governo se destacam entre os exemplares da biblioteca de Jinkings. Referimos, aqui, a *História ilustrada da Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 na Rússia mês a mês*, com 400 páginas fartamente ilustradas, em capa dura vermelha e com sobrecapa, de autoria do historiador soviético Albert Nemarákov. As imagens são de fotografias dos dias que sucederam a explosão da revolução e reproduções de obras de artistas plásticos russos sobre o evento. As primeiras edições saíram pela Politizdat russa, em 1976, 1977 e 1980. A que está na biblioteca de Jinkings é uma edição revista e ampliada, de 1987, da Editorial Avante, Edições Progresso, Lisboa-Moscovo.

Também o clássico *A história da Revolução Russa*, de Leon Trotsky, pertence ao acervo. Edição em três volumes de capa dura, da Editora Saga, Rio de Janeiro, 1967, a

1920, num hospital de Moscou. Seu corpo foi sepultado perto do Kremlin, na Praça Vermelha, com honras de herói, sendo o único americano a quem tal honra foi concedida. O filme “Reds”, estrelado por Warren Beatty, Diane Keaton e Jack Nicholson, foi baseado em sua vida e ganhou vários prêmios do Oscar.

⁵² Em nota de rodapé à página 16, a edição da L&PM Editores informa que, no ano de 1919, apareceram nos Estados Unidos três edições de *Dez dias que abalaram o mundo*. No mesmo ano, durante a segunda estada de John Reed na Rússia Soviética, Lênin escreveu um prefácio para uma nova edição norte-americana, que só circulou em território americano em 1926. O livro de John Reed foi editado 11 vezes em russo.

obra está abonada e prefaciada pelo próprio Trotsky.

Duas edições de fôlego despertam atenção: *A revolução bolchevique. História da Rússia Soviética – 1917-1923*, de E. H. Carr, historiador inglês, texto publicado em 1950, em dois volumes da Editora Afrontamento, Porto, 1977 (vol. 1) e 1979 (vol. 2), e *História do mundo – Antiguidade, Grécia, Roma*, coleção em três volumes, com direção editorial de V. Diacov e S. Covalev, Editora Fulgor, São Paulo, 1965. Tais obras referendam o olhar atento do livreiro comunista para o materialismo histórico como suporte teórico⁵³.

Outro livro importante confirma a aproximação cada vez maior de Jinkings com a URSS. Além do relato de viagem de Eneida de Moraes, referido em capítulo anterior, o livro reportagem *O mundo vermelho – Notas de um repórter na URSS*, de Nestor de Holanda⁵⁴, também abre os horizontes da Moscou soviética para o livreiro comunista brasileiro. Na biblioteca, rubricado e datado por Jinkings em 1/4/61, a edição dos Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1ª Ed. em 1961, tem linhas verticais nas marginais em vários parágrafos. Entre os quais destacam-se aqueles de narrativa descritiva, em que o repórter observador registra as marcas de uma sociedade pelo que vê nas ruas:

Já o Estado faz divulgação anti-religiosa, mostrando que todas as crenças são contra a ciência, contra o progresso e a cultura. Há, em Leningrado, o Museu das Religiões e do Ateísmo. É grandemente freqüentado e muito curioso. Cada religião, desde velhas crenças mitológicas, tem sua seção. E, na ala esquerda, fica a parte do ateísmo. (HOLANDA, 1961, P. 31).

A república federada exerce poder de Estado de maneira independente. A URSS protege seus direitos. Cada uma tem sua Constituição, de acordo com suas peculiaridades e de conformidade com a Constituição da URSS. Seus territórios não podem ser modificados sem o consentimento das mesmas. Cada república federada tem o direito de estabelecer relações diretas com países estrangeiros, fazer intercâmbios, negociar e manter representações. (IDEM, p. 57).

Em toda a URSS se bebe muito. Mais, talvez, na Rússia. Um russo conversando, à noite, num bar, engole litro e meio de vodca e sai melhor do que entrou...Não é possível que alguém, no mundo inteiro, tenha mais capacidade estomacal do que o russo. O que êle come numa refeição eu como num dia inteiro ou em dois; o que bebe de uma vez eu levo a semana toda. (IBIDEM, p. 61 e 62).

De todos os utensílios domésticos e aparelhos elétricos em uso, vamos dizer, no Brasil, senti falta, apenas, da geladeira. Os inimigos dos soviéticos

⁵³ Obra escrita por historiadores russos no auge do regime soviético, com texto claramente alinhado aos ideais comunistas. Na introdução, analisando as sociedades primitivas, A. Cajdan observa: “A história da sociedade primitiva estuda exatamente esses anos tão longínquos, e esse estudo permite esclarecer problemas extremamente importantes, tais como a origem do homem, o aparecimento da religião, das artes, das ciências, das classes, do Estado. (...) Como toda história, a da sociedade primitiva também é uma ciência; o seu objeto é o estudo das leis da evolução do regime comunitário primitivo. E essas leis só podem ser compreendidas à luz do materialismo dialético e histórico”. (DIACOV, V. e COVALEV, S, 1965, p. 10).

⁵⁴ Nestor de Hollanda Cavalcanti Neto (Nestor de Holanda, Vitória de Santo Antão, Pernambuco, 1 de Dezembro de 1921 — Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1970). Jornalista, escritor, dramaturgo e compositor. Com estilo leve, bem-humorado, de marcante penetração popular, Nestor de Holanda figurou entre os escritores que mais venderam no Brasil, e esteve entre os mais traduzidos. Livros seus, como *Diálogo Brasil-URSS*, *O Mundo Vermelho*, *Sossego*, *Rua da Revolução*, *Jangadeiros*, *A Ignorância ao Alcance de Todos*, *Itinerário da Paisagem Carioca*, *Telhado de Vidro*, *Memórias do Cafê Nice* e outros foram recordistas de venda.

usam essa falta como argumento contra o regime, para dizer que é tamanho o grau de miséria no país que o povo não pode comprar geladeiras. Mas não dizem que Moscou, no inverno, vai a 40 graus abaixo de zero e que o verão não dura três meses. (IBIDEM, p. 76).

A dona-de-casa vive sem a preocupação de comprar mais barato, porque o preço é um só, para cada gênero, em todo o país. Não faz reservas, por que não há possibilidade de faltarem, no mercado, os gêneros de primeira necessidade, pois o país socialista, com toda a sua economia planificada, e, por conseguinte, a produção obedecendo, rigorosamente, a programas, não corre o risco de passar por determinadas carências. E não há ninguém sonhando produtos no mercado, para conseguir aumento de preço. (IBIDEM, p. 76).

Todos os dias, chegam ônibus de turistas e automóveis particulares, a Moscou, de diversos pontos da Europa (exceto, é claro, da Alemanha Ocidental, Espanha ou Portugal). Em Tibilissem, assisti a um jogo de futebol entre o Dínamo local e o Reims, campeão da França, ambos, por sinal, muito ruins. Hemingway, Cronin e Louis Aragon são os escritores ocidentais mais lidos, na União Soviética. Com eles, Jorge Amado, Steinbeck, Shaw, Huxley, Dickens, Jack London, dezenas de outros podem ser encontrados em qualquer livraria ou quiosque de livros (porque há sempre um quiosque de livros, pelas esquinas, em qualquer cidade). (IBIDEM, p. 114).

(...) Porque os membros do Partido Comunista são tidos, no país, como pessoas dignas, de altas capacidades moral e intelectual, patriotas e trabalhadoras. (IBIDEM, p. 143).

Muito se fala da fila dupla que existe, permanentemente, na Praça Vermelha, para visitar o Mausoléu de Lênin e Stalin. A fila existe o dia todo, quer chova ou faça sol. Igualmente impressionante, porém, é o Museu Lênin. No dia anterior ao em que lá estive, visitaram-no 3.340 pessoas. Dois dias antes, lá estiveram 3.500. (IBIDEM, p. 144).

O Guia de conversação português-russo para os turistas, da Moscovo Editora, 1979, carimba o passaporte do dirigente comunista paraense para uma expedição praticamente obrigatória a todos os seguidores do regime soviético. Em 25 de agosto de 1987, membros do Comitê Central do PCB (ele) e da Executiva Regional (ela), Jinkings e Isa embarcaram para Moscou, a convite do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A viagem mereceu registro na imprensa paraense, em nota na coluna Jornaleco, do Comendador Raymundo Mário Sobral⁵⁵, no jornal *A Província do Pará*. Antes, em 1984, também foram anotadas pela imprensa paraense viagens do casal para Cuba e Nicarágua, dois países com governos alinhados ao marxismo-leninismo. Para tanto foi necessária autorização da Auditoria Militar de São Paulo, onde Jinkings respondia a processo por crime contra a segurança nacional, conforme tipificação da Lei de Segurança Nacional (LSN)⁵⁶.

A biblioteca hospeda, ainda, inúmeras publicações sobre revoltas populares, revoluções e movimentos rebeldes de libertação, socialistas, comunistas ou nacionalistas, entre as quais citamos: *Che Guevara na Bolívia (Diário)*, os diários do guerrilheiro Er-

⁵⁵ Raymundo Mário Sobral. Jornalista, escritor e humorista paraense, nascido em Belém. Fundador do jornal "Para quem pode" (PQP), onde inaugurou a coluna Jornaleco, depois transferida para veículos da grande imprensa. Autor dos livros *O candiru do Ocrides* (1976), *O motel do Ocrides* (1978), *Repórter 69* (1987), *Santa ignorância, 20 anos de papel pintado* (1993), *O melhor do PQP* (1994) e *Dicionário papachibé* (vols. 1 a 4).

⁵⁶ Nota publicada na coluna Repórter 70, do jornal *O LIBERAL*, de Belém do Pará, em 16 de julho de 1984.

nesto “Che” Guevara de La Serna, Edições Correio da Manhã, 1968, tradução de Álvaro Cabral; *Guerrilha. Passagens da guerra revolucionária*, de “Che” Guevara, editora Co-decri, Rio de Janeiro, 1980, tradução de Olga Savary; *Cabanagem – epopéia de um povo*, de Carlos Rocque, dois volumes, Imprensa Oficial, Belém, 1984, edição comemorativa do sesquicentenário da Cabanagem (aqui nota-se uma gralha no vol.1, na página de rosto. No lugar de Cabanagem está escrito Cabagem); e um *Diário da Guerrilha do Araguaia*, Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1979⁵⁷.

A revolução cubana se faz presente em *Furacão sobre Cuba*, de Jean-Paul Sartre⁵⁸, com depoimentos dos escritores Rubem Braga (“Trata-de de uma revolução”) e Fernando Sabino (“A revolução dos jovens iluminados”). O livro tem o selo da Livraria Dom Quixote⁵⁹, do jornalista e escritor Haroldo Maranhão, com a seguinte dedicatória: “Para o partido, Cléo. Belém, 7/12/60”. Entendemos que Cléo deva ser o advogado e líder socialista Cléo Bernardo de Macambira Braga, amigo pessoal e de lutas políticas de Jinkings durante várias décadas.

Obras que retratam o cangaço e os cangaceiros brasileiros também estão presentes no acervo. Citamos *Assim morreu Lampião*, de Antônio Amaury Corrêa de Araújo, Editora Brasília, Rio de Janeiro, 1976, e *As táticas de guerra dos cangaceiros*, de Chistine Motta Machado, Laemmert, Rio de Janeiro, 1969. O fenômeno do cangaço brasileiro se enquadra no que Hobsbawm (2010) define como “banditismo social”. Por uma leitura marxista, o bandido social, como é o caso de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, aproxima-se da figura do revolucionário, na medida em que se levanta contra as forças opressoras no campo e quebra a cadeia da legalidade⁶⁰.

No acervo, há mais. Desde biografias de personagens históricas e de teóricos e lideranças comunistas internacionais – citamos a coleção *Marx, Lênine, Friederich Engels*,

⁵⁷ MOURA, Clovis. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1979. No texto de apresentação, o sociólogo e militante comunista Clóvis Moura diz: “Este documento, cuja autenticidade não pode ser contestada – chegou às nossas mãos através de um dirigente do PC do B posteriormente morto –, deve ser conhecido por todos aqueles que estudam a nossa História. (...) Seu texto é válido como documento. Feito, conforme já dissemos, por aqueles que viveram ou sentiram a Guerrilha do Araguaia, tem valor documental e dramático para se entender as razões, os motivos que os levaram àquele tipo de ação”.

⁵⁸ SARTRE, Jean-Paul. *Furacão sobre Cuba*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2ª Ed, 1960.

⁵⁹ (...) em 1960, Haroldo Maranhão, um príncipe cliente de sebos e livrarias, decidiu “passar para o lado de dentro do balcão”, fundando a Livraria Dom Quixote, na loja 18 da galeria do edifício Palácio do Rádio, experiência de curta duração, mas que introduziu novidades no comércio livreiro da capital paraense. A livraria - “a primeira de Belém com ar condicionado e horário noturno. Funcionava até 22 horas”-, mais que o conforto inovador tão vital na “terra dos suores grandes”, oferecia ainda um diferencial. Em nenhuma outra livraria de Belém o leitor podia encontrar o título desejado quase simultaneamente ao momento do seu lançamento. Só na Dom Quixote, de onde os exemplares saíam com o inconfundível selo de fundo vermelho vivo, sobre o qual se desenhava a silhueta do cavaleiro da triste figura, porque seu proprietário, ao contrário dos demais livreiros, fazia chegar seus estoques não por via marítima, como era usual na época, mas por via aérea, o que resultava em quase nenhum lucro. Foi assim com *Furacão sobre Cuba*, uma série de artigos que Jean-Paul Sartre publicou em jornais e revistas na França, reunidos em livro no Brasil pela Editora do Autor, que chegou a Belém num lote de 500 exemplares, esgotados em dois dias. (MEDINA, 2010, p.83).

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

edições Avante, em capa dura, Lisboa, 1983, 1984, 1986, respectivamente; e *Fala Tito*, de Vladimir Dedijer, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1954, com prefácio do próprio biografado, em que o marechal Josip Braz Tito fala sobre a formação da Iugoslávia (livro rubricado por Jinkings) – até os vários títulos sobre a trajetória do líder metalúrgico que se tornou presidente do Brasil. Com edições anteriores à eleição presidencial de 1989, ano em que Luiz Inácio Lula da Silva foi derrotado por Fernando Collor de Melo, estão na biblioteca títulos como *Lula: biografia política de um operário*⁶¹, de Frei Betto, Editora Clube do Livro, 4ª edição, São Paulo, 1989, e *Lula, o metalúrgico. Anatomia de uma liderança*, de Mário Morel, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989.

Também há no acervo obras que discutiam os problemas de um Brasil que rastejava para o desenvolvimento. Citamos: *O drama da descoberta do petróleo brasileiro*, de Edson de Carvalho, Brasiliense, São Paulo, 1958, rubricado por Jinkings, Bacabal, 4/3/59; *O petróleo do Brasil: traição e vitória*, de Lourival Coutinho e Joel Silveira, Livraria Editora Coelho Branco, Rio de Janeiro, 1957, rubricado por Jinkings, Bacabal, 20/5/58; *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, de Néelson Werneck Sodré, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1960; e os clássicos *Geografia da fome*⁶², de Josué de Castro, Brasiliense, São Paulo, 1967, 10ª edição, e *Geopolítica da fome*⁶³, idem, Brasiliense, São Paulo, 1968, 8ª edição revista e aumentada.

Merece registro, ainda, a existência de quatro volumes encadernados, em capa dura, do jornal *Voz da Unidade*, órgão oficial do PCB, edições 01 (de 30/03/1980) a 200 (de 12 a 18/05/1984). A coleção indica a preocupação de Jinkings com a preservação da

⁶¹ Na apresentação da quarta capa, Antonio Cândido escreve. “Neste pequeno livro, Frei Betto traça com sobriedade e exatidão as linhas gerais da carreira de Luiz Inácio Lula da Silva, o líder operário que contribuiu decisivamente para imprimir novo rumo à vida política brasileira, ao consagrar a entrada do trabalhador na linha de frente das decisões nacionais, quebrando a tendência de manipulá-lo segundo fórmulas ideológicas pré-fabricadas, ou segundo o interesse das classes dominantes. O leitor poderá verificar como Lula está no centro desse grande movimento histórico, que mudará a fisionomia e a estrutura da sociedade brasileira. De fato, ele encarna de maneira exemplar as aspirações de sua classe, desde o momento em que deu alma nova ao movimento sindical, esforçando-se para situá-lo na vanguarda da luta pela democracia. Ao fazer isso, firmou-se cada vez mais como homem representativo, como porta-voz, não como um desses dirigentes revestidos de autoritarismo mágico, que tentam impor a própria personalidade. A mola dos seus atos são os interesses legítimos da classe trabalhadora, que contém mais do que qualquer outra os germes da transformação pela qual a sociedade deve passar, a fim de pôr termo à situação insuportável de miséria e iniquidade que caracteriza o Brasil de hoje. Por isso, do movimento sindical por ele dirigido saiu logicamente o Partido dos Trabalhadores, que se impõe a cada dia pela capacidade de abrir os trilhos do futuro, em marcha para o socialismo”.

⁶² No capítulo I, O tabu da fome, Josué de Castro escreve: “A história da humanidade tem sido, desde o princípio, a história de sua luta pela obtenção do pão-nosso-de-cada-dia. Parece, pois, difícil, explicar e ainda mais difícil compreender o fato singular de que o homem – este animal pretensiosamente superior, que tantas batalhas venceu contra as forças da natureza, que acabou por se proclamar seu mestre e senhor – não tenha até agora obtido uma vitória decisiva nesta luta por sua própria subsistência. Basta ver que, depois deste longo período de algumas centenas de milhares de anos de batalha, hoje se verifica, sob critério de observação científica, que cerca de dois terços da população do mundo vivem num estado permanente de fome; que cerca de um bilhão e meio de seres humanos não encontram recursos para escapar às garras da mais terrível de todas as calamidades sociais”.

⁶³ No prefácio do autor: “O assunto deste livro é bastante delicado e perigoso. A tal ponto delicado e perigoso que se constitui num dos tabus de nossa civilização. É realmente estranho, chocante, o fato de que, num

memória do movimento comunista brasileiro.

Fortemente influenciado pelos ideais de expansão do comunismo para além das fronteiras soviéticas, tese que sustentou a Internacional Comunista, fundada por Lênin, até a ascensão de Stalin ao poder na URSS, com a consequente implantação do modelo de socialismo em um só país, Jinkings acompanhava as movimentações políticas e diretrizes doutrinárias dos PCs no mundo todo. Publicações presentes na biblioteca vermelha são exemplos disso. Referimos, aqui, o *Boletín de informaciones*, editado em espanhol, em 1989, com informações do Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro. Em edição também espanhola, de 1988, pode-se ver igual documento do PC da Tchecoslováquia.

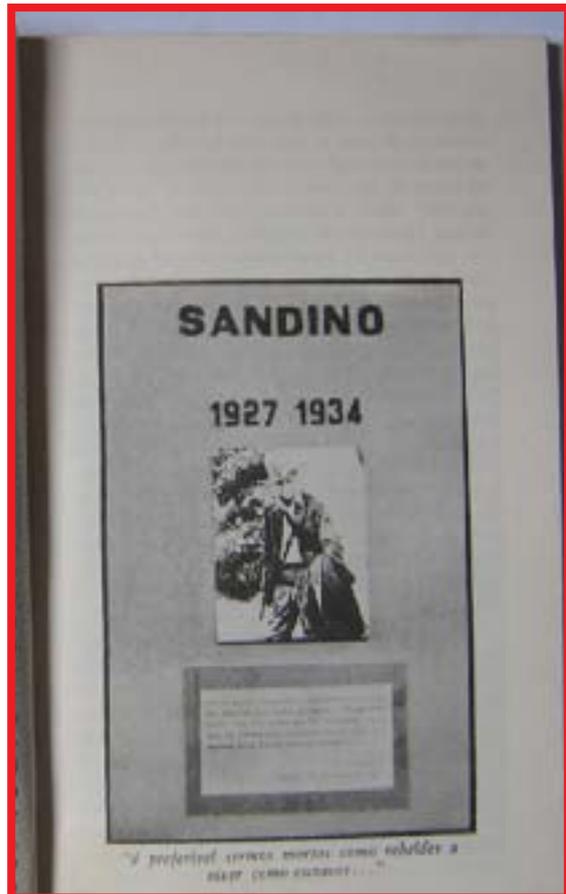
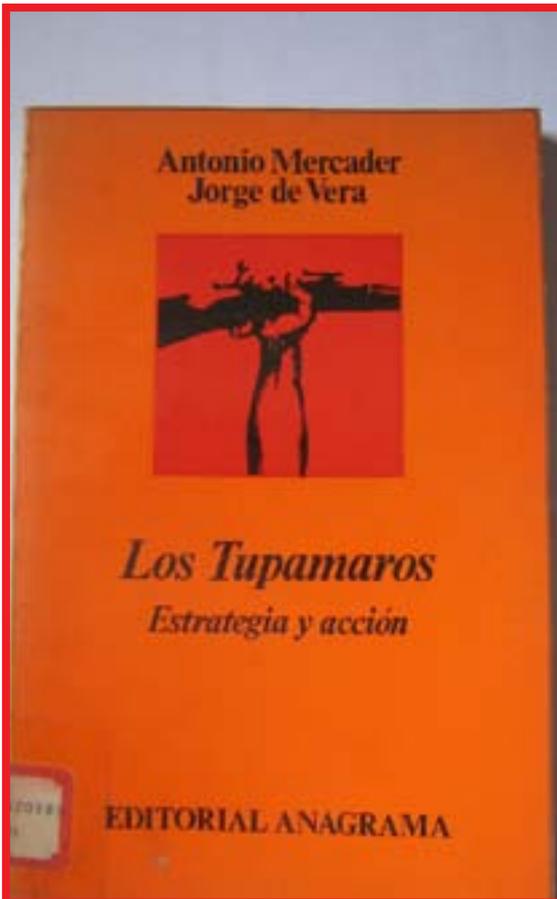
Além do foco no leste europeu, há livros sobre organizações guerrilheiras latino-americanas e asiáticas. *Sendero Luminoso*⁶⁴, Vértice, São Paulo, 1988, é uma coletânea de artigos sobre o grupo guerrilheiro maoísta peruano Sendero Luminoso; *Los Tupamaros: estrategia y acción*⁶⁵, Anagrama, Barcelona, 1970, organizado por Antonio Mercade e Jorge de Vera, reúne, em espanhol, artigos sobre os guerrilheiros uruguaios tupamaros; *Afeganistão: o difícil caminho da paz*, de Mohammad Ashraf, Edições da Agência de Imprensa Nóvosti, Moscou, 1987, aborda os conflitos do povo afegão com invasores russos, americanos e com os fundamentalistas islâmicos; e um curioso *Diário de prisão de Ho Chi Minh*⁶⁶, Difusão Editorial, São Paulo, 1971, com 45 quadras e poemas escritos pelo

mundo como o nosso, caracterizado por tão excessiva capacidade de escrever-se e de publicar-se, haja tão pouca coisa escrita acerca do fenômeno da fome, em suas diferentes manifestações. (...) foram necessárias duas terríveis guerras mundiais e uma tremenda revolução social – a revolução russa – nas quais pereceram dezessete milhões de criaturas, das quais doze milhões de fome, para que a civilização ocidental acordasse do seu cômodo sonho e se apercesse de que a fome é uma realidade demasiado gritante e extensa, para ser tapada como uma peneira aos olhos do mundo”.

⁶⁴ BERTONHA, João Fábio. *Sendero Luminoso: ascensão e queda de um grupo guerrilheiro*. In: Revista Espaço Acadêmico, Ano 1, Nº 3, Agosto de 2001, Mensal, ISSN 1519.6186: “A origem desse movimento deve ser buscada no XX Congresso do PCUS em 1956. Este Congresso, ao denunciar o estalinismo, causou uma divisão na esquerda em todo o mundo. O Peru não foi exceção: em 1964, ocorreram fraturas no Partido Comunista do Peru e, entre legendas e sublegendas em choque, desenvolveu-se um grupo que defendia a tese do caráter semifeudal e semicolonial do Peru e a necessidade da revolução comunista caminhar do campo para a cidade, numa clara inspiração na revolução chinesa de Mao Tsé Tung. Nascia o Sendero Luminoso. Nos anos 70, Abimael Guzman, líder desse grupo, concentrou seus esforços em organizar seus quadros e fazer um trabalho de doutrinação em Ayacucho, região miserável onde Guzman era professor de filosofia e que ele via como o lugar ideal para fazer a pregação de suas idéias. Em 1980, finalmente, o Sendero Luminoso iniciou a luta armada, também em Ayacucho. No decorrer dos anos 80, a guerrilha do Sendero cresceu, se espalhando por todo o país e engajando as próprias Forças Armadas na sua repressão. Eles se espalharam pela selva e pelas periferias das cidades, e a luta foi intensa por longos anos, com enormes violações dos direitos humanos e grande número de mortes de lado a lado”. Fonte na internet: <http://www.espacoacademico.com.br/003/03bert.htm>

⁶⁵ Aos 75 anos, o presidente uruguaio Pepe Mujica é a principal liderança remanescente do grupo que pegou em armas no final dos anos 1960 e 1970 na organização que ficou conhecida como Tupamaros. Em 2009, durante a campanha para a presidência, Mujica desvinculou-se do partido originado deste grupo, o MPP (Movimento de Participação Popular), que integra a coalizão Frente Ampla que governa o país. O objetivo da saída foi definido pelo próprio MPP como necessidade para “encarar sua responsabilidade como candidato de todos os frenteamplistas”. O nome da organização homenageia o inca Túpac Amaru II, líder da última rebelião indígena, executado pelos espanhóis em 1781. A origem do movimento está ligada a protestos populares durante a crise que atingiu o país após o fim de Segunda Guerra Mundial. Fonte na internet: http://operamundi.uol.com.br/reportagens_especiais_ver.php?idConteudo=5602

⁶⁶ Ho Chi Minh, cujo nome verdadeiro era Nguyen Tăt Thanh (1890-1969), foi um líder comunista vietnamita



Livros sobre grupos guerrilheiros latino-americanos (Acervo Jinkings)



líder da independência do Vietnã nos 13 anos em que passou na cadeia.

As convicções de Jinkings jamais o afastaram das discussões teóricas sobre os rumos do marxismo-leninismo. Ao contrário, a biblioteca guarda livros de análises reformistas, revisionistas e até mesmo de opositores radicais do comunismo. *ELES – Stalinistas poloneses se explicam*, de Teresa Torónska, narra, segundo o texto da orelha, uma viagem ao universo kafkiano da burocracia stalinista dos anos do pós-guerra: “(...) cinco altos funcionários do governo polonês da década de 50, entre ministros e membros do Politburo e do Comitê Central, fazem confissões surpreendentes e revelam segredos da Polônia, da URSS e de todo o leste (europeu) nos tempos da Guerra Fria”⁶⁷.

No livro *Memórias de Khrushchev – as fitas da glasnost*, memórias do líder soviético que sucedeu Stalin, ditadas, gravadas e transcritas, surgem revelações sobre a era stalinista não divulgadas no XX Congresso do PC da URSS. Exemplos: a) Stalin confirmou a contribuição “muito significativa” de Julius e Ethel Rosenberg ao projeto da bomba atômica soviética; b) No auge da crise cubana, Fidel Castro queria que Khrushchev lançasse um ataque nuclear contra os Estados Unidos; c) Khrushchev queria restituir ao Japão as ilhas Kurilas, tomadas pela URSS na Segunda Guerra Mundial, e normalizar as relações entre os dois países.

e principal articulista da luta do Vietnã contra o domínio colonial francês. Depois da Primeira Guerra Mundial, adotando o pseudônimo Nguyen Ai Quoc (“Nguyen, o Patriota”), Ho se envolveu em atividades radicais e foi do grupo fundador do Partido Comunista francês. Ele foi convocado por Moscou para treinamento e, posteriormente, em 1924, foi enviado para Cantão, na China, onde organizou um movimento revolucionário junto a exilados vietnamitas. Ho foi obrigado a deixar a China quando autoridades locais desbarataram as atividades comunistas, mas em 1930 retornou para fundar o Partido Comunista Indochinês (PCI). Quando o Japão ocupou o Vietnã em 1941, Ho retomou contato com os líderes do PCI e ajudou a fundar um novo movimento independentista de orientação comunista, popularmente conhecido como Vietminh, que lutou contra os japoneses. Em agosto de 45, com a rendição do Japão, o Vietminh tomou o poder e proclamou a República Democrática do Vietnã (RDV) em Hanói. Então conhecido por seu último e mais conhecido pseudônimo, Ho Chi Minh (que quer dizer o “Iluminador”) se tornou presidente. Os franceses não estavam dispostos a conceder a independência de suas colônias e no fim de 1946 explodiu a guerra. Por oito anos, guerrilheiros do Vietminh combateram as tropas francesas nas montanhas e arrozais do Vietnã, derrotando-os finalmente na decisiva Batalha de Dien Bien Phu, em 1954. Ho, entretanto, foi privado de sua vitória. Negociações subsequentes em Genebra dividiram o país, restando apenas a parte norte ao Vietminh. A RDV, tendo ainda Ho na presidência, concentrou então seus esforços na construção de uma sociedade comunista no Vietnã do Norte. Todavia, no começo dos anos 60, o conflito no Sul foi retomado por guerrilheiros de liderança comunista que organizaram uma insurgência contra o governo de Saigon, este apoiado pelos Estados Unidos. Então com a saúde debilitada, Ho foi relegado a um posto mais cerimonial, enquanto as políticas eram conduzidas por outros. Em 3 de setembro de 1969, ele faleceu em Hanói de ataque cardíaco. Com a conquista comunista do Sul em 1975, Saigon foi renomeada em sua homenagem como Cidade Ho Chi Minh. Fonte na internet: http://www.marxists.org/portugues/ho_chi_minh/index.htm

⁶⁷ *ELES – Stalinistas poloneses se explicam* foi encomendado em 1980 pela editora oficial polonesa Iskry à jornalista Teresa Torónska. Segundo o texto de apresentação, trata-se de cinco importantes documentos de História Oral que permitem compreender a lógica das ditaduras. O livro foi considerado um testemunho excepcional sobre o mundo dos dirigentes socialistas, comparável aos relatos do dissidente iugoslavo Milovan Djilas e às *Memórias de Nikita Krushchev*. Em 1984, o manuscrito final foi entregue à editora, que recusou-se a publicá-lo. Foi então lançado alguns meses mais tarde por uma editora clandestina. O livro tornou-se um best-seller do circuito marginal, e seu sucesso foi tão grande que mesmo a imprensa oficial se viu obrigada a publicar páginas inteiras de críticas. Pouco depois, *ELES* chegou ao Ocidente, lançado pelas maiores editoras da Europa e dos EUA e elogiado pelos principais órgãos de imprensa, como a revista *Time* e o jornal *Le Monde*. Em *ELES*, uma chefe da PAP (a agência oficial de notícias), um chefe da polícia po-

Em *Tempo para a paz*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986, prefaciado pelo jornalista Paulo Francis, o dirigente russo responsável pelo fim da URSS, Mikhail Gorbachev, fala das contradições do comunismo internacional e cita o último artigo de Lênin, *Menos, mas melhores*, de 23 de março de 1923, em que o líder bolchevique “prescreveu que o caminho para o socialismo seria pelo que chamamos de Terceiro Mundo miserável, já que o proletariado da Europa e EUA desenvolvidos tinha sido corrompido pelo capitalismo”.

O livro póstumo do filósofo Louis Althusser *O futuro dura muito tempo – seguido de Os fatos*⁶⁸ reflete sobre a crise do marxismo, além de abordar a tragédia da vida pessoal do pensador. Na página 199 do exemplar de Jinkings está marcado o parágrafo: “Não sei se a humanidade algum dia conhecerá o comunismo, essa visão escatológica de Marx. **(Daqui para a frente, trecho sublinhado a caneta)** Em todo caso, o que sei é que o socialismo, essa transição forçada da qual Marx falava, é ‘uma merda’, como eu proclamava em 1978 na Itália e na Espanha diante de platéias desconcertadas pela violência de minhas palavras. Lá também eu contava uma história. O socialismo é um rio muito largo, muito difícil de atravessar. Brevemente teremos um imenso barco na areia: **(fim da parte sublinhada)** o das organizações políticas e sindicais em que todo um povo pode subir”.

O livro tem marcações no capítulo em que Althusser narra a crise de relacionamento com a mulher, Hélène⁶⁹, que resultou no assassinato por ele cometido. Trecho sublinhado, nas páginas 221 e 222: “Não sei que regime de vida impus a Hélène (e sei que posso ter sido de fato capaz do pior), mas ela declarou com uma resolução que me apavorou que não podia mais viver comigo, que era um ‘monstro’ e queria me deixar para sempre”. No parágrafo final do capítulo, o relato do homicídio:

lítica, um ideólogo, um primeiro-secretário e um chefe do Partido Unificado Polonês em Varsóvia contam praticamente tudo sobre sua colaboração e sua relação ambivalente com Stalin e Krushev e exprimem suas convicções de observadores privilegiados sobre personagens e fatos da Europa do pós-guerra. Há cenas surrealistas, como a valsa dançada por Jakub Berman, chefe da polícia política polonesa, com o signatário do pacto germano-soviético, Molotov; ou o elogio de Stalin às flores cultivadas por uma companheira de partido cuja execução já estava por ele decidida.

⁶⁸ A apresentação da orelha diz: “Mal refeitos do suicídio do filósofo marxista Nikos Poulantzas, em outubro de 1979, os intelectuais franceses foram atingidos por uma provação ainda mais constrangedora quando, num domingo de 1980, souberam que Louis Althusser, 62 anos, estrangulou a mulher Hélène, de 70 anos, em seu apartamento de secretário da Escola Normal Superior. (...) Althusser não foi a julgamento, mas teve de ‘desaparecer’ e nunca mais pôde publicar. Seu nome só ressurgiu no noticiário em 1990, quando ele morreu, aos 72 anos, de parada cardíaca decorrente de um enfraquecimento generalizado. Deixara na gaveta um texto escrito entre março e maio de 1985: *O futuro dura muito tempo*, título tirado de uma citação do general De Gaulle”.

⁶⁹ Hélène foi mulher e segunda mãe de Althusser, segundo o texto de apresentação de *O futuro dura muito tempo – seguido de Os fatos*. Era socióloga comunista repudiada pelo partido. O texto é “um documento sem equivalente, autobiografia de um intelectual que se esforça em explicar o crime que cometeu em estado de demência (desde jovem Althusser sofria de psicose maníaco-depressiva, depois chamada de transtorno bipolar), pondo-se a nu diante da enigmática fronteira entre a loucura e a razão. Como toda a história de loucura narrada pela própria vítima, trata-se de um relato ora sufocante, ora delirante, mas sempre profundamente perturbador”.

No domingo 16 de novembro às nove horas, tirado de uma noite impenetrável e na qual desde então nunca pude penetrar, encontrei-me ao pé de minha cama, de roupão, Hélène deitada à minha frente, e eu continuando a lhe massagear o pescoço, com a sensação intensa de que meus antebraços estavam muito doloridos: evidentemente, aquela massagem. Depois compreendi, não sei como, a não ser pela imobilidade de seus olhos e daquela pontinha de língua entre os dentes e os lábios, que ela estava morta. Saí então correndo do nosso apartamento, berrando, em direção à enfermaria onde sabia que encontraria o dr. Étienne. O destino havia se cumprido. (ALTHUSSER, 1992, p. 222).

Nos arquivos da viúva Isa Jinkings, pelo menos naqueles aos quais o pesquisador teve acesso, não há documentos que demonstrem como se dava a circulação dos livros vermelhos em terras paraenses. No entanto, por sua condição de alto dirigente do PCB, Jinkings mantinha canal para a aquisição de material com partidos comunistas do exterior, especialmente com o PCP (Partido Comunista Português)⁷⁰.

As Edições Avante, por exemplo, eram o braço editorial do jornal *Avante!*⁷¹, publicação oficial do PCP, com base em Lisboa. Edições Progresso⁷² foi uma editora fundada em 1931 e que até 1991 se dedicou a publicar livros soviéticos em russo e em diversas línguas estrangeiras. As obras abordavam temas relativos ao marxismo-leninismo, história, trabalho, economia, agricultura e ciências sociais. Em espanhol a editora se chamou Editorial Progreso e em inglês, Progress Publishers.

Em Portugal, Progresso e Avante caminhavam juntas. No catálogo do acervo desta

⁷⁰ Sobre a circulação de obras subversivas em Belém, Orlando Cassique informa: “Não eram proibidas em termos de circulação, comercialização. Chegavam normalmente a Belém. Mas éramos visados, claro, porque comprávamos, líamos, debatíamos – essa doce mania de ser falador quando ainda se sonha em mudar o mundo. Mas a verdade também era que sabíamos que o que o regime queria mesmo saber era se a organização existia para atingi-lo – falatórios não interessavam em si mesmos. Gente havia que tinha medo de comprar esses livros, já no início da década de 80. Quando a nova livraria foi feita, – antes da Grande – passou a ter um andar de cima. Era lá que o Jinkings expunha os livros em tabuleiro. Às vezes nos reuníamos nessa área, entre edições de livros de Lênine, em português e em espanhol. Ali comprei e aprendi sobre o esquerdismo, a doença infantil do comunismo, em texto inesquecível de Lênine; sobre o radicalismo pequeno burguês de fachada, em lição de Álvaro Cunhal. Ia esquecendo: o Jinkings cumpria a função que a net cumpre hoje de fazer chegar-nos às mãos os livros de outros lugares distantes, da Europa, por exemplo. Graças a ele, pude dispor do Economia de los cambios foneticos - do Martinnet, em tradução da Gredos, no tempo em que primeiro cortávamos com uma faquinha as páginas ligadas, pra poder ler o livro. Demoraaaaava, mas chegava”.

⁷¹ “O Avante! foi o jornal comunista clandestino que em todo o mundo, durante mais tempo, foi sempre produzido no interior de um país dominado por uma ditadura fascista. Durante décadas – de 15 de Fevereiro de 1931 ao 25 de Abril de 1974 – o órgão central do PCP orientou e mobilizou as lutas da classe operária e de todos os trabalhadores em pequenas e grandes batalhas contra o capital e contra o regime fundado por Salazar e prosseguido por Caetano, orientou e mobilizou sectores democráticos que perfilharam, com os comunistas, uma política de unidade antifascista visando o derrubamento da ditadura terrorista dos monopólios e dos latifúndios aliados ao imperialismo e a conquista da liberdade e da democracia.” Fonte na internet: site do jornal Avante!, <http://www.editorial-avante.pcp.pt/>

⁷² “Quase sempre havia o seguinte convite no final de cada uma das edições: ‘AO LEITOR: Os Editores ficar-lhe-ão muito agradecidos se nos der a conhecer a sua opinião acerca da tradução do presente livro assim como acerca da sua apresentação e impressão. Agradecer-lhe-emos também qualquer outra sugestão. O nosso endereço é: Edições Progresso, Zúbovski bulvar, 17. Moscou, URSS’”. Informações extraídas de comunidade no Orkut: <http://www.orkut.com/Community?cmm=110796249&hl=pt-BR>

pesquisa, grande parte dos 395 livros classificados como de política/socialismo/comunismo/marxismo-leninismo é publicação da Avante. Outras editoras portuguesas distribuíam títulos de autores comunistas que chegaram ao acervo de Jinkings: Editorial Estampa, Editorial Caminho e Editora Seara Nova.

Uma coleção merece atenção: *Vida e Obra*, com os títulos *Marcuse, Marx, Maiakovsky e Jung*, da José Álvaro Editor, Rio de Janeiro, 1968, escrita pela psiquiatra Nise da Silveira. A médica psiquiatra Nise da Silveira (Maceió, 15 de fevereiro de 1905 — Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1999) tornou-se uma referência para Jinkings desde que surgiu nas páginas do livro *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, leitura marcante para o livreiro, no início da década de 50, segundo o depoimento da viúva, Isa, ao autor. A admiração do livreiro pela médica idealista saltou das páginas para a vida real. Raimundo Jinkings deu o nome da psiquiatra para sua filha mais velha, nascida em 1954: Nise Tavares Jinkings.

Acusada de comunismo durante os conflituosos dias da Intentona de 1935, Nise foi presa pela polícia de Getúlio Vargas. Ficou no presídio ao lado de Graciliano, Olga Benário (a espiã judia, mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes, que seria executada em um campo de concentração nazista) e Eneida de Moraes, entre outros. Libertada, dedicou sua vida à psiquiatria e manifestou-se contra as formas agressivas de tratamento de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulino-terapia e lobotomia.

Em 1952, Nise da Silveira fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, para estudo e pesquisa com esquizofrênicos, valorizando a produção artística dos internos nos estúdios de modelagem e pintura.

Muitas são as coleções identificadas na biblioteca vermelha. Entre as de cunho marxista destacamos as seguintes:

Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	Nº Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
V.I. Lênine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo I	1984	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo II	1984	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo IV	1986	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo V	1986	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em Três tomos, tomo I	1977	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em três tomos, tomo II	1978	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em três tomos, tomo III	1979	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Marx, Engels	Obras escolhidas em três tomos, tomo I	1982	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
Marx, Engels	Obras escolhidas em três tomos, tomo II	1983	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
Marx, Engels	Obras escolhidas em três tomos, tomo III	1985	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1

Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Isaac Akcelrud	O que todo cidadão precisa saber sobre reforma agrária: a luta de terra no Brasil	1987	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 21			1
Waldenyr Caldas	O que todo cidadão precisa saber sobre Cultura de massa e política de comunicações	1987	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 19			1
Luci Gati Pietrocolla	O que todo cidadão precisa saber sobre Sociedade de consumo	1987	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 18			1
Ciro Marcondes Filho	O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 17			1
Edmilson Costa	O que todo cidadão precisa saber sobre imperialismo	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 13			1
Flávio Villaça	O que todo cidadão precisa saber sobre habitação	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 16			1
Waldenyr Caldas	O que todo cidadão precisa saber sobre cultura	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 12			1
José Ibrahim	O que todo cidadão precisa saber sobre comissões de fábrica	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 11			1
Carmen Lúcia Evangelho Lopes	O que todo cidadão precisa saber sobre sindicatos no Brasil	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 10			1
José Luiz Del Roio	O que todo cidadão precisa saber sobre movimentos populares no Brasil	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 8			1
Leonardo Trevisan	O que todo cidadão precisa saber sobre o pensamento militar brasileiro	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 6			1
Antonio Duarte e Orlando Miranda	O que todo cidadão precisa saber sobre trabalhismo e social-democracia	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 5			1
Sérgio França Adorno de Abreu	O que todo cidadão precisa saber sobre constituição	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 4			1
João Carlos de Oliveira Neto	O que todo cidadão precisa saber sobre salário, preço e inflação	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 3			1
Betty S. Abramowicz	O que todo cidadão precisa saber sobre greves	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 1			1

Coleção Cadernos Políticos

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Mikhail Basmanov	Os totskistas e a juventude	1974	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Ana Maria Alves	Coleção Cadernos Políticos			1
I.Tarassov e K. Ianov	Os trabalhadores e o capitalismo monopolista de estado	1974	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Fernanda Ferreira dos Santos Silva	Coleção Cadernos Políticos			1
V. Vassine, S. Gribanov e I. Undassynov	Os comunistas e a social-democracia	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Antonio Pescada	Coleção Cadernos Políticos			1
N. Gaouzner	A classe operária irá desaparecer?	1975	Lisboa	Editorial Estampa	3ª edição	Tradução de Pedro Silva	Coleção Cadernos Políticos			1
Ilia Kiuliovski	Jorge Dimitrov sobre a frente única	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Jaime Ferreira	Coleção Cadernos Políticos			1
V. Gavriline	A nacionalização socialista, via do progresso	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Manuela Costa	Coleção Cadernos Políticos			1
Gueorgui Chakhnazarov	O partido comunista na sociedade socialista	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Helena Neto	Coleção Cadernos Políticos			1
Boris Leibson	Os comunistas hoje	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Manuela Barreto	Coleção Cadernos Políticos	Livro com marcas de leitura.		1
V. Bezbakh	Economia Agrária: via para o socialismo	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso		Tradução de Maria Pais	Coleção Assim começou o socialismo			1
A. Kiva	O imperialismo e a luta pelo progresso social	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso		Tradução de I. Chalaguina	Coleção Assim começou o socialismo	Livro com marcas de leitura		1

Coleção Assim começou o socialismo

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
V. Filátov, V. Koniukhóvski & A. Ugríumov	O partido, força organizadora da edificação do socialismo	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso		Tradução de K. Asryants	Coleção Assim começou o socialismo	Livro com algumas marcas de leitura		1
S. Dzarassov	Os primeiros passos do Socialismo	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
V.Nazikulov	Como surgiu a direcção planificada da Economia	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
E. Tcherevik	Fontes materiais da edificação do socialismo	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
V. Cherstobitov	URSS: solução da questão nacional	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
S. Fediúkine	URSS: a revolução cultural e a preparação de quadros	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
V. Dmitrenko	Política económica no período de construção do socialismo na URSS	1988	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1

Algumas, porém, note-se, fogem das linhas que orientam a formação ideológica do colecionador. No resgate da memória do marido, Isa Jinkings ressalta o papel de intelectual concentrado, diligente e criterioso que coube a Jinkings ao longo de toda a vida. A biblioteca, no entanto, deixa à mostra interesses variados de leitura, em livros rubricados e datados por Jinking. Se de um lado registra-se a coleção de Afonso Schmidt⁷³, jornalista e escritor que se tornou ícone do movimento anarquista brasileiro do início do século XX,

⁷³ Afonso Frederico Schmidt (Cubatão, SP, 29 de junho de 1890 – São Paulo, 3 de abril de 1964). Jornalista, escritor, poeta parnasiano, foi sócio fundador do Sindicato dos Jornalistas do Estado de S. Paulo e membro da Academia Paulista de Letras. Apontou em seus versos desigualdades e injustiças sociais que o inquietaram ao longo de toda a vida. Teve intensa atuação política na imprensa anarquista da época. Fonte na internet: <http://alegriadeler.blogspot.com/2006/02/afonso-schmidt.html>

também estão catalogados 6 livros da Coleção Atlas, editora Ediciones Jover S/A, Rio de Janeiro, e 19 títulos da Coleção 10, de Américo Faria⁷⁴, lançamento da década de 50, da Livraria Clássica Editora, de Lisboa, que fez muito sucesso comercial.

Coleção 10

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	Nº Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Américo Faria	Dez mulheres excepcionais	1957	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 33	Rubricado por Raimundo Jinkings, 28-1-58		1
Américo Faria	Dez piratas temíveis	1957	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 32	Rubricado por Raimundo Jinkings, 28-1-58		1
Américo Faria	Dez rainhas que reinaram	1957	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 31	Rubricado por Raimundo Jinkings, 28-1-58		1
Américo Faria	Dez cientistas maiores	1956	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 27	Rubricado por Raimundo Jinkings, 9-1-58		1
Américo Faria	Dez mulheres na Literatura	1956	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 26	Rubricado por Raimundo Jinkings, 5-3-1957. Livro com marcas de leitura		1
Américo Faria	Dez beldades Perigosas	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol.			1
Américo Faria	Dez erros judiciários	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10			1
Américo Faria	Dez escritores amargurados	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 15	Rubricado por Raimundo Jinkings, 29-5-57		1
Américo Faria	Dez heróis patriotas	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 12			1
Américo Faria	Dez grandes amores	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 11	Rubricado por Raimundo Jinkings, 20-6-57		1
Américo Faria	Dez mistificadores célebres	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 8	Rubricado por Raimundo Jinking, 12-6-57		1
Américo Faria	Dez loucos geniais	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 7	Rubricado por Raimundo Jinking, 9-8-57		1
Américo Faria	Dez aventureiras audaciosas	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 5			1
Américo Faria	Dez amorosas românticas	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 22			1
Américo Faria	Dez benfeitores da humanidade	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 18			1
Américo Faria	Dez cataclismos formidáveis	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10 vol. 3			1
Américo Faria	Dez monarcas infelizes	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 2			1
Américo Faria	Dez figuras singulares	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 10			1
Américo Faria	Dez Histórias da História	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol 9			1

2.3 O ACERVO LITERÁRIO

No mercado do livro, diz Hansen (2005), cânones artísticos, academias, crítica, as chamadas “legibilidades autorizadas” tendem a classificar positivamente ou autorizar determinados regimes discursivos e modos determinados de lê-los. Na leitura de ficção, no

⁷⁴ Sobre a Coleção 10, do escritor português Américo Faria, o blog Arpose, na internet, registra o seguinte depoimento: “Esta coleção foi uma das minhas leituras preferidas, durante a adolescência. Desde cedo que gostei de História, primeiro a de Portugal, depois a de outros países, sobretudo europeus. E Américo Faria veio preencher, grandemente, a minha ignorância. Esta Coleção 10, editada pela Livraria Clássica Editora (17, Praça dos Restauradores, Lisboa), de saudosa memória, tem, pelo menos, 46 volumes de que eu ainda possuo a quase totalidade. Publicou-se a partir de 1954, creio, e chegou aos anos 60. Se não estou em erro, cada livro custava Esc. 15\$00 (cca. 0,75 euros)”. Fonte na internet: <http://arpose.blogspot.com/2010/10/leituras-antigas-xix-colecao-10.html> - Blog Arpose. Leituras antigas XIX. Coleção 10.

entanto, e mais ainda nas leituras literárias, “as apropriações do texto são muito felizmente incontroláveis”. A incompletude torna-se regra, por força da supremacia absoluta do ato individual. Citando Gumbrecht⁷⁵, Hansen destaca que a leitura produz interpretações, que as interpretações são apenas parciais, que não há um sentido primeiro ou final a ser revelado nos textos.

Uma história descritiva da leitura deveria supor, como propõe Gumbrecht, que uma das primeiras tarefas da crítica literária é a reconstituição dos propósitos aos quais leitores históricos aplicaram suas ações de entendimentos de significações textuais objetivas e subjetivas. Ou seja: as descrições das leituras deveriam ser uma história do interesse literário. Essa história deveria explicar a conexão entre o nível de entendimento dos textos como ação social e os atos comunicativos e perceptivos que o constituem. (HANSEN, 2005, p.20 e 21).

O leitor Raimundo Jinkings teve convivência muito próxima com escritores e intelectuais paraenses ao longo da juventude e transitou com desvelo pelo universo de autores que, nos anos 20 a 50 do século XX, despontavam como representantes de uma narrativa literária engajada, de olhos voltados para as tensões sociais expostas na realidade dos núcleos urbanos marginalizados ou dos conflitos nas zonas rurais do Brasil. Segundo Isa Jinkings⁷⁶, “os intelectuais todos viviam na nossa casa, a qualquer hora dia ou da noite. Jinkings leu Dalcídio (Jurandir)⁷⁷ e Haroldo (Maranhão), leu toda a coleção do Lima Barreto na prisão. Ele lia muito. Era o que alimentava. Leu Ruy Barbosa e começou a preparar sua própria defesa na cadeia”.

Das obras da literatura brasileira presentes na biblioteca vermelha identificamos muitos títulos de Jorge Amado, escritor baiano comunista preso pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, e Lima Barreto, romancista, contista, autor de intensa atividade na imprensa e com afiado senso crítico em relação às mazelas da sociedade. As páginas manuseadas

⁷⁵ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Consequences of an aesthetics of reception*. In: *Makin sense in life and literature*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992, p.23.

⁷⁶ Depoimento ao autor.

⁷⁷ Dalcídio Jurandir (Vila de Ponta de Pedras, ilha do Marajó, 10 de janeiro de 1909 – Rio de Janeiro, 16 de junho de 1979), romancista, jornalista, militante comunista paraense. Preso em 1936 e 1937, ficou seis meses no cárcere. Em 1972, recebeu o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, concedido pela Academia Brasileira de Letras. Na saudação, Jorge Amado discursou: “Sr. Presidente. Com o maior prazer saúdo o romancista Dalcídio Jurandir, hoje aqui presente, nesta Academia Brasileira, para receber o Prêmio Machado de Assis, atribuído ao conjunto de sua obra; trata-se de uma das mais importantes de nossa ficção em qualquer tempo. Romancista que não se parece com nenhum outro dos grandes ficcionistas brasileiros, marcado por um perfeito equilíbrio de linguagem, de extremo bom gosto. (...) Sete romances dedicados ao tema da vida no grande rio, na cidade de Belém, na ilha do Marajó – *Chove nos campos de Cachoeira, Marajó, Três casas e um rio, Belém do Grão Pará, Passagem dos inocentes, Primeira Manhã, Ponte do Galo* – formam eles a grande saga do extremo-norte, conjunto novelístico a situar a paisagem e o homem da Amazônia em nossa geografia literária com grandeza e poesia pouco comuns. (...) Terminada essa tarefa fundamental de cidadão paraense, de brasileiro da Amazônia, poderá Dalcídio retomar temas de outras regiões, ampliando ainda mais o território de sua obra ficcional: já o fez antes, com *Linha do Parque*, romance do porto do Rio Grande, romance de trabalhadores e reivindicações (...). De uns e outros tomou o romancista Dalcídio Jurandir com solidário amor e fez-se arma de sua luta, arauto de sua esperança”. In: JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Belém: Edições Cejup, 1995.

de *O país do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Os subterrâneos da liberdade* e *O cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes*, em brochuras com as folhas de rosto rubricadas e datadas, indicam a passagem de Jinkings pelo texto impregnado de cunho sociológico e voltado para a anunciação da luta de classes, sinalizando as escolhas que antecipavam o perfil do personagem político ativo, orgânico, que aos poucos se estruturava intelectualmente por meio da leitura cada vez mais extensiva, conforme entende Chartier (1996).

No calor dos embates ideológicos, a literatura engajada conquistou espaços e expandiu suas fronteiras. O termo engajamento, neste trabalho, ultrapassa as fronteiras meramente semânticas para se situar num contexto sócio-político reconhecido e definido conceitualmente. Toda obra literária possui seu grau de engajamento, mas aquelas há em que se sublinham, acentuadamente, compromissos do literato com projetos coletivos ou sociais e, especialmente, com a finalidade de transformação da sociedade. (DENIS, apud PONTES, 2009, p. 148).

O período pós-Revolução Russa – o entreguerras nas décadas de 20 e 30 – foi (in)tenso no campo político, momento esse de grande politização no campo literário. Época que aflora, novamente, o engajamento literário pelo mundo, estritamente associado à política e à prática da produção literária. Desse modo, parte significativa dos literatos e demais artistas acreditava na concretização de uma utopia: a construção de uma sociedade sem classes. Emerge, nesse período, juntamente com a Literatura engajada, a Literatura de vanguarda, cujo perfil revolucionário sustenta-se na suas propostas de ruptura com as formas artísticas anteriores. Existe uma diferença entre estes dois tipos de Literatura. De um lado, o escritor engajado pretende participar, através de suas obras, do processo revolucionário ou de transformação/reforma. Por outro lado, os literatos de vanguarda assumem uma participação simbólica, propondo uma nova homologia estrutural na Literatura. A Literatura engajada seria (é) aquela a serviço da propaganda e da agitação, isto é, um instrumento a serviço da transformação da sociedade. (PONTES, 2009, p.148).

Nos primeiros romances de sua carreira, publicados nas décadas de 30 e 40, Jorge Amado deixou que transpirassem os ideais que o arrastaram da condição de filho de fazendeiros na Bahia para a de militante comunista. Contestou as origens do Modernismo, atribuindo ao movimento conotações pequeno-burguesas, e lançou apelos em favor dos menos favorecidos, embora sem o tom panfletário comum à época, em *O país do carnaval*:

A obra narra a vida do fazendeiro burguês Paulo Rigger, que busca descobrir a existência e o sentido da felicidade. O texto é relativamente pequeno, confuso e bastante cético. Mas, apesar disso, Amado aborda questões históricas da época: a insatisfação com a Revolução de 1930, a relação do jornalismo com a política, o debate em torno da identidade nacional, a ascensão do fascismo e do comunismo etc. (PONTES, 2009, p. 149-150).

O escritor baiano transitava meio desorientado entre o engajamento e a militância, conforme entende Denis. A filiação de Amado na Juventude Comunista, em 1932, acaba-

ria com o impasse. Com a publicação de *Cacau*, nasce um literato engajado, denunciando as mazelas no campo ou na cidade.

O engajamento ocorre quando o literato opta por contribuir na transformação do mundo através de sua produção, por mais que isso fique subliminar em sua narrativa. Ser militante, segundo a conceitualização esboçada neste trabalho, é ir para além do engajamento. Significa construir uma obra acreditando na vitória, enquadrando-se, dessa forma, numa das tendências que disputam ou elaboram teses e mecanismos que almejam a transformação do mundo e do homem. O militante não atua apenas pela boa vontade de contribuir nas transformações, pois isso é engajamento. O literato militante não é espontâneo em suas narrativas e considerações, mas coerente ou centralizado numa proposta política, isto é, seu texto parte de um eixo político já existente e sua produção vem reafirmar essa linha de pensamento ou estratégia transformativa. Assim, Jorge Amado oscila, de acordo com o período de produção de suas obras. Do escritor engajado ao militante e, até mesmo, um vanguardista (DENIS apud PONTES, 2009, p. 149).

O segundo romance de Amado, *Cacau*, editado em 1933, narra a biografia José Cordeiro, o Sergipano, filho de um ex-industrial que morreu e teve as riquezas usurpadas pelo tio, ficando o personagem e a mãe relegados à miséria. Sem condições de ficar em Sergipe, José Cordeiro vai trabalhar nas fazendas de cacau em Ilhéus, local onde ouve pela primeira vez a palavra greve, e conhece na pele a exploração do trabalho desumano, quase escravo, nas fazendas do interior baiano. Surge o sentimento de classe, base da doutrina marxista, que leva o personagem a negar o amor da filha do fazendeiro e a abandonar a fazenda, na tentativa de se transformar em um operário no Rio de Janeiro, para junto com os demais “irmãos trabalhadores” lutar pela transformação do mundo, abolindo as explorações e desigualdades.

O romance é engajado, denuncia a exploração humana nas fazendas do sertão brasileiro e aponta para a construção de uma moral solidária entre os trabalhadores, tanto do campo como da cidade. Amado diz que tentou, em *Cacau*, escrever um romance proletário que almejasse a organização dos trabalhadores, já que a consciência proletária ainda estava em formação num país que começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária. (RAILLARD apud PONTES, 2009, p. 151).

Em *Suor*, de 1934, o discurso engajado de Jorge Amado migra do campo para a cidade. O texto ganha força com uma linguagem mais virulenta e de fatos e descrições mais chocantes. O enredo, observa Pontes (2009, p.152), fala do cotidiano da vida dos moradores de um cortiço na Ladeira do Pelourinho, em Salvador, local paupérrimo onde moravam trabalhadores, desempregados, prostitutas, artistas e que também alojava migrantes da seca que alugavam seu pátio.

O texto descreve a vida sofrida destes sujeitos, excomunga a exploração capitalista e visita novamente a questão da moral defendendo, de forma mais clara, a união dos trabalhadores e demais explorados.

Neste livro, Amado já inicia, de forma tímida, a defesa aos comunistas, apontando o exemplo da Revolução Russa que deveria ser seguida pelos demais trabalhadores do mundo, em especial, os brasileiros. Ao final, descreve-se a solidariedade dos moradores do cortiço com os operários da companhia do bonde, seja na greve ou depois visando à libertação dos presos grevistas. O ápice do romance é o relato da última manifestação pró-libertação dos grevistas, quando um dos moradores morre com um tiro sem concluir seu grito parafraseado de Marx: - Proletários de todas as nações... . Apesar deste final trágico, a dor e o sofrimento são apontados como elementos essenciais para fomentar a consciência de classe e conseqüentemente levar as massas a concluir, na prática, a frase inacabada do morador assassinado do cortiço (PONTES, 2009, p. 152).

Os livros da fase politicamente engajada de Amado, acima analisados, estão, em sua maioria, rubricados por Jinkings. Chama atenção, ainda, a Coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado, da Editorial Vitória, Rio de Janeiro.

Coleção Romances do povo

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Mikhail Cholokhov	Terra e sangue	1956	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Luiz Papi	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XX	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Ilya Ehreburg	A tempestade em dois volumes	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Gutorm Hansen	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vols. VIII e IX	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Ilya Ehreburg	Moscou não creê em lágrimas	1958	São Paulo	Edições Zumbi		Armando Gimenez	Coleção Clássicos de hoje e de amanhã	Rubricado por Jinkings, Belém, 5-2-60		1
Galina Nikolaieva	A colheita	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Ari de Andrade	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Nikolai Ostrovsky	Assim foi temperado o aço	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Maria Delamare	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.II	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Howard Fast	Espartaco	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Tati de Moraes	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.X	Rubricado por Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Piotr Pavlenko	A Felicidade	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Ricardo Ramos e Antonio Bulhoes	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.XII	Rubricado por Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Alina Paim	A hora próxima	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória			Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.XI	Rubricado por Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Tikhon Siomúchkin	O grande norte	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		James Amado	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.IV	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Dmitri Furmanov	Tchapaiev	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória	2 tiragem	Tradução de T. Oliveira	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. VI	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Konstantin Fédin	Primeiras alegrias	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Tradução Luiz Papi	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XV	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Ting Ling	Sol sobre o Rio Sangkan	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Luiz Barreto de Sá	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XVIII	Raimundo Antonio Jinkings. São Luis, 30-5-56		1
Mulk Raj Anand	Coolie	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Ouvar Davet	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XVIII	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 4-5-58		1
Ferreira de Castro	A lâ e a neve	1954	Rio de Janeiro	Editora Vitória			Coleção romances do povo, vol III	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 28-1-58	Romance	1
Jacques Roumain	Donos do Orvalho	1954	Rio de Janeiro	Editorial Vitória Ltda.		Tradução de Emmo Duarte	Coleção romances do povo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Alexandr Bek	A estrada de Volokolamsk	1955	Rio de Janeiro	Editorial Vitória Ltda.		Tradução de Gilda Linhares e Ouvar Davet	Coleção romances do povo, direção de Jorge Amado, vol. XIII	Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Alexandre Serafimovitch	A torrente de ferro	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória			Coleção romances do povo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Anna Seghers	Os mortos permanecem jovens	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Tradução de Maria Werneck de Castro	Coleção romances do povo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 28-1-58		1

Também há indicações de leitura nas obras de Lima Barreto, como *Numa e Ninfa*, com o registro Bacabal, 25/4/59; *Bagatelas*, Belém, 25/8/60; *Os Bruzundangas*, Bacabal, 21/8/61; *Feiras e mafuás*, Bacabal, 25/8/60; *O cemitério dos vivos: memórias*, Belém,

3/11/60; entre outros (*ver catálogo em anexo*). Igualmente datados e rubricados estão títulos da coleção Monteiro Lobato e livros importantes do escritor paraense Dalcídio Jurandir: *Linha do Parque*, Bacabal, 24/6/59; *Ponte do Galo*, Belém, 1972; e *Belém do Grão Pará*, Belém, 13/9/1961.



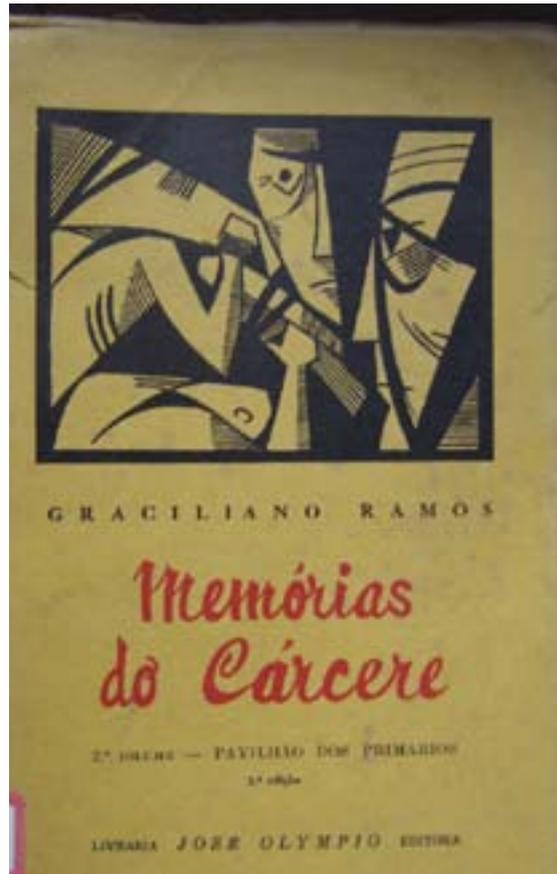
Livros do escritor Dalcídio Jurandir no acervo da biblioteca vermelha

Livros de Dalcídio Jurandir no acervo de Jinkings

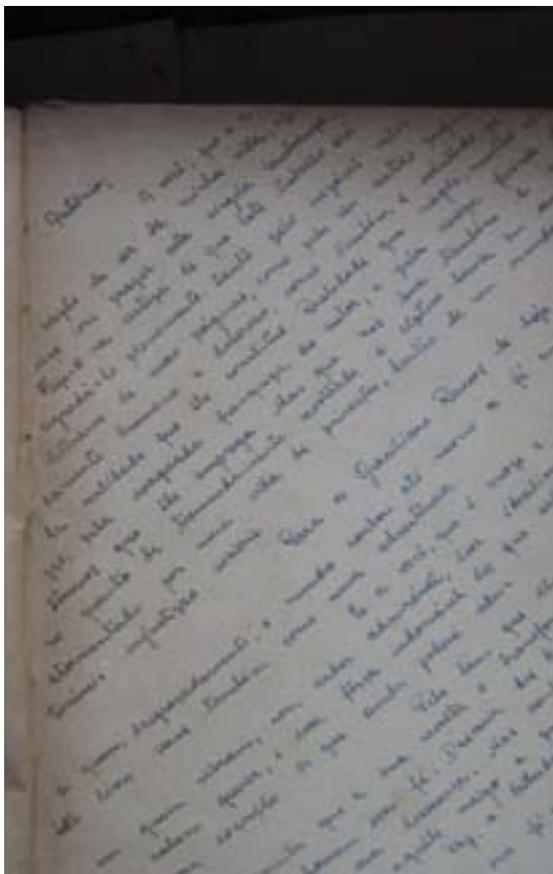
Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Dalcídio Jurandir	Chove nos Campos de Cachoeira	1941	Rio de Janeiro	Casa Vecchi Editora						1
Dalcídio Jurandir	Ponte do Galo	1971		Livraria Martins Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 1972		1
Dalcídio Jurandir	Passagem dos Inocentes	1963	São Paulo	Livraria Martins Editora				Rubricado por Maria Isa Jinkings		1
Dalcídio Jurandir	Primeira Manhã	1967	São Paulo	Livraria Martins Editora			Este livro foi doado ao Raimundo Jinkings por Salomão Alves	Livro com uma dedicatória assinada por Dalcídio a Salomão Alves: "Ao meu amigo Salomão Alves, com a velha amizade paraense, o abraço do Dalcídio Jurandir. 30-9-68"		2
Dalcídio Jurandir	Belém do Grão Pará	1960	São Paulo	Livraria Martins Editora				Marca na primeira página: Belém, 13 de setembro de 1961		1
Dalcídio Jurandir	Linha do Parque	S/R	Rio de Janeiro	Editorial Vitória				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 24-6-59		1



Livros do escritor Dalcídio Jurandir no acervo da biblioteca vermelha



Memórias do Cárcere, em dois volumes: livro marcante para Raimundo Jinkings



Dedicatória de Isa na folha de rosto



Títulos da coleção Romances do povo

2.4 A UNIÃO COM ISA

José Mindlin, um dos maiores bibliófilos do mundo, sempre destacou sua relação especial com a esposa Guita quando se tratava de livros. Na aquisição de exemplares, no trabalho de conservação, o casal mantinha parceria, trocava confidências, caminhava lado a lado na cumplicidade das leituras. Em seu livro de memórias, Mindlin escreveu:

E aqui cabe uma ligeira interrupção, para corrigir uma injustiça que venho cometendo desde o começo desta conversa em relação à Guita, minha mulher. De fato, tenho falado sempre em “minha biblioteca”, quando, na realidade, a biblioteca é dela e minha, pois ela, embora não tenha a atração patológica que me aflige (aflige é modo de dizer...), também gosta de livros, é uma leitora constante, e, como se isso não bastasse, conserva os livros, e já encadernou ou restaurou vários deles. Somos casados há 58 anos, e nunca precisei entrar em casa com livros escondidos. (MINDLIN, 1997, p. 53).

Raimundo e Isa Jinkings casaram-se em 2 de maio de 1953. Tiveram cinco filhos (Nise, Raimundo Antônio, Álvaro Lenin, Leila e Ivana). Dividiram experiências até a morte do livreiro, em 1995. Primeiramente, na vida pessoal. Depois, nas atividades profissional e intelectual e na política. A estudante “normalista vestida de azul e branco, como na canção de Nelson Gonçalves, passou a acompanhar os passos do marido, não demorando a compreender e compartilhar de suas convicções na luta por justiça social”. (OLIVEIRA, 2010, p. 498).

Segundo Oliveira (2010), a carreira de Jinkings como articulista político na imprensa paraense teve decisiva colaboração da esposa, responsável pela revisão dos textos que seguiam para as oficinas dos jornais. Sobre a personalidade de Isa, Oliveira destaca a serenidade e determinação.

Após o golpe militar de 1964, (Isa) obrigou-se a percorrer a via crucis das prisões em busca de visitá-lo (o marido) e estar por perto. Educada, discreta, às vezes até retraída, no entanto, demonstrava uma energia surpreendente na hora de exigir a liberdade do marido. (...) Posteriormente, integrou-se também ao comércio de livros, trabalhando e emitindo opiniões. Tudo isso sem deixar de dividir o tempo com os filhos e os afazeres domésticos. A vontade de conquistar um diploma universitário ficaria para quando fosse possível. O que de fato aconteceu, tendo terminado o curso de Letras da Universidade Federal do Pará em 1970. (OLIVEIRA, 2010, p. 498).

É marcante a participação da esposa e companheira de Jinkings na construção da biblioteca, sobretudo pelos títulos que compõem o acervo de obras literárias, cerca de 400 dos quais estão catalogados nesta pesquisa (*ver anexos*). Já pulsavam nas veias da ainda menina Isa uma herança familiar dedicada à leitura, segundo se nota no depoimento por ela postado no blog da jornalista Cris Moreno, no dia 31 de março de 2011: “Meu pai era um sábio. Falava sempre de sua ‘santa terrinha’, o Portugal de suas muitas histórias.

Citava autores e livros, citava fábulas, cantava, desentoadado, as cantigas folclóricas de sua infância”, escreve Isa Jinkings⁷⁸.

Na mesma postagem, intitulada “Uma carta de memória (1): Isa Jinkings”, há outras referências ao relacionamento do casal Jinkings com os livros:

Também me perguntas se aprendi a amar os livros, a literatura, através do Jinkings (eu sempre o chamei Antônio e não sei se interpretei certo, mas achei uma colocação um tanto machista). Bom, o meu amor me ensinou muitas coisas (também aprendeu outras coisas comigo), mas eu sempre li, desde criança. Lembro que foi minha irmã, Irene que me deu meu primeiro livro, do Érico Veríssimo – “A vida do elefante Basílio” – quando eu completava seis anos e já lia bem. Depois, devorava os livros da estante de nossa casa, a ponto de, às vezes, minha mãe mandar que eu parasse de ler para ajudar minhas irmãs mais velhas a cuidar da casa. Era assim. (BLOG ESCRITA MARGINAL).

Isa confirma, no relato ao blog, a parceria com Jinkings na produção dos textos jornalísticos assinalada por Oliveira (2010): “Nós dois conversávamos sobre livros. Ele, muito curioso, já conhecia vários filósofos. A maioria de seus artigos nós escrevíamos juntos, ou eu copidescava⁷⁹”. Também fala das inclinações literárias do marido:

Quando éramos noivos, ele me deu dois cadernos que considero relíquias: um com poemas selecionados e copiados com sua letra linda, que já mostravam a grande sensibilidade e inteligência desse homem (um menino) que deu todo sentido à minha vida. Numa parte do caderno, só poemas dedicados às mães (ele perdera sua mãe muito cedo, e isso o marcou profundamente). O outro caderno era de pensamentos, citações dos filósofos que já lera. (BLOG ESCRITA MARGINAL).

Na época da ditadura militar, a estudante normalista, “sensível e romântica que eu era, virou uma leoa”, conforme depoimento pessoal de Isa Jinkings: “Em 64, perseguido como uma fera (...), nem um só dia deixamos de ter contato. Nossos parentes e amigos foram tão leais, que eu conseguia, através de esquemas inteligentes, mandar-lhe os jornais, revistas, roupa lavada, alimentos, e trocávamos bilhetes”. Preso, afastado da militância partidária, Jinkings voltou-se para a leitura. Isa afirma:

(...) Na prisão eu o abasteci constantemente de livros, e consegui com o comandante da 5ª Companhia que ele se alimentasse da comida de casa, que eu mesma levava, todos os dias. Jamais imaginei que, tímida como era, encontraria essa força, acho que nascida do amor e do respeito por ele, por seu idealismo tão autêntico. Fomos companheiros, fomos cúmplices – em casa, na formação de nossos filhos, na vida profissional, na militância política. Se eu o ajudei como jornalista, ele me apoiou e acompanhou no período em que lecionei, língua e literatura. Participamos juntos de todas as lutas pela legalidade do Partido

⁷⁸ Depoimento postado no blog Escrita Marginal, da jornalista e pesquisadora Cris Moreno. Endereço eletrônico: <https://sites.google.com/site/escritamarginal/uma-carta-de-memoria-por-isa-jinkings>

⁷⁹ Em jornalismo, segundo os dicionários Houaiss e Aurélio, copidescar é “fazer o copidesque”, ou seja, dar a redação final a um texto, com revisão e correções gramaticais, com vistas à sua publicação.

Comunista, na grandiosa campanha de filiação após a legalidade conquistada, na conquista de assinantes para o jornal Voz da Unidade. Ele era o presidente do Partidão, o querido presidente; eu sempre fui dirigente, sempre na Executiva, ao lado de companheiros valorosos como o inesquecível José Braz, como Mariano Klautau, como Alfredo Oliveira. (BLOG ESCRITA MARGINAL).

A relação afetiva do casal Jinkings esteve permeada pelo contato com livros. Antes do casamento, Isa presenteou o ainda amigo com uma edição do livro de crônicas *Torre de Babel*, de Julio Colares⁸⁰, Editora Revista Veterinária, Belém, 1948. A folha de rosto registra a dedicatória: “Antonio. Este livro é uma simples, porém sincera homenagem à sua inteligência. Tenho certeza que, lendo-o, você saberá acata-lo e compreendê-lo, como ele deve ser compreendido. Receba, juntamente, o abraço amigo da Maria Isa. Belém, 6-9-1949”.

Dez anos antes da prisão de 64, Jinkings leu *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, publicado em quatro volumes, pela Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, presente da esposa. Os exemplares, de páginas amareladas e soltas, não foram doados com o acervo da biblioteca. Isa Jinkings preferiu mantê-los em seus arquivos pessoais. Na folha de rosto, lê-se a dedicatória transcrita abaixo:

“Antônio.

A você, que é a razão de ser da minha vida, ofereço com prazer esta singela lembrança. Faço-o na certeza de que este trabalho irá agradá-lo plenamente: tanto pelo inegável valor literário de suas páginas, como pelo seu sentido profundamente humano e doloroso, como também, e sobretudo, pela realidade que êle constitue. Realidade que magôa, muitas vezes, pela exagerada franqueza do autor, e pela crueza ferina dos termos que ele emprega. Mas que nos leva também a meditar no quanto de tremendamente revoltado e céptico havia em seu espírito atormentado por uma vida de privações, dentro de um mundo de terríveis injustiças sociais.

Para os Gracilianos Ramos de hoje em dia, a quem, desgraçadamente, o mundo roubou até mesmo a fé em Deus, este livro serve também como uma advertência.

E a você, que é moço e corajoso, e em quem vibram, com ardor admirável, esse idealismo sadio dos que sabem querer, e essa fôrça indomável dos que sabem lutar, ele é um exemplo do que ainda poderá advir.

Pelo bem que lhe quero, peço-lhe que não permita que a sua revolta o transforme irremediavelmente num homem sem fé. Descreia dos homens, e exteriorize o amargor de sua descrença. Mas confie cegamente no seu criador, aquêle meigo e puro Nazareno que pregava a Paz, a Liberdade e a Justiça. Creia, porque a sua fé o tornará feliz.

Abraça-o carinhosamente a sua Isa.

XII/II/LIV.”

Outro livro, *As amargas, não...(lembranças)*, de Alvaro Moreyra⁸¹, Editora Lux, 1954, Rio de Janeiro, registra uma dedicatória escrita por Isa ao marido com a assinatura

⁸⁰ Julio Colares, natural de Icoaraci, Belém, publicou dois livros, *Torre de Babel* e *Mosaicos*. Fonte na internet: <http://aldemyrfeio.blogspot.com/2008/10/icoaraci-139-anos-de-sorriso-beleza-e.html>

⁸¹ No prefácio da reedição de *As amargas, não...(lembranças)*, Edições Academia Brasileira de Letras, Coleção Afrânio Peixoto, 2007, Rio de Janeiro, Antonio Carlos Secchin escreve: “Alvaro Moreyra nasceu em Porto Alegre, aos 23 de novembro de 1888. Radicou-se no Rio de Janeiro, onde faleceu em 12 de setembro de 1964. Quarto ocupante da

da filha Nise: “Ao meu bom papaizinho, com o meu grande afeto, esta pequena lembrança que significa muito para o seu espírito de intelectual e para o seu coração de pai. Sinceramente sua, Nise Maria. Belém, 16-2-55”. Nise tinha 1 ano de idade.

CAPÍTULO 3

A LUTA: O TEXTO COMO ARMA

O amadurecimento dos ideais marxistas transformou Raimundo Jinkings não apenas em importante dirigente político, com ascendência reconhecida entre os comunistas paraenses, mas sobretudo num doutrinador. Conceitos e fundamentos revolucionários do marxismo-leninismo eram temas recorrentes nas reuniões do partido, especialmente depois de 1979, em uma pequena sala localizada no andar superior do prédio da Livraria Jinkings, ou nos encontros com jovens estudantes universitários, em sua maioria leitores do jornal *Voz da Unidade*, órgão noticioso oficial do PCB a partir de 1981, que o livreiro distribuía.

Citando Michel de Certeau, para quem são imperiosos os contrastes entre o que se escreve – conservador, fixo, durável – e o que se lê – sempre na ordem do efêmero –, Chartier (1994) defende que o texto só ganha sentido com a intervenção do leitor para lhe dar um significado. E reconhece, como fundamento obrigatório, que a leitura “raramente deixa marcas, e que, ao dispersar-se em uma infinidade de atos singulares, liberta-se de todos os entraves que visam submetê-la”.

Neste capítulo, no entanto, com base na produção textual de R. A. Jinkings, o trabalho de investigação no acervo da biblioteca particular do livreiro arvora-se a empreender a mais árdua das tarefas que se impõem ao historiador, conforme o próprio Chartier: a reconstrução das variações que diferenciam os “‘espaços legíveis’, os textos nas suas formas discursivas e materiais, e as que governam as circunstâncias de sua ‘efetuação’, ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação”.

Cadeira n.o 21 da Academia Brasileira de Letras, provavelmente deveria considerar 13 de agosto um dia de sorte, pois foi nessa data que, em 1959, foi eleito para a ABL, na vaga do poeta Olegário Mariano. Tomou posse, daí a meses, na comemoração de seu aniversário: em 23 de novembro simultaneamente completou 71 anos e acedeu à imortalidade acadêmica. Escritor de múltiplos talentos, estreou com *Degenerada* (1909), poesia de tendência simbolista – como foi, ademais, toda sua subsequente produção lírica. Vinculou-se ao grupo da revista *Fon-Fon*, estabelecendo sólida amizade com Rodrigo Octavio Filho, Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira e Mário Pederneras. Destacou-se como cronista (*A Cidade Mulher*, 1923, *O Brasil Continua*, 1933, entre outros) e teatrólogo, fundando, em 1927, o ‘Teatro de Brinquedo’. No gênero, publicou *Adão, Eva e Outros Membros da Família* (1929). Foi casado com a líder feminista Eugênia Alvaro Moreyra. (...) Pelo depoimento de seus contemporâneos, era dono de irresistível simpatia, de perpétuo bom-humor. Tal disposição em minimizar os danos e desgastes da vida aflora em muitas das páginas desta que é considerada a sua obra-prima: *As Amargas, Não...*, livro que, lançado em 1954, em poucos anos logrou atingir três edições. As orelhas da edição de 1954 reproduzem artigo de Graciliano Ramos, que elogia a bondade e a integridade de caráter de Alvaro Moreyra, pela sua propensão em destacar as virtudes alheias num mundo movido a ódios e competições. O leitor, sem maior esforço, constatará a justeza desse juízo em inúmeros trechos da obra: ‘As minhas rosas se

A pesquisa recorre a procedimentos apontados por Chartier para a identificação dos elementos que permitem a compreensão dos universos do texto e do leitor. No caso, observando marginais e marcações registradas nos livros e a produção intelectual do leitor, pretende-se mostrar as relações entre a leitura e a escrita jornalística de Jinkings, de modo a conferir a “atualização” que se manifesta, segundo Chartier (1994, p.12), em consequência das apropriações textuais.

Três pólos, em geral separados pela tradição acadêmica, definem o espaço dessa história: de um lado, a análise dos textos, sejam eles canônicos ou profanos, decifrados nas suas estruturas, nos seus objetivos, em suas pretensões; de outro lado, a história do livro, além de todos os objetos e de todas as formas que toma o escrito; finalmente, o estudo de práticas que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas, produzindo usos e significações diferenciados: Como, entre os séculos XVI e XVIII, nas sociedades do Antigo Regime, a multiplicada circulação do escrito transformou as formas de sociabilidade, permitindo novos pensamentos e modificando as relações de poder? (CHARTIER, 1994, p. 12).

As referências teóricas do dirigente comunista saltaram das suas leituras para seus escritos na imprensa. Isso e o inverso: considerando-se a época das primeiras publicações de R.A. Jinkings, na década de 50, nota-se que a construção do acervo pessoal respondeu às expectativas do dono. Tal associação se configura aparente por três indicadores: o depoimento da viúva Isa Jinkings sobre as preferências do Jinkings leitor, o perceptível manuseio dos livros que compõem a coleção da biblioteca e o teor panfletário dos artigos publicados pelo jornalista. Ou seja, os dois caminhos se completam e fecham o circuito apropriação/atualização.

No jornal *O Flash*, R.A. Jinkings dava sinais de sua formação política, em 10 de agosto de 1953: “Temos direito a uma vida decente e próspera, porque trabalhamos e produzimos. E, por esse direito, devemos lutar a vida inteira, hoje como ontem, como amanhã e depois. Esse dia virá, temos certeza. Tudo dependerá de nós, de nossa persistência, de nosso idealismo e, sobretudo, de nossa união”. (BRASIL, 1995, 4ª capa).

Havia, pode-se dizer, de fato, na década pós-Segunda Guerra Mundial, durante o reordenamento histórico provocado pela Guerra Fria, um alinhamento de manifestações da intelectualidade orgânica, segundo a concepção gramsciana, conduzido por deveres partidários, mas também consagrador de convicções ideológicas. Os discursos se reproduziam em série, mais à esquerda que à direita, moldados por ideais.

Sobre os comunistas brasileiros, Abreu Penna (2007) informa que despontara, em 1958, uma mudança de postura política. “Não houve propriamente uma modificação da

esqueceram de que tinham espinhos. As minhas abelhas se esqueceram de que tinham ferrões’; ‘Confiar desconfiando. Um disse. Muitos repetem. É assim que se estraga a vida...’ Ética, generosidade, disponibilidade para o Outro, eis um somatório de virtudes que não devem deixar à margem um elemento essencial: a qualidade literária do texto de Alvaro, sedutor e envolvente na sua simplicidade, e que, na contracorrente de ideologias niilistas e sombrias, ilumina-se num incessante convite à esperança – ‘Sempre se tem vinte anos, num canto do coração’”.

linha política do PCB, mas uma nova interpretação da realidade nacional brasileira”, diz Penna, cujo objetivo era o de “remover os entulhos pré-capitalistas e promover a constituição de um governo nacional e libertador”, voltado para o desenvolvimento e anti-imperialista. Tratava-se, certamente, de uma necessária adaptação do formulário marxista-leninista ao modelo desenvolvimentista do pós-guerra, no Brasil implantado por Juscelino Kubitschek.

O jornal *Voz Operária*, órgão do então clandestino Partido Comunista do Brasil (PCB), antes do racha que levaria ao surgimento do PC do B⁸², irá representar essa mudança provocada pela Declaração de Março daquele ano, quando os comunistas passam a dar mais valor à luta política e parlamentar, em face dos episódios marcantes de agosto de 1954 e novembro de 1955⁸³ e das críticas internacionais ao culto da personalidade stalinista, lançadas a partir do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1956. Tais fatos “só reforçaram a disposição de um grupo mais colado à realidade nacional e que irá interferir fortemente para a reorientação ‘prática’ do partido, em meio a um governo que punha em execução um plano de ação arrojado na direção da industrialização e da modernização da economia brasileira, como fora o governo de JK” (PENNA, 2007, p.147). Para exemplificar a orientação editorial dos comunistas, Penna reproduz um trecho de matéria do jornal *Voz Operária* de março de 1958, sob o título *O Partido e ação política de frente única*, com a “Nova Política” preconizada pelo PCB à sua militância:

Nenhuma força social pode, porém, enfrentar isoladamente a tarefa da luta contra o imperialismo norte-americano e as forças entreguistas. Somente uma frente única ampla e sólida, de caráter nacionalista e democrático, tem a possibilidade de resolver vitoriosamente aquela tarefa. Compreende-se então por que a ação política que hoje mais corresponde aos interesses do proletariado consiste na formação e no desenvolvimento da frente única e democrática. É nesta ação política que devem se empenhar com todas as suas energias os comunistas, como vanguarda marxista-leninista do proletariado. (PENNA, 2007, p. 148).

⁸² Quando fundado, em 25 de março de 1922, o Partido Comunista do Brasil, cuja sigla era PCB, lançou como veículo impresso oficial o jornal *A Classe Operária*, que mais tarde se tornaria *Voz Operária*. A divisão dos comunistas, provocada pela revisão de políticas e posturas, em 1958, resultado das denúncias contra o culto stalinista, acabaria no racha de 1962. Passavam a existir, então, o PCB (Partido Comunista Brasileiro), revisionista, e o PC do B (Partido Comunista do Brasil), stalinista. Ambos reivindicam o ano de 1922 como o da sua fundação. Com o golpe de 1964, a perseguição aos comunistas desarticulou os responsáveis pelas publicações oficiais dos dois partidos. Até que, em 1979, com a anistia e a reabertura política, o PC do B lança a *Tribuna da Luta Operária*. Um ano mais tarde, o PCB começa a editar a *Voz da Unidade*. Com o fim da União Soviética e a queda do Muro de Berlim, o PCB enfrenta uma nova crise. Militantes afinados com as mudanças rompem com o partido e fundam o PPS (Partido Popular Socialista), esvaziando ainda mais o PCB. Fonte na internet: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/comunismo/historia-do-pcb.php>

⁸³ Em agosto de 1954, depois de uma longa crise política, o Brasil para diante de um cadáver. Fustigado pela oposição, o presidente Getúlio Vargas comete suicídio com um tiro no peito. Em 1955, eleito constitucionalmente, o presidente Juscelino Kubitschek consegue desmontar uma articulação golpista que tentava impedi-lo de assumir o governo. Nesse episódio, destacou-se a figura do general legalista Henrique Teixeira Lott.

Jinkings filiou-se ao PCB paraense em 1962. Mas suas afinidades com as diretrizes de Moscou já estavam sendo construídas havia alguns anos, possivelmente desde o início da atividade sindical. Do ponto de vista teórico, é bom lembrar, o encaminhamento ao socialismo ocorreu logo cedo, por influência do líder Cléo Bernardo. O idealismo escorria pela pena do articulista. Em *Miséria Humana*, texto publicado no jornal *Folha do Norte*, em 10 de agosto de 1952, R. A. Jinkings escreve:

Quando passamos pelas ruas de Belém, principalmente a João Alfredo, deparamos com um grande número de seres humanos que, certamente, já tiveram lar, já trabalharam, já produziram e já contribuíram com a parcela de seus esforços para o progresso de nossa Pátria, do nosso Estado, e para o enriquecimento de alguns privilegiados da sorte e do regime, mas que hoje estão transformados em verdadeiros farrapos humanos, jogados nas calçadas, submetidos ao sol e à chuva, sujeitos a toda sorte de misérias, comendo aquilo que o diabo enjeita, desprezados por tudo e por todos, humilhados pela própria sociedade. (...) Quanto é triste e doloroso saber que dentre esses mendigos, que estão jogados ao léu, ostentando suas chagas físicas ao lado das rebrilhantes exposições de jóias, há um jovem que esteve na última guerra, lutou e sacrificou-se pela prometida liberdade e fraternidade dos povos. (BRASIL, 1995, p. 179).

Antes da era dos shopping centers, a rua João Alfredo concentrava o principal centro comercial da capital paraense. Estavam ali instaladas as grandes lojas de roupas dos imigrantes, livrarias importantes⁸⁴ e bem frequentadas e muitas joalherias. Por lá transitavam, naqueles anos 50, os remanescentes do luxo da *belle époque*, herdeiros decadentes de uma era de fausto e riqueza proporcionada pelo ciclo da borracha, que saltou do século XIX para o XX em plena ascensão e começou a desmoronar no período da Segunda Guerra.

Pela João Alfredo e sua extensão, a rua Santo Antônio, cruzava-se do Ver-o-Peso à Praça da República, a pé ou de bonde, no rumo do imponente Theatro da Paz e do ponto de encontro da elite, o Grande Hotel⁸⁵. Com a borracha, observa Marinilce Coelho (2005, p. 27), a cidade ganhava os requintes de metrópole: “Nos bairros da elite, com ares aristocráticos, várias casas e palacetes são construídos pelos barões da borracha. As fachadas e interiores eram decorados com objetos de arte que vinham da Europa pelos Transatlânticos que ancoravam no porto de Belém”.

⁸⁴ Marinilce Coelho informa: “As livrarias também serviam de locais de sociabilidade dos intelectuais da terra. Existiam a Escolar, a Carioca, a Clássica e a Universal, entre outras. Essa última de propriedade do senhor Tavares Cardoso, que foi divulgada país afora, ‘dadas às modernas instalações dessa tipografia e casa de comércio, com estrutura e ornamentos pré-fabricados vindos da Inglaterra’. Essa livraria, de instalações art nouveau, ganhou belo cartão-postal – ícone de um status quo que incide em testemunhar algo que deveria ser admirado como imagem de Belém esplendorosa. Por outro lado, as casas impressoras, como a J.B. dos Santos, Tavera e Serra, Pinto Barbosa & Cia, A. Loiola, Porto de Oliveira e Cia, Tavares Cardoso & Cia, editaram livros de autores locais em diferentes áreas de estudo”. (COELHO, 2005, p. 29 e 30).

⁸⁵ A rua João Alfredo, tomada por vendedores ambulantes e abandonada pela elite, perdeu o brilho de outrora. Dos bondes restaram os trilhos, em parte cobertos pelo asfalto. A arquitetura dos prédios antigos que sobreviveu à descaracterização ficou escondida por trás de placas e fachadas de publicidade. Em 1974, o Grande Hotel da Avenida da República (atual Presidente Vargas) foi demolido. Em seu lugar subiu o Hilton Hotel.

Naquele tempo, construíram-se novos e luxuosos prédios comerciais, como o Paris N'América⁸⁶, edifício de mármore português, em arquitetura francesa, na rua Santo Antônio, que abrigava loja de tecidos e enfeites onde se vendiam tafetá, organdi, casimira, linho, botões de madrepérolas, tudo para agradar madames e cavalheiros da sociedade belenense. Comerciantes (brasileiros, portugueses, sírios, libaneses, espanhóis), seringalistas e funcionários públicos dos altos escalões do governo desfilavam pela passarela urbanizada, “à semelhança dos bulevares franceses, ostentando o gáudio dos poderosos, até que tivesse início a invasão dos excluídos dos banquetes” (COELHO, 2005, p. 27 e 28).

Ainda em *Miséria Humana*, Jinkings expunha as chagas sociais irremediáveis da Belém que se lhe exibia aos olhos. O artigo prossegue com uma forte carga doutrinária. As adjetivações espalham pelo texto as tintas da ideologia do autor.

Esses mesmos homens que, sem dúvida, sonharam ter na velhice uma vida tranqüila, sem privações, digna dos que trabalham e que produzem, viram seus esforços e seus ideais vencidos pela ambição insaciável e pelo descaso dos governos. Triste realidade. (...) Não poderá haver Democracia e nem poderá haver Paz enquanto assistirmos a cenas dolorosas como essas, e enquanto não acabarmos com os privilégios vergonhosos dessa estranha fauna de capitalistas. (...) O problema da pauperização em nosso Estado exige do governo imediatas providências, medidas concretas em benefício do Povo, com o objetivo de acabar com essa situação difícil e desmoralizante. (BRASIL, 1995, p. 179).

Jinkings tempera o texto com fundamentos teóricos necessários à sustentação de suas argumentações. Cita Fauchet⁸⁷, na convenção da “grande Revolução Francesa”: “Considerando que a igualdade não deve ser uma miragem enganadora, que todos os cidadãos inferiores, velhos órfãos indigentes, sejam albergados, vestidos e alimentados à custa dos ricos; os sinais da miséria sejam destruídos, a mendicância e a ociosidade sejam proscritas; que se dê trabalho a todos os cidadãos válidos”. (BRASIL, 1995, p.181). E arremata com o entusiasmo revolucionário: “A questão, evidentemente, não é de sonhar. Ou o governo se mexe, ou o Povo virá a fazê-lo por suas próprias mãos inevitavelmente, de modo violento”. (BRASIL, 1995, p. 181).

Sobre a Marcha da Fome, caminhada de protesto promovida pelo PSB em Belém, no ano de 1953, com o fim de pressionar o governo a reduzir o preço de artigos de primeira necessidade, Jinkings escreveu:

Qual o nosso crime? Fazíamos uso de um direito que a Constituição da República nos assegura, como socialistas, da mesma forma como o faz aos comunistas e democratas – a livre manifestação do pensamento. “É inviolável a liberdade de consciência e de crença”, artigo 141. Como admitir, então, sem

⁸⁶ Tombada pelo patrimônio histórico, artístico e cultural, a loja Paris N'América resiste até hoje, no mesmo endereço da rua Santo Antônio.

⁸⁷ Claude Fauchet (22 de setembro de 1744 – 31 de outubro de 1793). Bispo francês que teve importante atuação durante a Revolução Francesa. Excelente orador, utilizava seus sermões para transmitir ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Foi um dos líderes do ataque à Bastilha, em agosto de 1789.

um veemente e indignado protesto, a intromissão naquilo que fazíamos de espontânea vontade, como homens livres e conscientes? Perguntamos ao Sr. Francisco Sarmanho de quem havia partido a ordem absurda que dera origem à nossa prisão, e ele nos disse, sem rodeios, que cumpria ordens expressas do Sr. Moacir Santiago – autorizado porta-voz da “cruzada” fascista do almirante Pena Boto, em nossa terra. Esse senhor era o delegado de plantão, mas no momento encontrava-se, com ares de gozador irresponsável (parecendo mais uma princesa do que um príncipe), no terraço do Grande Hotel, de onde com mais eficiência acredita poder desempenhar o seu tristíssimo papel de policial louva-minheiro. Infelizmente o Sr. Santiago chegou à Central no mesmo instante em que dava entrada na mesma o deputado Cléo Bernardo. Não teve tempo, desse modo, de consumir as suas covardes e costumeiras provocações. Foi pena, porque estávamos esperando por elas. Intimidado pela presença daquele deputado, o Sr. Moacir, ainda tentou balbuciar qualquer justificativa, apoiando-se na Lei de Segurança, que agora está na moda. Logo, porém, respondendo a uma firme interpelação do líder socialista, afirmou não haver nenhuma razão para que permanecêssemos presos. Deixamos, assim, a Central de Polícia, orgulhosos de nós mesmos, e convictos de que estamos integralmente certos, enquanto que os errados são eles, os que nos ameaçam e nos prendem. (BRASIL, 1995, p.194 e 195).

No calor dos programas de industrialização do governo JK, a dicotomia desenvolvimento/pobreza assombrava o articulista R.A. Jinkings. Como a grande maioria dos esquerdistas da época, Jinkings alertava para os perigos de um crescimento industrial desenfreado à custa da exploração dos mais desfavorecidos. Em 1959, no *Jornal Pequeno*, do Maranhão, publicou artigo sobre as condições em que encontrou a cidade de Bacabal, quando de sua transferência para a agência local do BASA, o Banco da Amazônia. Sob o título *A sorte de Bacabal*, diz o texto:

Quem pela primeira vez pisar no solo de Bacabal, verificará, com certeza, que se trata de uma cidade que cresce e que se apresenta com todas as possibilidades de se tornar a mais importante e progressista cidade maranhense. Verificará também, não há dúvida alguma, que se trata de uma terra completamente abandonada pelos poderes públicos, sem dono, isto é, sem um líder inteligente e capaz. É o município de maior renda do Estado, mas só possui, de obra pública, um precário e inadequado grupo escolar, um deficiente posto médico sem instalações convenientes e o que é pior, sem medicamentos. É uma cidade de crescimento natural, porém sem aquela orientação técnica e administrativa, imprescindível às cidades novas e modernas. Bacabal cresce com uma série de defeitos que constituem um crime monstruoso, pelo qual deveriam ser responsabilizados seus administradores presentes e passados. (...) Façamos, senhores políticos e administradores, qualquer coisa por Bacabal, para que esta cidade não seja conhecida apenas como metrópole de arroz, da lama no inverno, da poeira no verão e da jogatina de que tanto se beneficia um Jorge qualquer. (BRASIL, 1995, p.218 e 219).

No livro em que o arquiteto e também militante comunista Oscar Niemeyer relata sua experiência quando da construção de Brasília⁸⁸, que está na biblioteca de Jinkings, rubricado e datado, as preocupações são as mesmas. Niemeyer fala das primeiras viagens a Brasília,

⁸⁸ NIEMEYER, Oscar. *Minha experiência em Brasília*. Editorial Vitória, RJ, 1961. Livro rubricado e datado por Raimundo Jinkings, em Belém, 10-7-61.

antes do início das obras, e recorda das “terras quase virgens, cobertas de lama, sulcadas pelas chuvas que se derramavam pelo planalto de forma assustadora, e depois, no período da seca, da poeira que tudo avermelhava, entrando-nos pela pele, insistente e impalpável”. O arquiteto compara esses primeiros tempos da construção de Brasília com os dias em que atravessou “a rodovia fabulosa que nos convida a correr mais e que estou certo irá redimir o planalto, trazendo-lhe, sem demora, o progresso de que tanto necessita”.

Logo em seguida, sublinhado a caneta, aparece o seguinte depoimento: “Ocorre-me, então, que outras providências deveriam ser tomadas, protegendo as terras que a ladeiam, de forma a impedir que os latifundiários aí se estabeleçam, para retê-las abandonadas por longos anos, à espera da valorização, ou que o interesse de lucro as transforme em loteamento e cidades-jardins, como em alguns pontos já se verifica”. No mesmo parágrafo, uma linha na marginalia, com a anotação **muito bom...** (grifo nosso), destaca: “Incomoda-me, principalmente, ver que medidas que se impunham no caso são proteladas ou esquecidas, como a desapropriação dessas terras e a adoção de uma reforma agrária inteligente, com a previsão de núcleos de apoio agrícola. E as imagino já trabalhadas, cobertas de densa vegetação e o colono livre da exploração em que se debate – mais alegre e confiante – sentindo a terra generosa e a **vida mais justa para todos** (NIEMEYER, 1961, p. 21)”. O trecho aqui em negrito está sublinhado no livro.

Sobre as transformações de Brasília depois de elevada à condição de capital, Niemeyer escreve: “(...) Agora, tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, **aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos**. (...) Brasília mudou muito e isso nos deprime, apesar de compreendermos as contingências decorrentes da cidade que cresce e que durante algum tempo, pelo menos, representará **o regime capitalista, com todos os seus vícios e injustiças**”. Os trechos em negrito estão sublinhados no livro.

Depois de vencer o concurso para construir Brasília, Niemeyer se manifesta sobre as relações com os colegas profissionais que se viram derrotados na licitação. “(...) Pela primeira vez senti como é forte a competição profissional e como a muitos domina, fazendo-os desprezar amizades e compromissos, em função exclusiva de uma ambição ilimitada. Mas senti, ainda, que aos inconformados faltava uma concepção mais realista da vida, que os situasse dentro da fragilidade das coisas, tornando-os mais simples, humanos e desprendidos”. (NIEMEYER, 1961, p 13).

As marcações aproximam leitor e autor de temas relacionados à condição humana que eram marcadamente presentes em artigos do Jinkings jornalista.

O tom dos artigos não se alterou ao longo dos anos. Muito pelo contrário: quanto maior o envolvimento político de Jinkings e sua militância comunista, mais ostensivas eram as manifestações ideológicas do articulista. Em 1985, no jornal *O LIBERAL*, Jinkings publicou *Os industriais do anticomunismo*:

As eleições diretas para prefeito das capitais foi (sic) uma conquista das forças democráticas. O uso gratuito do rádio e da televisão foi outro importante avanço. Mas estas eleições, na verdade, estão servindo de fabulosa experiência no laboratório da democracia. (...) A falta de hábito na participação de debates públicos, a ausência de um programa de governo e a exigüidade de uma mensagem ou proposta séria, levou (sic) alguns candidatos a recorrerem ao insulto, à agressão e ao deboche. A condenação a esse método atrasado (sic) de fazer política foi imediato (sic) e unânime. Atarantados, recorreram à bandeira esfarrapada do anticomunismo.

(...) Alguns políticos que conviveram conosco no PMDB, que se faziam passar por democratas ou liberais, transformaram-se da noite para o dia em campeões do anticomunismo. Tentam negar-nos o direito de ter opinião, de participar da vida política do país, de contribuir para o aprimoramento da democracia. Deram-se mal. (...) anticomunismo não rende voto e desmoraliza o candidato. (...) Nossa posição nestas eleições municipais é bem clara. Lutamos pela unidade das forças democráticas e populares que derrotaram a ditadura. Desejamos ampliar o espaço democrático e consolidar a transição para a democracia.

(...) O povo sabe que não somos oportunistas, nem aventureiros. A população do Pará nunca viu nosso nome envolvido em corrupção, negociatas, contrabando. Com o golpe militar de 64, fomos presos, processados, cassados e punidos. Resistimos. Com a derrota da ditadura, estamos aí lutando pela democracia. Vestimos a camisa do PCB; defendemos honestamente nossas propostas. (...) Sabemos que os problemas das populações carentes só serão encaminhados e solucionados com a participação organizada do povo. A simples contestação não conduz ao avanço, mas pode provocar um retrocesso. Constituinte, que coroará a fase de transição para a democracia. (*OLIBERAL*, 18/10/1985).

A publicação do artigo referido acima revela o bom trânsito do livreiro comunista, nos anos da redemocratização, em ambientes controlados pelas forças conservadoras da sociedade paraense, particularmente acolhidas nas páginas de *O LIBERAL*. Jornal fundado em 1946 para defender as orientações do PSD, partido político de sustentação do governo de Magalhães Barata, e responder aos ataques das *Folhas*, o periódico cresceu a partir de 1966, nas mãos do empresário Romulo Maiorana, um imigrante pernambucano de origens italianas que se instalou no comércio de Belém no final da década de 40. Maiorana transformou o jornal em porta-voz da elite e logo ampliou seus negócios, assumindo o controle das comunicações no Pará com uma rede de rádio, jornal e televisão (o Sistema Liberal) que, pelos herdeiros, se transformaria nas Organizações Romulo Maiorana (ORM). Sobre o crescimento de *O LIBERAL*, diz o jornalista Lúcio Flávio Pinto:

O jornal tirava 500 exemplares em 1966 e sua credibilidade era zero. Romulo teve que emprestar dinheiro (de Armando Carneiro, um político getulista, que decidira trocar a política pela atividade empresarial para escapar à cassação, passando a atuar nos bastidores) e trabalhar dobrado para conseguir que a velha e precária impressora funcionasse, imprimindo sua nova mercadoria. Romulo seduziu os jornaleiros com propostas vantajosas e presentes para que apregoassem prioritariamente *O Liberal*. Dobrou as comissões dos “baderneiros”, os vendedores de rua. Oferecia jornais de cortesia. Renovava empréstimo, que não pagava, oferecendo permuta de publicidade, divulgando os nomes dos benfeitores. Em 1972, já consoli-

dando sua liderança, deu um golpe mortal na concorrência: O Liberal foi o primeiro jornal do Norte a adotar o moderno sistema de impressão em offset, que garantia rapidez e qualidade ao impresso. Dois anos depois, comprou a Folha, já decadente. Ao invés de tentar reanimar o glorioso jornal do passado, deu-lhe a extrema-unção. O Liberal é que devia ser o novo poder. Confirmou-o quando, em 1976, inaugurou a TV Liberal, montada em apenas oito meses, para se tornar afiliada da TV Globo, que se tornaria a quarta maior rede de televisão comercial do mundo. (...) Pelos 10 anos seguintes Romulo não pararia mais de investir, crescer e expandir seu poder. Seu jornal se tornou o segundo maior consumidor de papel de imprensa do Norte e Nordeste, com tiragem em torno de 50 mil exemplares, quase dobrando aos domingos. De cada 10 leitores de jornal no Pará, quase 9 liam O Liberal, uma proporção sem igual no país na época. Seus outros veículos de comunicação eram, todos, líderes em seus respectivos setores. Com uma nota na coluna principal do jornal, que ele escrevia ou supervisionava, podia fazer o sucesso ou o desastre de uma pessoa, empresa ou governo⁸⁹.

Jinkings conquistara espaço no veículo que abrigava como articulista, por exemplo, o todo-poderoso homem do golpe militar no Pará, Jarbas Passarinho⁹⁰, um radical anticomunista. A redação de *O LIBERAL*, nessa época, era dirigida por um antigo companheiro de Jinkings nos tempos de fundação do PSB, segundo informações da viúva Isa (ver *Carta Memória III, em anexo*), o jornalista Cláudio Sá Leal.

Pelos canais da mídia impressa, alternativa, panfletária ou tradicional, Jinkings montou o cenário para as pretensões políticas dos quadros da esquerda paraense, entre os quais ele próprio, lançado candidato a deputado federal pelo PCB⁹¹, nas primeiras



Artigos de Raimundo Jinkings no jornal *Diário do Pará*

⁸⁹ Artigo do jornalista Lúcio Flávio Pinto sobre os negócios de Romulo Maiorana. Fonte na internet: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=18968>

⁹⁰ Jarbas Gonçalves Passarinho (Xapuri, Acre, 1920). Militar e político, teve participação decisiva no golpe de 1964. Foi interventor no Pará e ministro de vários governos militares. Ficou famoso por sua justificativa para assinar o Ato Institucional nº 5, em 1968: “Às favas, senhor presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência.” A frase, modificada na ata sem prejuízo de sentido (as “favas” foram trocadas pela conjugação verbal “ignoro”), foi dita pelo então ministro do Trabalho e da Previdência Social Jarbas Passarinho durante a reunião do AI-5, em 1968. Apesar de afirmar em entrevistas que, no papel de ministro, interferiu nos sindicatos apenas em questões de corrupção, no período de vigência do AI-5, mais de cem dirigentes sindicais foram destituídos dos cargos durante sua gestão. Fonte na internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/jarbasPassarinho.html>

⁹¹ Jinkings lançou-se candidato a vereador de Belém em 1963, mas teve o registro cassado, segundo Oliveira (2010). Por recomendação da Executiva Nacional do PCB, foi candidato a Deputado Federal em 1986, obtendo cerca de 6 mil votos, número considerado bastante expressivo, especialmente pela campanha anticomunista, já que usava a sigla e o nome do Partido. Não se elegeu.

R. A. Jinkings

Passarinho delata companheiros terroristas

D. do Para - 6-11-85

Quando em fins de 1963 ou princípio de 64 minha casa foi atacada a bala e pedradas, o que resultou na quebra de quase todos os vidros da fachada e causou enorme danos ao meu carro, denunciei o fato como obra de extrema-direita, desesperada com o avanço das forças democráticas e populares. Registrei queixa na polícia e nada foi apurado. Em minha denúncia afirmo que esses atos terroristas só eram possíveis por contarem com a cobertura da polícia e de setores das forças armadas envolvidos na causa da reação direita. Em novembro de 1980 fui alvo de novo atentado a bala, desta vez em minha livreria; e em julho de 81 o carro de meu filho foi criminosamente incendiado e a porta de nossa casa. Novamente denunciei o envolvimento de setores militares nesses atos de terrorismo. Com o incidente do Rio-Centro, ficou comprovada a presença de militares graduados nos atos de terrorismo que esterrecem o país. Os terroristas e seus chefes até hoje permanecem impunes e acobertados pela mão estendida do Presidente Figueiredo.

O atentado de 1963 ou 64 só agora foi esclarecido. O coronel Passarinho, em entrevista ao jornal CARLOS ROQUE, denuncia que o mesmo obra do major do exército ANTÔNIO JOSÉ CARMO RAMOS NETO, membro do grupo militar que ele "doutrinava" para defender a "democracia". O atentado de 1980 só foi esclarecido porque o indivíduo Mário Franco brigou com o companheiro Rubinete e o denunciou, envolvendo também gente da polícia e militares do Exército Aeronáutico. Hoje Rubinete é guardado por JARBAS PASSARINHO e quem quiser saber mais que o procure o luxuoso escritório situado na Rua... Rubinete aluga...

do de assegurar a pasta do Figueiras e até de engraxar os seus sapatos. Era de gente desse tipo que o coronel Passarinho se utilizava para conspirar contra a democracia.

Nesta entrevista o Coronel se apresenta de corpo inteiro, refletindo o que existe de mais autêntico na sua personalidade: o delator, ou para usar a expressão mais em voga, o dedo-duro.

Não acredito que o major Ramos tenha tido livre iniciativa no atentado à minha casa. Deve ter discutido com o seu grandioso chefe ou com o seu grupo, que então, antes de consumar o crime contra mim e minha família, simulou um atentado à residência do sr. Avelino Henrique, que também fazia parte do grupo que Jarbas "doutrinava" nas escolas da noite. Avelino Henrique, com a vitória do golpe militar, foi premiado por Jarbas e assumiu importantes funções no Ministério do Trabalho à época tenebrosa do arrocho salarial.

Continuo convicto de que, no sítio Murupi, treinavam-se pequenos burgueses desesperados para defender seus privilégios. Se não aprenderam a dar tiros, assimilaram as lições de como ser terrorista, tanto que dois aplicados alunos do coronel são agora frontalmente acusados de ações terroristas: o major Ramos e o radialista Avelino Henrique. A citação do nome do sr. Orlando Correa, já falecido, é pura maldade e tem objetivo claro de atingir seus filhos que militam nas hostes da oposição à ditadura.

Repudio energicamente a insinuação de que participei de qualquer ato terrorista. Como marxista-leninista sou radicalmente contrário ao uso do terrorismo como método de ação política. O terrorismo é recurso usado...

Artigo de Jinkings contra Jarbas Passarinho, no Diário do Pará



Nota sobre viagem para Moscou, publicado no Jornaleco, de A Província do Pará

eleições livres depois da ditadura, em 1982. O ex-bancário que se tornou sindicalista, dirigente socialista, livreiro e militante clandestino, definitivamente, aparecia como o líder exponencial do comunismo no Pará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Raimundo Jinkings munuiu-se de livros ao longo de toda a vida. Começou no ambiente silente, de reflexão individual, da sua biblioteca particular, para aos poucos, virando páginas, saltar para um espaço público, a livraria Jinkings, capaz de integrar uma comunidade de leitores na decifração dos códigos textuais com o fim da socialização (e aqui outra expressão não seria tão apropriada) do conhecimento.

Da intimidade do aposento doméstico, rodeado por cerca de quatro mil títulos, a maioria de literatura política, Jinkings avançou para os círculos de leituras. Tais apropriações, entendemos, concorreram decisivamente para a formação do militante doutrinador comunista em que se transformaria com o passar dos anos.

A análise da biblioteca vermelha, no entanto, mostra muito mais do que a história de um ativista político. Há títulos que certamente conferem uma outra dimensão ao acervo, o que demonstra, pode-se deduzir, um reflexo da “mudança de gestos segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler, em que novas atitudes são inventadas e outras se extinguem”, conforme Chartier (1998, p. 91), porque “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular”.

A intervenção de Isa Jinkings redefiniu as orientações de construção da biblioteca. A “morada que tem livros como tijolo”, segundo Benjamin (2009, p. 235), abriu-se para um novo horizonte de leituras, aqui compreendido como limite e ao mesmo tempo condi-

ção para toda a possibilidade de experiência: o texto literário, em particular, acomodou-se confortavelmente nas estantes do apartamento do edifício Villa Del Fiori e ampliou o leque de expectativas no solo dos repertórios individuais.

Outras referências são ilustrativas da variedade que cobriu o acervo com o crescimento do núcleo familiar Jinkings e, possivelmente, com as muitas intervenções na biblioteca. Atlas geográficos, material didático, revistas em quadrinhos, obras sobre ciências, história e conhecimentos gerais, o Almanaque Abril, manuais variados, cartilhas, indicadores da perspectiva de acesso dos filhos do casal Jinkings ao acervo, e até livros de gastronomia integram a coleção.

Se “os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social”, como propõe Márcia Abreu (2006, p. 10), Jinkings e a biblioteca vermelha se confundem, pelo que carregam de esclarecedor e misterioso. Um comunista convicto, e por consequência ateu, que conseguiu traçar um percurso ao lado da esposa religiosa (para essa conclusão, leia-se a dedicatória em *Memórias do Cárcere*, já referida); que se agarrava a textos didáticos materialistas de radicais marxistas ao mesmo tempo em que manifestava interesse por tratados filosóficos existencialistas; que estudava estratégias de tomada de poder à força, por métodos nada convencionais como as guerras de guerrilhas, enquanto professava a defesa das liberdades democráticas; que alimentava, panfletariamente, a máquina do partido único e da ditadura do proletariado, com todas as implicações dessa orientação política, paralelamente à pregação em favor dos princípios humanitários em artigos de jornais; que condenava o capitalismo internacional e prosperava como comerciante de livros – tais peculiaridades revelam toda a complexidade humana.

Ao ser localizada em Paris por um dos canais de relacionamento da internet, Mayra, a neta de Raimundo Jinkings, enviou o seguinte e-mail para a avó Isa:

“**Mayra:** Vozica, olha o que essa moça me escreveu. Ela me achou no Orkut

Clarinha: Há muitos anos fui ao Pará e lá fui assaltada e os homens me machucaram com uma faca, era perto de uma praça, corri pra uma rua e entrei em uma livraria que tinha o teu nome, isso já faz muitos anos, mas nunca esqueci a gentileza com que fui tratada lá, nunca mais soube nada dessas pessoas, do Senhor educado, inteligente e gentil que me trouxe água.

Acredite, nem uma má impressão ficou em mim, mesmo o assalto tendo sido muito violento, apenas ficou em mim que aquelas pessoas foram as mais gentis que conheci em toda minha vida...as da família Jinkins.

Não tenho certeza se vc é do Pará, da cidade de Belém, mais se for e conhecer algo sobre esta livraria me mande links, emails.

Obrigada.”⁹²

⁹² Reprodução textual da narrativa capturada na internet.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- _____. *Os Caminhos dos Livros*. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.
- _____. *Cultura letrada. Literatura e leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.
- ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil*. Objetos e práticas. Campinas, SP: ALB e Mercado de Letras, 2005.
- ALTHUSSER, Louis. *O futuro dura muito tempo – seguido de Os fatos*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1992.
- AZEVEDO, Eustáquio de. *Literatura Paraense*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – Secretaria do Estado da Cultura (Secult), 1990.
- BÁEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*. Das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BARBIER, Frederic. *História do livro*. São Paulo: Paulistana, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o Poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- _____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRAGANÇA, Aníbal. *Livraria Ideal: Do Cordel à Bibliofilia*. São Paulo: Edusp, 2009.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Editora Globo, 6ª reimpressão, 2008.
- BRASIL, Jocelyn. *Entre as letras e as baionetas*. A trajetória de Raimundo Jinkings. Rio de Janeiro: Jotanesi Edições, 1995.
- BURKE, Peter. *O que é história Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2vls. São Paulo: Martins, 1964.
- _____. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3ª Ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

- _____. *As Revoluções da leitura no Ocidente*. In: ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 19-31.
- _____. *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.
- _____. *A Ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2a. Ed. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Ed. UnB, 1994.
- _____. *A Aventura do Livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Diefel/Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Anne-Marie & HÉRBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHURCHILL, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. 2 Volumes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos*. Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: Editora Universitária UFPA, 2005.
- COIMBRA, Oswaldo. *Dom Alberto Ramos mandou prender seus padres*. A denúncia de Frei Betto contra o arcebispo do Pará, em 1964. Belém: Editora Paka-Tatu, 2003.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Letras e baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará*. Belém: CEJUP, 1989.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária – uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.
- CRUZ, Ernesto. *História da Biblioteca e Arquivo públicos do Pará*. Belém, 1871.
- DARNTON, Robert. “*História da Leitura*”. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História*. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- DENIS, Benoîte. *Literatura e Engajamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Coleção Supersellers. Record: Rio de Janeiro, 1986.
- ECO, Umberto e CARRIÈRE, Jean Claude. – *não contem com o fim do livro*. São Paulo: Record, 2010.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação*. Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- FARIAS, William Gaia. *Os intelectuais e a República (1886-1891)*. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (dissertação de mestrado), 2000.
- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. As ilusões armadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GUEDES, Fernando. *O livro como tema: história, cultura, indústria*. Lisboa: Verbo, 2001.

- HANSEN, João Adolfo. *Reorientações no campo da leitura literária*. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil. Objetos e práticas*. Campinas, SP: ALB e Mercado de Letras, 2005.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOBIM, José Luiz (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2002.
- JORGE, Fernando. *Cale a boca, jornalista*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. São Paulo: Objetiva, 2004.
- _____. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª. Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *Das tábuas da lei à tela do computador*. São Paulo: Ática, 2009.
- LEMAIRE, Ria. *O mundo feito texto*. In: DECCA, Edgar Salvadori de.
- LEMAIRE, Ria (Org.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade- UFRGS, 2000.
- LENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da Vida privada no Brasil*. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LÊNIN, V. I. *Sobre os Sindicatos*. São Paulo: Livramento, 1979.
- MAKLOUF Carvalho, Luiz. *Contido a bala. A vida e a morte de Paulo Fonteles, advogado de posseiros no sul do Pará*. 1ª Ed. Belém: Cejup, s/d.
- MARANHÃO, Haroldo. *Rio de raivas*. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1987.
- _____. *Querido Ivan*. Edições Jornal Pessoal: Belém, 1998.
- MARTINS, Wilson. *A Palavra escrita: História do Livro da Imprensa e da Biblioteca*. 3ª ed. São Paul: Ática, 2002.
- MEDINA, Maria Juliana da Silva Medina. *Três faces de Haroldo Maranhão: o leitor, o jornalista, o escritor*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2010.
- MELO, Patrícia. *Jonas, o copromanta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MEIRA, Clóvis et Alli. *Introdução à Literatura no Pará*. 1ª.Ed. Belém: Academia Paranaense de Letras, 1990.
- MINDLIN, José. *Uma vida entre livros. Reencontros com o tempo*. São Paulo: Edusp/ Companhia das Letras, 1997.
- MORAES, Rubem Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 3ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1998 .
- MORAIS, Eneida Costa de. *Caminhos da terra*. Rio de Janeiro: Antunes & Cia. Ltda., 1959.

- NASSER, David. *Falta alguém em Nuremberg*. Torturas da polícia de Filinto Strubling Müller. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.
- NOBRE, Izenete Garcia. *Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Mestrado em Letras. Belém, 2009.
- OLIVEIRA, Alfredo. *Cabanos e camaradas*. Belém: Edição do autor, 2010.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *Imprensa e política no Brasil*. A militância jornalística do proletariado. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda., 2007.
- PONTES, Matheus de Mesquita. *Jorge Amado e a literatura de combate: da literatura engajada à literatura militante de partido*. IN: REVELLI - Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas - v. 1, n. 2, outubro de 2009.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.
- REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Porto Alegre: L & PM Editores, 2002.
- ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata*. O homem, a lenda, o político. Volumes I e II. Belém: Secult, 1999 e 2006.
- RYBACK, Timothy W. *A biblioteca esquecida de Hitler*. Os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008.
- SALES, Germana Maria Araújo e VIDAL, Elizabeth de Lemos. *Entre livros e leitores: o livreiro de Belém*. In: FURTADO, Marli Tereza & SALES, Germana (org). *Linguagem e Identidade*. João Pessoa, PB: Idéia Editora, 2009.
- SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão Pará*. Belém: CEJUP, 1992.
- SANDER, Roberto. *O crime que abalou a República*. Violência, conspiração e impunidade no crepúsculo da Era Vargas. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2010.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Èpoque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. *Um palácio de livros: metáfora, projetos e concretizações*. Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 de setembro, 2002.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Dores do Mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, Coleção Universidade, s/d.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1996.
- _____. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 10ª Ed. São Paulo. DIFEL, 1982.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VIEIRA, Marcelo. *Cagarraios e Cavalões: jornalismo, poder e metaficção historiográfica em Rio de raivas, de Haroldo Maranhão*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 32., Curitiba, set. 2009. p. 3.

VILLALTA, Luiz Carlos. *A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance*. Convergência Lusíada, Rio de Janeiro/Real Gabinete, v. 21, p. 165-185, 2005.

_____. *Ler, Escrever, Bibliotecas e Estratificação Social*. In: Maria Efigênia Lage de Resende; Luiz Carlos Villalta. (Org.). *História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 2, p. 289-311.

REFERÊNCIAS NA INTERNET

<http://raimundojinkings.blogspot.com> - Blog do Raimundo Jinkings.

<http://raimundojinkings.blogspot.com/p/semeador-de-sonhos-um-documentario.html> - Documentário sobre a Livraria Jinkings, na internet, feito em 1994, quando Raimundo Jinkings foi eleito o Livreiro do Ano. Roteiro e direção: Val Sampaio. Produção: Fernando Penna de Carvalho (S-VHS).

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/leitura%20e%20cidadania.htm> - Leitura e cidadania. Blog de Eduardo de Assis Duarte, professor da Faculdade de Letras da UFMG, doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP e autor de *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (Record, 2ª ed., 1996).

<http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/comintern.htm> - Dicionário Político, Marxists Internet Archive.

http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm - Banco de Dados Folha.

http://blogdabrhistoria.blog.uol.com.br/arch2007-07-08_2007-07-14.html - Blog da BR História, da jornalista e pesquisadora Cristiane Costa, doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ e autora dos livros *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil*, Companhia das Letras, 2005, e *Eu compro essa mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*, Jorge Zahar Editor, 1999.

http://www.lucioflaviopinto.com.br/?page_id=40 - Jornal Pessoal, a agenda amazônica de Lúcio Flávio Pinto.

<http://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0623> - Graecia antiqua: a biblioteca de Alexandria e outras.

http://www.releituras.com/eneida_menu.asp - Releituras, menu da autora: Eneida.

<http://www.espacoacademico.com.br/003/03bert.htm> - Revista Espaço Acadêmico, Ano I, nº 3, agosto de 2001. ISSN: 1519.6186. Editada por João Fábio Bertonha, doutor em História e professor da Universidade Estadual de Maringá-PR.

http://operamundi.uol.com.br/reportagens_especiais_ver.php?idConteudo=5602 - Opera Mundi, reportagens especiais (UOL): “Quem foram os Tupamaros e como o movimento virou partido após abandonar as armas”.

http://www.marxists.org/portugues/ho_chi_minh/index.htm - Marxists Internet Archive, seção em português: Ho Chi Minh.

<http://www.editorial-avante.pcp.pt/> - Página do jornal Avante!, órgão do Partido Comunista Português.

<http://www.orkut.com/Community?cmm=110796249&hl=pt-BR> – Comunidade Edições Progresso – Moscou/URSS, no Orkut.

<https://sites.google.com/site/escritamarginal/uma-carta-de-memoria-por-isa-jinkings> - Escrita Marginal, blog da jornalista e pesquisadora Cris Moreno.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/comunismo/historia-do-pcb.php> - Portal São Francisco: História do Partido Comunista Brasileiro.

<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=18968> - Artigo do jornalista Lúcio Flávio Pinto sobre os negócios de Romulo Maiorana.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/jarbasPassarinho.html> - 1968 - Ato Institucional nº 5, Os personagens: Jarbas Passarinho.

<http://alegriadeler.blogspot.com/2006/02/afonso-schmidt.html> - Blog Alegria de ler. Biografia de Afonso Frederico Schimdt.

<http://arpose.blogspot.com/2010/10/leituras-antigas-xix-colecao-10.html> - Blog Arpose. Leituras antigas XIX. Coleção 10.

<http://aldemyrfeio.blogspot.com/2008/10/icoaraci-139-anos-de-sorriso-beleza-e.html> - Blog Jornal do Feio, do jornalista Aldemyr Feio.

ANEXO 1

Artigos publicados sobre Raimundo Jinkings, referidos no trabalho.

Raimundo Jinkings: arrojo e ideologia

(Escrito pelo jornalista Cláudio de La Roque Leal e publicado em O LIBERAL, caderno Cartaz, de 2 de março de 1994).

Com mais de 25 anos na profissão de livreiro, Raimundo Jinkings não chegou a ser surpreendido quando lhe foi outorgado, e é fato inédito um livreiro do Norte receber, o prêmio “O Livreiro Nacional do Ano”, em dezembro passado. Na realidade, a livraria Jinkings é símbolo de resistência. Primeiro, porque em um país onde os estabelecimentos comerciais não são estáveis, manter uma livraria é tarefa para poucos, ainda mais em se tratando do Brasil, que não tem tradição de leitura. Depois, quando o Brasil atravessava o período negro da ditadura militar, Jinkings sobreviveu com a livraria Monteiro Lobato, vendendo, inclusive, material que o governo considerava subversivo, o que gerou prisão e depoimentos na Polícia Federal, junto com seu amigo e sócio, Sandoval Barbosa.

A têmpera de Jinkings é a grande merecedora deste prêmio. A livraria começou com um simples cômodo da casa onde moravam, após a cassação de Jinkings e a perda do emprego no Banco da Amazônia. Antes da livraria, quando da cassação, a família foi mobilizada e começou a vender doces na feira da Batista Campos. Jinkings jamais desanimou e se hoje a livraria Jinkings é uma das maiores do norte-nordeste brasileiro, é devido a essa tenacidade. Esta o levou a ser representante das grandes editoras nacionais, bem como a colocar em Belém, obras que dificilmente chegavam. A maioria das livrarias existentes há 20 anos, apostavam nos livros didáticos.

A livraria é reflexo da ideologia de vida e trabalho de Jinkings. Existe para fomentar a venda de livros e transformar uma simples livraria em um mundo à parte. O tempo encarregou-se de ir adequando a militância política à vida atual. Raimundo Jinkings não abre mão de suas convicções, nascidas, aliás da leitura das obras de Victor Hugo, quando o sentido da revolta foi nascendo. Jinkings acredita em uma reforma diferente, uma reforma plena e honesta.

“Quando não se investe em livros, a cultura é atingida diretamente pela crise. Ao contrário do que ocorria anteriormente, as noites de autógrafos são vazias se não bem divulgadas. A mídia não era tão determinante. Todo mundo sabia o que ia ocorrer”. Jinkings lembra do período quando os debates realizavam-se com frequência e as livrarias ficavam cheias de pessoas nos lançamentos e as conversas iam madrugada inteira com troca de informações. Ali reciclavam-se as informações. As mordças da ditadura militar só fa-

ziam com que os versos, as palavras ditas em surdina, traduzissem toda a repressão de um período negro na história do Brasil. Àquela altura passamos fome, mas tínhamos uma luta maior, um silêncio a ser quebrado. Verdades a serem proferidas.

Hoje, essas verdades foram sendo esquecidas através de pactos e mais pactos e as opiniões divergem em favor de paixões verdadeiramente indignas. Por paixões dignas, a Jinkings busca a interiorização. “Assim como trazemos grandes nomes da nossa literatura a Belém, promovendo debate e noite de autógrafos, queremos levar nossos escritores para o interior do Estado, fomentando o gosto pela leitura, dando condições a pessoas que têm pouca oportunidade de vivenciar essa mágica fantástica que é ler e descobrir o mundo através da leitura”.

Jinkings quer que 94 seja o ano da leitura e só vê uma saída para isso, fomentar e aquecer a economia brasileira, dando condições dos livros chegarem às prateleiras, muito mais baratos do que vêm chegando. “Precisamos de novos empregos, maior poder aquisitivo, e nova política cultural. Para melhorar o mercado do livro, para dar condições de mais leitores, precisamos melhorar o nível de vida do brasileiro”. Uma novela atualmente, mostra uma personagem que busca crescer através do conhecimento, através da leitura. Esse comportamento, esse valor, anda meio esquecido.

Com o prêmio que lhe foi outorgado pela Associação Nacional do Livro, Raimundo Jinkings crê que o reconhecimento faz alguma diferença. Simples, não acredita em grandes mudanças, mas crê que isso lhe dá condições de vivenciar melhor essas experiências fantásticas. Uma das quais, talvez a melhor, é, ao fim de um dia de trabalho, andar na livraria, ver as pessoas comprando e ir conversando com um, com outro, discutindo os problemas nacionais, analisando soluções, rindo de piadas. E fica a persistência que enfrentou a ditadura, as crises com coragem e muita força de vontade. Persistência digna de um poema de Brecht. Aquele que fala dos imprescindíveis.

Jinkings, um exemplo de coragem e solidariedade

(Escrito pela professora doutora em Letras Amarílis Tupiassu. Artigo publicado em 7 de outubro de 1995, em O LIBERAL – transcrito do blog do Raimundo Jinkings).

O 5 de outubro amanheceu sob o impacto da morte do Jinkings. Faleceu de forma lenta, sofrida, delicadamente, espalhando tristeza e profunda saudade. Com certeza, daqui para frente, aquela livraria estará meio vazia. Não mais, por entre as estantes, a figura meio bonachona e o sorriso tímido. Agora talvez consigam avaliar o papel que ele desempenhou nesta Belém, neste Estado, sempre às voltas, ele, com a defesa das liberdades, da democracia, num tempo em que liberdade e democracia eram palavras proibidas, perigosas, significavam cadeia e morte. Hoje é muito fácil gritar estas palavras, afirmar milhares de convicções, bater no peito, impostar a voz, levantar bandeiras. Naqueles tempos obscuros, os embates eram muito diferentes. De um quase nada, de um passe podiam

admirar grandes sofrimentos. Mas, nessa paisagem aterrorizadora, jamais lhe dobravam a coragem, jamais lhe curvavam a cabeça. Ele nunca abria mãos de seus princípios, de suas crenças, dos seus sonhos que requisitavam outro Brasil, mais equânime, mais justo, mais humano.

Em decorrência disso, foram muitas as prisões porque bastava o anúncio da vinda a Belém de algum daqueles generais-presidentes e lá se ia ele. E lá ficava a Isa e as crianças em vigílias, os amigos, parentes, em aflições, à procura de saber, descobrir para onde tinham sumido com o Jinkings. De uma feita ele foi seqüestrado, levado para um Forte em Macapá. Um pesadelo só, lá e em Belém onde não deixaram pistas daquele percurso. “Vi a morte de perto, pensei que não sairia vivo dali”, contava. Foram duros aqueles tempos, dias de silêncio compulsório, sobressaltos, medo nos gestos, ameaças no ar, sumiços, assassinatos, inseguranças. Quem viveu sabe o que foram aqueles dias, também no Pará, uma história ainda não escrita. O Jinkings tinha projetos de escrevê-la. Não sei se chegou a alinhar alguns trechos, algumas notas.

Logo, veio a cassação, a perda dos direitos políticos do cidadão. Foi-se o emprego do BASA, foi-se o salário, sobraria um homem sem identidade social, despojado até dos meios de alimentar a família. Mas o Jinkings manteve-se firme para a abertura de saídas. Passou a representar inúmeras editoras do sul, atividade pioneira, pois naquela época esse comércio era tímido por estes nortes. Jogou tudo nisso. Era a determinação contra a inexperiência. Venceu a determinação. Mas construir a livraria foi outra batalha dura. Primeiro foi a casa, o lar sendo sacrificado na acomodação de livros, mais livros.

A casa invadida ao bel-prazer dos poderes ditados das sombras. Era a imposição da burrice non-sense daqueles militares que, de uma feita, apreenderam o livro “Reunião”, de Drummond, pelo título perigosamente subversivo. Nesse dia, o Álvaro, quarto filho, criança esperta, conseguiu enfiar por debaixo da estante alguns exemplares do Drummond. Mas, nas invasões as perdas eram muitas, prejuízo financeiro de monta no parco dinheiro suado. No meio dos desastres, o Jinkings ainda impunha sua capacidade de doação e solidariedade, sua brandura acima de tudo e o bonito, emocionante naquilo – vejo-o agora – era o desprendimento daquele homem que, em fase tão difícil, dava-se ao luxo de vender fiado. Havia um caderno de anotação dos devedores. Pagávamos como podíamos. Alguns levavam meses para saldar as dívidas sem que em nenhum momento lhe viesse o fiador com cobranças. E fiado não só aos amigos, porque a casa-livraria vivia cheia de estudantes, sobretudo universitários. Além do mais, podia-se contar com as orientações do Jinkings-leitor. Sua deriva para as margens do comércio com o Livro vem de seu apurado tino para a literatura. Nesses campos era fino farejador. Vivia caçando e desencavando boas leituras. E haja a passar dicas àqueles mais jovens buliçosos que bem invadiam sua ex-sala de visitas. Surge-me agora curiosidade por saber onde foi parar a biblioteca particular daquele leitor exigente, percuciente, pesquisador.

E no correr dos dias seguia o Jinkings levando para frente sua vida. Por todos os

lados surgiam constrangimentos e aperreios. Mesrno as crianças não estavam a salvo de discriminações, chacotas na escola e entre uma vizinhança apavorada com aquele homem – diz que – perigosíssimo. O pai, a mãe souberam, no entanto, mostrar aos filhos a justiça dos princípios defendidos pelo chefe da família. Tudo, entretanto, era muito difícil mesmo. Chegou um tempo e montou-se também uma barraca de vendas na feira de Batista Campos. Era preciso ser forte, não esmorecer, tentar todos os meios, vender o sal e o açúcar, para escapar àquele cerco. Tudo isso faz a gênese da Livraria Jinkings. Muito esforço, trabalhos dobrados, redobrados, ferrenho jeito de sobreviver, educar os filhos, manter aceso o fogo no fogão.

O pós-64 é um período da história brasileira ainda a devassar. São inúmeros os focos de obscuridade, não obstante os esforços feitos atualmente a fim de esclarecer aquela fase de transe dolorosos. No Pará, quase nada pôde ainda ser escrito, pelo simples motivo de que muito pouco foi apurado. Essa história tão recente, em que pessoas eram presas, assassinadas, unicamente por pensar diferente, precisa ser escrita, urgentemente. Os personagens daqueles fatos estão envelhecendo, estão chegando no tempo de morrer. Com eles se vão as histórias e os erros dos homens. É tempo de fazer o registro daqueles sobressaltos. Afinal, a revelação da feiúra das entranhas sempre pode impedir repetições inaceitáveis. Raimundo Jinkings quis tomar a si parte dessa tarefa. A morte interrompeu seus planos. Mas, quando for escrita essa memória histórica recente deste Estado, o nome Jinkings não poderá ser omitido, porque, em Belém, poucos como ele souberam lutar por seus projetos políticos, poucos como ele enfrentaram de peito aberto tantas prisões e constrangimentos ao elementar direito de viver. Sua coragem sempre acompanhou sua voz. A solidariedade junto a quem quer que fosse, amigos, parentes e aderentes, nos momentos embaraçosos, era sua marca constante, assim como a serenidade, a brandura, o amor ao próximo. Nada lhe foi dado de graça, de ganho, a não ser sua têmpera forte. O muito que amealhou custou-lhe muito suor de seu rosto. Foi um homem probo, cumpridor de seus deveres, trabalhou muito na vida. Honrou seu nome. Merece ser lembrado sempre como exemplo de coerência, persistência e bondade.

Uma Carta de Memória (I)

(Postagem da jornalista Cris Moreno, no blog Escrita Marginal, na internet, em 31/03/2011, às 15h40).

Próximo de minha casa está localizada a Livraria Jinkings, cujo dono, Raimundo Jinkings, jornalista, o conheci pessoalmente, bem como, D. Isa, avó de Carol e mãe de Antonio, para dizer alguns que conheço, ainda. D. Isa, 77, esposa de Jinkings, reside atualmente em Florianópolis e nos correspondemos via e-mail, depois de perder a oportunidade de entrevistá-la por cá. Bem, no primeiro momento, esta era a ideia básica. Pedi à avó de Carol que falasse sobre a sua memória de uma Belém que ficou distante e que

se distancia cada vez mais no tempo. D. Isa pediu-me meu endereço para mandar (carta) uma correspondência, como nos velhos tempos. E hoje, 31 de março, a recebo, feito um click na tomada, para iluminar o meu mundo. São cinco páginas, 10 no total (frente e verso), datada 24/março, e 29/março, dos Correios.

Gostaria de esclarecer (rsrs), que em nenhum momento pretendi magoá-la, ou seja, identifico como ruído na comunicação, quando lhe perguntei de seu gosto pelos livros, através do Jinkings. Contudo, saiu-me providencial a provocação não intencional, porque esta é a D. Isa. Uma mulher forte, decidida, companheira, letrada, e por isso fiz questão de que constasse a sua observação. Em segundo lugar, os nomes citados na correspondência são personagens da História de nosso estado, como o do professor Francisco Mendes. Terceiro, aguardo o ‘momento mágico’ quando os dois se conheceram. E quarto e último, espero, idem, como surgiu a Livraria Jinkings. Vou dividir esta memória, em duas partes. Confira a primeira:

Uma Carta de Memória (I): Por Isa Jinkings

Falar do que Belém tinha e não tem mais é lembrar da minha casa, de meus pais e irmãos, de uma infância feliz, mesmo – e até por isso – na convivência de hábitos simples, um lar onde aprendemos, eu e meus seis irmãos, a dar valor a cada coisa, mesmo às pequenas coisas, e onde testemunhamos o amor de nossos pais, entre os quais nunca vimos o menor desentendimento. Que nos ensinaram, com seu exemplo, a ser honestos, a ser generosos, a ser verdadeiros.

Meu pai era um sábio. Falava sempre de sua ‘santa terrinha’, o Portugal de suas muitas histórias. Citava autores e livros, citava fábulas, cantava, desentoadado, as cantigas folclóricas de sua infância. Foi um precursor do que chamamos hoje de método cooper, das caminhadas. Era um naturalista. Não comia açúcar, comia pouco sal. Em nossa mesa havia muita fartura de frutas e legumes. Era ativo, trabalhador, decidido, incansável. Apesar de tudo isso, morreu aos 61 anos. Nossa primeira grande perda.

Minha mãe era uma fada, bondosa, inteligente, tão perspicaz e intuitiva que decifrava o olhar de cada filho, adivinhava nossos pensamentos. Gostava de música, acompanhava a história política. Cantava para nós as mais belas canções de seu tempo. De fala macia e andar tão leve que parecia deslizar, suas mãos lindas eram também mãos de fada. Os trabalhos que fazia – bordados, crochê, bilro, tenerife, etc – eram deslumbrantes. Ninguém a ensinou, aprendeu tudo sozinha.

Foi nesse ambiente de amor e de paz que crescemos, nós sete. Nossa rua (Tamoios, entre Tupinambás e Roberto Camelier) era larga, com muitas mangueiras, debaixo das quais nós tomávamos deliciosos banhos de chuva ao mesmo tempo em que juntávamos as mangas que caíam aos montes. Eram casas grandes, com jardins floridos e quintais enormes. Todos os vizinhos se conheciam. As crianças, depois adolescentes, eram amigas, meninos e meninas. Brincavam juntas, bola, pião, papagaio, peteca; e também de roda, depois do jantar (até a hora que os pais chamavam pra entrar). Que lembranças!

‘Essa menina que está na roda...’, ‘Senhora Dona Chancha...’, ‘Pai Francisco...’, ‘Bom-dia Vossa Senhoria...’, ‘Terezinha de Jesus...’ e muitas mais.

Minha festa predileta era a quadra junina, quando fazíamos fogueiras para todos os Santos, de Sto. Antônio até São Marçal, no dia 30, em que as fogueiras eram de paineiros, e terminava todo aquele encantamento, até o próximo ano.

Soltávamos inocentes fogos, pulávamos fogueira. Era um deslumbramento, uma das mais belas recordações de minha infância e adolescência.

São essas algumas das muitas coisas que Belém não tem mais. Os vizinhos (absolutamente toda a vizinhança), sentados às portas de suas casas, confraternizando e trocando gentilezas, como as comidas da época: o munguzá, o aluá, a canjica, o bolo de macaxeira, de milho.

Bem pequeninos, eu e meu irmão mais novo (o mais querido) íamos ao ‘Baluarte’, na esquina da Mundurucus com a Tupinambás, com um vintém: ‘Seu Artur, quero uma bala de cuba’ (seu Artur Mesquita).

Todos viviam de portas abertas, ninguém usava cadeados, nem grades, muito menos cerca elétrica, que não existia.

Tinha meus 12 anos, era muito lourinha e todos me achavam bonita (sempre fui loura, até adulta). Lembro que aos domingos à tarde meu pai gostava de arrumar o quintal – podava as plantas, varria, organizava o galpão de ferramentas, etc., e eu adorava ficar com ele, enquanto todas as outras crianças brincavam na rua.

De manhã bem cedinho íamos à missa, ele e eu, na igreja de Santa Terezinha, no Jurunas. Minha mãe não ia, dizia que rezava em casa.

Aos 12 anos ainda brincava de boneca, eu e minha amiga (quase irmã Iacy - a médica, Iacy Nazaré). Aos 13 e 14 tive muitos apaixonados, mas sempre me recusava a namorar, por timidez, por medo. Tive alguns namoricos aos 14, mas foi aos 15 (no dia de minha festa de humanista do colégio Moderno, que coincidiu exatamente com o dia de meus 15 anos) que encontrei o amor de minha vida. Não vou falar (pelo menos agora), desse momento mágico, da teia incrível que o destino teceu em torno de nós dois, duas quase crianças que se viram envolvidas irremediavelmente nos fios dessa teia. Só vou resumir que esse amor durou 46 anos, e eu falo de amor, não só de convivência. E gerou cinco filhos, 15 netos e quatro bisnetos. Hoje a família é acrescida de genros, noras, ex-genros e ex-noras, todos muito queridos.

Também me perguntas se aprendi a amar os livros, a literatura, através do Jinkings (eu sempre o chamei Antônio e não sei se interpretei certo, mas achei uma colocação um tanto machista).

Bom, o meu amor me ensinou muitas coisas (também aprendeu outras coisas comigo), mas eu sempre li, desde criança. Lembro que foi minha irmã, Irene que me deu meu primeiro livro, do Érico Veríssimo – ‘A vida do elefante Basílio’ quando eu completava seis anos e já lia bem. Depois, devorava os livros da estante de nossa casa, a ponto de, às

vezes, minha mãe mandar que eu parasse de ler para ajudar minhas irmãs mais velhas a cuidar da casa.

Era assim.

No curso ginásial, tive o privilégio de ser aluna da Ida Valmont (quantos textos escrevi, que eram lidos na sala, em voz alta, por ela!). Eu era a menorzinha da classe, comecei o ginásio aos 11 anos. No IEP, entrava quase em transe assistindo às aulas do inesquecível Chico Mendes de que, encantada, voltei a ser aluna na faculdade (Letras).

Nós dois conversávamos sobre livros. Ele, muito curioso, já conhecia vários filósofos. Em seu blog há um texto que escrevi para a página da livraria, no qual falo de ‘As dores do mundo’ (<http://livrariajinkings.blogspot.com/2009/10/um-depoimento-sobre-o-fundador-da.html>). Quando éramos noivos, ele me deu dois cadernos que considero relíquias: um com poemas selecionados e copiados com sua letra linda, que já mostravam a grande sensibilidade e inteligência desse homem (um menino) que deu todo sentido à minha vida. Numa parte do caderno, só poemas dedicados às mães (ele perdera sua mãe muito cedo, e isso o marcara profundamente). O outro caderno era de pensamentos, citações dos filósofos que já lera.

Sua inclinação para a solidariedade, seu repúdio à injustiça, o conduziu ao Socialismo – foi fundador, ao lado do admirável Cléo Bernardo, do PSB (Partido Socialista Brasileiro). Cléo presidente e ele secretário geral. Do mesmo faziam parte também Jocelyn Brasil, José de Ribamar Darwich, Julio de Alencar, Gilberto Danin, Manoel Bulcão e outros que não lembro.

Que bela campanha fizemos para o Cléo, candidato a Prefeito, e depois para o Jinkings a vereador. Ele era jornalista, vigoroso e combativo, e acharam um pretexto para negar o registro de sua candidatura, já em plena campanha. Pura perseguição política, a primeira de tantas. Travou, pela imprensa, muitas polêmicas em defesa de suas ideias, da coerência que foi uma das suas marcas mais fortes.

Notei agora que estou falando dele, muito mais do que de mim. É que nossa vida foi sempre tão interligada, que ao perdê-lo eu sobrevivi, porém mutilada. Nosso grande e saudoso amigo Jocelyn dizia que éramos como siameses.

A maioria de seus artigos nós escrevíamos juntos, ou eu copidescava.

Em 64, durante um mês peregrinando por diversos endereços, perseguido como uma fera (o ‘perigoso comunista, ex-presidente do famigerado CGT (Comando Geral dos Trabalhadores),,,’), nem um só dia deixamos de ter contato. Nossos parentes e amigos foram tão leais, que eu conseguia, através de esquemas inteligentes, mandar-lhe os jornais, revistas, roupa lavada, alimentos, e trocávamos bilhetes. Minha mãe, toda a família maravilhosa, foram de uma solidariedade absoluta. Nossos cinco filhos – a mais velha com 10 e a mais nova com três aninhos – sabiam da verdade por mim e se orgulhavam do pai.

A menina sensível e romântica que eu era virou uma leoa.

30 dias após o golpe, Jinkings se apresentou e foi preso com dignidade. Decidiu fazê-lo pela ameaça de demissão por abandono de emprego. Pensando na família, principalmente.

A sanha dos milicos já tinha serenado, e na prisão eu o abasteci constantemente de livros, e consegui com o comandante da 5a. Companhia que ele se alimentasse da comida de casa, que eu mesma levava, todos os dias. Durante os meses em que estive no cárcere, eu falei com advogados, com os coronéis a quem estavam ligados os seus processos, com o general comandante, da Região, com diretores do Basa. Até a Madre Superior do colégio Sta. Maria de Belém, onde nossas filhinhas estudavam, me acompanhou numa de minhas idas ao Quartel General. Jamais imaginei que, tímida como era, encontraria essa força, acho que nascida do amor e do respeito por ele, por seu idealismo tão autêntico.

Fomos companheiros, fomos cúmplices – em casa, na formação de nossos filhos, na vida profissional, na militância política. Se eu o ajudei como jornalista, ele me apoiou e acompanhou no período em que lecionei, língua e literatura. Participamos juntos de todas as lutas pela legalidade do Partido Comunista, na grandiosa campanha de filiação após a legalidade conquistada, na conquista de assinantes para o jornal Voz da Unidade. Ele era o presidente do Partidão, o querido presidente; eu sempre fui dirigente, sempre na Executiva, ao lado de companheiros valorosos como o inesquecível José Braz, como Mariano Klautau, como Alfredo Oliveira.

Carta Memória (II): Por Isa Jinkings

(Hoje, 02 de maio, há 58 anos, foi nosso casamento).

Cristina,

Quando falei de minha infância não citei, tantas eram as lembranças que se atropelavam, uma pessoa fundamental na minha vida, que me deu tanto amor, tanto, que posso afirmar que fui uma criança privilegiada (na hierarquia da família, ou da filharada de meus pais eu era a penúltima, entre os sete não tínhamos privilégios...). Foi a 'Neme', como chamávamos Noêmia, minha babá, aliás a pessoa que fazia tudo na casa (era já da família, em que meus pais confiavam pra tudo. Tinha trabalhado com meu pai quando solteiro e continuou quando ele casou com minha mãe, a quem se afeiçãoou, meio maternal, porque mamãe era muito jovem). Minha mãe contava que uma vez, quando eu tinha um aninho, ela estava na cozinha fazendo o meu mingau, e eu chorando na cancelinha que haviam feito para que eu não passasse, por causa dos perigos. Ao lado da cozinha era a despensa, bem grande, onde ao fundo havia uma tina (tina era uma espécie de barril, baixo e largo, onde se armazenava água). De repente eu parei de chorar e mamãe ouviu o arrastar de meus sapatinhos. Correu, desesperada, e me encontrou mergulhada, roxa, como morta. Ficou enlouquecida, então a Neme me levantou em seus braços em direção ao céu e gritou: 'Valei-me Nossa Senhora de Nazaré!', e mamãe diz que nesse instante eu chorei.

Mamãe a escolheu para madrinha de carregar, e ela sempre se disse ‘o meu ba-laió’. A verdade é que me assumiu inteiramente, foi minha segunda mãe. Me enchia de presentes no meu aniversário; acompanhava o Círio comigo no colo. Com seis anos, eu ainda ia carregada como um bebê na procissão do Círio. Ninguém, nenhum irmão brigava comigo, que ela vinha em cima. Gostava de jogar no bicho, jogava todo dia, e sempre queria saber o que eu sonhava na véspera, para interpretar. Também pedia que eu visse que figuras de bichos as nuvens formavam ou ficava horas deitada no chão do pátio no final da casa olhando as nuvens que ora se transformavam num cavalo, num galo, etc. Às vezes (que pecado!) inventava um sonho pra satisfazê-la. E o melhor é que ela de vez em quando ganhava, e me dava um presente. Sempre perguntava o que eu queria, e uma vez eu pedi um boneco, um menino. Ela comprou, era lindo. Tirei as roupinhas dele e tive a maior decepção, porque ele não tinha pinto...

Enfim, esse meu anjo da guarda ainda chegou a conhecer o meu Antonio. Fomos visitá-la juntos, no hospital, doentinha. Algum mecanismo em mim fez com que se apagassem as últimas imagens dela. Não consigo lembrar como morreu. Ainda me parece vê-la, pequenina, doce, me dando na boca uma bolinha deliciosa da comida dela, que fazia com as mãos, e que era muito melhor que a do meu prato...

Mamãe contratava uma pessoa para outros serviços, porque a Neme cozinhava muito bem. Tinha uma Dona Maria, e meu irmão conta que eu estava sentada num tronco, em nosso quintal enorme, falando sozinha: ‘Essa dona Maria tem uma parte de sê besta pra minha banda...’

Bom, o que eu chamo de momento mágico aconteceu com um olhar profundo e penetrante, que um moço lindo, de 21 anos, de bigodinho – que, como tantos rapazes, elegantes e sedutores, se encontrava postado à borda da calçada do Largo de Nazaré – fixou na menina loura, de 14 anos, que passeava com sua irmã oito anos mais velha e suas amigas. Era costume, época em que ainda havia coretos maravilhosos nos quatro cantos do largo, as moças passarem pelas calçadas, como se desfilassem, com seus vestidos novos – o que era outra tradição muito forte: todas as moças faziam um vestido pra cada um dos três domingos da Festa.

Aqueles olhos, fixos em mim, me tiraram a respiração, diferentemente dos muitos galanteios e gracinhas de outros, durante o passeio. Uma volta inteira, novamente passei por aquele lugar e outra vez aquele olhar fixo, insistente, parecia falar. Em seguida minha irmã foi me levando para voltar pra casa, e eu estava trêmula, com taquicardia. Fora a última volta, ela disse ‘já é tarde’. E era o último domingo da Festa...

Acho que a teia começou aí, ou seus fios se entrançaram mais. (O começo mesmo foi no dia em que, com 18 anos, ele veio do Maranhão para a Aeronáutica, em Belém. Queria ser piloto, mas não havia vagas. Ele ficou, fez um curso, tornou-se cabo, e em seguida deu baixa, fez curso de enfermeiro e foi trabalhar como civil no Hospital da Aeronáutica).

Eu pensava nele, e o procurava nas ruas, no caminho do colégio, nas idas ao cinema. Ele me contou que o mesmo aconteceu com ele, procurava e não tinha ideia de onde me encontrar. Só que ele morava e trabalhava na Av. Tito Franco (hoje Almirante Barroso) e estudava à noite. Era quase como se morasse em outro município. Vinha então à cidade aos domingos, mas não nos cruzávamos. Acho que eu já desistira.

Até que...

Era final de ano e minhas irmãs comentaram sobre uma festa no dia de Ano Novo, que seria das 18 horas a meia-noite. Não sei o que me impulsionou a querer ir também, e comecei a insistir com minha mãe, para quem eu era muito criança pra frequentar festas à noite. Só iria com 18 anos. Eu adorava dançar, mas só ia, aos fins de semana, às matinais dançantes do colégio ou da UESP. Cismei de ir, contra meus hábitos bati o pé e chorei a semana inteira, até comover minha mãe.

E lá fui eu, no dia 1º, felicíssima. Minhas irmãs se espantaram, porque os rapazes logo começaram a me tirar pra dançar, e eu não ficava sentada nunca. Sangue novo...

E numa dança, eu o vi, me desestruturando com aquele olhar. Tentou várias vezes se aproximar e eu já ia saindo com alguém que chegara antes. (Haviam me ensinado que era grosseria recusar uma dança). Aí ele se colocou juntinho à nossa mesa, e me tirou para dançar. E me falou as primeiras palavras de nossas vidas: ‘dança a outra comigo?’ e já ficamos no salão para a próxima dança, ele segurando a minha mão, meio tímido também. Logo em seguida a festa terminou. Ele chegara um pouco tarde. Com toda a emoção e a minha timidez, tive tempo de lhe falar do meu baile de humanista, no sábado seguinte, dia 8. Que foi também o dia de meus 15 anos, cheio de alegrias e surpresas proporcionadas pela família. Como o vestido azul de tafetá chamalotado, à tarde, pra receber minhas amigas. E o lindo vestido de baile que usaria à noite, e que foi considerado o mais bonito da festa. E como as luzes se apagaram, à meia-noite, no Clube, o bolo lindo que foi trazido pelos garçons à nossa mesa, enquanto a orquestra tocava o ‘Parabéns’ e depois a valsa, dançada com o presidente do Clube, os meus irmãos, os amigos. Foi um deslumbramento.

(Eu não sabia que no dia 1º ele entrara de ‘penetra’, com um amigo. Durante essa semana, então, ele moveu mundos e conseguiu entrar de sócio, para não perder o meu baile).

O salão estava superlotado, na hora da valsa. E então ele veio, me abraçou e saímos dançando, e até o final da festa não nos separamos.

Nosso primeiro encontro foi marcado para a tarde de segunda-feira (domingo haveria reunião de parentes em casa) na Praça Batista Campos (praça querida, faz parte de nossa história). Cheguei um pouco cedo, dei uma volta, não o vi e vim caminhando até a esquina da Tamoios para atravessar a rua e voltar pra casa (estava confusa e triste). Parei para esperar o ônibus passar, e vi alguém, no ônibus, levantar apressado, mandar parar e descer à minha frente. (Tinha estado na praça, e não me encontrando apanhara

o ônibus para o fim da linha, umas três esquinas depois, também confuso, achando que o tinha enganado, mas querendo tentar ainda me encontrar, na volta).

Não foi mágico tudo isso? Não foi o destino? Que estranho impulso fez com que eu me desesperasse para ir àquela festa dia de Ano? Quem, ou o que, teria feito com que chegássemos os dois, naquele exato momento, como se estivesse cronometrado, ao mesmo tempo, naquela esquina?

Naquele dia, ambos atônitos, teríamos desfeito um sonho. Quem sabe nunca mais nos veríamos. Mas a partir desse dia passamos a nos ver diariamente e seguimos caminhando pela vida, de mãos dadas, até que a morte, e só ela, nos separou, 46 anos depois. E mesmo nesse instante ele estava com suas duas mãos entre as minhas, como se eu o pudesse reter para a vida.

Cristina,

Sei que tua intenção não era que te contasse um romance... Querias que te falasse das lutas que enfrentamos juntos, que enfrentei sozinha quando ele estava na prisão, da criação da livraria, das lutas políticas. Talvez da formação de nossos filhos, dos exemplos que lhes legamos.

Mas foi fluindo, como uma psicografia. Ao lado da minha interminável saudade, acho que me consola um pouco relembrar o quanto fui feliz. Talvez esse mesmo sentimento é que me induz a acreditar, sem infelizmente nenhuma evidência, que não acaba tudo com a morte, que ainda vamos estar juntos num outro plano, que vou rever meus pais, meus irmãos, a Neme...

Considera esta carta como confidências de alguém que te respeita e se tornou tua amiga.

Na próxima vou te contar a história da livraria.

Maria Isa.

Carta Memória (III): Por Isa Jinkings

Um pouco da história da Livraria Jinkings.

Tudo começou no dia 29 de outubro de 1945, dia em que Getúlio Vargas foi deposto. Nesse dia, Raimundo Antonio da Costa Jinkings chegava a Belém. Tinha 18 anos e veio com alguns amigos para se inscrever na Aeronáutica. Sua vida daí por diante foi uma sucessão de batalhas. Fora um menino pobre que enfrentara toda sorte de dificuldades. Fez curso e tornou-se Cabo da Aeronáutica, depois passou a trabalhar como enfermeiro, após aprovado num curso.

Foi assim, já como civil, que me conheceu, em 1949. Morava na Almirante Barroso e ia diariamente me esperar à saída do Instituto de Educação. Namorávamos num banco da Praça Batista Campos até a hora em que ele ia para o ginásio Pará-Amazonas, no primeiro curso noturno que inaugurara em Belém. Quando abriu concurso para o Banco da Borracha,, hoje Banco da Amazônia, ele se inscreveu. (Foi minha mãe que o

estimulou). *Aí começamos a estudar, juntos. No banco da Praça, aproveitávamos todo o tempo de que dispúnhamos e estudávamos português, matéria que eu dominava. Nosso livro preferencial era “Correção de frases e textos”, de A. Tenório de Albuquerque. Matemática ele estudava sozinho. O Banco da Borracha era um dos mais ambicionados empregos do Pará. Pagava melhor que o Banco do Brasil. Havia advogados, professores, profissionais de diversas áreas inscritos. E o caboclinho de Santa Helena, cursando o ginásio, foi aprovado com uma das notas mais altas, com honroso 4º lugar em Português. O tema da redação foi “A importância da navegação fluvial no desenvolvimento da Amazônia”, e ele estava justamente estudando no ginásio a bacia amazônica.*

No dia 26 de janeiro de 1951 ele passou a ser um bancário do Banco da Borracha.

No “Pará-Amazonas”, Jinkings, Roberto Uchoa, um negro admirável, e Tomé Castro tornaram-se grandes amigos. Na colação de grau de humanistas, os mais de 50 formandos escolheram o Jinkings como orador da turma. Tenho seu discurso, uma de minhas relíquias.

Em 1952 entrou para o “Paes de Carvalho”, no 2º grau, e foi eleito para a diretoria do Centro Cívico Honorato Filgueiras, e presidiu a comissão que elaborou o Regimento Interno do Conselho. Ainda no encerramento do ano no Pará-Amazonas, os três amigos – Jinkings, Roberto e Tomé – ingressaram no Partido Socialista, fundando o Núcleo Estudantil em Defesa do Petróleo. Eleito o Diretório Estadual desse Partido, com Cléo Bernardo na Presidência e Jinkings como Secretário Executivo, nomes como Benedito Nunes, Julio de Alencar, Oswaldo Mendes, Alberto Bendahan, Raimundo Cavalero de Macedo, Cláudio Sá Leal, Jaime Barcessat (valoroso companheiro que morreu muito jovem), Oiram Ribeiro (outro que também morreu cedo), Irapuan Sales e outros, entre os quais jornalistas, operários, estivadores, estudantes, compunham o novo e revolucionário partido.

Na noite de Ano-Novo(1951/1952) meu amor entrou, lindo, em nossa sala toda iluminada onde meus pais, solenes, o receberam e o ouviram pedir minha mão em casamento. (As coisas antigamente eram tão mais românticas...).

Líder nas campanhas dos bancários, fazia piquetes nas greves e desenvolvia intensa luta sindical.

Foi também um dos organizadores do 1º Congresso Regional Norte de Defesa do Petróleo e iniciara sua carreira de jornalista. Escrevia semanalmente na “Folha do Norte”, no “Flash” e no “Estado do Pará”. Eu era co-partícipe de seus artigos.

Dia 2 de maio de 1953 foi o nosso casamento. Ele continuava estudando à noite, já então na “Fênix Caixeiral Paraense”, e se mantinha como jornalista.

Em 1954 nasceu nossa primeira filha, Nise Maria. Ele não entrava na sala de parto, em nenhum dos nascimentos de nossos filhos (ficava na ante-sala, nervoso, andando de um lado para o outro). Era minha mãe quem ficava segurando minha mão, e eu

não imaginaria ter um filho sem aquela energia de sua mãozinha me transmitindo tanta bondade. Minha mãe contou que, quando veio correndo dar-lhe a notícia, ele chorou de emoção. E eu nunca vi um pai mais enlouquecido de amor. Ainda no hospital ele agarra-va, beijava aquele pedacinho de gente.

A primeira camisinha dela foi feita da fralda de uma camisa do pai; era tradição. Seu nome: eu tinha dado de presente a ele o livro de Graciliano Ramos “Memórias do Cárcere”, em 4 volumes, que ele classificou como o mais importante livro de memórias que conheceu. Conversávamos sobre o livro quando nossa filhinha nasceu, e combinamos de dar-lhe o nome da admirável Nise da Silveira, companheira de cárcere de Graciliano Ramos, e sobre quem ele se referia com muita admiração e respeito. Quisemos homenageá-la, além do nome ser tão bonito.

No dia 31 de maio do ano seguinte aconteceu nossa primeira separação, tremendamente dolorosa. A causa foi esta: Gabriel Hermes era presidente do Basa e candidatou-se a deputado federal. Então transformou o Banco em instrumento político partidário, inescrupulosamente. Jinkings, jornalista habituado a denunciar esse tipo de atitude, denunciou severamente esse fato, mesmo se tratando do presidente do Banco onde trabalhava. A punição veio logo em cima: foi transferido para o Acre, a pior agência do Banco, conhecida por suas endemias, entre outras desvantagens. Logo depois Gabriel perdeu a presidência, e Jinkings, que já havia lançado mão de inúmeros recursos, pelo menos teve a transferência mudada para São Luiz, como gerente, o que de certa forma era uma promoção. Nossa segunda filha, Leila, estava a caminho. Ele voltou para o nascimento de nossa Leila Maria. Um mês e meio depois eu viajei com nossas duas filhinhas, e ficamos novamente juntos, numa linda casa onde permanecemos por três anos. Lá nasceram, nos dois anos seguintes, nossos dois homenzinhos, Raimundo Antonio Filho e Álvaro Lênin. Com quatro anos de casados tínhamos quatro filhos. Eu tinha 23 e ele 29 anos. E éramos muito felizes.

Então ele foi insistentemente convidado a assumir a gerência da agência de Bacabal, que atravessava sérios problemas, com um gerente irresponsável e sem escrúpulos.

É indescritível, e impossível de esquecer, o carinho e o respeito com que fomos recebidos. Todos se encantaram com nossa simplicidade. Fomos mimados, fizemos grandes amigos.

Em 1959, fomos contemplados pela Caixa de Presidência do Basa com o financiamento para construção de nossa casa, em Belém.

Foi difícil nossa despedida. Vi muitos de nossos amigos chorando, desde os mais graduados até os mais humildes, nossos vizinhos com os quais costumávamos sentar, à noite, ouvindo-os lerem os livrinhos de cordel e a narração de histórias de assombração, crendices, fantasias inocentes que encantavam a gente. Nossos quatro filhinhos, às sete da noite já dormiam. Após o jantar, em suas caminhas, cada um com um livro de história (aqueles livros coloridos que mandávamos buscar pelo reembolso postal junto com os

que pedíamos para nós, e que assim se iniciava o amor deles pela literatura), assim todos adormeciam. E então tínhamos o tempo exclusivamente pra nós dois – namorávamos, líamos, ouvíamos música, muitas vezes ele lia poesias pra nós dois; ou sentávamos à porta com os vizinhos.

Um episódio inesquecível que mostrou o quanto aquela gente amava o moço simples e generoso que chegou de repente, com sua família (todos me adotaram também, me admiravam como mãe e companheira, “tão menina”, diziam). Pois é, esse moço que introduziu um novo conceito, de competência e honestidade, na forma de gerenciar o único Banco da cidade. O gerente do Banco era a maior autoridade num município onde circulava muito dinheiro, onde viviam fazendeiros e os maiores usineiros (beneficiadores de arroz, que era o principal produto) do Estado, fornecedores para o resto do país. Estavam fartos de ser extorquidos pelo gerente anterior que, além de inconsequente, era arrogante e insensível. Nos fins de semana, fretava um avião e, junto com grandes comerciantes, viajava para São Luiz, onde todos participavam de bacanais e jogatinas. Com as promissoras que assinavam por dívidas de jogo, eram executados pelo próprio gerente do Banco, tendo muitos ficado arruinados. Com todo o cuidado e a determinação de devolver àquela praça a credibilidade e promover o progresso da cidade, o novo gerente reiniciou as operações, e foi como se uma nova era estivesse nascendo.

Bacabal também era palco de violentos conflitos de terras. Políticos e aventureiros de toda espécie haviam-se apropriado de áreas pertencentes ao Estado, grande parte das quais habitadas por nativos que viviam das plantações de suas roças. Pois bem, e é aí que entra o episódio inesquecível a que me referi: certo dia uma passeata de homens, mulheres e crianças, aqueles pequenos agricultores, que haviam sido brutalmente expulsos de suas casas, parou em frente ao Banco pedindo a ajuda de seu gerente. Os líderes já o conheciam por participações anteriores em centros de trabalhadores. Ele imediatamente se mobilizou, entregou o Banco ao subgerente e, como minha mãe estivesse conosco, ele me apanhou e fomos juntos contratar um advogado. O “proprietário” da área atingida era um importante cliente do Banco, chamado Nicanor, e havia usado de violência inominável, com capangas que, despejando as famílias de suas casas, ao mesmo tempo incendiavam tudo, queimando os pertences daquela pobre gente.

O processo correu rápido, e Nicanor foi obrigado a devolver as terras. Mas, com muito ódio, usou de sua influência junto à Direção Geral do Banco, conseguindo que Jinkings fosse removido de Bacabal. Ele imediatamente foi a Belém para esclarecer os fatos, e não sabia que os comerciantes e a população em peso haviam feito um abaixo-assinado, que exigia sua permanência e que uma comissão foi em seguida entregar pessoalmente ao Presidente do Banco, em Belém. O movimento foi tão forte que a Direção do Banco retrocedeu e o manteve no cargo, ainda mais respeitado e fortalecido.

Seu retorno, sua chegada a Bacabal foi emocionante, uma apoteose. Foi decretado feriado no município, e uma multidão se dirigiu ao ponto do ônibus, que fazia a linha São

Luiz-Bacabal. Eu o estava esperando, com nossas crianças, e então fomos todos colocados em um carro aberto e foi feito um desfile, com carros, bicicletas e pessoas a pé, que se encerrou no Bancrêvea, onde um almoço fora organizado, democrático, de portões abertos.

O incendiário Nicanor desapareceu de Bacabal.

Quando nos despedimos de nossos amigos, trouxemos e deixamos muitas saudades. Mas tínhamos a sensação de volta ao lar, à família, a nossa Belém querida.

Em Belém iniciamos a construção de nossa casa. Na casa ao lado moravam minha mãe e minha irmã Helena.

Nossa caçula, Ivana Maria, nasceu quando estreávamos a casa nova.

A situação política se complicava: em agosto de 61 a renúncia de Jânio Quadros, a resistência contra a posse de Jango com tentativa de golpe militar, abortado pela reação dos democratas e dos setores progressistas das Forças Armadas.

Nos anos seguintes, intensas lutas políticas, fortalecimento dos sindicatos. Em 63 foi criada a Primeira Central Sindical – o CGT – (Comando Geral dos Trabalhadores) e foi Jinkings, unanimemente, eleito Presidente do CGT. Combativo, idealista, essa foi a época em que o sindicalismo teve mais força no Pará.

Em 64 quando, no memorável comício de 13 de março, no Rio, Jango aprovou as Reformas de Base, pelas quais a esquerda, os patriotas tanto lutavam, Jinkings estava presente, e poucas vezes o vi tão vibrante.

Aí se criou o estopim para o golpe, que há tempos vinha sendo preparado pelos generais, nos cursos de tortura coordenados por Jarbas Passarinho, nas infiltrações dos espões nas universidades, nos sindicatos, nas tramas dos “lenços brancos”.

Na noite de 31 de março, o Jinkings, após presidir reunião do CGT, em Assembleia permanente com a massa de sindicalistas, veio a nossa casa se despedir e entrou para a clandestinidade.

Me trouxe um rádio para que eu melhor acompanhasse os acontecimentos. Fiquei com nossos cinco filhinhos, que já dormiam, enquanto eu ouvia o noticiário, acompanhava a reação do povo, no Rio, a rádio da legalidade comandada por Leonel Brizola, e entrei pela madrugada inclusive ouvindo o discurso de Jango, até quando sua voz calou e a rádio noticiou que ele havia partido para o Uruguai. Não dá pra esquecer esse momento trágico; eu soluçava sozinha e pensava nas nossas crianças, e em nossos jovens, nos milhares de lutadores que passavam a rer destino incerto.

Para vergonha deles, era 1º de abril, e nenhuma mentira jamais foi tão tenebrosa, a de que eram salvadores da Pátria...

O golpe militar violento, sangüinário, evoluiu para a ditadura que infelicitou o Brasil e manchou indelevelmente nossa história por dolorosos 20 anos.

Já relatei, talvez, por alto, a prisão do Jinkings.

Ao sair da prisão, ele precisava urgentemente de trabalhar. Conversamos muito, e

combinamos, ajudados pelo companheiro Sandoval Barbosa, também atingido, montar uma barraca na feira livre de Batista Campos. Eu passei a fazer docinhos que nossos meninos, Toninho e Valico, com sete e seis anos, vendiam na feira, cada um com seu tableirinho. Quando eles estavam na escola, eu atendia na barraca. Nossos amigos todos correram a comprar conosco, o que é uma das lembranças mais bonitas que guardamos, e um testemunho do que seja solidariedade.

Todos esses acontecimentos, eu acho, são como preliminares, explicam o nascimento da livraria, suas primeiras sementes. Como tínhamos o hábito de ler, desde crianças, e introduzimos entre as crianças esse hábito desde bem pequenas, costumávamos usar o serviço de Reembolso Postal para nos mantermos atualizados.

Enquanto sobrevivíamos como feirantes, Jinkings escreveu a diversas editoras, das quais já era um enorme conhecido, oferecendo representação em Belém. Foi uma ideia muito inteligente. Não tardaram a chegar as respostas. A primeira que nos respondeu, pela qual sempre guardamos um carinho especial, foi a Brasiliense, do grande Caio Prado Júnior, e cujo primeiro idealizador e fundador havia sido o genial Monteiro Lobato. Seguiram-se outras, e mais outras, até a ponto de termos que recusar algumas.

Registramos a RA Jinkings Representações. O Pará era carente de livros. A demanda foi tão grande, que em poucos meses passamos da representação ao varejo. E isso tudo em nossa casa, que virou como que um mercado aberto, um mercado cultural. Livros se espalhavam pelos sofás, pelas cadeiras, empilhados no chão. O trabalho de divulgação foi absolutamente pioneiro, nunca ninguém fizera trabalho igual – diretamente junto aos professores, em suas casas, nas salas de aula. E as publicações didáticas explodiram, e aí tivemos que contratar os primeiros funcionários, e então compramos duas velhas casas na rua paralela, a Tamoios, ambas confinando com a nossa, pelos fundos, todas com quintais enormes. A bagunça estilizada se transferiu. Num porão abarrotado recebíamos estudantes, professores, artistas, intelectuais que adoravam a bagunça. Era como se caçassem tesouros, e o melhor de tudo é que os encontravam.

Durante anos sofremos as maiores perseguições. Livros considerados subversivos pelos “cultos” policiais eram apreendidos, sistematicamente. Quando finalmente conseguimos construir a livraria, isso só em 1979, com um mês de inaugurada foi metralhada pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas), na verdade uns nazistas. Nossa casa foi atacada mais de uma vez, com pedras e balas. Um carro novo de nosso filho foi incendiado, no jardim de nossa casa. Houve ainda outras prisões, mas nós resistimos sempre.

No 2º pavimento do prédio da livraria criamos o Espaço Cultural – um amplo salão onde passamos a realizar debates, lançamentos de livros, exposições, saraus; e no qual, em 1982, foi lançada a FDO – Frente Democrática de Oposição – com manifesto, declaração de princípios e apresentação de candidatos às eleições de 82, lançando para governador Jader Barbalho.

A FDO, que abrigava todos os democratas, impingiu ao candidato da ditadura, o

maléfico Jarbas Passarinho, uma fragorosa derrota.

Cristina,

No Blog do Jinkings há muita informação sobre a livraria. Então que te coloco são as minhas lembranças mais familiares, o aspecto pessoal dos fatos, mais íntimos talvez, muito nossos.

Quanto ao tamanho que ficou, eu te avisei que costumo me estender demais... Podes editar.

Um abraço amigo da Isa.

ANEXO 2

Cinco artigos publicados por Raimundo Jinkings em jornais do Pará e do Maranhão (transcritos, *ipsis litteris*, de BRASIL, Jocelyn. Entre as letras e as baionetas. A trajetória de Raimundo Jinkings. Rio de Janeiro: Jotanei Edições, 1995.).

MISÉRIA HUMANA

Quando passamos pelas ruas de Belém, principalmente a João Alfredo, depa-ramos com um grande número de seres humanos que, certamente, já tiveram lar, já trabalharam, já produziram e já contribuíram com a parcela de seus esforços para o progresso de nossa Pátria, do nosso Estado, e para o enriquecimento de alguns pri- vilegiados da sorte e do regime, mas que hoje estão transformados em verdadeiros farrapos humanos, jogados nas calçadas, submetidos ao sol e à chuva, sujeitos a toda sorte de misérias, comendo aquilo que o diabo enjeita, desprezados por tudo e por todos, humilhados pela própria sociedade. Esses mesmos homens que, sem dúvida, sonharam ter na velhice uma vida tranqüila, sem privações, digna dos que trabalham e que produzem, viram seus esforços e seus ideais vencidos pela ambição insaciável dos ricos e pelo descaso dos governos. Triste realidade!

Quanto é triste e doloroso saber que dentre esses mendigos, que estão jogados ao léu, ostentando suas chagas físicas ao lado das rebrilhantes exposições de jóias, há um jovem que esteve na última guerra, lutou e sacrificou-se pela prometida liberdade e frater- nidade dos povos. Esse infeliz idealista voltou da guerra, doente, inutilizado para o resto da vida, mas cheio de esperanças, na certeza de que havia contribuído para a conquista do mundo com que sonhara. Ao regressar, não desejava mais do que a Paz para o mundo e o necessário para sua subsistência. Entretanto tudo lhe foi negado. Os homens, que lhe prometeram vida melhor, esqueceram-se do compromisso, e estão agora gozando as delí- cias das fortunas conseguidas à custa da miséria do Povo durante a guerra, desse mesmo Povo de quem foram exigidos o sangue, o trabalho e o sacrifício, para defesa da Paz e da Democracia, dessa Paz e dessa Democracia que ainda não conhecemos.

Não poderá haver Democracia e nem poderá haver Paz enquanto assistirmos a cenas dolorosas como essas, e enquanto não acabarmos com os privilégios vergonhosos dessa estranha fauna dos capitalistas. O que precisamos é de justiça, mas a justiça só é perfeita, só é justiça de verdade quando é feita igualmente para todos, sem distinção de condições sociais, de raças ou de cor. São do grande Simon Bolívar estas significativas palavras: “Conservai intacta a lei das leis: a igualdade. Sem ela perecem todas as liberda- des, todos os direitos”. Quão verdadeiras são essas palavras que, lendo-as, acreditamos com toda a sinceridade que um dia haveremos de dar ao nosso Povo aquilo que não nos

é possível dar-lhe no regime capitalista: a igualdade econômica e social. No próprio Estados Unidos, o país capitalista mais rico do mundo, existe a fome e a miséria, pois consoante apuração feita em 1939, dos 30 milhões de famílias norte-americanas 8 milhões morreriam de fome se o governo não as socorresse, e 11 milhões lutariam contra a miséria. Referindo-se a essa estatística, o líder nacional do Partido Socialista, o eminente dr. João Mangabeira, disse com precisão: “Tudo isso demonstra que ainda no país mais rico do mundo, o regime capitalista não pode resolver o problema da fome e da miséria”.

O problema da pauperização em nosso Estado exige do governo imediatas providências medidas concretas em benefício do Povo, com o objetivo de acabar com essa situação difícil e desmoralizante.

Nem a mais santa das intenções resolve em contrário. Lembrem-se de Fauchet na convenção da grande Revolução Francesa:

“Considerando que a igualdade não deve ser uma miragem enganadora que todos os cidadãos inferiores, velhões órfãos indigentes, sejam albergados, vestidos e alimentados, a mendicidade e a ociosidade sejam proscritas; que se dê trabalho a todos os cidadãos válidos”.

Que adiantou? Nada. A questão, evidentemente, não é de sonhar. Ou o governo se mexe, ou o Povo virá a fazê-lo por suas próprias mãos inevitavelmente, de modo violento.

Há o caminho da construção socialista, pacífica, e há o caminho que garante sucessos, como os acontecimentos do Rio Grande do Sul estão a indicar. Escolha o governo a solução enquanto ainda lhe resta um pouquinho de tempo.

(Folha10.08.52)

QUAL O NOSSO CRIME?

Em companhia de cinco incansáveis companheiros do PSB, consoante é do conhecimento público, fui interpelado e preso, na noite do dia 13 de dezembro, véspera da frustrada e inesquecível MARCHA DA FOME. Nossa prisão foi efetuada, pelo então delegado de Trânsito, Francisco Sarmanho que, na Central de Polícia, negou-nos até mesmo o elementar direito de comunicação, evidenciando com isso o seu espírito de policial medíocre e servil. Poderíamos perfeitamente nos ter negado a comparecer à Central. Entretanto, não o fizemos, pois assim estaríamos dando prova de fraqueza e covardia. E porque somente aos fracos e covardes pode essa polícia bisonha amedrontar.

Na Central, ouvia-se insistentemente da boca dos “tiras” que éramos criminosos e estávamos incursos na “Lei de Segurança”. Pobres mantenedores da ordem e defensores do Povo! Não tem sequer conhecimento do texto da famigerada lei... Sabem, porém, que é qualquer coisa de tremendamente vil e antidemocrática, que despersonaliza o cidadão e o transforma em simples instrumento das ignomínias policiais e em nome da qual todas as violências e todas as torpezas encontram justificativa.

Qual o nosso crime? Fazíamos uso de um direito que a Constituição da República nos assegura, como socialistas, da mesma forma como o faz aos comunistas e democratas – a livre manifestação do pensamento. “É inviolável a liberdade de consciência e de crença”, artigo 141. Como admitir, então, sem um veemente e indignado protesto, a intromissão naquilo que fazíamos de espontânea vontade, como homens livres e conscientes?

Perguntamos ao Sr. Francisco Sarmanho de quem havia partido a ordem absurda que dera origem à nossa prisão, e ele nos disse, sem rodeios, que cumpria ordens expressas do Sr. Moacir Santiago – autorizado porta-voz da “cruzada” fascista do almirante Pena Boto, em nossa terra. Esse senhor era o delegado de plantão, mas no momento encontrava-se, com ares de gozador irresponsável (parecendo mais uma princesa do que um príncipe), no terraço do Grande Hotel, de onde com mais eficiência acredita poder desempenhar o seu tristíssimo papel de policiallouvaminheiro. Infelizmente o Sr. Santiago chegou à Central no mesmo instante em que dava entrada na mesma o deputado Cléo Bernardo. Não teve tempo, desse modo, de consumir as suas covardes e costumeiras provocações. Foi pena, porque estávamos esperando por elas. Intimidado pela presença daquele deputado, o Sr. Moacir, ainda tentou balbuciar qualquer justificativa, apoiando-se na Lei de Segurança, que agora está na moda. Logo, porém, respondendo a uma firme interpelação do líder socialista, afirmou não haver nenhuma razão para que permanecêssemos presos. Deixamos, assim, a Central de Polícia, orgulhosos de nós mesmos, e convictos de que estamos integralmente certos, enquanto que os errados são eles, os que nos ameaçam e nos prendem. A nossa luta provém do idealismo sadio e poderoso que nos tem caracterizado. A deles, ao contrário, é fruto de um mercenarismo cretino e de uma degradante submissão. As arbitrariedades cometidas pelos nossos despreparados adversários, ao invés de nos levarem a

recuar dão-nos mais vigor e coragem para prosseguir na luta – árdua sem dúvida alguma, porém honrosa e nobre – contra a burguesia, classe cada vez mais incapaz, reacionária e gozadora. Encontramo-nos na linha de frente, de onde não deixaremos de denunciar os dilapidadores dos cofres públicos, os exploradores do povo e os cretinos vendilhões da Pátria. Dessa trincheira, nem prisões, nem processos nem a força corruptora do dólar nos arrancará (marcações do texto publicado no livro).

Desse modo, tivemos oportunidade de participar da grande manifestação da Avenida 15 de Agosto (a intenção da polícia era não permitir que isso acontecesse, soltando-nos somente depois que ela terminasse). De nada adiantaram o dramático apelo e a ameaça do fazendeiro Loris Olímpio então secretário do Interior e Justiça, cujo afastamento daquela secretaria constituiu uma grande vitória para o PSB e para o Povo principalmente. Uma secretaria como a do Interior e Justiça, política por excelência, não pode permanecer nas mãos de indivíduos reacionários. Os interesses da coletividade não devem e não podem ser preteridos em favor de um grupo de pecuaristas. A imensa, brava e entusiástica multidão que compareceu à MARCHA DA FOME falou melhor do que todos os apelos e todas as ameaças.

A MARCHA DA FOME não foi, realmente, concretizada. E não o foi, tão somente porque o PSB não se curvou às imposições do governo e da polícia. O PSB resistiu. “E não se concebe resistência como crime, quando oposta a ordens ilegais. Resistir a estas não é apenas um direito, é o cumprimento de um dever cívico” (Ministro Nelson Hungria). Estas palavras do emitente jurista brasileiro servem como uma advertência União Acadêmica Paraense, cujos dirigentes andam distantes da realidade histórica.

Tivesse o Partido Socialista capitulado ante tamanho desrespeito à Constituição Federal estaria desmentindo as suas tradições tão gloriosas de intrepidez e de coerência, desmerecendo totalmente a confiança popular, da qual tem sido sempre o maior porta-voz. Teria deixado, enfim, de ser um Partido de homens livres e conscientes, para constituir um simples aglomerado de aventureiros sem ideal e sem objetivo inconseqüentes e acovardados.

O mais entranhável é que, na mesma noite em que fomos presos, alguns desavergonhados assalariados escreveram pelas calçadas e muros da cidade, pornografias e insultos dirigidos ao PSB e ao seu presidente, deputado Cléo Bernardo. E estes, ao contrário de receberem voz de prisão, foram, certamente, protegidos e acobertados pela polícia. Em muitas outras ocasiões, tem acontecido coisas nojentas dessa natureza. A Standard Oil, ou seus testas de ferro, por exemplo, mandou apagar todas as inscrições que haviam em vários pontos da cidade, em defesa do petróleo nacional e escrever, em substituição, palavras ofensivas a dignidade dos patriotas. O ex-prefeito Lopo de Castro, por sua vez, realizou façanha semelhante, na época da última campanha política: mandou que o seu mais servil correligionário, vereador Alberto Nunes, pregasse aqueles cartazes indecorosos contra o deputado socialista. O mesmo já fizeram com os deputados Imbiriba da Rocha e

Rosa Pereira, com o grupo Meira, etc. Os executores dessas ordens nunca foram presos ou pelo menos interpelados pelos Moacir Santiago, Diniz Ferreira, Alexandrino Chaves, etc. Isto evidencia claramente a convivência da polícia e, por conseguinte, do governo nesse vergonhoso papel de calúnia e de chantagem. E não foi, também, a nossa injusta prisão, a primeira violência cometida pela polícia, na atual administração. Vários operários foram presos quando faziam, pacífica e democraticamente, propaganda do comício dos trabalhadores, realizado no dia 1º de maio de 1953. A verdade é que quando um governo enxerga por um olho só, e somente na violência e na mentira encontra a sua tábua de salvação, é porque perdeu a confiança e apoio popular, e se considera politicamente naufragado.

(Folha 12.01.54)

A VITÓRIA É DO POVO

A Marcha da Fome, e todos os lamentáveis acontecimentos que dela decorreram, desmoralizam politicamente o governo do general Zacarias de Assumpção. Agora a atitude do Conselho Regional de Trânsito, negando o aumento das passagens dos coletivos, desmoralizou-o administrativamente. O governo foi derrotado mais uma vez não pelo CRT, mas pelo Povo, já um tanto esclarecido, organizado e vigilante.

Se o Povo não estivesse suficientemente preparado para repetir, e disposto a tomar uma atitude drástica no caso de concretizar mais esse assalto à sua escassa bolsa, é claro que os membros do CRT teriam preferido a posição muita mais cômoda de ficar ao lado do governo e dos magnatas do transporte coletivo. O que fez com que os membros do Conselho de Trânsito negassem o aumento no preço das passagens, atitude que significa um recuo do governo vacilante e truculento, foram as várias e significativas manifestações públicas realizadas contra aquela tentativa. Foi aquele vibrante manifesto do PSB, no dia 24 de janeiro, denunciando o governo e abrindo a luta. Foi a atitude de estudantes, provocada e agitada pela corajosa FDE. Foram os diversos comícios feitos pela UGTP e pela Federação dos Trabalhadores das Indústrias.

O governo já declarou que acata a decisão do CRT, pretendendo com isso passar, perante a opinião pública, por um governo imparcial e democrata. Intimamente, porém, deve estar lamentando não ter podido auxiliar os seus amigos ricos. É que agora o Povo já não acredita em proteção e justiça por parte daqueles que o governam e em ocasiões como esta lança-se à luta sozinho, confiando apenas em sua própria força. Já aprendeu, através de amargas experiências, que o seu lugar é na rua, e que só na rua se pode fazer respeitar.

A muitos poderá parecer estranho e incoerente esta minha atitude, achando que o meu dever, na presente circunstância, seria aplaudir incondicionalmente a posição tomada pelo CRT. Se não o faço, entretanto, é porque só creio na força popular, no indestrutível poder das massas, e considero cada concessão feita pela classe dominante como um reflexo do movimento das classes trabalhadoras. Não acredito que essa gente tome uma posição favorável ao Povo, quando a situação lhe permite agir em sentido contrário.

O próprio governo, que costuma ver as coisas por um olho só, reconheceu a gravidade no assunto. Sentiu que, se o aumento fosse consumado, haveria a repetição dos tristes acontecimentos de São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia. Quebra-quebra, violências policiais. Compreendeu que ainda mesmo que requisitasse o auxílio das forças federais de nada adiantaria essa medida, pois o Povo iria à praça pública de qualquer maneira, e desta vez já não somente para protestar. Iria vingar-se de todos os males que lhe tem sido causados no presente e no passado.

A SORTE DE BACABAL

Quem pela primeira vez pisar no solo de Bacabal, verificará, com certeza, que se trata de uma cidade que cresce e que se apresenta com todas as possibilidades de se tornar a mais importante e progressista cidade maranhense. Verificará também, não há dúvida alguma, que se trata de uma terra completamente abandonada pelos poderes públicos, sem dono, isto é, sem um líder inteligente e capaz. É o município de maior renda do Estado, mas só possui, de obra pública, um precário e inadequado grupo escolar, um deficiente posto médico sem instalações convenientes e o que é pior, sem medicamentos. É uma cidade de crescimento natural, porém sem aquela orientação técnica e administrativa, imprescindível às cidades novas e modernas. Bacabal cresce com uma série de defeitos que constituem um crime monstruoso, pelo qual deveriam ser responsabilizados seus administradores presentes e passados. Não se vê, em parte alguma da cidade vestígio da existência de uma administração municipal estadual ou federal. Os nossos chamados chefes políticos, seria melhor chamá-los de chefetes, só sabem reivindicar para Bacabal a nomeação de delegados de polícia e inspetores de quarteirão, com o único objetivo de perseguir os adversários políticos ou aqueles que não se submeterem aos seus caprichos provincianos. Bacabal sempre manteve na Assembléia Legislativa, mais de dois deputados, uns eleitos normalmente, outros pela fraude eleitoral, contando para isso com a conivência de juízes inescrupulosos, que nos envergonham e nos diminuem perante aos outros povos. Apesar disso, na administração do Estado, não é ouvido, quanto menos respeitado. Isto patenteia o grau de subserviência, a falta de inteligência e a incapacidade para dirigir dos nossos politicóides. Entretanto, Bacabal precisa de tanta coisa: mais um ginásio, uma Escola de Comércio, um Hospital, prédios onde possam funcionar as Coletorias Federal e Estadual, já que a primeira funciona em um salão da Associação Comercial, a segunda, em um casebre. De tantas outras coisas. Esta a verdade digna de melhor sorte, de um tratamento que lhe dê, no cenário estadual, a projeção que merece e a que tem direito. Façamos, senhores políticos e administradores, qualquer coisa por Bacabal, para que esta cidade não seja conhecida apenas como metrópole de arroz, da lama no inverno, da poeira no verão e da jogatina de que tanto se beneficia um Jorge qualquer. Este é um apelo de um modesto cidadão que não nutre nenhuma pretensão política em Bacabal, mas simplesmente deseja o progresso do município e a felicidade de seu povo.

OS INDUSTRIAIS DO ANTICOMUNISMO

As eleições para prefeito das capitais foi uma conquista das forças democráticas. O uso gratuito do rádio e televisão foi outro importante avanço. Mas estas eleições, na verdade, estão servindo de fabulosa experiência no laboratório da democracia. Alguns candidatos, certamente, prefeririam aparecer ridiculamente com sua fotografiazinha e seu extenso “currículo”, como exigia a antidemocrática Lei Falcão. A falta de hábito na participação dos debates públicos, a ausência de um programa de governo e a exigüidade de uma mensagem ou proposta séria, levou alguns candidatos a recorrerem ao insulto, à agressão e ao deboche. A condenação a esse método atrasado de fazer política foi imediato e unânime. Atarantados, recorreram à bandeira esfarrapada do anticomunismo. Condenaram o apoio dos comunistas ao candidato do PMDB, exploraram o sentimento religioso do paraense e exageraram nas críticas à realização do show de Martinho da Vila e Ana Buarque de Holanda. Com esse gesto ajudaram a mobilizar os moradores dos bairros, para transformá-los num grande sucesso artístico e político.

Alguns políticos que conviveram conosco no PMDB, que se faziam passar por democratas ou liberais, transformaram-se da noite para o dia em campeões do anticomunismo. Tentam negar-nos o direito de ter opinião, de participar da vida política do país, de contribuir para o aprimoramento da democracia. Deram-se mal. O resultado da última pesquisa do Instituto Galup mostrou que o povo não aceita esse tipo de campanha política. O anticomunismo não rende voto e desmoraliza os candidatos. Em todo o Brasil, onde os candidatos tem uma postura democrática e progressista o crescimento de sua popularidade é visível e a vitória desponta solidamente. Onde os candidatos vacilam e capitulam diante das pressões de setores reacionários, o crescimento é indefinido. Essa experiência democrática revelou que o povo condena o candidato que não tem programa, não tem mensagem, nem proposta. A lenga-lenga cansa, chateia. Um dos candidatos tinha condições de fazer melhor uso do horário gratuito da televisão. Mas foi mordido pela mosca azul e cambou para a oposição sistemática e grosseira, trocou de partido por oportunismo, enrolou sua bandeira de “revolucionário”, adotou o anticomunismo como método e converteu-se um petista fanático. O caminho que o marxismo lhe apontava até bem pouco tempo foi abandonado. Todos os males do país, para ele, são obras da Nova República e dos governos do PMDB. Esse tipo de crítico, naturalmente camba para a desonestidade política. Nós, por exemplo, achamos que alguma coisa mudou, mas poderia ter mudado muito mais. A política econômica, por exemplo, não pode continuar.

O anticomunismo rende dinheiro, garante espaço junto à classe dominante, e encobre negociatas e escândalos, mas não rende voto junto aos democratas e às forças populares. Nossa posição nestas eleições municipais é bem clara. Lutamos pela unidade das forças democráticas e populares que derrotam a ditadura. Desejamos ampliar o espaço democrático e consolidar a transição para a democracia. Em todas as capitais e cidades os

candidatos apoiados pelos comunistas são favoritos. Em São Paulo, Jânio foi à televisão pregar a apreensão de livros marxistas editados na União Soviética e começou a cair na pesquisa. O senador Henrique Cardoso deu declarações dúbias sobre a greve dos bancários e sobre o apoio dos comunistas à sua candidatura, e teve uma assustadora queda nas pesquisas. Subiu quando reviu publicamente sua posição e fez pronunciamentos mais contundentes e progressistas. Em alguns Estados fizemos coligação formal com o PMDB como em Salvador, Natal, Aracaju e Goiânia e lá os candidatos são imbatíveis. No Rio Grande do Sul o candidato por nós apoiado cresce velozmente, o mesmo ocorrendo em Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus e Belém. Quem é democrata não pode negar espaço para seus aliados comunistas. O povo sabe que não somos oportunistas, nem aventureiros. A população do Pará nunca viu nosso nome envolvido em corrupção, negociatas, contrabando. Com o golpe militar de 64, fomos presos, processados, cassados e punidos. Resistimos. Com a derrota da ditadura, estamos aí lutando pela democracia. Vestimos a camisa do PCB, defendemos honestamente nossas propostas.

Nosso empenho nesta campanha é fortalecer a Frente Democrática e contribuir para a organização dos trabalhadores e moradores de bairros. Sabemos que os problemas das populações carentes só serão encaminhados e solucionados com a participação organizada do povo. A simples contestação não conduz ao avanço, mas pode provocar um retrocesso. Esta campanha está servindo de advertência para a grande campanha da Constituinte, que coroará a fase de transição para a democracia.

(O Liberal 18.10.85)

ANEXO 3

Livros catalogados na biblioteca particular de Raimundo Jinkings

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
A. Pelletier e J. J. Goblot	Materialismo histórico e história das Civilizações	1970	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Mario Neto do original francês Materialisme Historique et histoire des civilizations	Coleção teoria nº 2		Materialismo	1
Agência de Imprensa Nóvosti	Almanaque "URSS-87"	1987	Moscou				Almanaque sobre a URSS		Almanaque	1
Alfred Kosing	A questão fundamental da filosofia	1977	Lisboa	Editora Avante		Tradução da própria editora para a coleção Cadernos de iniciação ao marxismo-leninismo/17.	Original publicado em Berlim em 1975		Filosofia	2
Álvaro de Faria	Introdução ao estudo do formalismo e das contradições	1960	São Paulo	Brasiliense			Livro com grifos no prefácio	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 3/11/60	Filosofia	1
André Cresson	A Filosofia Francesa	1955	São Paulo	Difusão Européia do Livro		Tradução de Pérola de Carvalho	Coleção saber atual		Filosofia	1
Antonio Paim	A filosofia da Escola do Recife	1966	Rio de Janeiro	Editora Saga					Filosofia	1
Augusto Zago	História da filosofia, lógica, psicologia: só testes	1971	São Paulo	Editora H. F			Trata-se de um livro somente com testes		Filosofia	1
Benedito Nunes	A filosofia contemporânea	1967	Rio de Janeiro	Ao livro técnico S/A	S/R		Obra publicada com a colaboração da Universidade de São Paulo, pela coleção Burtiti		Filosofia	1
Caio Prado Júnior	O estruturalismo de Levi-strauss									
O marxismo de Louis Althusser	1971	São Paulo	Editora Brasiliense					Filosofia	1	
Carlos Nelson Coutinho	O estruturalismo e a miséria da razão	1972	Rio de Janeiro	Editora Paz e Terra S/A			Série rumos da Cultura moderna, vol. 48. Direção editorial de Moacyr Félix		Filosofia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Cláudio Abramo	A regra do jogo	1988	São Paulo	Editora Companhia das Letras					Comunicação	1
Cruz Costa	Contribuição à história das idéias no Brasil	1967	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	2ª edição				Filosofia ?	1
D. P. Gorski	Pensamiento y lenguaje	1959	Montevideu	Ediciones Pueblos Unidos. Publicación do instituto de filosofia de la academia de ciencias de la URSS		Tradução direta do russo por Augusto Vidal Roget	Livro em língua espanhola			1
Didier Julia	Dicionário da Filosofia	1969	Rio de Janeiro	Editora Larousse do Brasil		Tradução de José Américo da Motta Pessanha do original francês publicado em 1964	Coleção dicionários do homem do século XX		Dicionário	1
Dirigido por Carlos Augusto Sampaio	Filosofia de Mao Tse Tung: reformemos nosso estudo da prática da contradição de onde provêm as idéias corretas?	1978	Belém	Boitempo	1ª edição em português, setembro de 1978		Coleção Teoria Hoje, impresso na rua dos Tamoios, 1598.		Filosofia	1
E. Kolman & I. P. Frolov	A cibernética e o Cérebro Humano	S/R	S/R	Editora Alba		Tradução de Flávio Gikovate		Rubricado por Raimundo Jinkings, Rio de Janeiro, 64	?	1
Edmundo Moniz	O espírito das épocas: estudos sociais	1961	Rio de Janeiro	Editora Meiso sociedade anônima S.A	2ª (a primeira edição data de 1950)			Rubricado por Raimundo Jinking, Belém, 05/07/65	Filosofia	1
Emil Ludwig	Goethe: histoire d'un homme, segundo tomo	1929	Paris e Neuchatel	Editions Victor Attinger	9ª edição	Tradução do alemão por Alexandre Vialatte	Livro encardonado em capa dura		Literatura	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Erich Fromm	Meu encontro com Marx e Freud	1963	Rio de Janeiro	Zahar Editores		Tradução de Waltensir Dutra	Original (Beyond the chains of illusion. My encounter with Marx and Freud) publicado em 1962 por Simon & Schuster, NY.	Rubricado por Raimundo Jinkings, datado Belém, 5/9/63.	Filosofia	1
Étienne Balibar	Cinco estudos do Materialismo Histórico I	1975	Lisboa	Editora Presença		Tradução de Elisa Amaro Bacelar (original francês: Cinq études Du Materialisme historique)	Coleção Biblioteca de ciências humanas		Marxismo	1
Étienne Balibar	Cinco estudos do Materialismo Histórico II	1975	Lisboa	Editora Presença			Coleção Biblioteca de Ciências Humanas		Marxismo	1
Folha de S. Paulo	Manual Geral da Redação	1987	São Paulo	Folha de s. Paulo	2ª edição revista e ampliada				Comunicação	1
Francois Aubral & Xavier Delcourt	Contra a nova filosofia	1979	Rio de Janeiro	Editora Paz e Terra		Tradução do original francês (Contre La nouvelle Philosophie, 1977) por Reynaldo Alves Ávila	Coleção Pensamento crítico, vol. 34		Filosofia	1
Frederico Engels	Anti-duhring	1974	Lisboa	Fernando Ribeiro de Mello Edições Afrodite	4ª edição	Tradução de Isabel Hub Faria e Teresa Adão da versão espanhola de José Verdes Montenegro Y Montoro			Filosofia	1
Frederico Engels	Anti-duhring	1971	Lisboa	Fernando Ribeiro de Mello Edições Afrodite		Tradução de Isabel Hub Faria e Teresa Adão da versão espanhola de José Verdes Montenegro Y Montoro	Coleção Ensaio/ documentos vol 1		Filosofia	1
Friedrich Engels	Luiz Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã	S/R	Curitiba	Edições Guairá		Versão e introdução de Hylário Corrêa	Coleção estante do pensamento social nº 11	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 26/11/60	Filosofia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Friedrich Engels	A dialética da natureza	1979	Rio de Janeiro	Editora Paz e Terra	3ª (primeira edição em português editora Lettura)		Coleção pensamento crítico, vol 8		Filosofia	1
Friedrich Engels	Anti-duhring	1979	Rio de Janeiro	Editora Paz e Terra	2ª		Coleção pensamento crítico, vol 9		Filosofia	1
G. Plekhánov	Obras escolhidas, em um tomo	1987	Moscou	Edições progresso (impresso na URSS)		Traduzido do russo por José Sampaio Marinho			Marxismo	1
Guy Bene, Jacques Milhau & Michel Simon	Lennie – a filosofia e a cultura	1974	Lisboa	Prelo Editora		S/R, mas parece se tratar de uma tradução do francês para o português de Portugal.	Coleção Biblioteca popular, nº 15		Filosofia	1
Henri Lefébvre	A vida quotidiana no mundo moderno	1968	Lisboa	Ulissea ltda, editora francesa Gallimard		Tradução do original francês La vie quotidienne dans Le monde moderne, por Jorge Alvarez	Livro com anotações, marcas e marginais de Pedro Pinho, 1973		Filosofia da linguagem	1
Herbet Marcuse	Razão e revolução	1969	Rio de Janeiro	Editora saga S.A		Tradução de Marília Barroso (Título original: Reason and revolution the Humanites Press)	Coleção Idéia e fatos contemporâneos, vol. 22		Filosofia	1
I. Khlyabich	Pequena História da Filosofia e dicionário dos principais termos filosóficos	1967	São Paulo	Argumentos editora e distribuidora de livros ltda		Tradução de edição em inglês (an outline history of philosophy) por Leno Orti	Coleção estudos contemporâneos nº 3	Eu ofereço esse livro a minha querida mamãe Ivana Maria, 8-1-68	Filosofia	1
Iovchuk, Oizerman & Shchipanov	História da Filosofia	1984	Amadora, Portugal	Novo Curso Editores	1ª edição	Tradução de A. Costa Santos	Coleção em 4 volumes		Filosofia	4
J. Paulo Netto	Lukács e a crítica da filosofia burguesa	1978	Lisboa	Editora Seara Nova					Filosofia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Jacques Leclercq	Do direito natural à sociologia	S/R	São Paulo	Livraria Duas Cidades		Tradução do francês (Du droit naturel à La sociologie, Editions Spes – Paris), por Alípio Maia de Castro.	Coleção Doutrinas e Problemas-4. Dirigida por Fr. Benevenuto de Santa Cruz.		Sociologia	1
João da Penha	Períodos Filosóficos	1987	São Paulo	Editora Ática		Coleção série princípios			Filosofia	1
Joel Silveira	As grandes reportagens de Joel Silveira	1980	Rio de Janeiro	Codecri			Edições do Pasquim – vol 67		Comunicação	1
Joel Silveira	Meninos, eu vi	1967	Rio de Janeiro	Tribuna da Imprensa S/A			Coletânea de reportagens		Comunicação	1
John Stuart Mill	Da Liberdade de pensamento e de Expressão	1969	Lisboa	Publicações Dom Quixote		Tradução de Maria Helena Garcia (original Of the liberty of thought and discussion)	Coleção Diálogo nº 7		Filosofia	1
José Arthur Giannotti	Trabalho e reflexão: ensaios para uma dialética da sociabilidade	1983	São Paulo	Brasiliense					Marxismo	1
Karl Marx, Friedrich Engels, Ernst Bloch & Karl Korsch	Filosofia e praxis revolucionária	1988	São Paulo	Brasil Debates Editora		Tradução de Cássia Corintha Pinto	Coleção Cadernos de Formação Marxista – 2. Introdução de Adelmano Genro Filho.		Filosofia	1
L. Korshunova e G. Kirilenko	O que é filosofia?	1986	Moscou (impresso na URSS)	Edições Progresso		Tradução de G. Melnikov	Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos		Filosofia	1
Louis Althusser	Sobre o trabalho teórico	S/R	Lisboa	Editorial presença LTDA		Tradução de Joaquim José Moura Ramos	Livro com marcas/grifos em algumas páginas		Filosofia	1
Maria Helena R. Capelato	Imprensa e História do Brasil	1988	São Paulo	Contexto			Coleção repensando a História.			
Trata-se de uma oferta do editor com venda proibida		Comunicação	1							

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Maria Heloísa Penteadó	Quinquim Labareda	1982	São Paulo	Ática				Para Isadora, este livro gostoso de ler. Com um beijo grande, Leila. 26/11/83	Literatura infantil	1
N. Bukharin	Tratado de materialismo histórico	1970	Rio de Janeiro	Gráfica editora Laermmert S.A		Tradução revista por Edgard Carone			Marxismo	2
P.V. Koppin	Fundamentos lógicos da ciência	1972	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira		Traduzido do russo (Loguitcheskie Osnóvi Nauki) por Paulo Asevedo	Coleção Perspectiva do Homem – vol 90. Série Filosofia. Direação de Moacyr Félix.		Filosofia	1
Paul Nizan	Os materialistas da antiguidade	1972	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Helena Barreiro Alves do original francês Le materialité de l'antiquité	Coleção teoria nº 14		Materialismo	1
Paulo Resende	Deus, tese, antítese, síntese	1969	Rio de Janeiro	Editora Saga			Coleção idéias e fatos contemporâneos, vol. 27		Filosofia	1
Romain Rolland	O pensamento vivo de Rousseau	1955	São Paulo	Livraria Martins Editora S.A		Tradução de J. Cruz Costa	Adquirido na livraria Universal de Ramos d'Almeida em são Luiz	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 20/11/57	Filosofia	1
Seteps, IDESP, Sine-PA	Catálogo de Entidades Sindicais do Estado do Pará	1987	Pará	CDI-Idesp					Catálogo	1
Theresa Catharina de Góes Campos	O progresso das comunicações diminui a solidão humana?: uma interpretação histórica das comunicações gráficas e áudio visuais desde a pré-história até o Intelsat.	1970	Rio de Janeiro	Editora Lidador				Para Maria Isa, agradecendo o trato gentil e formulando votos de muitas felicidades, extensivos a todos da simpática família. Com a estima de Theresa Catharina. Belém, 04/09/70		

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Thomas Ransom Giles	História do existencialismo e da	1975	São Paulo	E. P. U e EDUSP			Carimbado com a inscrição: Oferta de R. A. Jinkings Com. e Rep. Rua dos Tamoios		Filosofia	1
Vários	Fundamentos metodológicos e métodos do estudo da filosofia: compêndio	1982 (ano da tradução para o português). Ano do original: 1980	Moscou. Impresso em português na URSS.	Edições Progresso		Tradução de K. Asryants			Filosofia	1
Vários autores	Metodologia del conocimiento científico	1981	Mexico	Presencia latinoamericana S/A			Patrocinadores: Academia de Ciencias de Cuba & academia de Ciencias URSS		Filosofia (obra em língua estrangeira/ espanhol)	1
Vários autores sob direção de François Chatelet	A filosofia e a História (1780-1880)	1983	Lisboa	Publicações Dom Quixote	3ª (Tradução de Efigênia Fernandes do original La Philosophie et l'histoire	Coleção História da filosofia nº 5		Filosofia	1
Vito Giannotti	O que é jornalismo operário	1988	São Paulo	Brasiliense			Coleção primeiros passos		Comunicação	1
William P. Montague	História do Neo-Realismo americano	MCMXXIX	Coimbra	Editora Atlântida		Tradução de Edmundo Curvelo	Coleção Biblioteca filosófica. Adquirido na Livraria Universal de Ramos D'almeida em São Luiz-MA		Filosofia	1
Wilson da Silva Nunes	Mãezinha querida: as mais belas páginas de ternura, respeito em teu louvor	1973	Brasília-DF	Editora gráfica Brasil Central			Coletânea de textos em prosa e verso		Autores paraenses ?	1
Zamoschkine Iú, Soloviov E. & Motroschilova N.	A filosofia e o processo revolucionário	1982	Moscou (impresso na URSS)	Edições Progresso		Tradução de K. Asryants e I. Chaláguina			Filosofia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Eduardo Sucupira Filho	Leituras dialéticas: uma interpretação materialista do pensamento filosófico	1987	São Paulo	Alfa-Omega		Livro com errata			Materialismo dialético/filosofia	1
L. Stalin	O materialismo dialético e o materialismo histórico	1979	São Paulo	Global	2ª edição	Tradução de Olinto Beckerman. Coleção Teoria/bases, vol. 10			Materialismo	1
Eduardo Sucupira Filho	Introdução ao pensamento dialético: o materialismo, da grécia clássica à época contemporânea	1984	São Paulo	Alfa Omega					Dialética / Materialismo	1
Albert Ducrocq	Lógica da Vida	1958	São Paulo	Nacional		Tradução de José Reis. Biblioteca do Espírito Moderno. Série 2ª. Vol. 26			Ciência/ Filosofia	1
Alexandre Cheptulin	A dialética materialista: categorias e leis da dialética	1982	São Paulo	Alfa Omega		Tradução de Leda Rita Cintra Ferraz. Do original francês Catégories et lois de la dialectique. Editions Du Progrès, Moscou. Coleção Filosofia. Vol. 2.			Dialética	1
Níveo Ramos Sales	Receitas de feitiços e encantos afro-brasileiros	1982	Rio de Janeiro	Achiamé					Magia/ Feitiços- Receitas/ Ciências Ocultas	1
Antonio Gramsci	Concepção dialética da história	1966	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira					Dialética/ Materialismo histórico/ Filosofia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Jürgen Habermas	Para a reconstrução do materialismo histórico	1983	São Paulo	Brasiliense		Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Do original Zur rekonstruktion des historischen materialismus. Editora Suhrkamp, 1976.			Materialismo histórico	1
Roger Garaudy	Perspectivas do homem	1966	Rio de Janeiro	Civilização	2ª edição	Tradução de Reinaldo Alves Ávila. Do original français Perpectives de l'homme			Existencialismo/ Pensamento Católico	1
Herbert Marcuse	Materialismo histórico e existência	1968	Rio de Janeiro	Tempo Brasileiro	2ª edição revista e com notas ampliadas	Tradução de Vamireh Chacon			Materialismo histórico	1
Georg Lukács	Realismo crítico hoje	1969	Brasília	Editora de Brasília		Tradução de Hermínio Rodrigues. Do original francês La signification presente Du realisme critique.			Realismo Crítico	1
V. Podossetnik	Fundamentos da dialética da história	1966	São Paulo	Argumentos		Tradução de J. Araujo. Do original francês Précis de Materialisme Historique			História-Dialética	1
Z. Berbeckina	Que é o materialismo histórico?	1987	Moscou	Edições Progresso		Tradução do russo de I. Chaláguina. Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.			Materialismo histórico/ Zérkine D / L. Jákovleva	1
A. Sternine	Sobre a obra de V. I. Lenine: Materialismo e	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução do russo de G Mélnikov. Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.			Materialismo	1
V. Krapivine	Que é o materialismo dialético?	1986	Moscou	Progresso		Tradução do russo de G Mélnikov. Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.	Livro com marcações nas margens e grifos.		Materialismo Dialético	2

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Edgard Malagodi	O que é materialismo dialético	1988	São Paulo	Brasiliense		Coleção Primeiros Passos			Materialismo Dialético	1
A. Opárin	A origem da vida	1956	Rio de Janeiro	Vitória	2ª edição	Tradução de Ernesto Luis Maia. Do original franc~es L'origine de la vie, Moscou, 1955.			Materialismo/ Ciências Naturais	1
Ruy Mauro Marini	Dialética da dependência	1976	Coimb Ra	Centelha		Coleção Novo Mundo Novo			Dialética	1
Franz Mehring	O materialismo histórico	1977	Lisboa	Antídoto		Tradução de M. Resende. Coleção Clássicos Antídoto. Nº 3. Livro com errata.			Materialismo histórico	1
Vassili Podossetnik	Rudimentos de materialismo histórico	1975	Lisboa	Avante		Tradução do Colectivo das edições Avante. Coleção Xadernos de Iniciação ao Marxismo Leninismo. Nº 7.			Materialismo histórico	1
L. Hosak et. AL	Fundamentos teóricos da histórica	1976	Amadora	Novo Curso		Tradução de Carlos Grifo Babo.			História-Fundamentos teóricos	1
Frauz Jakubowsky	As superestruturas ideológicas na concepção materialista da história	1976	Porto	Nova Crítica		Tradução de Rui Reininho. Do original francês Lés superstructures idéologiques dans la conception matérialiste de l'histoire. Coleção Biblioteca Nova Crítica, série Ciências Humanas. 2 volumes.			Materialismo histórico	2
V. Kelle	O materialismo histórico: ensaio sobre a teoria marxista da sociedade	1972	Lisboa	Prelo		Tradução de Laurentina Capela.			Materialismo histórico/ Marxismo	1
S. Stoliarov	A Ciência do desenvolvimento: introdução à dialética	1981	Venda Nova-Amadora	Novo Curso		Tradução de Antonio a. F. da Costa Santos.			Dialética	1

Autor		Título		AnoEd.	Local de edição		Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Georg Lukács	Realismo e existencialismo		Lisboa	Arcádia		Tradução de Egipto Gonçalves						Realismo/	1
Rudolf Rocker	A insuficiência do materialismo histórico: religião e política	1956	Rio de Janeiro	Organizações Simões		Tradução de Daniel B. de Brito. Adquirido na livraria Universal, de Ramos D'Almeida. São Luis (MA).						Materialismo-História	1
I. Krassine	Dialética do processo revolucionário	1978	Venda Nova	Novo Curso		Tradução do russo de A. M. Dóres.			Livro com marcações e grifos.			Processo revolucionário	1
August Thalheimer	Introdução ao materialismo dialético	1979	São Paulo	Ciências Humanas		Tradução de Moniz Bandeira						Materialismo dialético	1
V. Podossetnik	Pequeno manual do materialismo dialético	1967	São Paulo	Argumentos		Tradução de Daniel Campos. Do inglês A brief course of dialectical materialism. Coleção estudos contemporaneous. Nº 5.						Materialismo Dialético	1
Marilena de Souza Chauí	O que é ideologia	1981	São Paulo	Brasiliense	4ª	Coleção Primeiros Passos.						Ideologia	1
Noberto Bobbio	O Conceito de sociedade civil	1972	Rio de Janeiro	Graal		Tradução do italiano por Carlos Nelson Coutinho			Série Política			Ciência Política e Filosófica/Sociedade-Filosofia/Antonio Gramsci	1
Jean Bancal	Proudhon-pluralismo e autogestão	1984	Brasília	Novos Tempos		Tradução do francês por Plínio Augusto Coelho						Proudhonismo	1
Pierre Philippe Rey	As alianças de classes	1979	Coimbra	Centelha		Tradução de Ladislau Dowbor e Fátima Freire			Coleção Temas/Centelha - economia 2			Capitalismo/Materialismo histórico/Comunismo/Marxismo-Crítica e interpretação	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Ciro Marcondes Filho	O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia	1985	São Paulo	Global			Cadernos de Educação Política:série Sociedade e Estado,2		Ideologia	1
Nanci Valadares de Carvalho	Autogestão: o governo pela autonomia	1983	São Paulo	Brasiliense			Coleção primeiros Passos		Autogestão/ Política-Teoria	1
Caio Prado Júnior	Dialética do conhecimento (História da dialética e Lógica da dialética – 2ª edição)	1969	São Paulo	Brasiliense	2ª e 5ª edições		Tomo I (Preliminares e pré-história da dialética – 2 exemplares). Tomo II		Dialética do conhecimento	3
Ath Joja	A lógica da dialética: dialética materialista e a ciência contemporânea	1965	São Paulo	Anhanguera		Tradução de Eduardo Sucupira Filho			Lógica	1
Fábio Herrmann	O que é psicanálise	1984	São Paulo	Brasiliense	3ª edição		Coleção primeiros Passos		Psicanálise	1
Oscar V. Onativia	Teste grupal: diseños psicológicos para el estudio de los grupos primarios	1976	Buenos Aires	Humanitas			Livro escrito em espanhol		Psicologia-teste grupal	1
Joost A. M. Meerloo	Menticidio: o rapto do espírito	1959	São Paulo	Instituição Brasileira de Difusão Cultural S/A		Tradução de Eugênia Moraes de Andrade e Raul de Moraes	Adquirido na Livraria Dom Quixote, rua O de Almeida, 241, Belém-PA	Rubricado por Jinkings, em 20/07/60.	Tortura/ Psicologia do Controle do Pensamento	1
Messildo Lutterbach	Psicologia médica	1982	Belém	Falangola				Com dedicatória: “À Isa Jinkings. Com os agradecimentos em nome de um pranteado esposo. Victoria S. Lutterbach.”	Psicologia médica	1
Melanie Klein	Fontes do inconsciente	1964	Rio de Janeiro	Zahar		Tradução de Octavio Alves Velho	Coleção Divulgação cultural – psicologia		Psicologia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
José Ingenieros	A simulação na luta pela vida		Bahia	Livraria Progresso Editora			Coleção estante de Psicologia social – vol. I. Adquirido na livraria A Colegial, de Hamilcar Coelho Costa. Matriz: praça João Lisboa.	Rubricado por Jinkings, em 26/5/55	Psicologia/ Psicanálise/ Psicologia Social	1
Flávio Gilkovate	Dificuldade do amor: estudo sobre o comportamento amoroso	1975	São Paulo	Brasiliense					Psicologia/ Sexualidade- Masculina e Feminina/ Amor e Sexo	1
Henri Lefebvre	Debate sobre o estruturalismo	1968	São paulo	Documentos			Da série L'homme et La société – documentos			1
Mário Bunge	Tratado de filosofia básica	1976	São Paulo	EPU/ EDUSP		Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny S. da Mota	Livro em dois volumes. Vol 1: Semântica I: sentido e referência (dois exemplares). Vol 2: Semântica II: interpretação e verdade.		Filosofia/ Semântica- Filosofia	3
Paulo de Tarso	Os cristãos e a revolução social	1963	Rio de janeiro	Zahar					Doutrina Social Cristã/ Cristianismo- Sistemas Econômicos	1
Friedrich Engels	O cristianismo primitivo	1969	Rio de Janeiro	Laemmert			Série Cultura popular. Com apêndice de Leandro Konder: “Cristo existiu?”		Cristianismo	2
Caio Prado Júnior	Notas introdutórias à lógica dialética	1959	São Paulo	Brasiliense				Rubricado por Jinkings, Belém, 11/1/60	Lógica/ Dialética	1
V. Klotchkov	A Lei e a religião: da religião de estado na Rússia para a liberdade de consciência n URSS	1985	Moscou	Progresso		Tradução do russo de G. Mélnikov			Religião- Rússia	1
Milan Návrat	A religião na Checoslováquia	1984	Praga	Orbis	Agência de imprensa Orbis	Tradução de B. Macedo			Checoslováquia- religião	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Cézar Príncipe	Na URSS a convite de Deus	1986	Moscú	Progresso			Impresso na URSS		Religião-URSS/URSS-aspectos religiosos	1
Louis Althusser	Posições II	1980	Rio de Janeiro	Graal		Tradução de Manoel Barros da Mota, Maria Laura Viveiros de Castro e Rita Lima	Coleção Biblioteca de Ciências Sociais. Posições – 2. Série política. Vol. 17		Filosofia-Crítica e interpretação	1
Bertrand Russell	Ensaios cétricos	1957	São Paulo	Nacional	2ª edição	Tradução de Wilson Velloso. Do original inglês Sceptical Essays		Assinado por R. A. Jinkings. Bacabal, 22/10/58	Teoria e Jconhecimento	1
Jacques D'hondt	Hegel e o hegelianismo		Lisboa	Editorial Inquérito L & A		Tradução de Fernando Meiro. Do original francês Hegel et L'Hégélianisme	Coleção Cadernos culturais		Hegelianismo	1
David Wise	O governo invisível: as forças ocultas nos Estados Unidos	1968	Rio de Janeiro	1ª e 2ª edições		Tradução de Jório Dauster Magalhães e Silva	Coleção Documentos da história contemporânea. Vol. 16.		Estados Unidos-Espionagem/Thomas Ross	2
Spinoza	Ética		São Paulo					Rubricado por Jinkings. Bacabal, 3/5/58	Ética-Filosofia	1
Karl Marx	A questão judaica	1969	Rio de Janeiro	Laemmert		Tradução de Wladimir Gomide	Série Cultura popular		Judaísmo/Questão Judaica	1
Marcos de Castro	A igreja e o autoritarismo	1985	Rio de Janeiro	Jorge Zahar			Prefácio de Frei Betto – A Igreja vista por dentro		Igreja Católica no Brasil/Igreja e Estado no Brasil/Igreja Católica na América Latina	1
Alberto Cavallari	O Vaticano muda	1967	Lisboa	Livraria Moraes		Tradução de Maria Irene Gouveia. Do original italiano Il Vaticano che cambia.	Coleção História de hoje		Vaticano-Renovação Católica/Catolicismo-Renovação	1
M. Cheinman	Vaticano contemporâneo	1963	São Paulo	Fulgor		Tradução de Maria da Conceição Almeida Dias Baptista	Coleção de Estudos Sociais e Filosóficos		Vaticano-Aspectos Gerais/Catolicismo	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Joseph Bernhart	O Vaticano: potên cia mundial	1949	Rio de Janeiro	Irmãos Pongetti		Tradução de Carlos Domingues. Do original alemão Der Vatikan als Weltmacht.			Vaticano-análise política	1
Francisco A.C. Catão	O que é Teologia da libertação	1985	São Paulo	Brasiliense			Coleção Primeiros Passos.		Teologia da Libertação	1
Márcio Moreira Alves	A Igreja e a política no Brasil	1979	São Paulo	Brasiliense			Prefácio de Frei Betto.		Igreja Católica-Posição política	1
José Luís Sigris	A JUC no Brasil: evolução e impasse de uma ideologia	1982	São Paulo	Cortez					Juventude Universitária Católica	1
Leonardo Boff	O caminhar da igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida	1980	Rio de Janeiro	Codecri					Igreja Católica-Influência/Igreja Católica no Brasil/Papas-viagens-Brasil	1
V. Kachine	Que é o período de transição?	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução de G. Mélnikov. Do original russo.	Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.		Socialismo e Capitalismo-Período de Transição/Teherkassov, N.	1
R. Belóussov	Gestão planificada da economia socialista: experiência histórica	1984	Moscou	Progresso		Tradução de K. Asryants. Do original russo.		Com grifos na introdução.	Socialismo-Economia/Economia Socialista	1
L. Selezuev	Que é comunismo científico?	1985	Moscou	Progresso		Tradução de G. Mélnikov. Do original russo.	Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.	Com marcações e grifos.	Comunismo científico	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Eduard Berstein	Socialismo evolucionário	1964	Rio de Janeiro	Zahar		Tradução de Manuel Teles. Da edição americana Evolutionary Socialism, de 1961. Original em alemão.	Coleção Divulgação cultural – política.		Socialismo	1
Augusto Bebel	A sociedade futura	1978	Lisboa	Estampa		Tradução de Maria helena da Costa Dias.	Coleção Biblioteca do socialismo científico.		Socialismo	1
Rudolf Bahro	A alternativa para uma crítica do socialismo real	1980	Rio de Janeiro	Paz e Terra			Coleção pensamento crítico. Vol. 42.		Socialismo-crítica	1
Roalnd Corbisier	Formação e problema da cultura brasileira	1958	Rio de Janeiro	Instituto Superior de Estudos Brasileiros			Coleção Textos brasileiros de filosofia. Vol 3.		Cultura Brasileira	1
D. Kleméntiev	Que é socialismo?	1987	Moscou	Progresso		Tradução de I. Chaláguina. Do original russo.	Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.		Socialismo/Vassílieva, T.	1
Darcy Ribeiro	As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos	1977	Petrópolis	Vozes			Coleção Estudos de antropologia da civilização. Livro com duas páginas iniciais rasgadas (15 a 18).		Antropologia-Aspectos gerais-Américas	1
E. Plimak	Como se desenvolve a sociedade	1982	Moscou	Progresso		Tradução de K. Astryants. Do original russo..	Coleção Biblioteca de conhecimentos políticos.		Sociedade	1
István Meszáros	A necessidade do controle social	1987	São Paulo	Ensaio		Tradução de Mário Duayer. Do original inglês The necessity of social control.	Cadernos Ensaio. Série Pequeno Formato. II.		Alienação (Psicologia social)/ Comunismo e sociedade	1
Moacyr Werneck de Castro	Dois caminhos da revolução africana	1962	Rio de Janeiro	Instituto Brasileiro de Estudos afro-asiáticos				Rubricado por Jmking's. São Paulo, 3/2/63.	Revolução Africana	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Jack Woddis	África: as raízes da revolta	1961	Rio de Janeiro	Zahar		Tradução de Waltensir Dutra. Do original inglês The roots of revolt.			África	1
Octávio Ribeiro	Barra pesada	1977	Rio de Janeiro	Codecri				“Amigão Raimundo Jinkings. Barra Pesada chegou em Belém. Tem papos sobre tiros e curtições do além. Aqui bandido morre sem direito a dizer Amém. Quem muito quer nada tem, né? 20/6/78. Otávio Ribeiro.”	Violência	1
Eustace Chesser	Adolescência e vida	1949	Lisboa	Ulisseia		Tradução de Rui de Moura.			Adolescência- como enfrentar os problemas da	1
John Dwight Krumboltz	Modificação do comportamento infantil	1977	São Paulo	EPV		Tradução de Therezinha m. Mejias, Nilce Pinheiro Mejias, Anna Lia Amaral de Imeida Prado Do original inglês Changing children's behavior.			Comportamento- Modificação/ Criança- Estudo/Criação- criação/Reforço (Psicologia)/ Krum- Baltz Helen Brandhorst	1
Blaise Pascal	Pensamentos	1957	São Paulo	Difusão européia		Tradução de Sérgio Milliet. Do original francês Pensées.			Filosofia	
Aloísio Guerra	A igreja está com o povo?	1963	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira			Coleção cadernos do povo brasileiro. Vol. 15.		Igreja e Sociedade/ Catolicismo	1
Renato Ortiz	A moderna tradição brasileira	1988	São Paulo	Brasiliense					Cultura brasileira/ Indústria cultura	1
Renato Ortiz	Cultura Brasileira e identidade nacional	1985	São Paulo	Brasiliense					Cultura Brasileira	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Armando Hart	Revolução e progresso cultural: entrevista concedida a Luiz Báez por Armando Hart, Ministro da Cultura de Cuba	1986	Rio de Janeiro	Philibiblion		Tradução de Socorro trindad			A Comédia humana	1
Vânia Bambirra	Cuba: 20 anos de cultura	1983	São Paulo	Hucitec					Cuba-cultura	1
Pedro Jacobi	Movimentos sociais e políticas públicas: demandas por saneamento básico e saúde	1974	São Paulo	Cortez					Movimentos sociais-São Paulo/Sneamento-São Paulo/Saude Pública-São Paulo	1
Jó Rezende	Como se faz a luta de bairros	1985	Petrópolis	Vozes			Coleção Fazer.		Luta de bairros-história/Movimentos sociais	1
Alexandra Kollontai	Marxismo e revolução sexual	1981	Lisboa	Editorial estampa		Tradução de Maria do rosário Quintela. Do francês Marxisme et revolution sexuelle (1973).			Moral sexual-marxismo/Sexo-Moral	1
Nelson Werneck Sodré	Em defesa da cultura	1988	Rio de Janeiro	Bertrand Brasil					Cultura - Brasil	1
Moema Viezzer	Se alguém quiser saber...	1982	São Paulo	Global		Tradução de Maria Angélica Trajber			Mulher - República Dominicana. As mulheres da República Dominicana	1
Margaret Randall	Estamos todas despertas	1982	São Paulo	Global		Tradução de Beatriz Cannabrava e Maria Angélica Trajber			Mulher-Nicarágua. As mulheres da Nicarágua	1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Teresa Pires do Rio Caldeira	A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos	1984	São Paulo	Brasiliense					Grupos Sociais – São Paulo	1	
Mário Victor de Assis Pacheco	Controle da natalidade, imperialismo e o FMI	1985	Petrópolis	Vozes					Controle de Natalidade	1	
Jiri Neubauer	Jovens do vasto mundo...	19850	Praga	Orbis					Movimento Juvenil - Tcheoslováquia	1	
Norberto Bobio	As ideologias e o poder em crise: pluralismo, democracia, socialismo, comunismo, terceira via e terceira força	1988	Brasília	Universidade de Brasília		Tradução de João Ferreira. Do original italiano Le ideologie e Il potere in crisi.			Ideologias/ Pluralismo/ Socialismo/ Democracia/ Comunismo	1	
Carlos Henrique de Escobar	Discursos, instituições e história	1975	Rio de Janeiro	Rio			Coleção Semeion – 3.		Discurso- Análise/ Ideologia/ Filosofia	1	
Marta Harnecker	Explorados e exploradores		São Paulo	Global			Cadernos de Educação Popular - 1		Mudança Social	2	
Guerreiro Ramos	O problema nacional do Brasil	1960	Rio de Janeiro	Satga			Coleção social nº 4		Sociologia- Brasil/ Sociedade- Brasil	1	
Nataha Vichneva-Sarafanova	O mundo da mulher soviética	1985	SL	Revau		Tradução de Hudson C. Lacerda			Mulher-URSS	1	
Maria Mendes da Silva	Vida de mulher	1981	Rio de Janeiro	Marco Zero			Coleção Dois Pontos.		Feminismo/ Mulher- Direitos	1	

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Vladimir Lessakóv	Do bê-a-bá às equações integrais	1982	Moscou	Progresso		Sob a redação de I. Minz. Traduzido do russo.			Revolução Cultural-Rússia/ Analfabetismo-Rússia	1
A. Gratchev	Uma ordem de informação ou guerra psicológica	1985	Moscou	Progresso		Tradução de E. Carvalho. O original russo.				1
Marta Harnecker	Luta de classes: as classes sociais no Brasil		São Paulo	São Paulo Global			Cadernos de Educação Popular - 4		Classes Sociais-Brasil	1
Mikulás Petro	A saúde publica na	1984	Praga	Orbis					Saúde Pública- Checoslováquia	1
Mão Tse-Tung	Ensenansa y revolucion em China	1977	Barcelona	Anagrama			Livro publicado em espanhol.		China- Revolução Educacional	1
Sílvia Pimentel	A mulher e a constituinte	1985	São Paulo	Cortez, EDUC					Assembléia Constituinte/ Mulher- Direitos-Brasil	1
Narval el Saadawi	A face oculta de eva	1982	São Paulo	Global		Tradução de Sarah Giersztel Rubin, Therezinha Ebert Gomes, Elisabeth Mara pow. Do inglês The hidden face of Eve.			Mulher- Arabes- As mulheres do mundo árabe	1
S. Gontcharuk	A Sociedade e as suas leis	1985	Moscou	Progresso		Tradução de Lú Palenitsa. Do original russo.	Com grifo na página 7. Coleção Pequena biblioteca filosófica para a juventude.		Sociedade- Leis/ Leis- Sociedade	1
Franco Ferrarotti	Uma sociologia alternativa: da sociologia como técnica do conformismo à sociologia crítica	1972	Porto	Afrontamento		Tradução de António Esteves. Do original Uma sociologia alternativa.	Coleção Crítica e sociedade – 6		Sociologia- Crítica	1
Lea Maria	1440 minutos de mulher	1963	Rio de Janeiro	José Álvaro				Rubricado por Maria Isa Jinkings	Mulher	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
V. Diakov	A sociedade primitiva	1982	São Paulo	Global			Coleção universidade popular – 3		Sociedade Primitiva	1
Ana Montenegro	Ser ou não ser feminista	1981	Recife	Guararapes			Coleção Cadernos Guararapes	Rubricado por Maria Isa Jinkings	Movimento feminista/ Feminismo	1
Ana Montenegro	Mulheres – participação nas lutas populares	1985	Salvador	M&S					Mulher- Participação política	1
Lúisa Moraes	Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher		São Paulo	Anita Garibaldi					Mulher – direitos e Emancipação	1
T. S. Eliot	Notas para a definição de cultura	1965	Rio de Janeiro	Zahar		Tradução de Fernando de Castro Ferro. Do original inglês Notes towards the definition of culture	Coleção Divulgação cultural – literaturab		Cultura	1
Bakunine	Conceito de liberdade	1975	Porto	RES		Tradução de Jorge Dessa. Do original La liberte.	Coleção Substância		Liberdade-conceito	1
Djaciir Menezes	As elites agressivas: uma análise das místicas violentas na crise do mundo moderno	1953	Rio de Janeiro	Organização Simões			Coleção Rex	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 8/1/54.	Sociologia/ Misticismo/ Filosofia	1
Lénine	Sobre o papel da mulher na sociedade	1975	São Paulo	Estampa		Tradução de Filipe Leandro Martins.	Coleção Biblioteca do socialismo científico.		Socialismo-papel da mulher	1
Isabel Largaia	Para uma ciência da libertação da mulher	1982	São Paulo	Global					Mulher- Emancipação	1
Maria Ramos	Mulheres da América	1964	Rio de Janeiro	José Álvaro Editor					Mulheres-diversos países	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Lord Walston	Problemas agrícolas dos países socialistas	1964	Rio de Janeiro	Zahar		Tradução do cel. Waidir da Costa Godolphim. Do original Agriculture under communism	Coleção Divulgação cultural - economia		Agricultura-países socialistas	1
Michel Gutelman	A agricultura socializada em Cuba	1967	Lisboa	Prelo		Tradução de Maria Ângela Moraes. Do original L'agriculture socialisée à Cuba.			Agricultura-Cuba	1
Maria Inácia D'Ávila Neto	O autoritarismo e a mulher	1980	Rio de Janeiro	Achiamé			Série Universidade – psicologia social (14)		Mulher-Brasil-Aspectos gerais	1
Zuleika Alambert	A situação e organização da mulher	1980	São Paulo	Global					Mulher-Movimento Feminista	1
Karl Marx	A sagrada família: ou crítica da crítica crítica		Portugal	Presença	2ª edição	Tradução de Fiana Hasse Pais Brandão, João Paulo Casquilho e José Bettencourt.			Bruno Bauer/Hegelianismo	1
Francis Cohen	Diálogos com Gyorgy Aczél sobre o socialismo		São Paulo	Novos Rumos		Tradução de Evelyn Massaro			Socialismo	1
Fernando Claudín	A operação no "Socialismo real"	1983	Rio de Janeiro	Marco Zero		Tradução de Felipe José Lindoso. Do original espanhol La oposición en el "Socialismo Real" (Unión Soviética, Hungria, Checoslováquia, Polónia: 1953-1980.			Socialismo – oposição – URSS/ Socialismo – oposição – Wangua/ Socialismo – oposição – Polónia/ socialismo – Theco-islováquia – oposição	1
Adolfo Gilly	Sacerdotes e burocratas: introdução ao socialismo real	1985	São Paulo	Brasiliense		Tradução de Emir Sader			Socialismo	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Adelmo Genro Filho	Contra o socialismo legalista		Porto Alegre	Tchê!					Socialismo / Socialismo Legalista / Ciências Políticas	1
Friedrich Engels	Do socialismo utópico ao socialismo científico	1983	São Paulo	Global		Tradução de Roberto Goldkorn.	Coleção Bases, 13.		Socialismo	1
John Eaton	Socialismo contemporâneo	1962	Rio de Janeiro	Zahar		Tradução de Giasone Rebuá. Do original inglês Socialism in the nuclear age.			Socialismo/ Capitalismo	1
IAlfieri	O tratado da tirania	1944	São Paulo	Cultura				Rubricado por Jinkings, 25/8/54	Política	1
Fidel Castro	O homem novo e a nova mulher em Cuba	1979	São Paulo	Global		Tradução de Olinto Beckerman		Cuba – Aspectos sociais		1
Alberto Cignolli	Estado e força de trabalho: introdução à política social no Brasil	1985	São Paulo	Brasiliense		Tradução de Julio Assis Simões		Política Social		1
Paul Boccard	O capitalismo monopolista de estado: tratado marxista de economia política	1976	Lisboa	Seara Nova		Tradução de Rogério Gomes da Silva.	Coleção em 4 volumes.	Capitalismo		4
Karl Marx e Engels	A ideologia alemã: 1º capítulo	1981	Lisboa	Avante				Filosofia-Alemanha-crítica/ Socialismo – alemanha-crítica		1
Norberto Bobio	Qual socialismo?: debate sobre uma alternativa	1983	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Iza de Salles Freaza. Do original italiano Quale socialismo?		Democracia/Socialismo		1
Boukharine	ABC do comunismo	1975	Coimbra	Centelha		Tradução de F. Simões.	Obra em 2 volumes.	Comunismo		2

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Lenin	Esquerdismo, doença infantil do comunismo	1960	São Paulo	Escriba		Tradução de Luiz Fernando. Da versão em espanhol La enfermedad infantil Del "izquierdismo" em El comunismo.		Comunismo-Esquerdismo		1
V.I Lenin	A defesa da pátria socialista	1983	Moscou	Progresso				Rússia-Defesa da pátria		1
V. Kortunov	Ideologia e política: o anticomunismo de Truman a Nixon	1979	Lisboa	Avante			Série Para a crítica da ideologia burguesa – 5.	Comunismo/Anticomunismo		1
Antonio Labriola	Em memória del manifesto comunista	1979	Barcelona	Fontamara			Obra publicada em espanhol. Da coleção Aportes – 16.	Manifesto comunista		1
Karl Marx	A ideologia alemã	1980	Lisboa	Presença		Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira.	Obra em 2 volumes	Filosofia alemã/Socialismo-Alemanha		2
V. I. Lênin	Qué hacer? Teoría y práctica del bolchevismo	1977	México	Ediciones Era			Obra publicada em espanhol.	Comunismo		1
Karl Marx	Manifesto do partido comunista	1986	São Paulo	Novos Rumos				Manifesto do Partido comunista/Comunismo		1
Karl Marx	Manifesto do partido comunista	1981	São Paulo	Global			Coleção Universidade popular – 1.	Manifesto do partido comunista		1
Karl Marx	Manifesto do partido comunista	1968	São Paulo	Escriba				Comunismo		1
Joaquim Celso Lima	Navegar é preciso: memórias de um operário comunista	1984	São Paulo	Diniz				Comunismo-Brasil/Joaquim Celso Lima/Sindicatos/ Trabalho e classes trabalhadoras-Brasil-Atividade política		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Nelson Levy	A crise do imperialismo e a revolução: análise crítica da teoria dos três mundos	1980	São Paulo	Brasil debates			Coleção Alicerces	Comunismo/ Crise Econômica/ Imperialismo/ Revoluções		1
Agnes Heller	Para mudar a vida: entrevista a Ferdinando Adornato	1982	São Paulo	Brasiliense		Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Entrevista a Ferdinando Adornato.		Socialismo/ Feminismo		1
F. T. Konstantinov	O Intercionalismo socialista	1977	Moscou	Progresso		Tradução de Cyrillo Kraucs.		Socialismo-Internacionalismo		1
Edvard Kardely	Socialismo e guerra	1961	Rio de Janeiro	Fundo de Cultura		Tradução de Franco Bacic. Da edição servo-croata de 1960.	Livro com selo da Livraria Dom Quixote.	Socialismo-Guerra/ Guerra		1
Edvard Kardely	As vias da democracia na sociedade socialista	1978		Publicações Europa				Socialismo/Democracia-Socialismo		1
János Kadar	Socialismo e democracia na Hungria: discursos, artigos e entrevista (1957-1982)	1987	São Paulo	Novos Rumos		Tradução de Érico Vicente Campinas		Socialismo-Hungria/ Democracia-Hungria		1
Todor Jivikov	Problemas e métodos na edificação do socialismo avançado na RP da Bulgária	1984	Bulgária	Agência Sófia Press			Impresso em Sófia, Bulgária.	Socialismo-Bulgária		1
Paul Janet	As origens do socialismo contemporâneo	1950	Salvador	Livraria Progresso		Coleção stante de sociologia política – 5.	Rubricado por Jinkings, 23/5/52.	Socialismo		1
A. Ivanov	Opção socialista em África: polémica ideológica	1987	Moscou	Progresso		Tradução de K. Arsyants		Socialismo-ideologia		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
L. Moskvichov	Teoria da desideologização: ilusões e realidade	1976	Lisboa	Estampa		Tradução de José Saramago	Coleção Práxis – nº 35.	Ideologia/Socialismo-desideologização		1
L. Minayev	Origem e princípios do socialismo	1967	São Paulo	Argumentos		Tradução de Daniel Campos. Da edição em inglês Oringin and principles of Scientific Socialism.	Coleção Estudos Contemporâneos – 4.	Socialismo científico-origem e princípios		1
Thomas Meyer	Socialismo democrático: uma introdução	1983	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Reinaldo Guarany.	Coleção pensamento crítico, vol n] 53.	Socialismo/Socialismo-Alemanha		1
Roberto Lyra	O socialismo para o Brasil: cristianismo, nacionalismo, democracia	1962	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira		Rubricado por Jinkings, 3/2/63		Socialismo-Brasil		1
Oskar Lange	O modo de produção e as formações sociais: a concepção materialista da história	1976	Coimbra	Centelha	84 p. temas Nosso Tempo, 18	Tradução de Maria de Fátima Freire e Ladislau Dowobor		Socialismo-Economia		1
N. Krassávine	URSS: o caminho do campesinato para o socialismo	1983	Moscou	Progresso		Tradução de G. Mélnikov		Socialismo-URSS-Zonas Rurais		2
Richard Kosolapov	Problemas da teoria socialista	1977	Lisboa	Prelo	Biblioteca Popular, 32	Tradução de Ana Clara Soares		Socialismo-teoria		1
Edgar Rodrigues	Socialismo e sindicalismo no Brasil (1675-1913)	1969	Rio de Janeiro	Laemmert				Socialismo-Brasil-1675-1913/Sindicalismo-Brasil-1675-1913		1
K.H. Sabirov	Fundamentos dos conhecimentos sócio políticos	1985	Moscou	Progresso	Compêndios de Ciências Sociais	Tradução de K. Arsyants		Socialismo Real/ Marxismo		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Vilian Plevza	O caminho da	1983	Praga	Orbis		Tradução de Victor Oliveira		Socialismo- Checoslováquia/ Checoslováquia- socialismo		1
Lúcio Lombardo Radice	Um socialismo a inventar: reflexões sobre a via democrática para a transformação da sociedade	1982	São Paulo	Brasiliense		Tradução de João Roberto Martins Filho e Tânia Pellegrini. Do italiano Un socialismo da inventare.		Socialismo		1
David Riazanov	Socialismo, casamento e família: a doutrina socialista do casamento	1975	Santos	Livraria Martins Fontes		Tradução de A. Cruz		Socialismo		1
V. I. Lênin	A falência da II Internacional	1979	São Paulo	Kairos		Tradução de Armando Boito Júnior e Maria Luiza Gonçalves.	Livro com marcações na marginalia	Partido Socialista		1
Wladimir Palmeira	União Soviética: há socialismo nisto?	1982	Rio de Janeiro	Marco Zero			Coleção Socialismo hoje,2	Revolução Russa/ Socialismo/URSS- condições econômicas		1
Maurício Paiva	Transição ao socialismo: as lições do Chile	1984	São Paulo	Alfa-ômega	104p.			Chile-transição ao socialismo		1
Yu Novopashin	La vida resuelve la discusión	1983	Moscou	Progreso			Edição em espanhol	Socialismo-concepções burguesas		1
Herculano Neves	Pequena cartilha do socialismo revolucionário	1963	São Paulo	Fulgor		Rubricado por Jinkings, Salvador, 16/8/63, VIII Congresso dos bancários		Socialismo		1
V. I. Lênin	Acerca de la gran revolución socialista de octubre	1987	Moscou	Nóvosti			Edição em espanhol	Socialismo-revolução de outubro de 1917		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
J. V. Stalin	Problemas econômicos do socialismo na URSS	1953	Rio de Janeiro	Vitória		Livro com errata na página 31.	Rubricado por Jinkings, Belém, 8/2/54.	Socialismo-URSS		1
Paul M. Sweezy	Ensaio sobre o capitalismo e o socialismo	1965	Rio de Janeiro	Zahar	Biblioteca de ciências sociais	Tradução de Affonso Blacheyre	Rubricado por Jinkings, Rio, 26/5/65	Socialismo/Capitalismo		1
Paul M. Sweezy	Socialismo	1959	Rio de Janeiro	Zahar	Biblioteca de ciências sociais – volume 6	Tradução de Giasone Rebuá e Maurício Caminha de Lacerda.	Com a dedicatória: “A você, papai, no dia em que completa 32 anos de vida digna e honrosa, ofereço-lhe o livro que o ajudará no estudo dos problemas sociais. Seu filho Raimundo Antônio Filho. Belém, 5 de setembro de 1959.	Socialismo		1
Palmiro Togliatti	Socialismo e democracia: escritos escolhidos do período de 1944-1964	1980	Rio de Janeiro	Ilha	Biblioteca do pensamento marxista, 1	Tradução de Carlos Nelson Coutinho	Democracia/Partido comunista italiano/Socialismo			1
Boris Topornine	A organização política soviética nas condições do socialismo desenvolvido	1976	Moscou	Progresso			Socialismo-sistema político			1
Alain Touraine	O pós-socialismo	1988	São Paulo	Brasiliense		Tradução de Sonia Goldfeder e Ramon Américo Vasques	Socialismo			1
Konstantine Zarodóv	A via para o socialismo	1973	Lisboa	Avante		Coleção Elementos fundamentais do comunismo científico/11		Socialismo		1
João Gaspar Simões	Eça de Queirós: trechos escolhidos	1957	Rio de Janeiro	Editora Agir			Coleção Nossos Clássicos nº 9	Livro rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 30/07/58	Literatura	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Eugênio Gomes	Vieira: sermões	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir	3ª	Publicados sob direção de Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa e Jorge de Sena	Coleção Nossos Clássicos nº 11	(livro com grifos e marginais)	Literatura	1
Amália Costa	Martins Pena: Comédias	1961	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 56		Literatura	1
Aires da Mata Machado Filho	Camões: épico	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir	3ª	Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 14		Literatura	1
José Aderaldo Castello	Gonçalves de Magalhães: trechos Escolhidos	1961	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº55		Literatura	1
Adolfo Casais Monteiro	Antero de Quental: poesia e prosa	1960	Rio de Janeiro	Editora Agir	2ª	Idem	Coleção Nossos Clássicos nº6	Rubricado por Maria Isa Jinkings	Literatura	1
Josué Montello	Aluísio Azevedo: trechos escolhidos	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 68		Literatura	1
Gladstone Chaves de Melo	Rui Barbosa: textos escolhidos	1962	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 67		Literatura	1
Eugênio Gomes	Machado de Assis: Crônicas	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 69		Literatura	1
Maria da Graça Freire	Mariana Alcoforado: cartas	1962	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 64		Literatura	1
Moyisés Vellinho	Simões Lopes Neto: contos e lendas	1960	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº5		Literatura	1
Luiz Santa Cruz	Raul de Leoni: textos escolhidos	1961	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 58		Literatura	1
João Etienne Filho	Euclides da Cunha: trechos escolhidos	1961	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 54		Literatura	1
Ledo Ivo	Raimundo Correia: poesia	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir	2ª	Idem	Coleção Nossos Clássicos nº 20		Literatura	1

Autor		Título		AnoEd.	Local de edição		Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Antonio Houaiss	Silva Alvarenga: poesia	1958	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 24		Literatura	1
Luiz Santa Cruz	Jorge de Lima: poesia	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir	2ª	Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 26		Literatura	1
Luís de Câmara Cascudo	Caldas Barbosa: poesia	1958	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 16		Literatura	1
Péricles Eugênio da Silva Ramos	Machado de Assis: poesia	1964	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 82		Literatura	1
Antonio Carlos Villaça	Junqueira Freire: poesia	1962	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 66		Literatura	1
Tasso as Silveira	Cruz e Sousa: poesia	1967	Rio de Janeiro	Editora Agir	3ª	Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 4	Rubricado por Maria Isa Jimkings	Literatura	1
Alceu Amoroso Lima	Olavo Bilac: poesia	1965	Rio de Janeiro	Editora Agir	3ª	Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 2		Literatura	1
Braga Montenegro	José Albano: poesia	1958	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 30		Literatura	1
Rodrigo Octávio Filho	Mário Pederneiras: poesia	1958	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 29		Literatura	1
Antonio Candido	Graciliano Ramos: Trechos escolhidos	1961	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 53	Rubricado por Raimundo Jimking, Belém, 31/10/64	Literatura	1
Hernâni Cidade	Santa Rita Durão: caramuru	1961	Rio de Janeiro	Editora Agir	2ª	Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 13		Literatura	1
Olívio Montenegro	José Veríssimo: Crítica	1958	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 21		Literatura	1
Gladstone Chaves de Melo	Alphonsus de Guimarães: poesia	1963	Rio de Janeiro	Editora Agir	2ª	Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 19		Literatura	1
Cassiano Ricardo	Martins Fontes: poesia	1959	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 40		Literatura	1
João Clímaco Bezerra	Juvenal Galeno: poesia	1959	Rio de Janeiro	Editora Agir		Idem				Coleção Nossos Clássicos nº 34		Literatura	1
Martin Heidegger	Conferências e escritos filosóficos	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	4ª	Tradução e notas de Ernido Stein				Coleção Os Pensadores nº 5		Filosofia	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
	Sofista – político	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	5ª	Tradução de José Cavalcante de Souza	Coleção Os Pensadores		Filosofia	1
Auguste Comte	Curso de Filosofia positiva						Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo			
	Catecismo positivista	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	5ª	Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos	Coleção Os Pensadores		Filosofia	1
Aristóteles	Tópicos Dos argumentos sofisticos	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	5ª	Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim	Coleção Os Pensadores nº 11 vol I e II		Filosofia	1
Ludwing Wittgenstein	Investigações filosóficas	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	5ª	Tradução de José Carlos Bruni	Coleção Os Pensadores nº 10		Filosofia	1
Friedrich Von Schelling	Obras escolhidas	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	5ª	Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho	Coleção Os Pensadores nº 14		Filosofia	1
Karl Marx	Manuscritos Economicos-filosóficos	1991	São Paulo	Editora Nova Cultural	5ª	Tradução de José Carlos Bruni	Coleção Os Pensadores nº 12		Filosofia	1
V.I. Lénine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo I	1984	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos.		Marxismo	1
V.I. Lénine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo II	1984	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos		Marxismo	1
V.I. Lénine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo IV	1986	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos		Marxismo	1
V.I. Lénine	Obras escolhidas em seis tomos, tomo V	1986	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
V.I. Lênine	Obras escolhidas em Três tomos, tomo I	1977	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em três tomos, tomo II	1978	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
V.I. Lênine	Obras escolhidas em três tomos, tomo III	1979	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
Marx, Engels	Obras escolhidas em três tomos, tomo I	1982	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
Marx, Engels	Obras escolhidas em três tomos, tomo II	1983	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
Marx, Engels	Obras escolhidas em três tomos, tomo III	1985	Lisboa/Moscovo	Edições Avante! E Edições Progresso			Coleção Proletários de todos os países, uni-vos!		Marxismo	1
Isaac Akcelrud	O que todo cidadão precisa saber sobre reforma agrária: a luta de terra no Brasil	1987	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 21			1
Waldenyr Caldas	O que todo cidadão precisa saber sobre Cultura de massa e política de comunicações	1987	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 19			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Luci Gati Pietrocolla	O que todo cidadão precisa saber sobre Sociedade de consumo	1987	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 18			1
Cirol Marcondes Filho	O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 17			1
Edmilson Costa	O que todo cidadão precisa saber sobre imperialismo	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 13			1
Flávio Villça	O que todo cidadão precisa saber sobre habitação	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 16			1
Waldenyr Caldas	O que todo cidadão precisa saber sobre cultura	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 12			1
José Ibrahim	O que todo cidadão precisa saber sobre comissões de fábrica	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 11			1
Carmen Lúcia Evangelho Lopes	O que todo cidadão precisa saber sobre sindicatos no Brasil	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 10			1
José Luiz Del Roio	O que todo cidadão precisa saber sobre movimentos populares no Brasil	1986	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 8			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Leonardo Trevisan	O que todo cidadão precisa saber sobre o pensamento militar brasileiro	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 6			1
Antonio Duarte e Orlando Miranda	O que todo cidadão precisa saber sobre trabalho e social-democracia	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 5			1
Sérgio França Adorno de Abreu	O que todo cidadão precisa saber sobre constituição	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 4			1
João Carlos de Oliveira Neto	O que todo cidadão precisa saber sobre salário, preço e inflação	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 3			1
Betty S. Abramowicz	O que todo cidadão precisa saber sobre greves	1985	São Paulo	Global Editora			Série Trabalho e Capital: cadernos de Educação política, vol 1			1
Mikhail Basmanov	Os totskistas e a juventude	1974	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Ana Maria Alves	Coleção Cadernos Políticos			1
I. Tarassov e K. Ianov	Os trabalhadores e o capitalismo monopolista de estado	1974	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Fernanda Ferreira dos Santos Silva	Coleção Cadernos Políticos			1
V. Vassine, S. Gribanov e I. Undassynov	Os comunistas e a social-democracia	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Antonio Pescada	Coleção Cadernos Políticos			1
N. Gaouzner	A classe operária irá desaparecer?	1975	Lisboa	Editorial Estampa	3ª edição	Tradução de Pedro Silva	Coleção Cadernos Políticos			1
Ilia Kiuliovski	Jorge Dimitrov sobre a frente única	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Jaime Ferreira	Coleção Cadernos Políticos			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
V. Gavriline	A nacionalização socialista, via do progresso	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Manuela Costa	Coleção Cadernos Políticos			1
Gueorgui Chakhnazarov	O partido comunista na sociedade socialista	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Helena Neto	Coleção Cadernos Políticos			1
Boris Leibson	Os comunistas hoje	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Manuela Barreto	Coleção Cadernos Políticos	Livro com marcas de leitura.		1
V. Bezbakh	Economia Agrária: via para o socialismo	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso		Tradução de Maria Pais	Coleção Assim começou o socialismo			1
A. Kiva	O imperialismo e a luta pelo progresso social	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso		Tradução de I. Chalaguna	Coleção Assim começou o socialismo	Livro com marcas de leitura		1
V. Filátov, V. Konukhóvski & A. Ugríumov	O partido, força organizadora da edificação do socialismo	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso		Tradução de K. Asryants	Coleção Assim começou o socialismo	Livro com algumas marcas de leitura		1
S. Dzarassov	Os primeiros passos do Socialismo	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
V.Nazikulov	Como surgiu a direcção planificada da Economia	1985	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
E. Tcherevik	Fontes materiais da edificação do socialismo	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
V. Cherstobitov	URSS: solução da questão nacional	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
S. Fediúkine	URSS: a revolução cultural e a preparação de quadros	1987	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
V. Dmitrenko	Política econômica no período de construção do socialismo na URSS	1988	Moscou, impresso na URSS	Edições Progresso			Coleção Assim começou o socialismo			1
Pedro Castro	Greve: fatos e significados	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Manuel Correia de Andrade	Lutas camponesas no nordeste	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Hamilton M. Monteiro	O feudalismo: economia e sociedade	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Luna Galano Mochovitch	Gramsci e a escola	1988	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Modo capitalista de produção e agricultura	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Angela de Castro Gomes & Maria Celina D'Araújo	Getulismo e trabalho	1989	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Pedro Scuro Neto	Pactos e estabilização econômica	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Manuel Correia de Andrade	Abolição e reforma agrária	1987	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Antonio Paulo Rezende	História do movimento operário no Brasil	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Eder Sader	Marxismo e teoria da revolução proletária	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Cremilda de Araújo Medina	Entrevista: o diálogo possível	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Clóvis Moura	Quilombos: resistência ao escravismo	1987	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Antonio Carlos Wolkmer	O terceiro mundo e a nova ordem internacional	1989	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Décio Saes	Democracia	1987	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
Antonio Carlos Mazzeo	Burguesia e Capitalismo no Brasil	1988	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			2
Margarida Maria Moura	Camponeses	1986	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			2
Marcos Ayala & Maria Inez Novais Ayala	Cultura popular no Brasil	1987	São Paulo	Editora Ática			Série Princípios, vol.			1
G. Pirogov	Que é o Sistema mundial do socialismo?	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos			2
V. Buzúiev & V. Gorodnov	Que é o marxismo-leninismo?	1987	Moscou	Edições Progresso		K. Astryants	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 2			1
L. Seleznev & V. Fetissov	Que é o comunismo científico?	1985	Moscou	Edições Progresso		G. Mélnikov	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 5	Livro com marcas de leitura (muitas)		2
D. Kleméntiev & T. Vassílieva	Que é o socialismo?	1987	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 9			3
KH. Sabirov	Que é o comunismo?	1987	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 10			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
F. Vólkov & T. Vólkova	Que é a mais-valia?	1987	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 12			1
M. Suvórova & B. Románov	Que é a propriedade?	1987	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 13			2
A. Ermakva & V. Rátnikova	Que são as lutas de classes e a luta de classes?	1986	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 14			1
E. Bugáev	Que é o partido?	1987	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 15			3
G. Belov	Que é o Estado?	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, n 16			1
A. Sertsova, V. Chíchikina & L. Yákovleva	Que é a revolução?	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos	Possui muitas marcas de leitura		2
V. Kachine & N. Tcherkassov	Que é período de transição?	1988	Moscou	Edições Progresso		G. Mélnikov	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos	Possui algumas marcas de leitura		2
D. Dmiterko & V. Pugatchev	Que é o poder dos trabalhadores?	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguina	Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos			2
Paulo Renato Souza	O que são empregos e salários?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos			1
José Graziano da Silva	O que é questão agrária?	1980	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos			1
Ricardo C. Antunes	O que é sindicalismo?	1980	São Paulo	Editora brasiliense	2ª edição		Coleção primeiros passos			1
Bernardo Kucinski	O que são multinacionais?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos			1
Leandro Konder	O que é dialética?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos			1
José Eli Veiga	O que é reforma agrária?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 33	Livro com algumas marcas de leitura		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
José Paulo Netto	O que é stalinismo?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 34			1
Antonio Augusto Arantes	O que é cultura popular?	1984	São Paulo	Editora brasiliense	7ª edição, a 1ª é de 1981		Coleção primeiros passos, n 36			1
Regis de Moraes	O que é violência urbana?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 42			1
Glauco Mattoso	O que é poesia marginal	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 43			1
Branca Moreira Alves & Jacqueline Pitanguy	O que é feminismo?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 44			1
Jorge Coli	O que é arte?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, 46			1
Ricardo C. Antunes & Arnaldo Nogueira	O que são comissões de fábrica?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 47			1
Danda Prado	O que é família?	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 50			1
Marisa Lajolo	O que é literatura?	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 53			1
Wolfgang Leo Maar	O que é política?	1984	São Paulo	Editora brasiliense	4ª edição		Coleção primeiros passos, 54			1
Carlos B. Martins	O que é sociologia?	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 57			1
J. Monserrat Filho	O que é direito internacional?	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 58			1
Ladislau Dowbor	O que é capital?	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 64			1
Paulo Sandroni	O que é mais-valia?	1982	São Paulo	Editora brasiliense	2ª edição e 11ª edição		Coleção primeiros passos, n 65			2
Rabah Benakouche	O que é capital internacional?	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 71			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Nelson Jahr Garcia	O que é propaganda ideológica?	1983	São Paulo	Editora brasiliense	2ª edição		Coleção primeiros passos, n 77			1
Ricardo Arnt	O que é política nuclear?	1983	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 83			1
Ruben Cesar Keinert	O que é parlamentarismo?	1985	São Paulo	Editora brasiliense	2ª edição		Coleção primeiros passos, n 87			1
Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro & Robert Moses Pechman	O que é questão da moradia?	1983	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 92			1
Juan E. Diaz Bordenave	O que é comunicação rural?	1983	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 101			1
Martin Cezar Feijó	O que é política cultural?	1983	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 107			1
José Luiz dos Santos	O que é cultura?	1984	São Paulo	Editora brasiliense	2ª edição		Coleção primeiros passos, n 110			1
João Francisco Duarte Júnior	O que é realidade?	1984	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 115			1
Glauco Mattoso	O que é tortura?	1984	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 121			1
Raymundo Galvão de Queiroz	O que é Filatelia?	1984	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 132			1
Luzia de Maria	O que é conto?	1984	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 135			1
Lúcia Bruno	O que é autonomia operária?	1985	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 140			1
Wanderley Codo	O que é alienação?	1985	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 141			1
Marília Garcia	O que é constituinte?	1985	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 143			1
Sonia M. Bibe-Luyten	O que é história em quadrimhos?	1985	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 144			1
José Paulo Netto	O que é marxismo?	1985	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 148			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Vicente de Paula Faleiros	O que é Política Social?	1986	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 168			1
Vito Giannotti	O que é estrutura sindical?	1987	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 194			1
Néstor Perlongher	O que é AIDS?	1987	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos Coleção primeiros passos, n 197			1
Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro	O que é inflação?	1987	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 198			1
Marcia de Paula Leite	O que é greve?	1988	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 202			1
Raquel Rolnik	O que é cidade?	1988	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 203			1
Edgard Malagodi	O que é materialismo dialético?	1988	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção primeiros passos, n 206			1
Maria Lígia Prado	O populismo na América Latina	1984	São Paulo	Editora brasiliense	3ª edição		Coleção tudo é história, n 4			1
Carlos Alberto Dória	O cangaço	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n			1
Leon Pomer	As independências na América Latina	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n			1
Laura Vergueiro	Opulências e miséria das Minas Gerais	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n 28			1
Jacob Gorender	A burguesia brasileira	1981	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n 29			1
Ítalo Tronca	Revolução de 1930: a dominação oculta	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n 42			1
Caio Navarro de Toledo	O governo Goulart e o golpe de 64	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n 48			1
Edgar de Decca	O nascimento das fábricas	1982	São Paulo	Editora brasiliense			Coleção tudo é história, n 51			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Claudio Thomás Bornstein	A reforma agrária na Nicarágua	1982	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 59			1
Déa R. Fenelon	A guerra fria	1983	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 64			1
Hilário Franco Jr.	O feudalismo	1983	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 65			1
Daniel Aarão Reis Filho	URSS: O socialismo real (1921-1964)	1983	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 66			1
Ladislau Dowbor	Guiné-Bissau: a busca da independência econômica	1983	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 77			1
Marcelo Grondin	A rebelião camponesa	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 83			1
Emir Sader	Democracia e ditadura no Chile	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 86			1
Glacyra L. Leite	A Insurreição pernambucana de 1817	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 87			1
Daniel Aarão Reis Filho	A revolução alemã: mitos & versões	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 90			1
Gerson Moura	Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 91			1
Osvaldo Coggiola	O trotskismo na América Latina	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 94			1
José Luis Bendicho Beired	Movimento operário argentino: das origens ao peronismo (1890-1946)	1984	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 95			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Valmir Francisco Murano	Juventude Operária Católica	1985	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 97			1
Francisco Iglésias	A industrialização brasileira	1985	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 98			1
Sandra Jatahy Pesavento	A revolução farroupilha	1985	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 101			1
Francisco José Pereira	Apartheid: o horror branco na África do Sul	1985	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 102			2
Francisco Iglésias	Constituintes e Constituições brasileiras	1985	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 105			1
Gerson Moura	A campanha do petróleo	1986	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 109			1
Vito Giannotti	A liberdade sindical no Brasil	1986	São Paulo	Editora brasileira			Coleção tudo é história, n 113			1
John M. Synge	O prodígio do Mundo Ocidental	1968	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Millôr Fernandes	Série Teatro universal, 30			1
Domingos de Oliveira	A história de muitos amôres	1968	São Paulo	Editora brasileira		Prefácio de João Bethencourt	Série Teatro universal, vol 29			1
Jorge Andrade	Rasto atrás	1967	São Paulo	Editora brasileira		Prefácio de Delmirto Gonçalves	Série Teatro universal, vol 28			1
Walter George Dürst	A urna	1967	São Paulo	Editora brasileira		Prefácio de Barbara Heliodora	Série Teatro universal, vol 27			1
Tirso de Molina	Don Gil das calças verdes	1967	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Afonso Felix de Souza	Série Teatro universal, vol 26			1
F. Dürrenmatt	Os físicos	1966	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de João Marchner	Série Teatro universal, vol 25			1
Lauro Cesar Muniz	A morte do imortal	1966	São Paulo	Editora brasileira		Prefácio de Fernando Peixoto	Série Teatro universal, vol 23			1
Brendan Behan	O reêm	1966	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Alfredo Mesquita	Série Teatro universal, vol 21			1
Gianfrancesco Guarnieri	Eles não usam Black-tie	1966	São Paulo	Editora brasileira		Prefácio de Delmirto Gonçalves	Série Teatro universal, vol 20			1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
	Máximo Górkí	Os inimigos	1966	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Fernando Peixoto e José Celso Martinez Correa	Série Teatro universal, vol 19			1
	Heimar Kipphardt	O caso Oppenheimer	1966	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Mário da Silva e prefácio de AnatoI Rosenfeld	Série Teatro universal, vol 17			1
	Luigi Pirandello	Vestir os nus	1966	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Sábato Magaldi	Série Teatro universal, vol 16			1
	Manuel Antonio de Almeida	Memórias de um sargento de milícias	1965	São Paulo	Editora brasileira		Adaptação para teatro de Francisco Pereira da Silva	Série Teatro universal, vol 15			1
	Sean O'casey	“Juno e o pavão”	1965	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Manuel Bandeira	Série Teatro universal, n			1
	Gil Vicente	O velho da horta									
	Auto da barca do inferno	A farsa de Inês Pereira	1967	São Paulo	Editora brasileira	2ª		Série Teatro universal, vol 8	Livro apresenta marcas de leituras, e rubrica de Isa Jinkings		1
	Georg Büchner	A morte de Danton	1965	São Paulo	Editora brasileira		Tradução de Mario da Silva	Série Teatro universal, 6			1
	Cont.										
	Goldoni	Mirandolina	1965	São Paulo	Editora brasileira			Série Teatro universal, vol 5			1
	Jorge Andrade	Vereda da Salvação	1965	São Paulo	Editora brasileira		Prefácio de Antonio Candido	Série Teatro universal, vol 3			1
	Máximo Górkí	Pequenos burgueses	1965	São Paulo	Editora brasileira	2ª	Tradução de Fernando Peixoto José Celso Martinez Corrêa	Série Teatro universal, vol 2			1
	Jean-Patrick Lebel	Cinema e Ideologia	1972	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Jorge Nascimento	Coleção teoria n 15			1
	Lunatcharsky	As artes plásticas e a política na URSS	1975	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de João Paulo Borges Coelho	Coleção teoria n 31			1
	Émile Bottigelli	A gênese do socialismo científico	1974	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Mario de Carvalho	Coleção teoria n 3			1
	V. I. Lênine	Contra o Trotskismo	1977	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria do Rosário Quintela	Coleção teoria n 37			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Francis Fergusson	Evolução e sentido do teatro	1964	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Heloisa de Hollanda G. Ferreira	Coleção Divulgação cultural			1
Karl Marx	A ideologia Alemã e outros escritos	1965	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Waltensir Dutra e Florestan Fernandes	Coleção Divulgação cultural política			1
Adam Schaff	Marxismo e Existencialismo	1965	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Waltensir Dutra	Coleção Divulgação cultural Filosofia			1
J. K. Galbraith	Capitalismo	1964	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Moacyr Padilha	Coleção Divulgação cultural economia			1
Joan Robinson	Filosofia Econômica	1964	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Fernando de Castro Ferro	Coleção Divulgação cultural economia			1
R. Palme Dutt	Problemas da História contemporânea	1964	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Fernando Telles	Coleção Divulgação cultural história			1
E. Lieuwen, J. F. Johnson, V. Alba & L. W. Pye	Militarismo e política na América Latina	1964	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Waltensir Dutra	Coleção Divulgação cultural política			1
Stanley Moore	Três táticas marxistas	1964	Rio de Janeiro	Zaar editores		Tradução de Waltensir Dutra	Coleção Divulgação cultural política			1
Jorge Dimitrov	Obras escolhidas volume 1	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Flor Marques Simões				1
Jorge Dimitrov	Obras escolhidas volume 2	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Flor Marques Simões				1
Jorge Dimitrov	Obras escolhidas volume 3	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Flor Marques Simões				1
Jorge Dimitrov	Obras escolhidas volume 4	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Flor Marques Simões				1
Jorge Dimitrov	Obras escolhidas volume 5	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Flor Marques Simões				1
Jorge Dimitrov	Obras escolhidas volume 6	1976	Lisboa	Editorial Estampa		Tradução de Maria Flor Marques Simões				1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
V. Zagladine	O movimento comunista internacional Ensaio de Estratégia e tática em 6 volumes	1977	Lisboa	Edições Avante			Coleção Elementos Fundamentais do comunismo científico.			1
Konstantine Zarodov	O leninismo e a passagem do capitalismo ao socialismo	1976	Lisboa	Edições Avante	2ª, a primeira data de 1973		Coleção Elementos Fundamentais do comunismo científico			1
I.Rudakova	Sobre a Obra de V. I. Lênine: o imperialismo, fase superior do capitalismo	1986	Moscou	Edições Progresso, impresso na URSS		Tradução de G. Mélnikov				3
V. Gavrilov	Sobre a Obra de V. I. Lênine: A revolução proletária e o renegado Kautsky	1986	Moscou	Edições Progresso, impresso na URSS		Tradução de Maria Pais		Possui alguma marca de leitura		2
I.Iakucheviski	A Obra de V. I. Lênine: duas táticas da social-democracia na revolução democrática.	1987	Moscou	Edições Progresso, impresso na URSS		Tradução K. Asryants				1
Pedro Ramos de Almeida	A questão do Vietname	1979	Lisboa	Editorial Caminho			Coleção nosso mundo			1
Basil Davidson	A política da luta armada: libertação nacional nas colónias africanas de Portugal	1976	Lisboa	Editorial Caminho			Coleção nosso mundo			1
CUT-CGT	Sobre as sociedades multinacionais	1975	Lisboa	Seara Nova			Cadernos Seara Nova série de Leste a Oeste			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Marx, Engels, Lenin	Sobre o Humanismo na sociedade comunista	1977	Lisboa	Seara Nova		Tradução de Franco de Sousa	Cadernos Seara Nova série de Leste a Oeste			1
V. Vygotski	O capital de Marx sempre atual	1976	Lisboa	Seara Nova		Tradução de Franco de Sousa	Cadernos Seara Nova série de Leste a Oeste			1
S. Nâdel	O capitalismo contemporâneo e os intelectuais	1976	Lisboa	Seara Nova		Tradução de Franco de Sousa	Cadernos Seara Nova série de Leste a Oeste			1
Theotônio Júnior	Quais são os inimigos do Povo?	1962	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira			Cadernos do Povo brasileiro n 6			1
Bolívar Costa	Quem pode fazer a revolução no Brasil?	1962	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira			Cadernos do Povo brasileiro n 7			1
Paulo R. Schilling	O que é Reforma agrária?	1963	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira			Cadernos do Povo brasileiro n 10	Possui algumas marcas de leitura		1
Helga Hoffmann	Como planejar nosso desenvolvimento	1963	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira			Cadernos do Povo brasileiro n 14			1
Aguinaldo N. Marques	De que morte o nosso povo?	1963	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira			Cadernos do Povo brasileiro n 16			1
Plínio de Abreu Ramos	Como agem os grupos de pressão?	1963	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira			Cadernos do Povo brasileiro n 20			1
Luiz Nazário	Pier Paolo Pasolini: Orfeu na sociedade industrial	1983	São Paulo	Editora Brasiliense	2ª edição		Coleção Encanto Radical n 12			1
Eustáquio Gomes	Ernest Hemingway: sete encontros com o leão	1982	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 17			1
Boris Shnaiderman	Leão Tolstói: antiarte e rebeldia	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 21			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
José Paulo Netto	Georg Lukács: o guerreiro sem repouso	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 28			1
Marilene Felinto	Graciliano Ramos: outros heróis e esse Graciliano	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 30			1
Fernando Alegria	Salvador Allende: a paz pelo socialismo	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 31			1
Berta Waldman	Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 34			1
Cláudia Cavalcanti	Leila Diniz: uma história de amor	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 34			1
Héctor Alimonda	José Carlos Mariátegui: redescobrir América	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 36			1
Leandro Konder	Barão de Itararé: um humorista da democracia	1983	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 37			1
Júlio Castañon Guimarães	Manuel Bandeira: beco e alumbramento	1984	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 46			1
Geraldo Carneiro	Vinicius de Moraes: a fala da paixão	1984	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 47			1
Rafael Roubicek	Ho Chi Minh: um poeta no apocalipse	1984	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 51			1
Jorge Quiroga	Alejo Carpentier: em busca do real maravilhoso	1984	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 54			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Horácio Gonzalez	Karl Marx: o apanhador de sinais	1984	São Paulo	Editora Brasiliense			Coleção Encanto Radical n 63			1
P.Lopata	O comunismo como formação sócio-econômica	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de Leão Piatigórski	Biblioteca de conhecimentos políticos n 2			1
E. Batálov	A teoria leninista da revolução	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de S. Pételine	Biblioteca de conhecimentos políticos n 3	Livro apresenta marcas de leitura em muitas páginas, inclusive anotações		1
V. Trepelkov	A crise geral do capitalismo	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de I. Diákov	Biblioteca de conhecimentos políticos n			1
V. Neznánov	Vias de passagem do capitalismo ao socialismo	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de Florentino Marabuto	Biblioteca de conhecimentos políticos n 5	Livro apresenta marcas de leitura em algumas páginas		1
V. D. Zótov	A doutrina leninista sobre as revoluções de libertação nacional e a actualidade	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de A. Bázine	Biblioteca de conhecimentos políticos n 7			1
V. Sobáquine	Marxismo-leninismo sobre os problemas da Guerra e da Paz	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de I. Diákov	Biblioteca de conhecimentos políticos n 8			1
Sem indicação	Capitalismo, socialismo e revolução técnico-científica	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de G. Mélnikov	Biblioteca de conhecimentos políticos n 9			1
L. Maksúdov	A luta ideológica no mundo contemporâneo	1982	Moscou	Edições progresso, impresso na URSS		Tradução de A. Kámeneu	Biblioteca de conhecimentos políticos n 12			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
A.A. Pavlenko	O processo revolucionário mundial	1982	Moscou	Edições progresso, Moscou impresso na URSS		Tradução de G.Mélnikov	Biblioteca de conhecimentos políticos n 13			1
Alkimar Ribeiro	A questão da dívida externa	1985	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 12			1
João Sabóia	A questão da política salarial	1985	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 11			1
José Goldemberg	A questão do inverno nuclear	1985	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 9			1
José Martins Filho	A questão da amamentação	1985	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 8			1
Maria Conceição d'Incao	A questão do bóia-fria	1984	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 7			1
Denis L. Rosenfield	A questão da democracia	1984	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 6			1
Carlos R. M. Ribeiro	A questão da inflação	1984	São Paulo	Editora Brasileira			Coleção Qual é a questão n 3			1
A. Padilha Bolívar	Atlas de Arqueologia	1971	Rio de Janeiro	Ediciones Jover S.A			Coleção Atlas			1
J.Bassegoda Nonell	Atlas de História da Arte	1972	Rio de Janeiro	Ediciones Jover S.A			Coleção Atlas			1
Maria Rosa Puigvert	Atlas de Ginástica	1972	Rio de Janeiro	Ediciones Jover S.A			Coleção Atlas			1
M. Font-Altaba	Atlas de Mineralogia	1969	Rio de Janeiro	Ediciones Jover S.A			Coleção Atlas			1
M. Font-Altaba & A.San Miguel Arribas	Atlas de Geologia	1964	Rio de Janeiro	Ediciones Jover S.A			Coleção Atlas			1
A. de Haro Vera	Atlas de Zoologia	1972	Rio de Janeiro	Ediciones Jover S.A			Coleção Atlas			1
Paul Chauchard	A linguagem e o pensamento	1967	São Paulo	Difusão Européia do Livro	2ª edição	Tradução de Carlos Ortiz	Coleção Saber Atual	Rubricado por Maria Isa Jimkings 9-5-67		1
Pierre Chaunu	História da América Latina	1971	São Paulo	Difusão Européia do Livro	2ª edição	Tradução de Miguel Urbano Rodrigues	Coleção Saber Atual			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Bernard Mottez	A sociologia industrial	1973	São Paulo	Difusão Européia do Livro		Tradução de Octavio Mendes Cajado	Coleção Saber Atual			1
Nédui Nédev	A democracia popular: uma nova forma de estado socialista	1975	Lisboa	Edições Avante			Cadernos de iniciação ao marxismo-leninismo n 4			1
Emile Burns	Introdução ao marxismo	1975	Lisboa	Edições Avante			Cadernos de iniciação ao marxismo-leninismo n 5			1
Alexandr Spirskine	Lénine sobre o estado e a democracia	1976	Lisboa	Edições Avante			Cadernos de iniciação ao marxismo-leninismo n 11			1
M. Truch	A obra de V. I. Lénine: A doenças infantil do “esquerdismo no comunismo”	1988	Moscou	Edições Progresso		Tradução de I. Chaláguma				2
V. Gavrilov	Sobre a obra de V. I. Lénine:	1988	Moscou	Edições progresso		Tradução de I. Chaláguma				1
Sem referência	Enciclopédia Brasileira Mérito em 18vol	1958	São Paulo – Rio de Janeiro – Porto Alegre – Recife	Editora Mérito			Tem os 18 vols.		Enciclopédia	1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo hoje, primeira parte	1989	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume XI			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: marxismo hoje, segunda parte	1989	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume XII			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do stalinismo	1987	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume X			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia	1987	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume IX			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o terceiro mundo	1987	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume VIII			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: a URSS da construção do socialismo ao stalinismo	1986	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume VII			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: da internacional comunista de 1919 às frentes populares	1985	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume VI			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: da revolução de outubro ao	1985	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume V			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional, terceira parte	1984	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume IV			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do stalinismo, segunda parte	1984	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume III			1
Eric J. Hobsbawm et Al	História do Marxismo: o marxismo na época da terceira internacional, primeira parte.	1982	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques	Volume II			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Amado Fontes	Os corumbas	1967	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	8ª edição		Coleção Sagarana, vol 1			1
José Lins do Rêgo	Riacho doce	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	5ª edição		Coleção Sagarana, vol 57			1
José Lins do Rêgo	Eurídice	1971	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	6ª edição	Introdução de Nelson Werneck Sodré	Coleção Sagarana, vol 56			1
José Lins do Rêgo	Pedra Bonita	1968	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	7ª edição	Introdução de Paulo Ronai	Coleção Sagarana, vol 53			1
José Lins do Rêgo	Pureza	1968	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	7ª edição	Introdução de Virgínius da Gama e Melo	Coleção Sagarana, vol 44			1
José Lins do Rêgo	Usina	1967	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	6ª edição	Introdução de Wilson Martins	Coleção Sagarana, vol 39			1
José Américo de Almeida	A bagaceira	1968	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	10ª edição	Introdução de M. Cavalcanti Proença	Coleção Sagarana, vol 37			1
José Lins do Rêgo	O moleque Ricardo	1966	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	7ª edição	Introdução de M. Cavalcanti Proença	Coleção Sagarana, vol 33			1
José Lins do Rêgo	Doidinho	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	9ª edição	Introdução de Rolando Morel Pinto	Coleção Sagarana, vol 26			1
José Lins do Rêgo	Bangüê	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	7ª edição	Edição comemorativa do jubileu de coral do romance, introdução de Olivio Montenegro	Coleção Sagarana, vol 29			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Anibal M. Machado	A Morte da Porta-estandarte e outras histórias	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	2ª edição	Introdução de M. Cavalcanti Proença	Coleção Sagarana, vol 19			1
João Guimarães Rosa	Noites do Sertão	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	4ª edição		Coleção Sagarana, vol 14			1
João Guimarães Rosa	No Urubuquaquí no Pinhém	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	4ª edição		Coleção Sagarana, vol 13			1
João Guimarães Rosa	Manuelão e Miguilim	1970	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	4ª edição		Coleção Sagarana, vol 12			1
Antonio Olavo Pereira	Marcoré	1971	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	5ª edição		Coleção Sagarana, vol 9	Rubricado por Maria Helena Tavares, 1972		1
Helena Morley	Minha vida de menina	1968	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	9ª edição		Coleção Sagarana, vol 3		Literatura	1
João Guimarães Rosa	Sagarana	1968	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	10ª edição		Coleção Sagarana, vol 1		Literatura	1
Américo Faria	Dez mulheres excepcionais	1957	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 33	Rubricado por Raimundo Jinkings, 28-1-58		1
Américo Faria	Dez piratas temíveis	1957	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 32	Rubricado por Raimundo Jinkings, 28-1-58		1
Américo Faria	Dez rainhas que reinaram	1957	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 31	Rubricado por Raimundo Jinkings, 28-1-58		1
Américo Faria	Dez cientistas maiores	1956	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 27	Rubricado por Raimundo Jinkings, 9-1-58		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Américo Faria	Dez mulheres na Literatura	1956	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 26	Rubricado por Raimundo Jinkings, 5-3-1957. Livro com marcas de leitura		1
Américo Faria	Dez beldades Perigosas	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol.			1
Américo Faria	Dez erros judiciários	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10			1
Américo Faria	Dez escritores amargurados	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 15	Rubricado por Raimundo Jinkings,29-5-57		1
Américo Faria	Dez heróis patriotas	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 12			1
Americo Faria	Dez grandes amores	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 11	Rubricado por Raimundo Jinkings,20-6-57		1
Américo Faria	Dez mistificadores célebres	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 8	Rubricado por Raimundo Jinking, 12-6-57		1
Américo Faria	Dez loucos geniais	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 7	Rubricado por Raimundo Jinking, 9-8-57		1
Américo Faria	Dez aventureiras audaciosas	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 5			1
Américo Faria	Dez amorosas românticas	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 22			1
Américo Faria	Dez benfeitores da humanidade	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 18			1
Américo Faria	Dez cataclismos formidáveis	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10 vol. 3			1
Américo Faria	Dez monarcas infelizes	1955	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 2			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Américo Faria	Dez figuras singulares	1954	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol. 10			1
Américo Faria	Dez Histórias da História	1953	Lisboa	Livraria Clássica Editora			Coleção 10, vol 9			1
Monteiro Lobato	A barca de Gleyre , tomo I	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 11	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 20-7-60		1
Monteiro Lobato	A barca de Gleyre , tomo II	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 11	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 20-7-60		1
Monteiro Lobato	Mundo da Lua e miscelânea	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol.10	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 26-2-62		1
Monteiro Lobato	Na antevéspera	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 6	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 20-7-60		1
Monteiro Lobato	O escândalo do Petróleo e ferro	1959	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Caio Prado Junior	Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 7	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 26-2-62		1
Monteiro Lobato	Literatura do Minarete	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 14	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 9-12-60		1
Monteiro Lobato	A onda verde O presidente negro	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 5	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 2-8-61		1
Monteiro Lobato	Cidades mortas	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 2	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 20-7-60		1
Monteiro Lobato	Conferências, artigos e crônicas	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 15			1
Monteiro Lobato	Críticas e Outras notas	1965	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 18			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Monteiro Lobato	Cartas escolhidas, tomo I	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 16	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 12-6-62		1
Monteiro Lobato	Cartas escolhidas, tomo II	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 17	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 12-6-62		1
Monteiro Lobato	América	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 9			1
Monteiro Lobato	Prefácios e Entrevistas	1959	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série – Literatura geral, vol. 13			1
Lima Barreto	Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá	1961	São Paulo	Editora Brasiliense	2ª edição	Prefácio de Alceu Amoroso Lima	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. IV			1
Lima Barreto	Clara dos Anjos	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. V			1
Lima Barreto	Histórias e Sonhos	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Lúcia Miguel Pereira	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. VI			1
Lima Barreto	Coisas do Reino do jambon: sátira e folclore	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Olívio Montenegro	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. VIII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 3-11-60		1
Lima Barreto	Bagatelas	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Astrojildo Pereira	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. IX	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 25-8-60		1
Lima Barreto	Os Bruzundangas	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Osmar Pimentel	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. VII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 21-8-61		1
Lima Barreto	Feiras e Mafuás	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Jakson Figueiredo	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. X	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 25-8-60		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Lima Barreto	O cemitério dos vivos: memórias	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Eugênio Gomes	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. XV	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 3-11-60		1
Lima Barreto	Vida Urbana	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Antonio Houaiss	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol.XI	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 21-8-60		1
Lima Barreto	Diário Intimo	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Gilberto Freyre	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. XIV			1
Lima Barreto	Marginália	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Agrippino Grieco	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. XII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 23-1-61		1
Lima Barreto	Impressões de Leitura: crítica	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de M. Cavalcanti Proença. Este livro tem uns capítulos interessante de serem lidos	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. XIII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 25-8-60		1
Lima Barreto	Correspondência ativa e passiva, tomo II	1956	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio de Antonio Noronha Santos	Obras completas de Lima Barreto, 1ª série – Literatura geral, vol. XVII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 20-7-60		1
Afonso Shmidt	A locomotiva	1959	São Paulo	Edições Zumbi			Coleção clássicos de hoje e de amanhã, vol.	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 5-2-60		1
Afonso Shmidt	Os impunes e outros contos	s/r	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Afonso Shmidt, vol. VII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 21-7-61		1
Afonso Shmidt	Colônia Cecília									1
Zanzalá	Reino do Céu	S/R	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Afonso Shmidt, vol. VI	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 19-7-61		1
Afonso Shmidt	Menino Felipe Primeira Viagem	S/R	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.I	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-7-61		1
Afonso Shmidt	O assalto No tempo do protocolo	S/R	São Paulo	Editora Brasiliense			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.III	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-7-61		1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Afonso Shmidt		Bom Tempo	1958	São Paulo	Editora Brasileira			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.XII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-7-61		1
Afonso Shmidt		Zamir: viagem ao mundo da Paz	S/R	São Paulo	Editora Brasileira		É interessante ver esse livro.	Obras completas de Afonso Shmidt, vol.XI	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-6-61. Livro com marcas de leitura.		1
Afonso Shmidt		Tesouro de Cananéia Brutalidade	S/R	São Paulo	Editora Brasileira			Obras completas de Afonso Shmidt, vol. VIII			1
Afonso Shmidt		Saltimbancos									
		Aventuras de Indalécio	S/R	São Paulo	Editora Brasileira			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.II	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-7-61		1
Afonso Shmidt		Pirapora									
O desconhecido			S/R	São Paulo	Editora Brasileira			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.IX	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 16-10-61		1
Afonso Shmidt		A marcha (romance de abolição) Lua Nova	S/R	São Paulo	Editora Brasileira			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.IV	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-7-61		1
Afonso Shmidt		A sombra de Jiló Frank A Vida de Paulo Eiro	S/R	São Paulo	Editora Brasileira			Obras completas de Afonso Shmidt, vol.V	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 15-10-65		1
Graciliano Ramos		Viagem (Checoslováquia – URSS) (obra póstuma)	1954	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora						1
Graciliano Ramos		Memórias do Cárcere em 4 volumes	1954	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	2ª edição		Livros com marcas de leitura	Livro com uma página de dedicatória de Isa para Jk.12-2-54		1
Dalcídio Jurandir		Linha do Parque	S/R	Rio de Janeiro	Editorial Vitória				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 24-6-59		1
Dalcídio Jurandir		Chove nos Campos de Cahoeira	1941	Rio de Janeiro	Casa Vecchi Editora						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Dalcídio Jurandir	Ponte do Galo	1971		Livraria Martins Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 1972		1
Dalcídio Jurandir	Passagem dos Inocentes	1963	São Paulo	Livraria Martins Editora				Rubricado por Maria Isa Jinkings		1
Dalcídio Jurandir	Primeira Manhã	1967	São Paulo	Livraria Martins Editora			Este livro foi doado ao Raimundo Jinkings por Salomão Alves	Livro com uma dedicatória assinada por Dalcídio a Salomão Alves: "Ao meu amigo Salomão Alves, com a velha amizade paraense, o abraço do Dalcídio Jurandir. 30-9-68"		2
Dalcídio Jurandir	Belém do Grão Pará	1960	São Paulo	Livraria Martins Editora				Marca na primeira página: Belém, 13 de setembro de 1961		1
Rachel de Queiroz	O quinze									
João Miguel	Caminho das Pedras	1957	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora			São três romances em um único volume	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 25-8-61	Literatura	1
Alina Paim	Sol do meio-dia	1961	Rio de Janeiro	Associação Brasileira do Livro				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 7-8-61	Literatura - romance	1
Martins Oliveira	Atentado em Itaipu	1983	São Paulo	Editora Alfa-Omega					Literatura - romance	1
Jorge Amado	Tocaia Grande A Face Obscura	1984	Rio de Janeiro	Editora Record					Literatura - romance	1
Ibiapaba Martins	Bocainas do vento sul	1964	São Paulo	Editora Obelisco				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 24-10-64		1
Maria Helena Malta	Brasil, um sonho intenso: retrato da geração-68, vinte anos depois	1987	Rio de Janeiro	Espaço e tempo						1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
	Eduardo Maffei	Maria da Greve	1979	Rio de Janeiro	Editora Brasileira						1
	Hernani Donato	Chão bruto	1956	São Paulo	Rede Latina Editora	2ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 2-6-57	Literatura – romance mural	1
	Benedicto Monteiro	Aquele um	1985	Rio de Janeiro	Editora Marco Zero e PLG				“Para o companheiro e amigo R.A. Jinkings com o obrigado de Benedito M.” Belém, 17/9/85		1
	Sílvio Meira	Os Balateiros do Maicuru	1984	Rio de Janeiro	Francisco Alves				Ao Raimundo Jinkings grata recordação desta noite de autógrafos do Sílvio Meira” Belém, 30/8/84	Literatura - romance	1
	João Guimarães Rosa	Estas Estórias	1969	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora			Nota introdutória de Paulo Ronai			1
	João Guimarães Rosa	Estas Estórias	1968	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	4ª edição					1
	Érico Veríssimo	O senhor embaixador	1966	Porto Alegre	Editora Globo	2ª edição				Literatura - romance	1
	Lindonor Celina	Afonso Contínuo, Santo de Altar	1986	Rio de Janeiro	Editora Nova Fronteira				Para Jinkings, com meu abraço amigo e o incentivo desta velha combatente, Lindonor” Belém, 01/ 86		1
	Erlide Meililo Reali	O duplo signo de Zero	1976	Rio de Janeiro	Editora Brasília/Rio		Tradução de Vilma Puccinelli				1
	Micéio Tati	Rua do Tempo - será	1959	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 20-7-61		1
	Márcio Souza	Galvez, imperador do acre	1977	Rio de Janeiro	Editora Brasília/Rio	2ª edição					1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Rubem Braga	A borboleta amarela	1955	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora					Literatura – crônicas	1
Rubem Braga	A cidade e a roça	1957	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 18-1-58	Literatura - crônicas	1
Bernard Shaw	Quem sou e o que penso		São Paulo	Edições Melhoramento	2ª edição	Tradução de Oscar Mendes		Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 3-5-58		1
Antonio Callado	A Madona de Cedro	1981	Rio de Janeiro	Editora Nova Fronteira	2ª edição					1
José Lins do Rego	O vulcão e a fonte		Rio de Janeiro	Edições Cruzeiro			Apresentação de Ledo Ivo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 21-1-61		1
Gilberto Amado	Sabor do Brasil	1953	Rio de Janeiro	Edições O Cruzeiro				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 14-2-62		1
Euclides de Cunha	Os Sertões	1956	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves editora						1
Haroldo Maranhão	Rio de Raivas	1987	Rio de Janeiro	Francisco Alves						1
Haroldo Maranhão	Cabelos no coração	1990	Rio de Janeiro	Rio Fundo Editora				A Iza e a Raimundo Jinkings, o abraço e a homenagem do velho amigo e testemunha do grande trabalho que empreendem” Haroldo. Setembro de 1990.		1
Haroldo Maranhão	O tetraneto Del-Rei	1982	Rio de Janeiro	Francisco Alves				“Para Alvaro Lenin, esperando que um dia me leia. O amigo de seu avô e seu amigo também.” Haroldo Maranhão, 9-12-82		1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Ivan Petrowitch		Rasputin o dominador de mulheres	S/R	São Paulo	Editora Cacique Limitada				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal 18-11-58		1
Maria Lúcia Medeiros		Zeus ou a menina e os óculos	1988	São Paulo	Roswitha Kempf editores				"Para minha amiga. Parece menina, não?beijos de amizade e de bondade. M. Medeiros, 16-06-88		1
José Saramago		O evangelho segundo Jesus Cristo	1991	São Paulo	Companhia das Letras						1
Antonio Torres		Um cão uivando para a Lua	1977	Rio de Janeiro	Editora Brasília/Rio	2ª edição					1
Ivan Pedro de Martins		Fronteira Agreste	1960	Rio de Janeiro	Editora civilização Brasileira S.A.	5ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 30-12-60		1
Rodolfo Konder		Tempo de ameaça: autobiografia política de um exilado	1978	São Paulo	Editora Alfa-Omega						1
Carlos Heitor Cony		O Ato e o Fato: crônicas políticas	1964	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S.A.				Para Maria Isa Jinkings. Homenagem de Cony. Julho de 1964.		1
Dalton Trevisan		A trombeta do anjo vingador	1977	Rio de Janeiro	Editora Codecri						1
Pedro Ferreira da Silva		Eu creio na Humanidade	1949	Rio de Janeiro	S/R			Livro com marcas de leitura	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 2-8-52		1
Ernesto Cruz		História do Pará	1963	Belém	Editora da			Coleção Amazônia, série José Veríssimo, 1 e 2 volumes		História	2
Antonio Rocha Penteadó		Belém – Estudo de geografia urbana	1968	Belém	Editora da			Coleção Amazônia, série José Veríssimo, 1 volume		História	1
Clarice Lispector		A cidade sitiada	1964	Rio de Janeiro	José Alvaro Editor	2ª edição					1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Clarice Lispector	A maçã no escuro	1965	Rio de Janeiro	José Alvaro Editor	2ª edição					1
Mário Palmério	Vila dos Confins	1958	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora	5ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal 25-4-59		1
Francisco Julião	Irmão Juazeiro vol. 3	1960	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves			Coleção terra forte	“ao prezado amigo Jinkings, com um abraço do Haroldo. Rio/fev./61”		1
Alfredo Oliveira	O touro passa?	1981	Belém	Editora Grafisa		Prefácio do Benedito Nunes		“Para o meu amigo e companheiro R. Jinkings e um abraço do Alfredo”		1
Oliveira e Silva	Carlito no planeta marte	1964	Rio de Janeiro	José Alvaro editor						1
Helena Silveira	Os dias chineses	1961	São Paulo	EdArt			Livro com marcas de leitura	“A “dona” Isa minha querida esposa para ler estas crônicas sobre a gloriosa pátria de Mao-Tsé-Tung”, Belém, 14-2-62, Antonio.		1
Waly Salomão	Me segura que eu vou dar um troço	1972	Rio de Janeiro	José Alvaro editor			Coleção na corda bamba			1
José Sarney	Norte das águas	1969	São Paulo	Livraria Martins Editora						1
Mário Donato et AL	Os sete pecados capitais	1964	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira S. A.						1
Edla van Steen (org.)	O conto da mulher brasileira	1978	São Paulo	Vertente editora		Estudo crítico de Nelly Novaes Coelho				1
Isa Silveira Leal & Alberto Leal	A guerra dos teimosos	1974	São Paulo	Editora brasileira			Coleção Jovens do Mundo todo			1
Carlos Jurandir	Rapazes de família	1982	Rio de Janeiro	Editora Codecri				“ao companheiro Jinkings, com um grande abraço do Jura”, Rio, 24-5-82	Literatura – romance	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Agildo Monteiro	Os ratos d'água	1977	Rio de Janeiro	EDFIC Ltda.		Apresentação de Assis Brasil, introdução de Luiz Carlos de Paiva Josephson		“ao amigo Raimundo Jinkings, estes ratos”, Belém, 14-12-77”, Agildo Monteiro.		1
Agildo Monteiro	As paisagens mortas	1980	Curitiba	Beija flor editora				Para Raimundo Jinkings, com o abraço do Agildo Monteiro”, Belém, 17-12-80”.		1
Benedicto Monteiro	Verde Vagomundo	s/r	Brasília	Editora de Brasília S.A.				“ao R.A. Jinkings companheiro e amigo esta reafirmação de nossa amizade” Bené, 10-8-79.		1
Benedicto Monteiro	Transtempo	1993	Belém	Edições CEJUP						1
Benedicto Monteiro	A terceira Margem	1983	Rio de Janeiro	Editora Marco Zero						1
Adalgisa Nery	A imaginária - romance	1959	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 6-8-59		1
Jarbas G. Passarinho	Terra Encharcada	1960	Belém	Gráfica Falangola editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 25-10-60		1
Artur J. Poerner	Nas profundas do inferno	1979	Rio de Janeiro	Codecri		Prefácio de Jorge Amado	Coleção edições do PASQUIM – vol. 49		Romance	1
Dyonélio Machado	Deuses econômicos	s/r	Rio de Janeiro	Editora Leitura S.A.					Romance	1
Clarice Lispector	A legião estrangeira	1985	São Paulo	Editora ática	5ª edição					1
Vilma Guimarães Rosa	Setestórias	1970	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora						1
Vilma Guimarães Rosa	Porque não? contos	1972	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Rimbaud	Uma temporada no inferno e iluminações	1957	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira S.A.		Tradução de Ledo Ivo		Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 14-9-57		1
Joel Silveira	20 horas de abril	1969	São Paulo	Editora Saga						1
Graciliano Ramos	Infância: memórias	1961	São Paulo	Livraria Martins Editora	5ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 14-7-61	Memórias	1
Zacarias F. Silva	Caminhos Cruzados: poesias	1982	Belém	Gráfica Falangola editora				“ao companheiro, Raimundo Jinkings, minha homenagem”, Zaacarias, 15-4-83	poesias	1
Jacques Roumain	Donos do Orvalho	1954	Rio de Janeiro	Editorial Vitória Ltda.		Tradução de Emmo Duarte	Coleção romances do povo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Alexandr Bek	A estrada de Volokolamsk	1955	Rio de Janeiro	Editorial Vitória Ltda.		Tradução de Gilda Linhares e Ouvar Davet	Coleção romances do povo, direção de Jorge Amado, vol. XIII	Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Vilmar Alves Ribeiro	O edifício da rua morta	1978	Belém	Gráfica Falangola editora Ltda				“para Nise, uma paisagem fulgurante”, Belém, 30-5-78. Vilma	Poesias	1
Ricardo Ramos	Rua desfeita: contos	1963	Rio de Janeiro	José Alvaro Editor					contos	1
Ricardo Ramos	Os desertos: contos	1959	São Paulo	Edições melhoramentos				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 9-10-64	Contos	1
Zé Praxédi	O sertão é assim...	1960	Rio de Janeiro	Editorial vitória						1
João de Jesus Paes Loureiro	Pentacantos	1984	São Paulo	Roswitha Kempf editores				“ao amigo Raimundo Jinkings com o mais fraterno abraço JJesus”, 7-12-84		1
Barboza Melo e Olympio Monat (org.)	William Shakespeare: edição do IV centenário	1964	Rio de Janeiro	Editora Leitura s.a.						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
R. Magalhães Junior	O fabuloso patrocínio filho	1957	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 8-12-57		1
Ignácio de Loyola	Depois do Sol	1965	São Paulo	Editora brasileira					Contos	1
Comissão pastoral da terra	Poesia do trabalhador – livro 1	1979	Belém	Editora Boitempo Ltda					Poesias	1
Sant'ana Pereira	Invenção de Onira	1988	Belém	Cultural CEJUP				“ao grande Jinkings, companheiro de acirradas lutas, com admiração de sempre, o mundo melhor de Onira” Belém, 7-10-88		1
Agildo Monteiro et al	Novos contos Paraenses	1988	Belém	Cultural CEJUP						1
Santos Moraes	Rei Zumbi e A Terra Sangra	1965	Rio de Janeiro	Editora Leitura S.A						1
Raul Pompeia	O Ateneu	1967	Rio de Janeiro	Letras e Artes						1
Edith da Gama e Abreu	O romance	s/r	Salvador	Livraria Progresso editora			Ensaio série miniatura, n 54			1
Anna Seghers	Os mortos permanecem jovens	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Tradução de Maria Werneck de Castro	Coleção romances do povo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 28-1-58		1
Alexandre Serafimovitch	A torrente de ferro	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória			Coleção romances do povo	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
João Afonso Carvalho Ferreira	Solilóquio: poesia	1993	Cuiabá	Policromos				“Para o distinto casal Raimundo e Isa Jinkings, divulgadores de cultura e arte com o meu abraço”, Belém, 24-3-94. Afonso		1
Mário Pontes	Doce como o diabo: o demônio na literatura de cordel	1979	Rio de Janeiro	Editora Codecri			Coleção alternativa 2			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Sérgio Porto	As cariocas	1967	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira		Prefácio de Jorge Amado				1
Lima Barreto	Recordações do Escrivão Isaías Caminha	1970	São Paulo	Editora Brasiliense	4ª edição	Prefácio de Francisco de Assis Barbosa			Romance	1
Audálio Alves	Romanceiro do canto soberano	1962	Rio de Janeiro	Editora Leitura S. A.					Poesia	1
René Lalou	O romance francês: a partir de 1900	1955	São Paulo	Difusão Européia do Livro		Tradução de Hermilo Borba Filho				1
Alejandro Pushkin	Prosa Escogida	1981	Moscou	Editorial Progreso		Traduzido do Russo	Série Clássicos Russos			1
Severo Gomes (senador)	No meio do caminho	1990	Brasília	s/r						1
Jorge Amado	O mundo da Paz	1953	Rio de Janeiro	Editorial Vitória	4ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Rui Barbosa	Osvaldo Cruz	1950	Rio de Janeiro	Edição "Organização Simões"						1
Rui Barbosa	Machado, Rio Branco e Herculano	1950	Rio de Janeiro	Edição "Organização Simões"						1
Rui Barbosa	José Bonifácio	1950	Rio de Janeiro	Edição "Organização Simões"						1
Roberto Gomes	Antes que o teto desabe	1981	Porto Alegre	Mercado Aberto						1
Flávia Schilling	Família Querida:	1978	Porto Alegre	Editora Coojornal						1
Nazareno Tourinho	Lei é lei e está acabado!	1984	Belém	Primeira Edição				"Para o Raimundo Jinkings, um dos mais legítimos líderes sindicais e autênticos políticos que esta terra já teve. – com um abraço do Nazareno Tourinho". 1984 – dezembro		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Jorge Henrique Bastos, Rey, Zé Minino & Vasco Cavalcante	Poesias: coletiva	1985	Belém	Edições SEMEC				"Para o Jinkgins com o abraço do J---, 17-5-85		1
Annamaria Barbosa Rodrigues	Lírica	1985	Belém	Secretaria de Estado de cultura, desportos e turismo & Falangola editora				"Para Raimundo Jinkings, companheiro nos meus turos caminhos. Com ternura, Annamaria." Mar/86		1
Jorge Amado	O país do Carnaval									
Cacau	Suor	1957	São Paulo	Livraria Martins Editora	7ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Jorge Amado	Mar morto	1957	São Paulo	Livraria Martins Editora	6ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 8-11-58		1
Jorge Amado	O cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória	9ª edição		Coleção Novos horizontes 1	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Jorge Amado	Bahia de todos os santos: guia das ruas e dos Mistérios da cidade de Salvador	1955	São Paulo	Livraria Martins Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 10-9-59		1
Raimundo Schaun	A conspiração das ilhas	1965	Rio de Janeiro	Edições GRD				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 12-7-65		1
Nicolau Sevcenko	Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República	1983	São Paulo	Editora Brasiliense						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Wladimir Dudintsev	Nem só de pão vive o homem	1958	Rio de Janeiro	Andes		Dias da Costa		Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 17-7-58	Romance	1
Milton Pedrosa	Noite e Esperança	1960	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Prefácio de Astrojildo Pereira		Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 27-1-61		1
Milton Pedrosa	Bibi e os gonguêos	1965	Rio de Janeiro	Editora Leitura S. A.					Contos	1
Milton Pedrosa	Américo – este mundo e o outro	1962	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 9-10-64	Contos	1
Valter Pedrosa	Os homens do Mundaú	1984	Brasília	Roteiro Editorial Ltda.					Romance	1
Luiz F. Papi	O arado branco	1957	Rio de Janeiro	Editorial Vitória				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 26-5-61	Poemas	1
Carlos Eduardo Novaes	O quiabo comunista	1977	Rio de Janeiro	Editorial Nordica				“Rio, 16-5-77. Ao R.A. Jinkings o Quiabo...é a foíce, o chuchu o novo martelo (??) c/ o abraço Carlos Eduardo”		1
Santos Moraes	Os filhos do asfalto	1964	Rio de Janeiro	José Alvaro Editor					Romance	1
Sérgio Milliet	De cães, de gatos, de gente	1964	São Paulo	Livraria Martins Editora						1
Judith Liebllich Patarra	O círculo da castidade	1970	São Paulo	Editora Brasileira					Romance	1
William Agel de Melo	O último dia do homem	1975	São Paulo	Edições MM						1
Silvio de Bastos Meira	A conquista do Rio Amazonas	1963	Rio de Janeiro						Romance	1
Valério Meinel	Aézio: um operário brasileiro	1981	Rio de Janeiro	Editora Codecri		Prefácio de Dalmo Dallari				1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Cécil Meira	A sabedoria popular	1988	Belém	Editora Grafisa	2ª edição					1
Raul Miranda	Novo Ar	1976	Rio de Janeiro	Edições Folhetim					Poemas	1
Celso Novais	Painel de silêncio	1965	Rio de Janeiro	José Alvaro Editor					Poemas	1
Luiz Lima	Nova literatura brasileira, vol II	1983		Shogun Arte				“ao R.A. Jinkigns, com a amizade do Luiz Lima”, 10-03-1984		1
Alvaro Moreyra	Havia uma oliveira no Jardim	1958	Rio de Janeiro	Jotapê, Livreiro Editor				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, agosto de 61		1
Alvaro Moreyra	As amargas, não... lembranças	1954	Rio de Janeiro	Editra Lux			Dedicatória escrita por Isa. Livro com marcas de leitura. É importante ver.	“Ao meu bom papaizinho, com o meu grande afeto, esta pequena lembrança que significa muito para o seu espírito de intelectual e para o seu coração de pai. Sinceramente, sua Nise Maria. Belém, 16-2-55”		1
E. Di Cavalcanti	Reminiscências Líricas de um perfeito Carioca	1964	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S.A.				Rubricado por Raimundo Jinkings, Rio, 22-6-65		1
Denis Diderot	O sobrinho de Rameau	1957	São Paulo	Atena Editora	2ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 24-6-69		1
Assis Brasil	Graciliano Ramos: ensaio	1969	Rio de Janeiro	Editora						1
Luiz Terra	Na janela do vulgar: contos	1980	Belém	Gráfica Falangola editora				“ Ao amigo Jinkings com o abraço de	Contos	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
José Candido de Siqueira	Essa minas em gerais e outros poemas	1981	Belo Horizonte	Editora O Lutador				“A Jinkings, também diulgador da cultura nesse país, este: Essas minas em gerais e outros poemas, “escrevo e escrevo certo de estar quebrando o silêncio que ficou em aberto...” com o carinho e a admiração de Cândido, 28/10/81, Tucuruí-Pa. J.Candido”	Poemas	1
Regina Zilberman	Literatura e o ensino da literatura	1988	São Paulo	Editora Contexto			Coleção repensando o ensino			1
Bandeira Tribuzi	Rosa da esperança	1950	Rio de Janeiro	Editora Orfeu				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 2-2-57	Poemas	1
Marcos de Vasconcellos	Tragédias Ligeiras	1981	Rio de Janeiro	Editora Codecri			Coleção Pasquim			1
Visconde de Taunay	Inocência	s/r	São Paulo	Editora Melhoramentos	23ª edição		Tem uma enorme observação sobre o livro na folha de rosto			1
Tati Miecio	Rio dos Afogados	1961	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 30-11-61		1
Bandeira Tribuzi	Safra	MCM LXI	São Luiz					“ Para Raimundo Jinkings, companheiro de leais com a admiração sincera de Bandeira Tribuzi, agosto de ?”	Poemas	1
Hélio Soares de Souza	Ainda há razões para viver	1981	Belém	s/r					Poemas	1
Jorge Amado	Os subterâneos da liberdade – romance em três volumes	1957	São Paulo	Livraria Martins Editora	5ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 7-8-58	Romance	1
Jorge Amado	Seara Vermelha		São Paulo	Livraria Martins editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 8-11-58		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Jorge Amado	O sumiço da santa: uma história de feitiçaria	1988	Rio de Janeiro	Editora Record					Romance	1
Jorge Amado	Povo e Terra: 40 anos de Literatura	1972	São Paulo	Livraria Martins Editora		Prefácio de José de Barros Martins	Trata-se de um livro com dois textos de Jorge Amado e vários outros estudos sobre sua obra, realizado por autores diversos			1
Antonio Ferro (diretor da coleção)	Conversações com Goethe	1947	Porto	Livraria Tavares Martins			Livro com várias marcas de Leitura	Rubricado por Raimundo Jinkingse Isa, São Luis, 14-8-57		1
William Shakespeare	O Rei Lear	1992	Rio de Janeiro	Relume-Dumará		Tradução de Jorge Wanderley		Rubricado por Maria Isa Jinkings		1
Jorge Amado	Os velhos marinheiros	1961	São Paulo	Livraria Martins Editora				“Ao prezado amigo Jinkings, com um abraço do amigo ???, 1961		1
Jorge Amado	ABC de Castro Alves	1957	São Paulo	Livraria Martins Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 8-11-58		1
Jorge Amado	São Jorge dos Ilhéus	1960	São Paulo	Livraria Martins Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém,23-1-61		1
Agildo Barata	Vida de um revolucionário: memórias	s/r	Rio de Janeiro	Editora Mello Soc. Anônima					memórias	1
Celso de Alencar	Os Reis de Abaeté	1987	São Paulo	João Scortecchi Editor				“Para o companheiro Jinkings esta poesia, longa, da miséria humana. Um grande abraço de Celso. Belém, 4-112-82”		1
Alex Polari de Alverga	Inventário de cicatrizes	1978	São Paulo	Teatro Ruth Escobar/Comité brasileiro pela Anistia				“Isa com o carinho ...?? e um beijo saudos do Zé Alberto. 5-7-79”		1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Luciano Barreira	Feliciano, um brasileiro que sonhou com a felicidade	1989	Fortaleza	Stylus Comunicações	2ª edição				“Ao prezado amigo e companheiro Raimundo Jinkings com o braço fraterno do Luciano Barreira”. Fortaleza, 28-2-1990		1
Luciano Barreira	Sementes de tempestade	1989	Fortaleza	Stylus Comunicações	2ª edição				“Ao prezado amigo e companheiro Raimundo Jinkings com o braço fraterno do Luciano Barreira”. Fortaleza, 28-2-1990		1
Fortaleza, 28-2-1990	Romance ecológico	1									
Heloisa Marques Lisboa de Conde	Longe é o caminho	1964	Rio de Janeiro	José Alvaro editor						Romance	1
José Condé	Um ramo para Luisa	1972	Rio de Janeiro	Editora Civilização brasileira	5ª edição						1
Neil de Castro	O dia das moscas: romance de maus costumes	1983	Rio de Janeiro	Editora Codecri					“ao companheiro Jinkings, com uma violenta esperança de que alguma coisa vai mudar(para melhor) neste país de delírios, o abraço e os agradecimentos de Neil”. Belém, 26-11-83	Romance	1
Jose Candido de Carvalho	Ninguém mata o arco-iris	1972	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora		Prefácio de Eduardo Portella					1
Adolfo Caminha	Bom Crioulo	s/r	Rio de Janeiro	Olivé Editor							1
Campos de Carvalho	A lua vem da Ásia	1965	Rio de Janeiro	José Alvaro Editor	2ª edição						1
Machado de Assis	Memorial de Aires	1973	São Paulo	Editora Ática				Série Bom Livro/ edição didática			1
Machado de Assis	O alienista	1975	São Paulo	Editora Ática	3ª edição						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Barros Ferreira	Serra Brava	1951	São Paulo	Edição Saraiva			Coleção Saraiva, 32		Romance	1
Agrippino Grieco	Obras completas, 11 O sol dos mortos	1957	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora			Livro com marcas de leitura	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 26-1-61		1
Homero Homem	Cabra das rocas	1966	Rio de Janeiro	Tempo brasileiro			Coleção temas do tempo 2		Romance	1
Homero Homem	Carliteana Carioca: contos	1965	Rio de Janeiro	Editora Leitura S.A.					Contos	1
Aurélio Buarque de Holanda	O chapéu de meu pai	1974	Rio de Janeiro	Editora Brasilia	3ª edição					1
Paulo Sandroni	Balanço de Pagamentos e Dívida Externa	1989	São Paulo	Editora Ática			Série Fundamentos, 51			1
Armando Sampaio	Glasnost e Perestroika: uma revolução cultural	1988	Rio de Janeiro	RioArte/Fundação Rio						1
Brasil e URSS: Parceiros na Paz – a visita do presidente	José Sarney à União Soviética	1989	Rio de Janeiro	Editora Revan						1
Francisco Julião	Até quarta, Isabel!	1979	Recife	Editora Guararapes	2ª edição			Prefácio de Paulo Cavalcanti		1
Antonio Callado	Bar Don Juan	1971	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira					Romance	1
Isaac Akeirud	Novos profetas do Médio Oriente	1962	Rio de Janeiro	Instituto brasileiro de estudos afro-asiáticos				Rubricado por Raimundo Jinkings, São Paulo, 3-2-63		1
Efraim Kishon	Como é duro ser Pai e outras tragédias	1984	São Paulo	Editora						1
Yasuo Kuwahara e Gordon T. Allred	A terrível hora dos Kamikaze	1967	Rio de Janeiro						Felisberto Albuquerque	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Carlos Drummond de Andrade	O poder ultra jovem e mais 79 textos em prosa e verso	1972	Rio de Janeiro	Editora José Olympio						1
Graça Aranha	Chanaan, vol. I	1939	Rio de Janeiro	F. Briguiet & Cia editores	8ª edição		Livro com marcas de leitura	“Á prezada e talentosa professora Helena Tavares, modesta lembrança do seu feliz aniversário natalício. Of. o velho mestre. A. Pontes. 28-1-941”		1
Cristovam Araújo	Cidade: poesias e contos							“Para o Jinkings a primeira experiência literária. CAratijo. 27-03-80”		1
Lúcio Apuleio	Amor e Psiqué	1956	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S.A.		Paulo Ronai e Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira		Rubricado por Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 22-10-58.		1
João do Rego Gadelha (coord.)	II Antologia de poetas paraenses	1984	Rio de Janeiro	Shogun Arte						1
Barbara Vasconcelos de Carvalho	A literatura infantil: visão histórica e crítica	1982	São Paulo	Edart	2ª edição		Coleção moderna escola brasileira			1
José de Nicola	Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias	1985	São Paulo	Editora Scipione						1
Alvaro Moreyra	O dia nos olhos	1961	Rio de Janeiro	Editora Lux				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, agosto de 1961		1
Alberto de Carvalho	Chico Buarque	1982	Rio de Janeiro	Editora Codecri						1
Carlos Drummond de Andrade	Corpo: novos poemas	1984	Rio de Janeiro	Editora Record	2ª edição					1
Nelly Novaes Coelho	A literatura infantil	1982	São Paulo	Quiron/global	2ª edição					1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Abguar Bastos	Certos Caminhos do mundo: romance do Acre	s/r	Rio de Janeiro	Hersen editor				"Para o meu partido socialista, fraternalmente. Acyr Castro. 26-11-58		1
James Amado	Chamado do Mar	1960	São Paulo	Livraria Martins Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 8-6-61	Romance	1
Fernando Sabino	O Encontro Marcado	1956	Rio de Janeiro	Editora Sabiá Limitada	10ª edição					1
Ignácio de Loyola Brandão	Bebel que a cidade comeu	1978	Rio de Janeiro	Editora Codecri	2ª edição				Romance	1
Antonio Callado	A expedição Montaigne	1982	Rio de Janeiro	Nova fronteira						1
Cléo Bernardo	A pé com a liberdade		Belém	Editora Gráfica				"Para Jinkings amigo fraterno, companheiro de luta pela liberdade com admiração. Léo""		2
Plínio Barreto	Páginas Avulsas	1958	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora		Prefácio de Antonio Candido		Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 15-10-58.		1
Tito Batini	Inácio, pastor de nuvens	1960	São Paulo	Edições autores reunidos limitada				Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 28-3-62		1
Eliezer Demenezes	Quadrante Sagitário	1965	Rio de Janeiro	Editora Leitura S.A.					Poemas	1
Raimundo Souza Dantas	África Difícil	1965	Rio de Janeiro	Editora Leitura S.A.						1
Eneida	Cão da madrugada	1955	Rio de Janeiro	Editora José Olympio Editora	2ª edição			Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 5-5-57		1
Eneida	Banho de Cheiro	1962	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 17-12-62		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Manuel Scorza	Historia de Garabombo, o invisível: balada 2	1975	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira		Gloria Rodrigues			Romance	1
Mario de Andrade	Macunaíma: o herói sem nenhum caráter	1969	São Paulo	Livreria Martins Editora	5a					1
Plínio Bastos	Um Crime	1961	Rio de Janeiro	Livreria Império editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 17-10-64	Romance	1
Rodrigo Barata	Caixa de bronze	1988	Belém	Gráfica Falangola editora				"Ao Raimundo Jinkings, um abraço agradecido, Rodrigo"		1
Áttila Brandão	Histórias do campo largo	1965	Rio de Janeiro	José Álvaro editor						1
Walmir Ayala	A fuga do arcanjo: diário III	1976	Rio de Janeiro	Editora Brasília						1
Roberto Athayde	Apareceu a margarida	1973	Rio de Janeiro	Editora Brasília						1
Assis Filho	Poemas de Assis Filho	1973	Belém	Gráfica sagrada família				"Ao amigo Jinkings, com u abraço do Assis Filho, Belém, 19-02-77"		1
Perminio Asfora	Vento Nordeste	1957	Rio de Janeiro	Livreria José Olympio Editora				Rubricado por Raimundo Jinkings, São Luis, 4-3-57	Romance	1
Marcio Souza	Tem Piranha no Pirarucu & As folias do Látex	1979	Rio de Janeiro	Editora Codecri						1
Celso Alencar Jr.	Arco Vemelho	S/r	São Paulo	João Scortecchi Editor	2a				Poemas	1
Mikhail Cholokhov et Al.	EdContos 1	1968	Rio de Janeiro	Edinova Edições Ltda.						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Carlos Drummond de Andrade	De notícias e não notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações	1974	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora					Crônicas	1
Oscar Von Pfuhl	Dom Chicote Mula Manca	1982	Rio de Janeiro	Edart						1
Pablo Neruda	Antologia Poética	1968	Rio de Janeiro	Editora Sabiá			Edição em espanhol			1
Aline Carreira	Cantiga Geral de Amor	1984	Belém	Gráfica Falangola Editora				“Para Raimundo Jinkings com o apreço da Aline Carreira. 8-6-84”	Poemas	1
Alfredo Oliveira	Belém, Belém	1983	Belém	Falangola editora				“Para o estimado companheiro Raimundo Jinkings como recordação deste dia oferece Amis. Belém-PA, 21-12-83”		1
Luiz Lima Barreiros	As interrupções ou Adeus Belém do Pará	1986	Belém	Imprensa Oficial				“Ao Raimundo Jinkings com as saudações do Luiz Lima. 16.out.86”		1
Stefan Zweig	O pensamento vivo de Tolstoi	S/r	São Paulo	Livraria Martins editora		Tradução de Lígia Autran Rodrigues Pereira	Biblioteca do Pensamento Vivo, 14	Rubricado por Raimundo Jinkings, Bacabal, 29-11-57		1
Alfred de Musset	A confissão de um filho do século	S/r	São Paulo	Atena Editora	2a	Paulo M. Oliveira e Adelaide Pinheiro Guimarães	Biblioteca Clássica, vol VII	Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 3-5-58		1
P. Joseph de Anchieta	De Gestis Mendi de Saa	1970	São Paulo			Introdução e notas de P. Armand Cardoso S.I	Obras completas I volume		Poema epicum	1
Bernadim Ribeiro	Menina e Moça	1957	Porto	Lello & Irmão editores			Com estudo sobre Menina e Moça por Teófilo Braga			1
Ferreira de Castro	A lâ e a neve	1954	Rio de Janeiro	Editora Vitória			Coleção romances do povo, vol III	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 28-1-58	Romance	1
Ciro Vieira da Cunha	No tempo de Paula Nei	1950	São Paulo	Edições Saraiva			Coleção Saraiva, 25		Romance	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Vicente Cecim	A asa e a Serpente	1979	Belém	Mitograph editora				“Para o Jinkings, com minha amizade. Vicente Cecim. Dezembro, 79	Novela	1
Vicente Cecim	Os Jardins e a Noite	1981	Belém	Mitograph editora				“Para o Jinkings, com amizade. Vicente Cecim. 81	Ficção	1
Simão Bitar	O outro da lua: Ensaios e conferências	1986	Belém	CEJUP				“Ao Sr. Jinkings, oferece. Simão Bitar.		1
Paulo Mendes Campos	O anjo bêbado	1969	Rio de Janeiro	Editora Sabiá						1
Max Martins	Caminho de marahu	1983	Belém	Edições Grapho				“Ao Jinkings, estes poemas com amizade de Max. 15-12-83”		1
Maura Lopes Cançado	Hospício é Deus: diário I	1965	Rio de Janeiro	José Álvaro Editor			Coleção “Lúcio Cardoso”			1
Age de Carvalho	Arena, areia		Belém	Editora Grafisa				“Aos amigos Isa e Raimundo com o abraço e a amizade de sempre. Age de Carvalho, Belém. 1986”	Poesia	1
Age de Carvalho	Arquitetura dos ossos	1980	Belém	Gráfica Falangola Editora				“ao companheiro e amigo Jinkings, esta arquitetura dos ossos, com amizade do Age de Carvalho, Belém, 12-09-80	Poesia	1
Josué de Castro	Homens e caranguejos	1967	São Paulo	Editora Brasileira					Romance	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Julio Colares	Torre de Babel (crônicas)	1948	Belém	Revista Veterinária				“Antonio: Este livro é uma simples, porém sincera homenagem à sua inteligência. Tenho certeza que, lendo-o, você saberá acata-lo e compreendê-lo, como ele deve ser compreendido. Receba, juntamente, o abraço amigo da Maria Isa. Belém, 6-9-949”	crônicas	1
Carlos Heitor Cony	Da arte de falar mal	1963	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira				Rubricado por Jinkings, Belém, 4-12-64	Crônicas	1
Edgard Cavalheiro	Garcia Lorca	1956	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira	2a revista e atualizada			“ao bravo companheiro Jinkings, homem lutador e fecundo idealista, com a simpatia e a profunda admiração dos companheiros Raimundo...e Francisco Costa. Em 24-10-61. Belém-PA”		1
Octavio Brandão	O caminho	1950	Rio de Janeiro	S/r				Rubricado pó Jinkings, Bacabal, 19-12-58		1
Ruth Bueno	Diário das máscaras	1966	Rio de Janeiro	Edições Tempo Brasileiro			Temas de todo tempo 4			1
Eça de Queiroz	Os maias em dois volumes	1968	Porto	Lello & Irmão editores						1
Raimundo Gadelha	Tereza, perdida Tereza	1978	Belém	S/r				“ao amigo Jinkings, na esperança de ? O jogo Triste, logo chegue ao seu final. Gadelha. 17-11-78”	Contos	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Cid Franco	Negrinho o viaduto e as classes conservadoras	1963	São Paulo	Editora Fulgor		Prefácio de Herculano Pires		Rubricado por Raimundo Jinkings, Belém, 13-10-63	Poesias	1
José F. Brito	Cisco da Praia	1946	Belém	Revista Veterinária				“ofereço este livro à srta. Cilene como lembrança do Raimundo Castro. Em, 7-5-948”		1
Jocelyn Brasil	O pão, o feijão e as forças ocultas	1963	Rio de Janeiro	Editorial Vitória				“Para o R.A com um grande abraço do velho companheiro de luta, Jocelyn		1
Nestor de Holanda	Sosso, rua da revolução	1961	Rio de Janeiro	Irmãos Pongetti editores				Rubricado por Jinkings, Belé, 13-2-62		1
Mario Couto	A sexta dose e as hipóteses	1986	Belém	S/r						1
Comissão de apoio aos exilados do comité brasileiro pela anistia/SP	Grito calado, atrás das grades	1980	São Paulo	Global editora					Poemas	1
Jocelyn Brasil	Eróticas e Heréticas	1989	Belém	Edições Aleutianas			Este livro está homenageando Jinkings e outros			1
Ignácio de Loyola Brandão	Dentes a Sol ou a destruição da catedral	1976	Rio de Janeiro	Editora Brasilia						1
Herzer	A queda para o alto	1982	Petropolis	Editora Vozes	3a					1
Mikhail Cholokhov	Terra e sangue	1956	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Luiz Papi	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XX	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Ilya Ehreburg	A tempestade em dois volumes	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Gutorm Hansen	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vols. VIII e IX	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Ilya Ehreburg	Moscou não crê em lágrimas	1958	São Paulo	Edições Zumbi		Armando Gimenez	Coleção Clássicos de hoje e de amanhã	Rubricado por Jinkings, Belém, 5-2-60		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Galina Nikoláieva	A colheita	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Ari de Andrade	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Nikolai Ostrovsky	Assim foi temperado o aço	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Maria Delamare	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.II	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Howard Fast	Espartaco	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Tati de Moraes	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.X	Rubricado por Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Piotr Pavlenko	A Felicidade	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Ricardo Ramos e Antonio Bulhoes	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.XII	Rubricado por Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Alina Paim	A hora próxima	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória			Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.XI	Rubricado por Jinkings, São Luis, 30-5-56		1
Tikhon Siomúchkin	O grande norte	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória		James Amado	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol.IV	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Gabriel Garcia Márquez	Textos do caribe, vol 1	1981	Rio de Janeiro	Editora Record		Tradução de Joel Silveira e compilação de Jacques Gilard				1
Gabriel Garcia Márquez	A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada	1972	Rio de Janeiro	Editora Record	3a	Tradução de Remy Gorga Filho				1
Gabriel Garcia Márquez	Cheiro de Goiaba: conversas com Plínio Apuleyo Mendoza	1982	Rio de Janeiro	Editora record	2a					1
Alessandro Manzoni	Os noivos: um amor quase impossível	1987	São Paulo	Editora Scipione		Adaptação em português de Cecília Casas				1
Jamil Almansur Haddad	Romanceiro Cubano	1960	São Paulo	Editora Brasiliense				Rubricado por Jinkings, São Luis, 22-3-61	Poesias	1
Dmitri Furmanov	Tchapaiev	1954	Rio de Janeiro	Editorial vitória	2 tiragem	Tradução de T. Oliveira	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. VI	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Konstantin Fédin	Primeiras alegrias	1955	Rio de Janeiro	Editorial vitória		Tradução Luiz Papi	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XV	Rubricado por Jinkings, Bacabal, 4-5-58		1
Juan Ramon Jimenez	Platero e eu	1960	Rio de Janeiro	Editora Globo	2ª	Tradução Athos Damasceno				1
Otto Minera	Siete pecados en la capital	1983	Cidade de Havana	Casa de las Americas		Edição em espanhol			Teatro	1
Louis Aragon	Servidão e grandeza dos franceses	1963	Lisboa	Publicações Europa-América		Tradução de João José Cochofel				1
Carlos Drummond de Andrade	O avesso das coisas	1987	Rio de Janeiro	Editora Record						1
Edmond Rostand	Cyrano de Bergerac	1987	Rio de Janeiro	Editora Scipione		Adaptação de Rubem Braga				1
Maria Lucia Medeiros	Zeus ou a menina e os óculos	1988	São Paulo	Roswitha kemp editores						1
Roger Vailland Raymond Manevy	Um homem do povo na revolução		Rio de Janeiro	Portugalia editora		Tradução de Ana de Moura				1
Raimundo Mario Sobral	Repórter 69	1987	Belém	CEJUP						1
Francisco Hardy	Kazukuta: crônicas do terceiro mundo	1979	São Paulo	Editora Livramento						1
Maria Gabriela Linsol	O livro das comunidades	1977	Porto	Edições afrontamento						1
Pedro Motta Lima	Fábrica da Pedra	1962	Rio de Janeiro	Editorial Vitória				Rubricado por Jinkings, Rio,28-5-63	Romance	1
Péricles Leal	Caminhos da danação	1966	Rio de Janeiro	Tempo brasileiro			Coleção temas de todo tempo 3		Romance	1
Mario Lago	1 de abril: histórias para a História	1964	Rio de Janeiro	Edições Civilização brasileira						1
Eneida	Caminhos da Terra	1959	Rio de Janeiro	Antunes & Cia				“Caminhos da terra para Maria Isa com votos de bom futuro. Eneida”. março 60, Belém.		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Ilya Ehrenburg	Memórias volume I: infância e juventude (1891-1917)	1964	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira		Boris Schnaiderman	Livro com marcas de leitura em algumas páginas	Rubricado por Jinkings, Belém, 14-11-64		1
Ilya Ehrenburg	Memórias volume II: Os primeiros anos da revolução (1918-1921)	1965	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira		Dalton Boechat		Rubricado por Jinkings, Belém, 12-8-65		1
Ilya Ehrenburg	Memórias volume III: a paz armada: os primórdios do nazismo (1921-1933)	1965	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira		Dalton Boechat				1
Ilya Ehrenburg	Memórias volume IV: a Europa sob nazismo (1933-1941)	1966	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira		Dalton Boechat				1
Ilya Ehrenburg	Memórias volume V: a guerra (1941-1945)	1966	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira		Dalton Boechat				1
José Mauro Gonçalves	Catê-Society: confidencial	1956	Rio de Janeiro	Editora civilização brasileira				Rubricado por Jinkings, Belém, 12-8-59		1
Ricardo Gontijo	Sem vergonha da utopia: conversas com Betinho	1988	Petropolis	Editora Vozes						1
Zélia Gatai	Senhora dona do baile	1985	Rio de Janeiro	Editora Record	3 ^a				Romance	1
Dante Costa	Os olhos nas mãos: literatura brasileira contemporânea	1960	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora				Rubricado por Jinkings, Belém, 114-6-60	Crítica	1
Carlos Heitor Cony	Informação ao crucificado	1961	Rio de Janeiro	Editora Civilização brasileira			Coleção Vera Cruz, volume 32	Rubricado por Jinkings, Belém, 130-11-64		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Carlos Heitor Cony	Posto 6: crônicas	1965	Rio de Janeiro	Editora Civilização brasileira			Coleção Vera Cruz, volume 90	Rubricado por Jinkings, Belém, 123-6-65	Crônicas	1
Álvaro Faria	Coexistência ou morte	1963	São Paulo	Editora Fulgor		Prefácio de Oscar Niemeyer				1
Michelet	Joana D'arc	1964	São Paulo	Editora Fulgor						1
Henrique Peetz Escrich	Um filho do Povo	1954	Porto	Livraria civilização editora			Série popular, n 12			1
Lindanor Celina	Diário da Ilha	1992	Belém	Edições CEJUP				“para Raimundo Jinkings, a amiga de que não muda. Linda. Belém, ago/92”	crônicas	1
Amarilis Tupiassu	Eça de Queirós e os Desassossegos da Santidade	1992	Belém	Editora				“À querida Isa, minha amiga de sempre com emoção e enorme carinho. Amarilis, 22/10/92”	Crítica	1
Luciano Barreira	Sementes de Tempestade	1988	Fortaleza	Stylus					Romance	1
Maria Lucia Medeiros	Velas. Por quem?	1990	Belém	Edições Cultural CEJUP				“Para Isa e Jinkings a amizade que tem mais de cem anos (não é, Isa?) Beijjos. MLMedeiros. 95		1
Amarilis Tupiassu	Eça de Queirós: memória bibliográfica (acervo da autora)	1992	Belém	Editora Universitária UFPA				“À minha Isa querida e ao Raimundo, com aquela amizade que pulsa sempre e sempre. Amarilis, 22/10/92”		1
Antonio Cisneros	Agua que no háas de beber y otros cantos	1983	Havana	Casa de las Américas					Poesia	1
Carlos Fuentes	Las buenas concnencias	1973	Mexico	Fondo de Cultura Economica	6 ^a		Coleccion popular			1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Gabriel Garcia Marquez	A aventura de Miguel Littin clandestino no Chile	1986	Rio de Janeiro	Editora Record		Eric Nepomuceno				1
Miguel de Cervantes	A destruição de numância	1957	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S/A			Obras imortais, vol. 8	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 22-10-58	Teatro	1
André Maurois	Vozes da França	s/r	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio Editora		Valdemar Cavalcanti		Raimundo Antonio Jinkings. 24-8-52		1
Paulo Chostakowsky	Historia da Literatura Russa: desde as origens até os nossos dias	1948	São Paulo	Instituto Progresso Editorial		Alvaro Bittencourt		Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 5-9-58		1
Erasmus de Rotterdam	Elogio da Loucura	1956	São Paulo	Atena Editora	7ª	Paulo M. Oliveira	Coleção Biblioteca Clássica, vol I	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 24-6-59		1
V. Ajaev	Longe de Moscou. Vol II	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Ary Andrade	Coleção Novos Horizontes 3			1
Marcelle Ehrhard	A literatura Russa	1956	São Paulo	Difusão Européia do Livro		J. Guinsburg	Coleção Saber atual	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 3-2-58		1
Camille Selden	Les affinités électives de Goethe	1872	Paris	G.			Livro com marcas de leitura			1
Almeida Garrett	Lírica completa	1963	Lisboa	Editora Arcadia			Biblioteca Arcadia de bolso			1
Gianfrancesco Guarnieri	Castro Alves pede passagem	1971	São Paulo						Teatro	1
Gil Vicente	Teatro de Gil Vicente	1968	Lisboa	Portugalia editora	4ª	Apresentação e leitura de Antonio José Saraiva	Antologias Universais			1
Flávio Rangel e Millôr Fernandes	Liberdade, liberdade	1965	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S.A						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Molière	O burguês Fidalgo	1968	Rio de Janeiro	Editora Fon- fon		Stanislaw Ponte Preta				1
Mario de Andrade	Pequena História da música	1967	São Paulo	Livraria Martins Editora	6ª		Obras completas de Mário de Andrade			1
Mario de Andrade	Aspectos da Música Brasileira	1965	São Paulo	Livraria Martins Editora			Obras completas de Mário de Andrade			1
Mario de Andrade	Ensaio sobre à música brasileira	1962	São Paulo	Livraria Martins Editora			Obras completas de Mário de Andrade			1
Ivan Sierguiêievitch	Memórias de um caçador, vol. I e II	1962	Rio de Janeiro	Editora Lux Ltda		Ruy Lemos de Brito		Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 17-10-64		1
Érico Veríssimo	Solo de Clarineta, vol. I e II	1976	Porto Alegre	Editora Globo	7ª		Coleção sagitário		Memórias	1
Leonid Slovoev	Um rebelde alegre	s/r	São Paulo	Eliyahu Behar editora		Luis Castro Silva		Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 5-3-60	Romance	1
Anatoli Ribakov	Os folhos da rua Arbat	1987	São Paulo	Editora Best seller		Paulo Bezerra			Romance	1
Roger Vailland	A lei	1959	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S.A.		Osorio Borba		Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 5-8-61		1
Thiers Martins Moreira	O menino e o Palacete	1954	Rio de Janeiro	Edição da "organização Simões"				Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 8-6-55		1
P.H. Simon	Os homens não querem morrer	1957	São Paulo	Livraria editora Flamboyant		Maria Luiza S. de Moraes e Teresa de Araújo Penna		Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 27-10-58	Romance	1
Lindonor Celina	Estradas do tempo-foi	s/n	Rio de Janeiro	JCM editores				"ao Jinkings, meu irmão de "armas". Lindonor. 1971"	Romance	1
Paulo Nagai	Os sinos de Nagasaki	1956	São Paulo	Livraria editora		Cecília de M. Duprat	Coleção tempos atuais	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 27-10-58		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Henri-françois Rey	A doce música mecânica	1964	Rio de Janeiro	José Álvaro Editor		Tati de Moraes			Romance	1
Webb Miller	...E eu não encontrei a paz!: memórias de um correspondente estrangeiro	MCMXXI	Rio de Janeiro	Casa editora Vecchi Ltda	2ª	Orlando Sattamini Duarte	Coleção O Homem fala de si mesmo I	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 4-5-58		1
Pietro Mele	A cruz de Roma, vol. I e II	1958	São Paulo	Editora das Américas		A.Della Nina			Romance	1
Néssia Orlovitz Reznik	Mamãe, já posso chorar?	1966	São Paulo	Editora Fulgor		José Steinberg	Prefácio de Bem-Tzion Tomer			1
Virgilio	A Eneida	1956	São Paulo	Atena Editora	2ª		Coleção biblioteca Clássica, vol. XLII	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 3-5-58		1
François Rabelais	Gargantua	1957	São Paulo	Atena editora	3ª		Coleção biblioteca Clássica, vol. XLII	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 3-5-58		1
A.Sternfeld	O vôo no espaço cósmico	1957	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Barreto Borges	Coleânea de estudos científicos			1
Stendhal	Armância	s/r	Rio de Janeiro	Editora A noite		Ascendino Leite		Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 5-12-59		1
Paul Verlaine	Festas Galantes	1958	Rio de Janeiro	Editora Civilização brasileira S.A	2ª	Onestaldo de Pennafort				1
Graham Greene	O americano tranquilo	1959	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira S. A.	2ª	Brenno Silveira		Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 8-6-59		1
Harold Q. Masur.	O Juri	1974	São Paulo	Nova época editorial ltda.					Romance	1
René Lalou	A Literatura Inglesa	1955	São Paulo	Difusão europeia do livro		Carlos Ortiz	Coleção saber atual	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 17-11-58		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
André Maurois	Estados Unidos	MCMXLVII	Rio Janeiro	Casa editora Vecchi	2ª	Omer Mont'Alegre				1
André Maurois	A vida de Shelley	1957	São Paulo	Companhia editora Nacional	3ª	Manuel Bandeira	Livro com marcas de leitura	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 12-7-58		1
André Maurois	Kim	1956	São Paulo	Companhia editora Nacional		Monteiro Lobato		Raimundo Antonio Jinkings. São Luis, 4-2-58		1
André Maurois	A vida de Disraeli	1957	São Paulo	Companhia editora Nacional	7ª	Godofredo Rangel		Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 30-7-58		1
André Maurois	Lélia ou a vida de George Sand	1956	São Paulo	Companhia editora Nacional		Olga Biar Laino		Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 2-12-59		1
René-Albert Guzman	Ciúme	1955	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio editora	9ª	Gastão Cruls		Raimundo Antonio Jinkings. São Luis, 18-5-58	Romance	1
Olivia Krahenbuhl	Poesias escolhidas de Emily Dickinson	1956	São Paulo	Edições Saraiva			Coleção cânticos dos cânticos	Raimundo Antonio Jinkings. São Luis, 4-10-57		1
Robert Louis Stevenson	O médico e o monstro	1971	Rio de Janeiro	Publicações \Europa-América		Cabral do Nascimento	Coleção livros de bolso Europa américa			1
Humberto Cunha	As Garças estão Maduras	1990	Belém	Suyá produções gráficas					Conto	1
Paul Claudel	Joana D'Arc: entre as chamas	1963	Rio de Janeiro	Livraria Agir editora	2ª	Dom Marcos O. S. B			Teatro	1
Peter Maas	O rei dos ciganos	s/r	Rio de Janeiro	Portugalia editora		Evangelina Leivas				1
Albert Camus	O estrangeiro	s/r	Lisboa	Edições Livros do Brasil		Tradução de Rogério Fernandes e Introdução de Jean-Paul I Sartre			Romance	1
André Malraux	A condição Humana	MCMXLVII	Rio de Janeiro	Edições Mundo Latino		Livio de Almeida	Coleção Os mais famosos romances modernos		Romance	1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Oscar Wilde	Romances de Oscar Wilde	1988	São Paulo	Livraria Martins Editora		Janette Marillier	Livro com marcas de leitura Coleção Excelsior vol. 5.	Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 14-10-57	Romance	1
Oscar Wilde	Poema em prosa e Salomé	1957	Rio de Janeiro	Irmãos Pongetti editores		Dilermando Duarte Cox		Raimundo Antonio Jinkings. São Luis, 27-7-57		1
Angus Richmond	Uma espécie de vida	1983	Lisboa	Editorial Caminho	25 ^a	Fernanda Pinto Rodrigues				1
Eduardo Caballero	Terra Alheia	1968	São Paulo	Editora Brasiliense		Prefácio e tradução de Jurema Finamour				1
Miguel Angel Asturias	O senhor presidente	s/r	São Paulo	Edições Zumbi		Tradução de Antonieta Dias de Moraes	Coleção clássicos de hoje e de amanhã	Raimundo Antonio Jinkings. Belém, 10-7-61		1
Miguel Angel Asturias	O senhor presidente	1968	São Paulo	Editora Brasiliense		Tradução de Antonieta Dias de Moraes e introdução de Otto Maria Carpeaux				1
Ciro Alegria	Os cães famintos	1978	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Maria Lúcia Alves Ferreira				1
Neruda	20 poemas de amor e uma canção desesperada	1986	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio editora	12 ^a	Domingos Carvalho da Silva			Poesia	1
Miguel Otero Silva	Casas mortas e poço n 1	1970	São Paulo	Editora Brasiliense		Beatriz Bandeira	Coleção América Latina realidade e romance		Romance	1
Honoré de Balzac	A mulher de trinta anos	s/r	São Paulo	Edições Melhoramentos		Casimiro Fernandes e Wilson Lousada	Coleção novelas do mundo n 20	Raimundo Jinkings. Bacabal, 28-1-58	Novela	1
Bertolt Brecht	Antologia poética	1983	Rio de Janeiro	Elo editora e distribuidora		Versão e prefácio de Edmundo Moniz				1
William Shakespeare	Romeu e Julieta	1956	Rio de Janeiro	Editora Civilização Brasileira	3 ^a	Onestaldo de Pennafort	Obras imortais, vol. 3	Raimundo Jinkings. Bacabal, 22-10-58		1
Charles Dickens	Vida e aventuras de Nicholas Nickleby, vol. I e II	1957	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio editora			Obras de Charles Dickens		Romance	2

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Ting Ling	Sol sobre o Rio Sangkan	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Luiz Barreto de Sá	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XVIII	Raimundo Antonio Jinkings. São Luis, 30-5-56		1
Mulk Raj Anand	Coolie	1956	Rio de Janeiro	Editorial Vitória		Ouvar Davet	Coleção Romances do Povo, direção de Jorge Amado vol. XVIII	Raimundo Antonio Jinkings. Bacabal, 4-5-58		1
Eric Ambler	A Máscara de Dimitrios	1983	Lisboa	Editorial Caminho		Fernanda Pinto Rodrigues	Coleção Mamute			4
John Ball	No Calor da Noite	1967	Rio de Janeiro	José Olympio Editora		Leônidas Gontijo de Carvalho	Coleção Cadeira de Balanço			1
Hesse Hermann	Narciso e Goldmund	1969	São Paulo	Brasiliense		Myriam Moraes Spiritus	Limitada	Guttorm Hanssen		1
Bernard Mark	O Levante do Gueto de Varsóvia		Rio de Janeiro	Editorial Vitória						1
Willard Thorp	Literatura americana no século XX	1965	Rio de Janeiro	Lidador LTDA		Luzia Machado da Costa	Mimesis			1
John Wu	Para além do oriente e do oriente	1956	São Paulo	Flamboyant ou São Paulo Editora		Lucia J. Villela Don Marcos Barbosa(trad. D epoeamas e Salmos)	Tempos Atuais	Rubricado por R.Jinkings, Bacabal, 27/10/58		1
Antonio Gramsci	Novas cartas de Antonio Gramsci	1987	Riio de Janeiro	Paz e Terra		Carlos Nelson Coutinho	Pensamento Crítico			1
Flávia Schilling	Querida Liberdade	1980	São Paulo	Global Editora			Passado e Presente	Com marcas de leitura		1
Michael Gold	Judeus sem Dinheiro	Pela nota do tradutor, 1961	São Paulo	Editorial Pluma		Cid Franco		Rubricado por R.Jinkings, Belém, 10/3/62		1
Abelardo Jurema	Entre Andes e a Evolucao	Impresso por Centenário, em 1965	Rio de janeiro	Leitura S.A						1
Oscar Wilde	Intenções	1957	Rio de janeiro	Imperio Editora		Paulo Barreto(joão do rio)	Com marcas de leitura	Rubricado por R.Jinkings, São Luis, 30/11/57		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Isaac Bashevis Singer	O Mágico de Lublin	1967	Rio de Janeiro	Edinova		Maria Luiza de Queiroz e Rachel de Queiroz				1
Lewis Broad	Amizades e Loucuras de Oscar Wilde	1957	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira		Jorge Maia e R. Magalhães Jr	Com marcas de leitura	Rubricado por R..Jinkings, São Luis, 4/9/57		1
Jonh Chritopher	Pêndulo	1969	Rio	Laudes		Sergio de Queiroz Duarte e Sandra Mello				1
J. F. Angelloz	A literatura Alemã	1956	São Paulo	Difusão Européia do Livro		Carloz Ortiz	Saber atual	Rubricado por R.Jinkings, São Luis, 4/2/58		1
Anne Frank	Diário de uma jovem	1969	Belo Horizonte	Itatiaia Limitad		Yolanda Steidel de Toledo	Descoberta do Homem			1
Palmiro Togliatti	Antonio Gramsci	1975	Lisboa	Seara Nova		Maria do Cramo Abreu	Argumentos			1
Afrânio Coutinho	A critica			Progresso			Serie Miniatura			1
Alejo Carpentier	Literatura e Consciência Política na América Latina	Edição espanhola, 1969	São Paulo	Global Editora		Manuel J. Palmeirim				1
Agildo Monteiro	Assassianto a Bordo	1976	Minas Gerais	Alterosa S. A				“ao amigo Raimundo Jinkings, com a amizade do autor. 28/06/76. Agildo Monteiro”		1
Miguel Arraes	Palavras de Arraes – textos de Miguel.Arraes		Rio de Janeiro	Civilização Brasileira				Rubricado por R..Jinkings, Rio, 28/5/65		11
Agostinho Neto	...Ainda o meu sonho	1980	Lisboa	Edições 70			Estudos.Autores Angolanos			1
Joseph e Alexandre Farah	Estórias dos Farahzinhos	1985	Belém	Ficinas da Imprensa Oficial do Estado d Pará				Aos nossos irmãos mais velhos, conselheiros e orientadores que com seu respeito e amizade sempre souberam nos levar para frente. Dona Isa e Raimundo Antonio, com o afeto e amizade eterna, Os Farahzinhos, Alexandre (Alex) e Joseph Farah – Zé. 10/05/85”		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Charles Dickens	Amor e Guilhotina		São Paulo	Cultura Mundial		Juliano ou Liano Tevoniuk		Rubricado por R.Jinkings, Bacabal, 9/2/59		1
Daniel Defoe	As Confissões de Moll Flanders	1955	Rio de Janeiro	José Olympio		Lucio Cardoso		Rubricado por R.Jinkings, São Luis, 18/1/58		1
Pier Paolo Pasolini	As ultimas palavras do hrge – entrevistas c...	1983	São Paulo	Brasiliense		Luiz Nazário	Diálogos			1
Samora Machel	Declaramos guerra ao inimigo interno	1980	São Paulo	Quilombo						1
L.I.Bréjnev	Relatoro do comitê Centra do PCUS...	1981	Mscovo	Imprensa Nósvoiti						1
Goethe	Viagem à Itália	1959	Rio de Janeiro	José Olympio	2	Osório Borba		Rubricado por R.Jinkings, Bacabal, 1/5/59		1
Charles Dickens	O duelo/ Mrs. Tuggs e sua família m Ramsgate/ a morte do bébedo/ sentimental/ o véu preto		Rio de Janeiro	Editoria Andes		Hermilo Borba Filho	Coleção Pequenas Historias de Grandes Escritores	Rubricado por R.Jinkings, Bacabal, 12/8/58		1
Alfredo Oliveira	Paranatinga	1984	Belém	Falangola Editora				Para o companheiro Raimundo Jinkings com o abraço do Alfredo. Belém, 26/6/89		1
Chico Buarque	Fazenda Modelo	1975	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	4		Vera Cruz			1
Chico Buarque	Roda Viva	1968	Rio de Janeiro	Sabiá			Hora e Vez do Teatro 1			1
Nestor de Holanda	Estrias de Bom Humor	1965	Rio de janeiro	Letras e Artes						1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Salomão Larêdo	Sibele Mendes de Amor e Luta	1984	Belém	Falangola				Ao amigo Raimundo Jinkings um bravo lutador que também espera mesmo contra toda esperança, com o abraço cordial e a estima especial do Salomão, Belém 28/09/84		1
	Poesia do Trabalho Poesia do Trabalhador	1979	Belém	Boitempo	1				Livro 1	1
Ignacio de Loyola Brandão	Dentes ao Sol	1965	São Paulo	Brasiliense						1
Raul Pompeia	O Ateneu	1967	Rio de Janeiro	Letras e Artes				C/ notas de leitura e uma folha de papel com algumas anotações acerca da obra.		1
João de Jesus Paes Loureiro	Pentacantos	1984	São Paulo	Roswitha Kempf Editores				Ao amigo Raimundo Jinkings com o mais paterno abraço do J.JPL. 7/12/84		1
Santos Moraes	Rei Zumbi e a Terra Sangra	1965	Rio de Janeiro	Leitura						1
Henry Troyat	A vida de Dostoevski		Lisboa	Editorial Estúdios cor		Maria Franco e Cabral do Nascimento		Rubricado por R.Jinkings, Bacabal, 28/1/59		1
Luiz Maktouf Carvalho	Contido a bala	1994	Belém	Cejup				Para Raiundo Jinkings, autor e personagem ficam honrados com a sua presença, um abraço, Maktouf. 26/9/94.		1
	64 D.C contos de Antonio Callado ...	1979	Rio	Codecri				Edições do Paquim		1
Armando Plebe	Breve História da Retorica Antiga	1978	São Paulo	EPU-ED.Universidade de São Paulo		Gilda Naécia Maciel de Barros				1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
	Antonio Gramsci - Cartas do Cárcere	1987	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	3	Noemio Spinola				1
Acyr Castro	Um fio de lâmina	1984	Belém	*Falangola				“Ao companheiro amigo Raimundo Jinkings, com a ternura antiga e o apreço do Acyr. 18/6/89”		1
	Ernesto Che Guevara Textos	1969	Rio de Janeiro	Saga	2	Octavio de Aguiar	Idéias e Fatos Contemporaneos			1
Walter Benjamin	Obras Escolhidas	1985	São Paulo	Brasiliense		Sergio Paulo Rouanet				1
Eugenio Gomes	Ensaio			Progresso Editora			Serie Mi iniatura poucas notas de leitura	Rubricado por R..Jinkings, Bacabal, 27/4/59		1
	Obras-primas do conto moderno	1957	São Paulo	Martins	5			Rubricado por R..Jinkings, São Luis, 4/2/58		1
Cyro de Matos	Berro de Fogo		Rio de Janeiro	Leitura S.A						1
	Para Gostar de Ler	1988	São Paulo	Ática			Contos Universais			1
Knut Hamsun	Fome / Pan/Um vagabundo toca em surdina/ A rainha de Sabá	1957	São Paulo	Matins Fontes		Vários tradutores		Rubricado por R..Jinkings, Bacabal, 19/2/58	romances	1
Marius François Guyard	Literatura Comparada	1956	São Paulo	Difusao Européia do Livro		Mary Amazonas de Barros	Saber Atual	Rubricado por R..Jinkings, São Luis, 12/7/57		1
Brenno Silveira	Atalho Proibido		São Paulo	Melhoramentos			Novelas do Mundo	Rubricado por R..Jinkings, Bacabal, 28/1/58	Novela	2
Victor Serge	Literatura e Revolucao	1989	São Paulo	Ensaio		Paulo Franchetti	Serie Pequeno Fromato - Cadernos Ensaio			4
Rômulo Gallegos	Antologia do conto moderno-Rômulo Gallegos	1960	Coimbra	Atlântida, Livraria EDITORA, lim.		Seleção, trad e pref. De Jose Ferreira Monte		Rubricado por R..Jinkings, Belém, 5/9/61		1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
João de Castro	Literatura de CordelAs hidrelétricas no Xingu	1989	Altamira, Pará	Edições Grucalt/ sopocoba						1
Heraldo Montarroyos	Festas profanas e alegrias ruidosas(a imprensa no círio)							“sr. Jinkings, um abraço, obrigado pela presença, Heraldo Montarroyos, Belém, 9 de outubro de 1992”		1
Jocelyn Brasil,	Andanças e Lembranças	1990		edicoes Aleutianas				“ao R.ª e comadre, velhos lutadores do Brasil, com abraço do Jocelyn. 1990”		1
	Poemas famosos da língua inglesa	1956	Rio de Janeiro	Civilizacao Brasileira		Oswaldino Marques(compilação, tradução e notas		Rubricado por R.Jinkings, Bacabal, 22/10/58		1
Oscar Wilde	A Tragédia de Minha Vida		Rio de Janeiro	Império Editora	4		Coleção Império Livro com muitas marcas de leitura	Rubricado por R.Jinkings, Belém, 5/12/59		5
Nathaniel Hawthorne	A Letra Escarlata	1955	Lisboa	Romano Torres	3		Obras escolhidas de autores Escolhidos	Rubricado por R.Jinkings, São Luis, 8/1/58		2
Louis Aragon	A Semana Santa	1960	Lisboa	Publicações Europa-America		Jose Ribeiro dos Santos	Ontem e Sempre	Rubricado por R.Jinkings, Belém, 26/1/61		1
Flaubert	A Tentação de Santo Antônio	1922	Lisboa-Paris	Pôrto	2	João Barreira	Faz parte de uma coleção, mas n encontrei o nome desta.	Rubricado por R.Jinkings, São Luis, 29/7/57		1
S.A	Lenine e a Religião	1974	Lisboa	Assrio e Alvim, Sociedade Editorial e Distribuidora, Lda	037	António José Massano				1
Serafin Ferreira (coordenador e tradutor)	Luta de Morte ao Imperialismo – Construir o Socialismo	1975	Portugal	Fronteira			Coleção Revolução			3

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Christine Buci-Glucksmann e Göran Therborn	O Desafio Social Democrata	1983	Lisboa	Publicações Dom Quixote	1	Emílio Campos LimT	Coleção BestSellers			1
Paul Mattick et alii	Karl Kautsky e o Marxismo	1988	Belo Horizonte	Oficina de Livros			Coleção Estudos Marxistas			1
Costin Murgescu	Roménia A Economia Socialista – Introdução a uma experiência contemporânea de desenvolvimento económico	1976		Editorial Estampa		Sophie Pemberthy	Coleção Mundo Socialista			1
Jayme Sautchuk	O Socialismo na Albânia – Um repórter brasileiro no país de Enver Hoxha	1983	São Paulo	Alfa-Omega			Coleção Atualidade. Série 2. Vol. 25. Edição ilustrada			1
Albertina de Oliveira et alii	Memórias das Mulheres do	1980	Rio de Janeiro	Paz e Terra			Coleção Memórias do Exílio			1
Alonso Aguilar M. et alii	El socialismo esAsí – La Republica Democratica Alemana	1984	México	Nuestro Tiempo	1					1
V. Tchirkine, Lú ludine	O Estado de Orientação Socialista – Problemas dos Países em Desenvolvimento	1983	Moscovo	Edições Progresso		K. Asryants				1
Kim Il Sung	Teoria da Construção Económica do Socialismo	1976	s.a	Edições Maria da Fonte			Coleção Documentos. Livro impresso na Tip. Garcia & Carvalho, Lda para Edoes Maria da Fonte			1
Instituto Cajamar	Socialismo em Debate	1988	São Paulo	Jorutês Cia Editora			Coleção Universidade Livre dos Trabalhadores			1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
F. Gélbukh P. Lopata		O Lugar Histórico e as Principais Características da Sociedade Socialista Desenvolvida	1982	Moscou	Edições Progresso		A Bázine	Livro c marca de leitura.			1
O. Jidrov et alii		Fundamentos da Teoria Socialista do Estado e do Direito	1980	Moscou	Edições Progresso		K. Asryants				1
M. Kim		Socialismo e Cultura	1984	Moscou				Coleção da série Problemas Contemporâneos			1
S. referencia exata		A Expansão Económica dos EUA: Europa ocidental	1985	Moscou	Editorial Nauka			Coleção da série Problemas Contemporâneos			1
Leonid Minaev		O Socialismo E O Comunismo Científicos	1977	Lisboa	Avante	2	Alberto Carreira	Coleção de iniciação ao marxismo leninismo			1
s.a		Perestroika A Renovação do Socialismo	s. referencia	São Paulo	Editora Novos Rumos						1
Leilo Basso et alii		Democracia e Novo Capitalismo Estruturas Sociais e Ação de Massas Pensamento Científico e Marxismo	s. referencia	Sao Paulo	FELMAN-RÊGO			Coleção Problemas do Socialismo Internacional			1
Marta Harnecker et alii		Problemas de Transição Social para o Socialismo	1976	Lisboa	Iniciativas Editoriais						1

	Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Sem referencia exata		Socialismo: Prática, Problemas, Perspectivas	1978	Moscovo	Sem referencia			Coleção da série Problemas Contemporâneos. Livro com muitas marcas de leitura.			4
S. referência exata		El socialismo –Lecturas para el pueblo	1977		Servicios educativos populares a.c (talvez seja a editora)			Coleção Lecturas para el pueblo			5
Herbert Marcuse		Humanismo Socialista		Lisboa	Edições 70		Artur Morão	Coleção Biblioteca 70 -Filosofia			1
Iuri Klimov		A construção das bases económicas do socialismo na U.R.S.S.	1977	Moscovo	Edições da Agência Imprensa Nóvostil			Coleção			1
Sem referencia exata		O mundo de vida socialista: problemas e perspectivas	1981	Moscovo				Problemas do Mundo Contemporâneo			1
s. referencia		Lições de filosofia marxista-lenista	1984	Moscovo	Edições Progresso		I. Chaláguina	Poucas marcas de leitura			1
Giocondo Dias		Os Objetivos dos Comunistas	1983	São Paulo	Editora Novos Rumos						1
István Mészáros		Filosofia ideologia e Ciência Social-Ensaio de negação e Afirmção	1993	São Paulo	Ensaio		Laboratório de tradução CENEX				1
Sem referencia		Planificación de la Economía Socialista	1979	La Habana	Política						1
Norberto Bobbio et alii		O marxismo e o Estado	1979	Rio de Janeiro	Edições Graal		Federica L. Boccard e Renée Levie				1

Autor	Título	AnoEd.	Local de edição	Editora	N ° Ed.	Tradução	Observação	Dedicatória	Categoria	Nº vol.
Sartre e alii	Controvérsia sobre a dialética Marxismo e existencialismo	1966	Rio de Janeiro			Luiz Serrano Pinto	Coleção Biblioteca Tempo Universitário			3
Karl Max	A Origem do Capital – A Acumulação Primitiva	1977	São Paulo	Global Editora		Walter S. Maia	Coleção Bases 3			1
Viktor Klavdienko	O Socialism e o Bem-Estar do Povo	1986	Moscou	Agencia de Imprensa Nóvosti						1
Org, Trad. E apresentação de Antonio Roberto Bertelli	LÊNIN Estado, ditadura do proletariado e poder soviético	1988	Belo Horizonte	Oficina de Livros			Coleção Fundamentos			1
Daniel Guérin et alii	Os Anarquistas julgam Marx	1986	Brasília	Novos Tempos		Seleção, tradução e apresentação de Plínio Augusto Coelho				1
Perry Anderson	Considerações sobre o marxismo ocidental	1989	São Paulo	Brasiliense		Marcelo Levv	Leituras Afins			1
José Aricó	Marx e a América Latina	1982	Rio de Janeiro	Paz e Terra		Maria Celeste Marcodes	Coleção Pensamento Crítico			1
Sem referência	Pela União dos Comunistas Brasileiros	1975	Lisboa	Prelo						1
Vladimir Kaigl e outros	Aspectos do Capitalismo	S referencia	São Paulo	Felman-Rego			Coleção			1
Sem referência	Karl Marx – actualidades	1983	Moscou	Progresso		Edições Progresso				1
Pierre Masset	Pequeno Dicionário do Marxismo	1974	Porto	Editorial Inova		Jorge Costa	Coleção Situações. Livro com marcas de leitura			6